

6-12-58

1575-1



Belle Hermit Roosevelt









Bele Termit Rooster

October 1914 Yisiva



# CHRONICA

DE

ELREI D. SEBASTIÃO,

15757  
POR

FR. BERNARDO DA CRUZ;

PUBLICADA

POR

A. HERCULANO, E O DR. A. C. PAYVA.



LISBOA: 1837.

NA IMPRESSÃO DE GALHARDO E IRMÃOS,

Rua da Procissão N.º 45;



# PROLOGO.



As memorias que nos restam da vida de Fr. Bernardo da Cruz são extremamente escasas. O primeiro escriptor que delle fallou foi o illustre Cenaculo; e o auctor da Bibliotheca Lusitana nem sequer suspeitou a sua existencia. Das *Memorias Historicas das Progressos e Restabelecimento das Letras*, livro eruditissimo do Bispo de Beja (entaõ Geral da Terceira Ordem da Penitencia), e das duas obras de Fr. Vicente Salgado — *Compendio Historico* — e — *Origens e Progresso das Linguas Orientaes* —, tirámos a breve noticia que delle podemos dar. Fr. Bernardo da Cruz, frade da Terceira Ordem, viveu na segunda metade do seculo dezeses: parece ter sido conspicuo pelo seu saber, e que por esse motivo occupou varios empregos monasticos. Antes delle não se encontra o cargo de Capellaõ-mór da armada; e assim é tido pelo primeiro, a quem se conferiu este titulo. Como tal embarcou-se na frota que transportou á Africa elrei D. Sebastiaõ e o seu exercito, para a fatal jornada de Alcacer-quibir. De lá, ou porque escapasse da batalha, ou porque tivesse ficado a bordo da armada, vol-

tou a Portugal, onde escreveu a História do reinado de D. Sebastião; e de parte do governo do Cardeal D. Henrique. O logar e o anno do seu nascimento, e a epocha da sua morte, não o podemos saber: mas é certo que elle ainda vivia no tempo da usurpação de Philippe 2.<sup>o</sup>

Como historiador Fr. Bernardo da Cruz tem meritos e defeitos, quanto nos é licito julgar pelas copias, que da sua obra nos restam. Em nosso entender o plano do livro foi bem traçado. O reinado de D. Sebastião é notavel por um facto unico — a perda em Africa — á roda do qual só apparecem mesquinhos enredos de Côrte, traiçoens de conselheiros vendidos, e loucuras de mancebos. A duas nagoens pertence aquelle tremendo facto, que influiu, quasi exclusivamente, na futura sorte de Africa, e de Portugal. Era pois para o esclarecer, para o mostrar a todas as luzes possiveis, que se deviam reunir noticias, e o historiador o alcançou, fazendo caminhar os annaes de Berberia a par dos annaes portuguezes. Para aquelles precisava de consultar as historias berberescas, e daqui podemos inferir, que era versado no arabe; mas dessa leitura, que necessariamente teve, nasceu talvez o seu maior defeito — o luxo demasiado do estilo, e as repetições ociosas, em que quasi sempre abunda.

A Academia Real das Sciencias já em 1825 havia promettido imprimir a Chroni-

ca por nós agora publicada; porém esta promessa nunca se verificou. Em 1829 annunciou-se entre as Memorias communicadas a Academia, uma, escripta por Fr. Mattheus da Assumpção, sobre os codices das Chronicas de D. Sebastião por Fr. Bernardo da Cruz, e por Antonio Vaena. A pesar de termos consultado para a nossa edição seis differentes manuscriptos, julgámos, que deviamos examinar o trabalho, que a este respeito fizera aquelle erudito benedictino, e que suppunhamos versaria sobre os exemplares, de que a Academia pretendia servir-se para a sua edição. A' bondade e amor das letras de S. Ex.<sup>a</sup>, o Bispo Reservatorio de Coimbra devemos a indagação feita a semelhante respeito nos archivõs daquella Sociedade: nada podémos, porém, alcançar por este lado, que ajudasse o nosso intento, como se verá dos seguintes paragraphos de uma carta de S. Ex.<sup>a</sup>, a qual acompanhava uma nota do Sr. Secretario da Academia, em que dizia já não existir na Secretaria a Memoria, de que se tractava.

« Suspeito, que a Memoria de Fr. Ma-  
 » theus se reduziria a fazer juizo de hum  
 » manuscripto, que eu mesmo offereci á  
 » Academia, e que na verdade estava tão  
 » cheio de erros (como eu tinha notado.)  
 » que de maneira nenhuma se podia assim  
 » imprimir, e apenas se poderia aprovei-  
 » tar pera conferir com algum outro...

« Este manuscripto. . . . continha a his-

» toria de D. Sebastião por Fr. Bernardo  
 » da Cruz, e tinha na primeira folha por  
 » letra do Sr. Cenaculo esta nota =  
 » Conferi este Ms. com o de Mr. Gama, e  
 » está conforme — Cenaculo = Esta nota me  
 » enganou por pouco tempo; porque logo  
 » á simples leitura do manuscripto vi que  
 » estava miseravelmente deturpado.»

Eis o que podemos saber acerca do que na materia havia na Academia; e aqui pozemos termo, por este lado, ás nossas indagaçoens. Daremos agora noticia dos codices que alcançámos ver.

Na Bibliotheca do Convento da Nossa Senhora de Jesus, hoje incorporada na da Academia, existem dous codices que tem igualmente aquella nota do Bispo de Beja; n'um escripta pela letra do proprio Cenaculo, n'outro pela de Fr. Vicente Salgado, que copiou o livro. Estes dous codices são perfeitamente semelhantes a um terceiro, que há na riquíssima colleção de Manuscriptos da Bibliotheca Publica do Porto, no qual tambem se lê a mesma nota, traçada pela propria mão de quem quer que tirou aquella copia. Já se vê que estes tres codices, transcriptos uns dos outros, não se podem considerar senão como um unico. Provavelmente o que offeroeu á Academia o illustre Bispo de Coimbra seria outro semelhante aos tres que mencionámos. Entre os manuscriptos da Bibliotheca Publica de Lisboa encontrámos tambem uma

copia moderna da obra de Fr. Bernardo da Cruz, mais abundante e correcta do que as quatro precedentes, comtudo bastante diferente da que principalmente nos serviu de texto.

Esta existe na Bibliotheca do Porto; e na *Noticia* que vai juncta a este prologo, (publicada já por nós nos N.ºs 18 e 19 do *Repositorio* da Sociedade Litteraria daquella Cidade) démos cabal informaçõ della: resta-nos fallar de outro codice que completa o numero de seis, que dissemos, havermos consultado.

E' o manuscripto de letra dos fins do seculo 17.º e seria talvez o melhor, se não estivesse desgraçadamente truncado, faltando-lhe desde o capitulo 7.º, inclusive, até o fim do 14.º, e desde o capitulo 80 em diante até a conclusã da Chronica. Vê-se que este traslado foi tirado de um codice mais correcto do que nenhum dos que vimos, quer o fosse do original, quer de alguma copia, mas que já estava truncado, como nesse traslado se diz, no fim do capitulo 6.º; o que prova não ser tirado do que deu materia á *Noticia* já mencionada, o qual está inteiro, e todo por letra dos fins do 16.º seculo. Serviu-nos este codice para rectificar muitas cousas do mais antigo e completo, que seguimos nesta edicãõ. Apesar de todo o nosso cuidado para evitar os erros, não o podêmos inteiramente alcançar. Há logares, que cremos alterados em todos os seis ma-

## VIII

nuscriptos, os quaes podiamos muitas vezes melhorar por conjecturas, e até, quanto aos factos, por outros escriptores, se entendessemos dever faze-lo. Naõ escrevendo uma historia, mas publicando um inedito, assentámos, que nós cumpria daõ que achámos, do melhor modo possível. Os eruditos avaliaraõ, se andámos bem em seguir tal systema.

Quanto á orthografia procurámos a principio seguir a do codice antigo á risca; mas vimos, que era extremamente irregular, o que nos obrigou a fazer leves mudanças, para a tornar um pouco mais constante, e regular: entretanto naõ ficou, ainda assim, taõbem ordenada, como nós desejaríamos.

## NOTICIA.

### MANUSCRIPTOS DA BIBLIOTHECA PUBLICA DO PORTO.

#### *Chronica d'elrei D. Sebastiaõ. (\*)*

E' este um codice em folio, contendo 201 folhas. Está a obra dividida em 113 capitulos: começa seu auctor descrevendo o estado de Portugal no tempo de D. Joaõ 3.<sup>o</sup>: d'ahi passa ao nascimento e infancia de D.

---

(\*) Desta Noticia aproveitámos só o que nos era necessario, aqui: rectificando e augmentando o que vimos disso carecer por observações posteriores á sua publicação.

Sebastião, e regencias da Rainha D. Catharina e do Cardeal D. Henrique, durante a qual epocha passou elrei pela primeira vez á Africa: refere a sua ida a Tange-re, e como de lá voltou para o reino: conta as discordias que houve entre o infante D. Duarte e elrei, e os aggravos que este fez á rainha sua avó: segue por diante com uma narraçãõ mui miuda das guerras civis d'Africa, até o final triumpho que alcançou Abdelmaleq (Maluco) de Abdallah: descreve os apparatus de elrei de Portugal para a jornada que intentava, a sua partida, viagem, chegada a Tangere, e a batalha, em que se perdeu com a flor da nação: dedica finalmente os ultimos trinta capitulos á historia do resgate dos captivos, e á dos enredos e dissençoens, que houve durante o curto reinado de D. Henrique, no meio do qual o chronista deixou, ao que parece, a sua obra incompleta.

O manuscripto vê-se claramente ser copiado da obra de Fr. Bernardo da Cruz (quanto se pode conhecer do character da letra) quasi pelos tempos em que elle a escreveu: alem disso, constando dos capitulos 42 e 54 haver sido o livro escripto em Lisboa, de uma nota que vem no capitulo 50 (p. 205) se colhe que este antigo traslado foi tirado em Alcobça, por pessoa contemporanea do Cardeal Rei; o que prova não ser o codice original, porem quasi tão antigo, como se na verdade o fosse.

Este Manuscripto pertencia ao mosteiro beneditino do Couto, d'onde passou para o de Tibaens, em 1787, e pela extincção das ordens monasticas para a Bibliotheca do Porto, em 1834. Uma nota de letra recente, posta talvez por quem mui de leve examinou o codice, attribue esta obra ao chronista D. Manoel de Menezes. Porem, afóra a opiniaõ geral, que lhe dá por auctor Fr. Bernardo da Cruz, ha muitas outras provas, que, posto que negativas, vem corroborar essa opiniaõ commum.

Fr. Manoel dos Santos na Historia Sebastica cita varias vezes a chronica de Menezes, que existia em Alcobaca, e até transcreve pedaços della no corpo da historia, como a paginas 58, e em outros logares; mas nenhum destes pedaços se encontra no manuscripto; e nem ha sombras de semelhança entre a ordem dos capitulos, a disposiçaõ ou narraçaõ das passagens citadas, e os capitulos e logares, que neste manuscripto lhes poderiam corresponder.

Accresce, que, havendo sido D. Manoel de Menezes nomeado chronista em 1618, e tendo antes dessa epocha vivido vida vagabunda e inquieta, é mais que provavel, que só depois daquella nomeação (tempo em que teve algum repouso) se houvesse de dar a um trabalho, a que o seu cargo entaõ o obrigava. Ora, vendo-se, pelo capitulo 86 desta obra, que foi escripta por 1586, deduz-se d'ahi não ser ella a chronica de Menezes.

Fazemos estas reflexões, apezar de se haver publicado em 1730 huma chronica, em cujo rosto apparece o nome daquelle chronista, e parecer que bastaria confronta-la com o manuscripto para mostrar que não eraõ identicas obras, porque os eruditos sabem que é mui duvidosa a genuinidade dessa chronica. Barbosa a diz suppositicia e escripta pelo P. Bayaõ (1): contudo, posto que de muito peso seja a opiniaõ deste illustre bibliographo, não ousamos decidir a questãõ; e antes acreditaríamos que Bayaõ a alterasse em grande parte, do que nos persuadiríamos que inteiramente a fizesse para a attribuir a D. Manoel de Menezes. Mudou elle muita cousa na chronica de D. Pedro 1.º que publicou (2): mudalo-hia nesta, como elle proprio o confessa (3); mas isso procedia de estar convencido de que era necessario ou conveiente o apurar com melhores noticias as antigas historias, alterando os escriptores. Era isto, em nosso entender, um gravissimo erro; mas o forjar uma chronica inteira, e attribui-la a outrem, fora um crime litterario, de que não queremos culpar Bayaõ sem claras e irrefragaveis provas, até porque o mesmo Barbosa elogia a sua virtude e probidade.

Parece-nos esta opiniaõ do Abbade de Se-

( 1 ) Biblioth. Lusit. T. 3 p. 112.

( 2 ) V. Tæditos de Hist. Portug. T. 4 Pref. p. 36

( 3 ) Prologo á Chron. de Menezes.

ver ser fundada só em não apparecerem os pedaços da chronica de Menezes, transcriptos por Santos na Historia Sebastica, na que imprimio Bayaõ. No anno de 1736 ainda Barbosa não seguia o parecer que depois deu na Bibliotheca Lusitana (1): e, se compararmos as datas da publicação da Chronica, da Historia Sebastica, das Memorias, e da Bibliotheca (2), não se julgará desarrazoado o attribuirmos a essa falta tão severa censura, não obstando, para assim o cremos, o não se fazer elle cargo nas Memorias da referida falta; porque estas deviam estar já na imprensa, quando saiu á luz a Historia Sebastica. Mas bastaria isso para dar por inteiramente espuria a Chronica attribuida a Menezes pelo P. Bayaõ?

Entretanto, havendo-se perdido o original de Menezes, o qual existia em Alcobaça, segundo o testemunho de Santos, será difficil assentar em que, ou até que ponto Bayaõ estropiou a Chronica publicada debaixo do nome d'elle; mas o que é certo é não haver semelhança alguma entre o manuscrito da Bibliotheca do Porto e essa chronica, seja quem for seu auctor. Para tirar, porém, todos os escrupulos, accrescentaremos mais um facto: o celebre D. Francisco Manoel de Mello, que pessoalmente conheceu D. Manoel de Menezes, e até o

(1) Mem. de D. Seb. T. 1 Prol.

(2) 1730 — 35 — 36 — 41 —

o ajudou nos seus trabalhos litterarios, affirma que elle só deixara escripta uma parte da chronica de D. Sebastião, (1), o que destróe inteiramente a possibilidade de ser essa Chronica o manuscripto de que tractamos, cuja materia encerra todo o reinado daquelle infeliz monarcha, e ainda entra pelo do Cardeal D. Henrique. Passemos agora a ver se o devemos attribuir a outro escriptor, dos que se diz escreveram ácerca delrei D. Sebastião.

Dous destes são o P. Affonso Guerreiro e João Baptista Lavanha: foi morto o primeiro em 1581: tractava o segundo de escrever a historia daquelle principe por 1618. Estas duas epochas desdizem ambas da data de 1586, em que, como já notámos, se escrevia a chronica de que vamos dando noticia.

Escreveu tambem Antonio de Vaena uma Chronica de D. Sebastião. Este, pelo tempo e circumstancias em que se achou, poder-se-hia crer auctor do manuscripto (2): mas cumpre fazer algumas reflexões sobre o que Barbosa traz acerca d'elle na Bibliotheca Lusitana. Nesta obra affirma que Vaena escrevera uma Chronica de que elle possuia copia, tirada do original que se

(1) Epanaphoras p. 261.

(2) Barbosa nada nos diz da vida deste escriptor: é o Conde da Ericeira quem refere ter elle sido contemporaneo d'elrei D. Sebastião, e ter assistido no cerco de Mazagão.

conservava na livraria do Conde do Vimieiro: ora o Conde da Ericeira, que, em diversas sessões da Academia de Historia Portugueza, deu conta dos manuscriptos mais importantes daquelle livraria, falla somente de uma historia do cerco de Mazagaõ, a que vinhaõ appensas algumas relaçãohs dos acontecimentos do reino por aquelle tempo, a qual obra era escripta por Antonio de Vaena (1), e nada mais diz deste auctor: assim podemos ter por averiguado que esta era a obra que possuia o Abbade de Sever. E dado que assim seja, é certo que a obra de Vaena não se contem no manuscripto do Porto; por que neste não se tracta do cerco de Mazagaõ.

Da Relação da vida d'elrei D. Sebastiaõ pelo P. Amador Rebello vimos nós uma copia, que tambem existe na Bibliotheca do Porto. É obra mui succinta, como diz Barbosa; e por nossos propios olhos nos certificámos de que nada tinha com o manuscripto de Fr. Bernardo da Cruz.

Fr. Manoel dos Santos cita muitas vezes na Historia Sebastica certa Memoria ou Relação coétanea, de que transcreve pedaços inteiros: estes pedaços são exactamente tirados da Chronica inedita que existe na Bibliotheca do Porto (2). Era esta uma

{ 1 } Mem. da Acad. de Hist. Portug. T. 4. n.º 26 p. 8  
 { 2 } Hist. Sebast. p. 341 — 342 — 343 — 345 — 349  
 413 — 473 — no manuscripto vem nos cap. — 37  
 — 39 — 40 — 48 — 66 — 78

das mais poderosas razões que tínhamos para crer o manuscripto de auctor differente dos já apontados; porque, a ser de algum delles, te-lo-hia dicto aquelle erudito cisterciense, ou pelo menos formado acerca disso algumas conjecturas: as reflexões que acima fazemos nos confirmaram inteiramente nesta opiniaõ.

Parece que foi fado avesso de Fr. Bernardo da Cruz o servirem aos outros suas lucubrações, sem que d'elle ninguem faça mençaõ, e conservando-se o seu nome até os fins do seculo passado em total esquecimento. Naõ foi somente Santos que se aproveitou do que elle escreveu; tambem Faria e Sousa o copiou, sem d'elle dizer uma unica palavra. Esta anecdota trouxe-a a lume o Bispo de Beja (1), e nós conferindo-a achámos que era verdadeira (2).

Notaremos em ultimo lugar, que havendo apontado Faria, no principio da sua Asia, as fontes d'onde tirara o que escreveu, traz entre outros manuscriptos, notado um, que tractava d'elrei D. Sebastiaõ, o qual diz lhe communicára o Abbadê Joaõ Salgado de Araujo, e que se attribuia a Pedro de Mariz. Foi por este *ut aiunt*, que Barbosa ajunctou á lista dos escriptos de Mariz uma Chronica de D. Sebastiaõ. Ora, naõ apparecendo no Apparato de Faria outro algum escriptor duvidoso, pertencen-

( 1 ) Mem. Historicas. p. 303

( 2 ) Europa portug. T. 3, p. 10 e segg.

## XVI

cente a essa epocha, pode-se colligir sem temeridade, que era a obra de Fr. Bernardo da Cruz, a que viu Faria e Sousa, e que por ventura não existe a que se attribue a Mariz.



CHRONICA D'ELREI

D. S E B A S T I A Õ.

*Da prosperidade dos reinos de Portugal em tempo d'elRei D. João terceiro. Capitulo I.*

**N**ão está a divina providencia taõ atada aos juisos humanos, nem limitada aos discursos de seus entendimentos, que necessariamente páre nos termos desejados dos homens, nem nos successos, que elles cuidaõ; pois nem nas maiores adversidades lhe faltaõ remedios de melhorar os tempos, nem nas prosperidades, occasiões de grandes caídas. E parece, que tem a natureza taxados certos limites, até onde pôdem chegar as felicidades humanas, e não passar, e dahi decrepitar pouco e pouco, com mostras de pouca constancia, até tornar a seus primeiros principios. Desta variedade dos tempos estaõ assás cheas as historias antigas de exemplos, que nos ensinaõ não esperar do mundo cousa fixa, nem perpetua; pois de grandes reinos e monarchias passadas não enxergamos já senão humas gastadas ruinas, e de poderosos monarchas ouvimos inda frescos infortunios. Tinha o reino de Portugal ( com felices successos e heroicas virtudes dos bemaventura-

dos reis seus antepassados, em tempo del-Rei D. João o terceiro ) chegado ao cume da prosperidade em grandeza de muitos principes e opulencia de riquezas, com multidão de esclarecidos capitaens, os quaes com victorias tinhaõ Africa chea de temores, e Azia posta em espanto, pondo muitos reis e reinos debaixo do imperio dos seus reis, com gloriosa noticia do nome portugues conhecido até os fins do mundo. E o que mais claro o fazia era a quietação e paz da republica temporal, com administração de temporal justiça, e na espiritual a solenidade do culto divino com exemplos de grande sanctidade, e obras de muito merecimento de vida, pela honra de Deos e gloria das almas. Destes exercicios era estremadamente amigo o bem-aventurado Rei D. João, o qual com amor e mercês obrigava a seus vassallos a viverem de maneira, que antre huns não houvesse offensas, nem em outros queixumes, com que se escusava a severidade da justiça para execuçam de males; antes, como outro Numa Pompilio, occupado na instrucção dos sanctos costumes, e solenidade do culto divino, frequentação dos sacramentos, reformação das religioens monasticas, e na promulgação do Evangelho sagrado entre a gentildade cega das Indias Orientaes, nunca faltou com favores e ajudas aos que elle para estes ministerios com muita prudencia e maduro conselho elegia, com aceso fervor de dillatar a fé catholica entre os barbaros moradores de-

baixo de seu cetro. Mas por occultos juizos de Deos, a que a razaõ humana não pôde dar causa, permittio elle, como esta felicidade começasse a descer por degrãos, até de todo vir a perder o resplendor de sua gloria com a corõa e nome dos reis de Portugal, e a falta de descendentes de linha direita, a quem por legitima herança succedeo o catholico rei D. Philipe, segundo das Espanhas, e primeiro de Portugal deste nome; mas, posto que nesta troca, feita á vontade da divina providencia, o nome portuguez fique honrado e ditoso com o emparo de taõ insigne rei, e monarcha, em o qual, além de grande poder, concorrem todas as virtudes companheiras de hum principe taõ catholico, temos licença os portuguezes para mostrar sentimento e saudade dos reis de Portugal, com os quaes nos criamos, e nos termos por orfãos dos pais, que perdemos, dos quaes queriamos antes ser chamados filhos pouco favorecidos, que agora criados muito honrados. E esta inclinacão he taõ propria nos homens de todas as nações, e estados, que a maiores efeitos de dor se movem da privança dos costumes em que se criaraõ, que de contentamento nas mercês recebidas. Nem este sentimento, reputado por enfermidade do humano, tira o conhecimento aos prudentes dos bens que alcançaõ, nem os louvores devidos a quem lhos dá: nem eu com muita magoa da perda, que choro, deixo com alegria de cantar o bem commum, nem de

agradecer a Deos a mercê feita a estes reinos de Portugal, pois dando-lhe castigo, que o magoasse pouco tempo, lhe deu rei catholico e benigno por emparo, o qual com amor manifesto o consolasse pera sempre, e com animo mais confiado os portuguezes esperassem maiores mercês, e alcançarem maior gloria. Desta consideração não está o povo portuguez esquecido, pois huns com zello do bem commum, no principio das alterações, tocados dos juisos das consciencias, e ensinados dos claros indicios da justiça fundados na verdade, e rezaõ, e o vulgo, a quem a fraqueza do entendimento não deixava sobir a estas acertadas considerações, vieram em fim geralmente a entender com alegria a mercê, que Deos lhe fizera em a successão destes reinos orphãos vir por legitima herança a sua Magestade, com cujo governo tão suave, e beneficios tão liberaes, todo o povo está quieto, e a republica honrada com assás de arrependimento das alterações movidas, com receio de não acharem o repouso presente e a liberalidade, que possuem: porque, como o engenho humano não tenha vigor de alcançar o futuro, tanta desculpa tem duvidar do que não vêe, como temeridade afirmar o que não sabe.

*Do Nascimento d'el Rei D. Sebastião.*  
*Capitulo II.*

Era casado el Rei D. Joaõ o terceiro, filho

delRei D. Manoel de gloriosa memoria, com a Rainha dona Caterina, filha delRei dom Philippe de Castella e archiduque de Austria, primeiro deste nome, e da Rainha dona Joana, dos quaes como prole de benção naceraõ os filhos seguintes: s. a infante dona Maria, que foi princesa de Castella e molher delRei dom Philippe o segundo nosso senhor: o principe dom Manoel: o principe dom Philippe: o principe dom Affonso: o infante dom Antonio: a infante dona Isabel: a infante dona Britis: a infante dona Maria, e o principe dom Joaõ pai delRei dom Sebastiaõ: além dos quaes elRei houve mais o senhor dom Duarte filho naõ legitimo. Mas como Deos tinha ordenado virem os reinos de Portugal por herança a elRei de Castella, prouve a elle por sua divina providencia, que todos os filhos delRei dom Joaõ mofressem meninos de pouca idade, naõ ficando vivos, senaõ o principe dom Joaõ, o qual Deos lhe deixou pera berdaõ de sua velhice, onde estribassem suas esperanças, com alivio das desconsoações da morte de tantos filhos, e de quem ficassem successores do Reino de Portugal; de cujas mortes elRei e a Rainha soffriam as magoas e perdas com animo real e igual consideração, e louvavaõ ao Senhor pelos secretos juizos de assi o ordenar, conformando-se elles muito em tudo com sua sancta vontade, a quem sempre nos trabalhos e prosperidades preteñdiaõ agradar e servir, como se vio em todo

*Adversas de marca.*

o processo de sua vida. Mas a herança dos reinos dependia sómente de uma esperança da vida do príncipe dom Joaõ, unico filho de pais já esteriles por idade madura. Temerosos elRei e os povos de esta se acabar em florescente idade, como já o tinhaõ visto em seus irmãos, ordenáraõ de o casar como chegou a idade de dezaseis annos; pera que havendo filhos, ficassem os reinos mais providos de herdeiros e se evitassem os recêos que cada ora os salteavaõ; por tanto se tratou o casamento em Castella com a princesa dona Joana, filha de Carlos quinto emperador e rei das Espanhas, a qual trasida a estes reinos com a pompa e festas reaes, veio a Lisboa metropolitana do Reino, onde em face de igreja fôraõ recebidos com vinculo de matrimonio na Sé desta cidade. O príncipe dom Joaõ, como amasse muito a princesa sua mulher com huma brandura de coração, e ella lhe respondesse com igual amor, assi pelo chegado parentesco antre ambos, como affeição marital, a qual na florente idade e nos tenros corações mais se imprime, veo a princesa em breve tempo a dar mostras de ser prenhe, de cujos sinaes todo o povo se encheo de alegres esperanças, pelas consolaçoens dos reis e proveito do reino: mas como os gostos da presente vida não tenhaõ firmes raizes, nem possam substentar abalos das penalidades herdadas da mão do peccado, não pudéraõ estes contentamentos muito tempo permanecer nos coraçõens dos homens, nem

Os príncipes pódem nell'es ter algum direito ou posse; por tanto poucos dias antes do parto da princesa, sobrevindo ao príncipe dom João huma enfermidade mortal, não permitindo Deos, que a virtude dos remedios aproveitasse, nem o mal mitigasse com ella, acabou a dous dias de Janeiro de mil e quinhentos e cincoenta e quatro, desoito dias antes da princesa parir; mas, como já pela morte do príncipe o emparo dos reinos de Portugal, e a successão delles ficasse posto nas esperanças do parto da princesa, porque o sobresalto de tão intempestiva tormenta, com perigo da criança não abalasse as entranhas da viuva pouco ditosa, privada dos estados e felicidades humanas que já começava a possuir, e do marido que muito amava, trabalháram elRei, e a Rainha encobrirem-lhe a morte do príncipe, até que parisse, os quaes com prudencia mais, que humana, com mostra de grandesa de animos reaes, dissimulando a propria dor, a visitavaõ a meudo com sembrantes alegres, pera encobrir a tristesa penetrante da alma, dando com isto aviso ao povo, que affastados donde a princesa pudesse ouvir, ou sentir alguma torvaçaõ, fizesseth seus prantos e sentimentos de lagrimas e tristesas, que a dor intensa em nenhuma maneira podia temperar. Entretida a princesa (e não de todo enganada por alguns indicios, que, como discreta, sentia, e repostas, que não lhe agradavaõ ás perguntas, que fazia do príncipe) com ani-

mo prudente e temperado, mettida entre duvidas e sobresaltos lhe déraõ as dôres de parto á meia noite a vinte de Janeiro de mil e quinhentos e cincoenta e quatro, dia do martir saõ Sebastiaõ. Sabida esta nova da gente da cidade, dado aviso á cleresia, religiosos e mais pessoas devotas pedissem a Deos, com oraçoens secretas, e publicas, prospero parto da princesa, como unico remedio de todo o povo portugues, logo de noute se ordenou huma devota procissãõ de toda a cleresia e religiões, da Sée a saõ Domingos, levando nella o braço do martir saõ Sebastiaõ, o qual foi trasido a este reino de Portugal do sacco de Roma, em tempo de Clemente septimo; alem disto naõ ficou dona, nem donzella, por nobres, e virtuosas que fossem, as quaes com muitas lagrimas naõ sahisssem fóra de sua casa, e andassem pelas igrejas pedindo ao Senhor o remedio taõ desejado, concorrendo com isto infinita gente de todos os estados ao terreiro do paço, que com os olhos fixados nas varandas e janellas, e com os sentidos suspensos, desejavaõ ouvir a nova do que a princesa paria; os quaes postos em grande silencio, sem se ouvir rumor de taõ grande multidaõ, pela attençaõ de sua esperanza, sendo já de dia, como huma voz cahida do ceo, apparecêraõ nas janellas do paço fidalgos e donas, os quaes com palavras mal pronunciadas, interrompidas da alegria, denunciáraõ ao povo como tinhaõ principe. Tal foi o alvoroço e rumor

de contentamento subitamente nacido em toda aquella multidão, antes emmudecida pela prompta attençaõ, que rompendo com lagrimas d'alegria o silencio forçado, não cessavaõ dar louvores ao Senhor por taõ grande mercê. Desfeita d'improviso aquella companhia, antes unida em hum só cuidado, discorria cada hum pelas ruas da cidade a dar novas aos absentes, e mandar cartas, e correos por todo o reino, com que alevantassem os animos caídos do povo com o contentamento do novo principe e herdeiro do reino de Portugal. A este tempo tornando a procissaõ pera a Sée eantando as laidainhas, na rua dos escudeiros se publicou ser o principe nacido, onde logo mudando o tom e letra alevantáraõ *te decum laudamus* com muita alegria e com corações soltos da incerteza do successo, em que todos hiaõ suspensos. Os principes e mais senhores que na corte a este tempo estavaõ, perdida a gravidade de suas pessoas, como homens livres de profunda tristeza e com esperança de saude, correndo sem procissaõ alguma se fôraõ ao paço saber a certeza da nova, e com notorio alvorço fôraõ beijar a maõ a elRei, e á Rainha, os quaes consolados em grande maneira em Deos lhe restituir benigna e liberalmente em hum só neto a perda de muitos filhos, não podiam encobrir o contentamento, que disso sentiam, com suave temperança da fresca dor do principe dom Joaõ, poucos dias antes morto. Chega-

do o oitavo dia do nascimento do principe foi baptisado, e lhe pozéraõ nome dom Sebastiaõ, e foi o primeiro deste nome, por nacer no dia de saõ Sebastiaõ, a que o povo portugues era mui obrigado por devoçaõ, por Deos haver levantado a cruel e frequente peste destes reinos com a vinda do seu braço.

*Da criação d'el Rei D. Sebastiaõ, e dos mestres que o ensinaram. Capitulo III.*

A Rainha dona Caterina e o Cardeal dom Henrique irmaõ delrei dom Joaõ, sobre os quaes ficava estribando o peso do governo e criação delrei menino e orfaõ, ao qual elles com igual zelo e amor procuravão todo o bem de seus reinos, principalmente as virtudes pera merecimento da alma, e bons costumes pera ornamento e honra da pessoa e real dignidade, ambos com conselho dos principaes senhores de costumes limpos, com intentos sãos sem estimulos e apaixonadas afeições, ordenáraõ quatro semelhantes a elrei: s. D. Pedro de Menezes dom Fernaõ d'Alvares de Noronha, dom Duarte d'Almeida, Felix Moniz, e aio dom Aleixo de Menezes, por serem velhos e sufficientes pera o instruir em toda a boa criação politica e tratamento de seus vassallos, e a cortesia que havia de usar com os reis e principes de estrangeiros reinos. E porque o mestre dos costumes da alma conrespondesse

aos da doutrina da pessoa, ordenáraõ no mesmo tempo dar-lhe mestre que o ensinasse a ler e a escrever e latim com outros bons costumes, e o confessar ao padre Luiz Gonçalves da Camara religioso da Companhia de Jesu, o qual neste tempo estava em Roma, e foi chamado por ser nobre e virtuoso, docto das historias e antiguidades humanas, e mui lido nos annaes dos antigos reis, de que podia tirar exemplos de muita doutrina, pera ensinar e afeiçoar a elrei a emprezas de animo real e apartado das tiranias e outros males, que muitos principes executaram, com perda das almas e dos estados, e infamia da real dignidade e pessoa. Tinha o mestre delrei por companheiro Amador Rebelo, e Mauricio (ambos da mesma religião) e este foi assinado mestre dos moços fidalgos, o qual algumas vezes por indisposições do mestre Luiz Gonçalvez da Camara, dava lições a elrei; mas como elrei dom Joam foi amador da paz, commutando o estrepito da guerra em o repouso do culto divino, e as milicias começarão a afrouxar e ser pouco favorecidas, e elle ter largado aos Mouros as fortalezas que os reis seus antepassados tinhaõ em Africa, as quaes são Çasim, Azamor, Alcacere-Ceguer e Arzila, e perdido á força das armas o Cabo de Gué, o que os povos e nobreza estranhavaõ e murmuravaõ, determináraõ o mestre e Mauricio ensinarem elrei dom Sebastian em outro extremo, fazendo-o bellicoso

e inclinado a guerra. Sendo elrei menino, não somente com palavras o exercitavaõ e davaõ exemplos de reis bellicosos que ouve-  
 raõ insignes victorias e conquistarão grandes reinos, mas nas materias de escrever livros, onde lhe davaõ lição, o persuadiaõ ao exercicio militar e altas empresas de guerra. O menino, de sua natural condição esforçado e magnanimo de coração e espiritos altivos, de tal maneira bebia estas doutrinas, que logo começou a dar mostras de animo invencivel e sem temor em todos e quaesquer perigos; mas como a conquista deste reino, a qual com direito d'armas e zello da religiam se pode emprender, assi pera allargar os limites delle, como pera ampliar a fé catholica, seja Africa, vizinha e inimiga, assi por odio antiguo, como disparidade do culto, a principal guerra que os mestres mostravaõ a elrei com o dedo erã esta; contra a qual provincia o moço de sobeja ousadia, desejoso de immortal gloria com esforçados feitos, tinha já concebido capital odio, e cada hora desejava ver o dia de a cometer com armas e executar nella a ferocidade de animo criado com assas zello de exaltaçam da fé catholica e aumento de seus reinos. Tão orgulhoso se mostrava elrei no que a doutrina dos mestres e sua inclinação o convidavaõ, que todo seu exercicio e gosto era fallar na arte militar, dando-se a todo o genero de cavalaria, em se pôr bem a cavallo, correr touros, montar porcos, correr canas,

fazer justas e torneos, em os quaes exercicios era mui destro e manhoso, e nenhum dos fidalgos e senhores de sua corte lhe era igual em destreza, forças e esforço e bom ar, os quaes todos sem nenhuma lisonja o conheciaõ por avantejado. Com este orgulho de animo em que elrei meditava, e ufanía em que se exercitava nas forças e destrezas corporaes, ajuntou tambem o gosto de todo o genero de cassa e montaria, no qual se occupava e gastava a mor parte do tempo nas suas coutadas de Almeirim e Salvaterra em inverno, e Cintra no veraõ, nas quaes hera taõ curioso e fragueiro, que commummente se lhe reputava por vicio taõ continua occupação, e assim pela falta que fazia aos negocios publicos, como os evidentes perigos a que punha sua pessoa, e em traser os fidalgos e officiaes do serviço de sua casa, mui cansados e inquietos sem nenhum repouso, e inda em tempos mui asperos e intractaveis de chuvas, frios e calmas; nos quaes exercicios elrei se mostrava mui soffredor de muitos trabalhos, e desprezador das delicias de homens mimosos, e não havia genero de aspereza que elle não tentasse, nem injurias de tempos que não esperasse com rosto alegre, ou quasi insensivel aos máos tractamentos, mostrando-se vencedor delles, e não somente fazia os taes exercicios nos asperos lugares da terra, mas muito mais pretendia assinalar-se nas difficuldades do mar, em as soffrer como pas-

satempo, e vencer com animo ousado todos os perigos que os mareantes bem versados nelles tinhaõ por temeridade esperar: ao qual muitas vezes aconteceo ir em galés pelo mar em tempo de tempestades mui furiosas, que entrando as ondas nas estancias onde os fidalgos jaziaõ enjoados, e os mareantes acovardados dos perigos representados, entaõ elrei, acodindo aos lugares das galés mais arriscados, com riso e zombaria dos em que enxergava medo, mostrava naõ temer perigo algum dos presentes, com cujas forças de corpo e grandeza de animo parecia ameaçar todos os inimigos, e convidar todos os esforçados a se espartarem a grandes empresas. Na verdade naõ só era temido dos seus vassallos, mas de todos onde chegava a noticia de seu nome e grandeza de animo; porque pelas partes que elle tinha, e os exercicios que usava parecia todas as forças se lhe renderem, sem esperanza da resistencia, e de tal maneira era sua condigaõ que huns o julgavaõ por difficuloso nas ferocidades que mostrava, e outros por bemaventurado nos feitos que promettia: com esta diversidade de opiniões todos concordavaõ em o temerem e reverenciarem com hum acatamento digno de hum grande monarcha.

*Como depois da morte delRei D. Joaõ, a Rainha governou os reinos de Portugal, a qual depois deixou o governo ao cardeal. Capitulo IV.*

Ao tempo da morte delrei dom Joam, que foi ao mez de Junho de mil e quinhentos e cincoenta e sete, vendo quaõ orfaõs ficavaõ os reinos de Portugal com um só herdeiro minino, o principe dom Sebastian, deixou declarado em seu testamento, e á rainha sua mulher rogado, tomasse em seu cargo a criaçam de seu neto (o qual foi alevantado por rei de Portugal aos de-saseis de Junho da mesma era, depois de feitas as ceremonias funeraes de seu avõ, com os escudos quebrados e bandeira arras-tada) e o governo do reino, por a experien-cia sabida de sua prudencia e amor com que tratava os Portuguezes e virtude em louvar o divino e pacificar o humano. A Rainha, acceitado o governo, mais pela necessidade do povo que por interesse ou gosto ( antre tantas magoas como tinha sentido nas mor-tes dos filhos, que pouco tempo havia que lhe estalláraõ diante dos seus olhos no prin-cipio de sua felicidade ) convocados assim todos os senhores do reino, de cujo conse-lho se podesse ajudar, começou com muita suavidade a tratar os negocios sem faltar ponto, assi na administração da justiça, como nos apparatus de Africa e Indias

Orientaes, o que fazia com tanta prudencia e esforço de animo, que fez ventagem a muitos principes desejosos de alcançar famosos nomes, e não se mostrando avára nas mercês dos vassallos, nunca se descuidou de galardoar os serviços e merecimentos dinos de premio. Mas como a Rainha estivesse cansada dos negocios publicos e enfastiada dos tumultos da corte, e por sua larga idade desejasse o repouso da alma, e dar a Deos com quietação os derradeiros tempos empregados em seu serviço, tratando com os povos seu intento, dando-lhe em descarga sua idade e a quietação que pretendia, se desobrigou do governo dos reinos voluntariamente: mas porque elrei D. Sebastião seu neto era de mui pouca idade pera tomar o cetro, pediu ella ao cardeal infante D. Henrique, irmão delrei D. João seu marido (por obrigação que tinha ajudar os reinos assi por amor delrei D. Sebastião seu sobrinho, como não haver outro principe de mais auctoridade e experiencia) quizesse acceptar o reino. O cardeal, como fosse grande zelador do bem commum e de todo o genero de virtude, não engeitou os rogos da Rainha, nem despresou a necessidade do povo, com zello de cumprir com a obrigação delrei seu sobrinho menino, a quem desejava servir, e muito mais com a de Deos, a quem nisso entendia agradar. Taõ resoluto era o cardeal em todos os negocios publicos, e taõ contino nos despachos, com

hum animo soffredor de todos os trabalhos, que não perdendo ponto de acudir a todas as cousas notorias do reino, taõbem governava o Arcebispado d'Evora, onde era prelado, e attendia com muita deligencia á justiça e graças da legacia, que a elle como Nuncio era encarregada, e não menos ao essencial da quietação destes reinos como inquisidor mór, ajuntando a isso os negocios da abbadia de Alcobaça, que tambem tinha, e com estes cargos occupado todo em conservar a paz da republica temporal com administração da inteira justiça, alimpar a espiritual das zizanias, judaismo, heresias e máos oustumes com grande zelo da fé catholica, a cousa em que mais se empregava com acceso fervor era no provimento dos religiosos e pregadores que enviava ás Indias Orientais, semear a doctrina evangelica entre as barbaras naçoens dos gentios, onde o nome de Cristo fosse conhecido. Nestes exercicios era o Cardinal tam continuo e zeloso, que nenhum outro cuidado nem recreação buscava senão no serviço de Deos, e entender em seu governo: mas porque em tudo pudesse acertar (alem d'elle ser hum retrato de todas as virtudes) consultava com Deos os arduos negocios, e para com mais ajudas o poder obrigar, nenhuns homens chegava a si, senão os de que tinha muita confiança e provada experiencia de virtude: entre os quais tinha muita auctoridade diante d'elle o padre frei Luiz de Granada da ordem dos pregadores, a quem

era afeiçoado por sua muita virtude acompanhada de rara prudencia e muitas letras. Sobre todos era o Cardeal afeiçoado aos padres da companhia de Jesu, que neste tempo floreciam em todo o genero de virtudes, religiam e aceso zelo da salvaçõ das almas, com exemplo assas digno de louvores; mas posto que geralmente a todos os padres desta religiam tivesse grande respeito, e alcançassem com elle grande graça e auctoridade, e em tudo se inclinár a seus conselhos e rogos, a quem com mais particular devaçam se communicava era a Leão Anriques, o qual era fidalgo de geraçõ, pequeno de corpo, mas muito grande nas letras e virtude adornada com huma pureza de espirito no qual Deos quiz mondar toda a zizania das más inclinações, que a natureza corrupta costuma brotar nos corações humanos. Acabados seis annos que o Cardeal governou com muita inteireza da justiça e zelo do culto divino, com assas murmuraçõ de escandalosos, de ante quem as virtudes sãõ hãvidas por imigas, sendo já elRei dom Sebastian de idade de quatorze annos, e cujo entendimento estava amadurado com prudencia pera reger seus reinos e com exercicios de virtude pera se não temer delle cousas indignas de um rei de considerado conselho, lhe entregou o governo e ceptro publicamente, sendo a estes actos chamados todos os senhores e prelados, na qual entrega o Cardeal, em escrito e por palavra, se descargou de to-

das as cousas do governo, e dos serviços que fizera a elrei e a Deos: não que esperasse interesses ou louvores humanos, mas pera com isso edificar o povo com a boa administração, e dar exemplo a elrei (ainda que moço e sem experiencia) a o imitar na guarda da justiça e zelo da religião e emparo da paz da republica.

*Dos ministros mais chegados que elrei dom Sebastião teve no tempo que governou seus reinos. Capitulo V.*

Da persuasão que elrei tinha concebido da guerra d'África andava enlevado neste pensamento, e a nenhuma outra coisa attendia com maior calor que ao modo de a poder effectuar, e em quanto esperava oportunidade e forças de a começar, parecia-lhe ser ensaio quasi verdadeiro occupar-se no exercicio da cassa e cavalaria, como atraz fica dito; mas porque elrei se divertia muito com as inquietações de cassas, e algumas vezes discorria diversas partes do reino, e se descuidava muito dos negocios publicos depois de acceptar o ceptro, pareceo ao Cardeal não o desemparar, mas antes lhe servir de hum freio que o fizesse parar nas obrigações de seu estado com conselho, e elrei como fôra criado na vontade, e nunca teve jugo de pai, nem de rei (pois o foi antes de ter uso de razão) não acodia muito aos avisos do

Cardeal nem da rainha sua avó, principalmente no que tocava a o tirarem da casa e o inclinarem a se occupar no governo da republica. O Cardeal como era muito devoto dos padres da companhia, a quem elrei tinha muito respeito, por seu mestre Luiz Gonçalves e Mauricio seu confessor serem da mesma religiam, tractou com elles e outros padres de muita auctoridade, como acudissem á necessidade do governo e provessem á falta delrei aos despachos, os quaes ordenarão metter nos negocios da fazenda a dom Martinho Pereira fidalgo muito virtuoso, o qual por conservar a limpeza da castidade nunca casou, ajuntando a esta excellent virtude todas as mais com hum ornamento de acesa devaçam das cousas divinas, ao qual elrei deo comprido poder pera dispor em tudo como lhe parecesse, pela confiança de sua consciencia e honra, e a Martim Gonçalves da Camara doctor em theologia e sacerdote de familia e casa nobre, irmão de Luiz Gonçalves mestre delrei, encarregáram de todas as cósas tocantes ao escrivam da puridade e presidente da meza da consciencia dos desembargadores do paço, com suprema juridição na administraçam da justiça. De tal maneira creceo a authoridade de Martim Gonçalves ante elrei, e o povo, pelo muito zelo da justiça que mostrava e deligencia com que respondia aos despachos das partes, que veo quasi em tudo a descarregar os cuidados nelle e ficar mais livre em

seus honestos passatempos. Martim Gonçalves como entendia o amor delrei e suas inclinações, acostando-se ao mestre seu irmão e a Mauricio seu confessor, com animo muito são e zeloso do serviço delrei e de Deos acudia a todos os negócios com muita igualdade, e sem se enxergar nelle acceptação de pessoas nem favor de parentes, senão daquellas pessoas que tinham partes para lhes encarregar officios, e merecimentos para lhes fazer mercês. Com esta confiança que elrei delle tinha se dava por melhor servido, e o seu reino por melhor ordenado que se elle administrasse por sua pessoa: mas com todos os descuidos, ou para melhor dizer, confianças delrei em Martim Gonçalves ácerca do governo do reino, e occupações de seus continos exercicios corporaes, nunca perdeu o pensamento da guerra d'Africa, a qual trasia imaginada; antes cada dia a praticava e gostava daquelles que mais lha louvavam e davão esperanças de a poder efectuar. Alguns homens zelosos do bem commum, vendo quão ocasionado a desastres era o intento delrei nesta jornada pelo perigo de sua pessoa e descredito da dinidade real e por as poucas forças de dinheiro e menos destresa da gente militar, receavão muito os maos successos, e secretamente divertião seu intento, por não ousarem contradizer-lhe claramente huma opiniam tam arreigada na fantasia. Outros menos considerados no devido, e pouco zelosos do bem da republica,

por se faserem gratos a elrei por meio de seus intentos e lijonjérias perjudiciaes, lhe promettiam grandes victorias e fazião grandes gabos de suas empresas, cujas palavras por serem conformes á sua opinião e se imprimirem nelle, como moço e desejoso de gloria, cada vez se encendia mais em seus começados dezejos, e descobrindo mais seu peito começou mandar ensaiar seus vassallos na arte militar, fazendo resenhas ensinadas per alguns soldados praticos, provendo de armas em todas ás partes do reino como principio do apparatus de guerra, persuadindo-se ser obrigação de seu estado augmentar e dilatar os limites de seu imperio, principalmente na provincia de Africa, que lhe era devida per direito de armas, da qual conquista presumia receber muito proveito a seus vassallos, pelos commercios que poderiaõ ter e provimento de mantimentos de que o reino carece, e gloria a Deos na promulgação do sagrado evangelho; o qual naquella barbara gente e infiel se podia fazer, com outras rezoens que não faltavaõ; e que a seu desejo eraõ sobejamente bastantes de o fervorar em seu começado proposito, pera cujo effeito se procurava por todas as vias limitar os gastos, poupar dinheiro, exercitar as gentes, ajuntar armas, e chamar homens de diversas partes exercitados e ensinados na arte da milicia, e geralmente se praticava e pediã conselho no modo e processo da guerra, e se tomavaõ informações publicas e secretas dos

homens praticos das terras de Africa, trazendo a elrei descripções das cidades, montes, rios, e fontes, por onde podiaõ marchar os exercitos, não advertindo elrei nem os favorecedores de sua opiniam as poucas forças do reino em guerra tam grande, nem as difficuldades de sujeitar huma provincia tam espaçosa, esteril de muitas cousas necessarias, e fertil de muita gente poderosa em resistir ás forças portuguezas e defender sua propria patria, com pouco perigo das pessoas e menos despesa de guerra: quanto mais, inda que fõra vencida com armas dos Portuguezes ou vontade dos Africanos, em nenhuma maneira se poderia conservar em mêo de gente de pouca fé e lealdade; estando tam alongada do soccorro, assim de munições e mantimentos, como as forças portuguezas não terem mais vigor e espaço que té ás praias, as quaes as agoas do mar oceano banhaõ, que saõ os limites da potencia de seu largo imperio. Com estes propositos dissimulavaõ seu mestre Luiz Gonçalves e MartinGonçalves, parecendo-lhes que o tempo lhe apagaria aquelle fervor, ou ao menos mandaria fazer aquella guerra por seus capitaens.

*Dos disfavores que elRei fazia á Rainha, e ás mais pessoas que estranharão seus desejos da guerra. Capitulo VI.*

A tanto chegou o calor que elrei D. Sebastiaõ trazia em seu peito de levar adian-

te o propósito da guerra africana, que em certa maneira aborrecia as pessoas que lhe não aprovavaõ seus desenhos e altos pensamentos da gloria juvenil. A rainha sua avó, como lhe desejava todos os bens, e por experiencia entendia quanto elle andava traz seu dano, e caminhava pera hum fim mortal, já no principio cheo de occasiões de perigos e males, nunca lhe louvou seus conselhos, antes os julgava por errados e mal considerados, e pouco zelosos do-bem delrei os que nisto o mettiaõ com enganosas doçuras: a qual, quando via que com palavras cheas de amor não podia persuadir a elrei o que tanto lhe relevava, ao menos com lagrimas e orações pedia a Deos remedio dos males ameaçadores de severo castigo em empreza taõ duvidosa, a qual muitas vezes se tinha praticado em muitos conselhos sem lhe acharem entrada, inda em tempo que o reino estava prospero de riquezas e florescia com victorias e abundancia de capitães velhos e experimentados, e a gente africana tinha menos uso d'armas. Elrei, ou fosse por algumas pessoas o perverterem, ou de sua propria vontade ( que he mais de crêr ) vêo a enfastiar-se muito da rainha, e ter por inimigos seus conselhos e lagrimas, pagando-lhe os merecimentos de entranhavel amor com premio de aborrecimento e sinaes de escandalo, e notoriamente andava a desviar-se della, quasi fugindo de estar em Lisboa, onde ella tinha o seu

assento nos paços d'Enxobregas: e se algu-  
 mas vezes vinha á cidade, pousava nos de  
 Santos o velho na outra parte da cidade,  
 afugentando-se da sua conversação quasi di-  
 vina, ornada de sanctidade e prudencia, com  
 pregação de supremo louvor entre todos os  
 principes. Além disto andava mui inquieto,  
 e todo seu passatempo era estar em Almei-  
 rim e Cintra por razão da cassa das couta-  
 das, e andar por outras partes do reino mui  
 distrahido, sem fazer morada vagarosa em  
 algum lugar. A rainha sentia muito absent-  
 tar-se elrei tanto della, com hum ingrato  
 desconhecimento de seu amor e negação de  
 sua vista, na qual ella se recreava como  
 em hum retrato representador de todos seus  
 filhos, com que esquecia as saudades del-  
 les todos mortos, e trocava a magoa com  
 hum suave gosto da presença deste só neto,  
 e parecendo-lhe nacer isto de Martim Gon-  
 çalves e do mestre, mostrando-se escandalis-  
 sada delles, sem poder remediar nos princi-  
 pios os infelices fins pronosticados da gente  
 de prudencia experimentada, determinou  
 hir-se pera Castella, pera ao menos não ser  
 testemunha das lamentaveis profecias que  
 se haviaõ de cumprir com tanta dor sua,  
 e lá morar e morrer, e mais em tempos  
 quando os mancebos e lijonjeiros tinhaõ vo-  
 to e primeiro lugar ante hum rei moço, já  
 começado a precipitar com conselhos mal  
 afortunados. O povo portuguez e toda a no-  
 bresa, entendida muito bem a razão dos

queixumes da rainha, e o emparo das cousas divinas e humanas com sua presença, tomavaõ muito mal ser ella scandalisada delrei seu neto, e sentiaõ muito sua ausencia do reino; assim todos os prelados, senhores, cidades, e outras pessoas religiosas lhe pediaõ e rogáraõ com muita instancia e lagrimas quizesse desistir de sua determinação, taõ pouco merecida por amor que todo o povo lhe tinha, e de hum castigo taõ publico do bem commum, e da vingança de si mesma, em deixar hum só neto desmerecedor de sua vista e conselhos, em maõ de seu proprio erro, accrecentado com persuasões de máos zelos; antes entendesse sua alteza ser essa a maior desconsolação que podia dar a Portugal, entregue em mãos de hum rei moço e tão distraido em pensamentos dançosos a seu estado e republica, cujo arrependimento se esperava cedo, e certo, com o qual ella entaõ veria as satisfações delrei com amor, e lhe ajudaria a celebrar huns vergonhosos sentimentos com emenda, pera grandes gostos seus e proveito de toda a republica, e com sua presença, quando não em todo, ao menos em parte, elrei teria algum freio em sua condição, e com sua ausencia os homens que traziaõ tomada posse de sua liberdade, e o meneavaõ com conselhos desusados, em entendimentos maduros, e aparentes a huma idade teura de hum moço exalçado em grandesa de animo, e favoreciaõ suas vontades mal medidas pela re-

zam, ficariam entam com maior dominiõ pera hirem avante no que ella tanto estranhava e chorava, e á sua prudencia e christandade convinha em tempos taõ turbulentos ter maõ em tudo o que sentia necessario, posto que fosse com muita magoa sua; pois como avó e mãe delrei, e já não havia outra reliquia de todos seus filhos senaõ este, tinha obrigaçaõ de tomar á sua conta todos os desgostos por o não deixar hir por caminhos em cujos cabos poderia parar mal; quanto mais que como christã, e que com tanto exemplo de virtude tinha chea a christandade, scandalisaria o mundo se em sua velhice se dèsse por aggravada das cousas de hum rei moço seu nêto, cujos erros ellá devia com toda a deligencia e trabalho procurar de emendar, e quando não pudesse traze-lo aos bens que lhe desejava, ao menos lhe atalhasse os males que lhe temia. Com todas estas rezoens e outras propostas á rainha, e as lagrimas que abriam às portas dos intimos secretos do verdadeiro amor, que ellas significavaõ, as quaes a persuadiam mais que palavras, quanto devia conceder com seus rogos tam justos e amorosos, não avia abalarem-na de seu constante proposito, antes com toda a diligencia mandava applicar as cousas necessarias ao caminho até não faltar cousa alguma. Vendo elrei a constancia da rainha sua avó, e cahindo na conta de elle ser a causa desta desconsolaçam de todo o povo, em querer aggravar huma

rainha de tantos merecimentos, e zelosa dos seus bens, e dos seus reinos, e elle com pouca consideraçam trazia toda a republica atormentada com as inquietações de sua pessoa, e os desenhos de seus intentos, ouve conselho de amimar a rainha, e desuadilla de sua ida, fazendo-lhe com isso algumas caricias, com as quaes a santa velha, avendo que ganhava mais em achar-se enganada em sua velhice com branduras, que desconfiar do amor da mocidade de seu neto, com hum peito cheo de respeitos reaes; e os olhos de lagrimas, se abrandou de maneira como quem não pertendia mais que todos os bens a um neto que criára pera alivio das mortes de tantos filhos, e gosto com cuja vista passasse a vida sem lembranças de magoas. Taõ isento de condiçãõ era elrei, que tambem o cardeal teve algumas vezes semelhantes aggravos, os quaes como velho e sisudo bem dissimulava. Tambem o senhor D. Duarte, filho do infante D. Duarte, era muito desfavorecido delrei; o qual, por ser muito manso de condiçãõ, e cheio de religiosas virtudes, mostrou-se sempre mui sofrido a tudo, ainda que o sentia tanto, que se crê dos desgostos dos disfavores delrei se lhe haver gerado a enfermidade de que morreo em Evora, onde depois da primeira vinda de Africa se recolhera. O senhor D. Antonio filho natural do infante D. Luiz, posto que tivesse menos aggravos d'elrei, alguns formou do cardeal seu tio, com mui-

tos queixumes mais apaixonados que justos, por tomar mal os avisos e reprehensões de alguns vícios companheiros de mancebos, mas contrarios a principes, com desejo de reformação de bons costumes, e taes quaes elle ensinava, pera ornamento e exemplo de prelado do arcebispado de Evora, e do cardealado por sua morte, pera o que o tinha já ordenado de ordens sacras. O senhor D. Antonio, aconselhado de alguns mancebos a que as virtudes não estaõ saborosas, nem os conselhos justos estimados, o inquietaraõ e descordaraõ de maneira com o cardeal seu tio, que o fizeraõ romper em queixumes publicos e hir-se de sua conversação e casa, onde o criava como filho, a Castella á corte delrei D. Philippe, o qual achando em sua magestade as honras e gasalhados que de taõ alto principe e taõ chegado em parentesco se esperavaõ, esteve alguns dias na corte, até que ou por mandado delrei D. Sebastiaõ, ou por assi lhe parecer bem, se foi a Tangere, lugar fronteiro de Africa, onde esteve muitos dias, em os quaes Cide Murça, homem de muita auctoridade e reputação entre os Mouros, por temor do Xarife Mulei Hamet se veio a Tangere fugido com mulheres e filhos, pôr-se debaixo de seu emparo, o qual dahi mandou a Portugal. O senhor D. Antonio, como andava já de todo desavindo com o cardeal seu tio, querendo-se deserdar dos beneficios que esperava, e fazer-se desmerecedor de seu amor,

ou Deos assim o permittir, impetrou do summo pontifice o dispensasse das ordens sacras e de suas obrigações, e pudesse andar em habito secular, como de feito alcançou, o qual tanto que veio ao reino foi bem recebido delrei; e por ter muitas dividas e ver que elrei não cessava do intento de passar á Africa, e de força se avia de aviar, pera o acompanhar, foi-se assentar em Almada, onde poupava algumas das muitas despezas que costumava fazer.

*Como tratáraõ de casar a elrei. Capitulo VII.*

Não dispoem os fados os successos humanos subalternados ao livre alveddio, como alguns gentios cuidavaõ, mas á divina providencia, por que são governadas todas as cousas inferiores, principalmente os corações dos reis, com os quaes Deos tem particular conta, pela dependencia que todo o povo tem de seu governo; por tanto a esta causa e vontade divina se deve reduzir não terem effeito os casamentos nomeados a elrei dom Sebastiam, pois elle tinha na sua eterna mente dado outra traça alevantada e escondida ao humano engenho. Depois que morreu a rainha dona Maria, a francesa, filha delrei dom Henrique de França, o qual morreu em humas justas, e mulher delrei dom Philippe de Castella, mandou elrei de França, seu irmão, embaixador ao mesmo rei de Castella, pedindo-lhe que por se tornar

a soldar o parentesco e amizade, interrompido na morte da rainha dona Maria sua irmã, quizesse ajuntar-se em matrimonio com outra sua irmã Margarida. Elrei dom Philippe, como muito catholico e virtuoso pareceo-lhe não convir á sua grande honestidade e exemplo casar com a irmã de sua mulher de que tinha filhos, posto que a Sé apostolica os pudesse dispensar, e as republicas de Castella e França interessassem paz e amizade com outros bens temporaes, não veo nisto. Elrei de França desejoso de casar a irmã, posta debaixo de seu emparo como pai, quando vio que se não podia effectuar o casamento em Castella, tentou tratalo com elrei dom Sebastiam de Portugal. Martim Gonçalves da Camara e o mestre seu irmão Luiz Gonçalves da Camara, a cujos conselhos e disposição elrei estava entregue, pareceo-lhes convir muito ao reino de Portugal ter liança de parentesco com França, pera ser mais provido dos mantimentos de que muito carece, principalmente de pão. Com estas e outras considerações estava o negocio de acordo de se acceptar e dado esperanças de se concluir. Elrei dom Philippe de Castella, por ser tio delrei dom Sebastiam, e que zelava todo o seu bem e honra, lhe mandou pedir e á rainha e cardeal houvessem por bem que elle não acceptasse o casamento de França, nem desse palavra resolutoria sem elle o saber e intervir nisso. Elrei de Portugal e as pes-

soas acima nomeadas, que entrevinhão nestes negocios, vendo o zelo delrei de Castella ser muito justo, e dezejando comprazelo em tudo, lhe respondêram que assim o fariaõ e elles mettiaõ o negocio do casamento delrei na sua maõ, e acceptaria por mulher a que a elle lhe parecesse bem. Elrei de Castella como tambem era tio das filhas do emperador Maximiliano, lançando contas mais proveitosas á christandade e ás republicas temporais, assentou que elrei de França cazasse com dona Anna filha mais velha do emperador, e elrei de Portugal com a filha segunda. Dada esta conta a elrei de Portugal e á rainha sua avó e ao cardeal seu tio, pareceo-lhes bem, e assim ao mestre delrei e a Martim Gonçalves. Depois desta resolução elrei D. Philippe de Castella, mudando o parecer juntamente com a mudança dos tempos, tomou outro accordo differente do assentado, o qual foi que o mesmo rei de Castella casasse com dona Anna sua sobrinha, filha mais velha do emperador, e elrei de França com a segunda, como de feito ambos casaraõ, e elrei de Portugal com a irmã delrei de França, com que antes estava concertado, e elrei de Castella havia pedido se não effectuasse; e mandado o recado a elrei de Portugal da mudança e assento, e como elle havia de casar com a irmã delrei de França, algum tanto secretamente se aggravou elrei de Portugal, por agora novamente lhe querer fa-

zer acceptar a mulher que antes lhe impedira : por esta causa, por conselho de Martim Gonçalves e do mestre, não respondeo elrei ao recado de Castella ao primeiro corréo, nem ao segundo, nem terceiro, até o quarto, nos quaes se mandava pedir procuração pera se fazer o contrato em dia já pera isso aprasado, a qual não sómente não mandaram, mas resposta chêa de queixumes em querer tanto abusar de sua liberdade sometida a conselhos pouco proveitosos e menos honrosos, variados por voltas que viessem a fazer assento onde tinhaõ começado; do qual elrei de Castella se mostrou tão aggravado em lhe quebrarem a palavra, que esteve em termos de quebrar com elrei de Portugal; mas como elrei de Castella entendia todas estas alterações nacerem de Martim Gonçalves, o qual tinha suprema valia com elrei, mostrando-se mui sentido de huma tão altiva insolencia o com pouco acatamento de sua diuidade real, mandou pelo seu embaixador dom Joaõ da Silva (que na corte delrei de Portugal andava) pedir a elrei dom Sebastiaõ Martim Gonçalves da Camara não entendesse em seus negocios, porque lhe era suspeito. De maneira que pelo acima dito não houve effeito o casamento delrei de Portugal.

*Como elrei mandou o senhor dom Antonio  
a Tangere. Capitulo VIII.*

Parecendo a elrei dom Sebastiam ter já commodidade de commeter a conquista de Africa, em que trazia postos os intentos, e a memoria cada dia refrescada com suas lembranças e desejos, começou dar ordem a principios como se fizesse: o qual mandando chamar dom Diogo de Sousa, fidalgo velho e prudente, que morava em Evora, o fez governador do reino do Algarve, onde o mandou residir com certo regimento, mas o principal era pera dalli dar ordem á embarcaçam da gente que o havia de seguir, conforme a sua determinaçam, Dom Diogo, posto que como velho e experimentado não approvasse os desejos delrei, por serem mais fundados em esforço que rezaõ, estribados sómente nos esforços de mancebo ajudados de maos conselhos, não ousou dizer-lhe seu parecer, mas com temor e obediencia foi fazer o que lhe elle mandava. Elrei querendo solidar mais o intento, no qual já declarava de passar á Africa contra parecer do seu concelho, mandou o senhor dom Antonio prior do Crato (o qual já então andava em habito secular) se fosse diante per Tangere; mas como elle não havia sido doutrinado na arte militar, nem tinha experiencia dos meneios de guerra, por haver gastado a mocidade nas letras humanas e

agrada theologia, deo-lhe por conselheiros dom Duarte de Menezes, e dom Joam de Menezes, e dom Alvaro Coutinho, e dom Fernam de Mascarenhas e dom Gastaõ Coutinho, todos fidalgos muito nobres e praticos na milicia, principalmente na de Africa, onde alguns d'elles haviã sido capitães, e outros fronteiros; além dos quaes levou muitos fidalgos, assi criados seus, como outros mancosbos desejosos de ganhar honra de hir servir a elrei nesta jornada, e mais hindo em companhia do senhor dom Antonio, principe benigno e liberal em mercês e cortesias, com que obrigava a vontade de muitos, e levava traz si os olhos e amor de todos, com o qual tambem obrigava as vontades. Com elle tambem foraõ muitos homens honrados e alguns cavalleiros de Africa, que andavaõ na corte em requerimentos, aos quaes elrei mandou dar cavallo, que com os de Tangere se fizeraõ cincoentas lanças. Partido o senhor dom Antonio de Lisboa em agosto de sessenta e quatro, com huma armada de galés e galeões, chegou a Tangere, onde foi recebido de todos os fronteiros e soldados com incrível contentamento pelo conhecimento de suas grandesas e affabilidade, assi do reino como do tempo que lá estivera, como a traz fica dito. Potta a gente em ordem segundo regimento que levava delrei, algumas vezes lhe correraõ os mouros até ás tranqueiras como costumavaõ, nos quaes rebates o te-

O senhor dom Antonio sahia com a gente de pé e cavallo, mostrando estremado esforço no commetter, e singular prudencia no mandar: mas como dom Duarte de Menezes tinha pretençaõ na capitania de Tangere, por haver sido de seu pai e avós, e lá não haver de presente capitaõ, em todas as sahidas dos rebates o senhor dom Antonio, usando de sua benignidade e confiança de principe, com palavras de muita cortesia e brandura, lhe dizia que mandasse a gente e a ordenasse, que elle não era alli senão seu soldado. Desta maneira estava o senhor dom Antonio em Tangere sem passar seu regimento, esperando cada dia que elrei chegasse com o resto do exercito e mais frota. O Xarife Mulei Hamet, tendo já noticia dos intentos delrei passar á Africa, quando soube que o senhor dom Antonio estava em Tangere, entendeu claramente ser elle o denunciador da guerra esperada, a quem elrei avia de seguir nas costas, ao qual os mouros deram facil credito ensinados de hum espantoso medo, já de muito tempo arrecedado lá custa das rotas que cada dia recebiam dos portugueses fronteiros, com perdas das vidas e fazendas; e quando viram este aparelho, o temeram muito mais: pela qual causa o Xarife começou a fazer grande gente e as mais munições, fortificando-se com maior cuidado; e tanto foi o temor dos mouros de entenderem que elrei não tardaria muitos dias, que presumindo que entra-

ria pela terra dentro (como na verdade determinava) como o senhor dom Antonio chegou a Tangere, logo os Alarves começaram a recolher seus aduares, e metter-se pela terra dentro com a gente e gados.

*Como elrei passou á Africa Capitulo IX.*

Quando Luiz Gonçalves da Camara, mestre delrei, e Martim Gonçalves seu irmão entenderam quão determinado elrei estava de passar á Africa, sem defferir aos conselhos e persuasões que lhe tinham dado, e quão pouco poder e aparato tinha para poder sahir com empresa de louvor, antes temendo o discredito da honra em não levar ao cabo o que começava, e o perigo de sua pessoa se nisso persistisse, como homens muito validos com elle, procuravão com todas as forças dessuadi-lo da jornada; mas como elrei estava influido neste fatal parecer, e obstinado em huma vontade tão errada, nem bastarão conselhos do mestre, nem rogos de Martim Gonçalves para o fazer desandar de sua obstinada tençam. O mestre delrei, ou porque quando era menino o tinha metido nesta maginaçam, ou nos principios o não tirou d'ella, agonizado em o ver tomar caminho sem sahida, e temer grandes desastres, andava mui descontente, chorando mil lagrimas de sentimento; o qual não sómente não se abalava a fazer mudança alguma de sua opiniam, mas com

acêso fervor desejava já por-se no caminho, e pera que o pudesse fazer m'êo escondido de todo o povo, o qual geralmente clamava e condenava hum desenho tam cheo de perigos, e tam mal acertado sem fundamento, ordenado por seu parecer sem experiencia da milicia, e com engenho inquieto e desejo de alcançar fama per cavallarias maginadas com fervor juvenil, determinava hir-se aquelle verão a Ointra, e com isso dissimular a hida, e tirar o povo de seus temores; mas como elle tomava isto por m'êo de melhor poder effectuar sua jornada sem lha estorvarem, mandou aviso a dom Fernan d'Alvares de Noronha, capitão mor das gallés, estivesse prestes no porto de Cascaes, lançando fama que queria hir ao Algarve sómente. Os fidalgos e gente prudente, entendendo como as cousas erão já inclinadas com ruinas de errados conselhos, ameaçando grande precipicio, não se asseguraram com a fama publicada, entendendo este negocio, de bairto do qual facilmente se enxergava outro mais dos desenhos errados delrei, e medindo estes movimentos do appetite de hum só mancebo sem experiencia pela vezam de muitos velhos e experimentados, vendo em como ellei não mandava fazer prestes gente, nem munigoens, nem outras machinas de guerra, confusos com o furor que lhe temiaõ e o descuido dos apapatos essenciais, estavaõ preplexos em extremos tão contrarios, com que não se determinavão, entendendo os

avisados bem como nenhuma providencia humana não pudesse anticipar á conselhos contingentes, e fora de ordem, andavão suspensos vigiando com mais prudencia onde os negocios caminhavão, e esperavão o fim dellés quasi a caso, com temor de outro mais certo de males. Sabendo pois elrei como as galés estavam em Cascaes (duas legoas de Cintra) se foi lá, e sem mais provimento nem aparelhos se embarcou nellas, que erão tres, nas quaes hlam por capitães dom Fernam d'Alvares de Noronha general dellas, Jorge d'Albuquerque Coelho, Bernardim Ribeiro, e mandou a Simão da Veiga, que andava guardando a Costa com hum galeam e cincó caravellas, o seguisse, sem mais outra frota nem aparato. O senhor dom Duarte, o duque d'Aveiro, o conde do Vimioso, com os mais fidalgos que o acompanharam, admirados da subita determinação e conselho tão temerario e alheio de rezam, em querer alcançar fins sem os mêos, e victorias mui honrosas de grandes povos e espaçosas provincias de gente bellicosa e de antigo odio, sem armas nem forças, sem terem recado nem tempo de se proverem sobmente pera o caminho, se embarcaram da mesma maneira e com os vestidos de cõrte, sem mais provisão. Alguns que inda cuidavam aquelle abalo ser somente ao Algarve, não se determinaram no que havião de fazer, esperando onde a determinação parava. Chegado elrei ao cabo de San Vicente este-

ye ahí alguns dias, e logo por correos des-  
 pedio cartas pelo reino ás cidades, e villas,  
 e senhores fidalgos e outros homens de nome,  
 como elle passava a fazer guerra á Africa, e  
 lhes rogava o seguissem, cada hum segun-  
 do sua possibilidade, as quais cartas já hião  
 feitas de Cintra, e se affirma serem oito-  
 mil, parecendo a elrei que com esta manha  
 sahia com seu intento, fazendo os homens  
 as despesas á sua custa propria; pois o im-  
 pedimento que lhe punhão de a não come-  
 çar era a falta de dinheiro, de que o reino  
 carecia. Os fidalgos e mais gente a que as  
 cartas foram dadas, como se desenganaram  
 do caminho delrei, fazendo-se cada hum  
 prestes com a mais pressa possivel por o  
 acompanhar e achar-se presentes com elle,  
 mais pera lhe serem companheiros no perigo  
 que por tirarem proveito da jornada, come-  
 çarão por mar e terra a segui-lo, deixando  
 atraz os provimentos necessarios, os quais  
 com as presenças de suas pessoas comprissem  
 com a obrigação de obediencia, e com hi-  
 rem offerecidos aos perigos que a jornada  
 promettia se mostrassem leais vassallos, e  
 dando nisto a ordem do governo inferior  
 mostra de quanta força tem a vontade dos  
 principes, ainda que cega e sem rezam, pe-  
 ra aballar tantas gentes a empresas notoria-  
 mente conhecidas por danosas e prejudiciais,  
 sem poderem resistir aos principios dos ma-  
 les que forçadamente vão buscar.

*De como o Cardeal ficou governando o reino,  
em quanto elrei esteve em Africa.*

*Capitulo X.*

Tanta era a privança de Martim Gonçalves com elrei dom Sebastian, e autoridade que tinha alcançado no povo, que cuidou ou tratou ficar governando o reino em ausencia delrei; mas porque era devido fazer-se primeiro este oferecimento de governo ao cardeal dom Henrique, não teve effeito o intento de Martim Gonçalves por o cardeal acceptar o cargo, condoendo-se do desemparrado povo, quasi metido em hum mortal perigo; o qual aposentado em Lisboa nas casas de dom Martinho de Castel-Branco, junto ao limoeiro, começou a entender nos negocios e despachos publicos, com todos os officiaes assim da justiça como dos mais tribunaes, dando audiencia a todas as partes com maravilhosa prudencia e inteireza de justiça, enchendo aquelle lugar com grandezas e virtudes reaes. Martim Gonçalves, segundo se entendeu, tomado do cardéal se atravessar na sua pretençaõ, ou por sua autoridade, parecendo-lhe ser menos estima de sua honra sujeitar-se a elle, estando costumado mandar com imperio absoluto e com liberdade quasi real, absentou-se da cidade e foi-se aposentar no mosteiro de Bemfica da ordem dos pregadores, mæa lingua de Lisboa. O cardeal, sentindo muito

o intento de Martim Gonçalves e altivos pensamentos com que medita e queria igualar a diversidade das pessoas tão distinctas nas dinidades e calidades, dissimulou com animo grave e prudente, e lá no interior embebeo tal desprazer delle que nunca mais o gostou, assim em quanto elrei dom Sebastião viveo, como depois que elle reinou; e que claramente se vio, que nunca o occupou em cousa alguma em quanto foi rei; nem lhe mostrou algum sinal de contentamento, nem esperanças de se servir delle. Neste tempo, quando elrei estava em Africa, e do principio de sua partida, vendo o cardinal e todo o povo quaõ metidas estavaõ todas as cousas publicas em humas esperanças cheas de males, postos em grande agonia e tribulaçam, foi nos pulpitos encomendado aos religiosos e mais povo se convertessem a Deos com lagrimas, e lhe pedissem remedio dos males que ameaçavaõ o reino por tam inconsiderada determinaçãõ dellrei; e inspirasse em seu coração e lhe alumiasse o entendimento pera tornar atraz do seu caminho mal começado, com temor de ter peor fim. E logo foi ordenado pelo cardinal e dom Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa, de dia e de noite estivesse o Santissimo Sacramento fora do Sacratio, alternadamente em todos os mosteiros e igrejas da cidade, onde os devotos concorressem a pedir-lhe favor, pera que vendo a tribulaçam de hum povo affigido e arriscado a graves perigos por os appe-

tites de hum rei moço, se apiedasse delles, fazendo-lhe alem disto muitas preces e ladainhas com tanta devaçãõ, quanta era a necessidade presente em pedir do ceo remedio, que humanamente se não esperava. A rainha dona Caterina, a quem sempre pareceo mais prejudicial esta jornada, e mais temerario o conselho delrei, com o coração partido em differentes pensamentos, não tinha repouso na alma, como aquella a quem cabia maior parte destes sobresaltos e temores, pondo os olhos em Deos, lhe pedia puzesse em sua guarda e debaixo de seu empazo hum rei moço enganado na obra, mas não no zelo e vontade de o servir. Com estas e outras considerações revolvia em seu peito muitos cuidados, huns dos perigos delrei, outros da desconsolaçam do povo, e sobre tudo se humilhava diante de Deos, pedindo-lhe seus peccados não fossem verdugo do neto inocente, nem do povo que o não merecêra, rogando-lhe que não desse ousadia nem esforço aos barbaros africanos pera com abatimento da fé catholica, executarem seu furor no exercito christam, quasi perdido e descaminhado como gado sem pastor; pois tam prejudicial governo seria motivo pera os esquadroens, sem resistencia, cruzarem as mãos e estenderem os pescoços aos golpes do inimigo. Nestas e outras tristes considerações gastava a santa velha os dias e noites, sentindo mil sobresaltos cada hora em seu coração, que lhe tiravam o repouso e

somno, com grandes perturbaçoens do entendimento e inquietaçoens d'alma.

*De como elrei tornou a Tangere, e foi aconselhado se tornasse pera Portugal.*

*Capitulo XI.*

O zelo delrei dom Sebastiam em passar á Africa como não era fuadado em rezar que tivesse mêos nem fins proveitosos, senão em hum apêtime de manoebo, profetizado com mal afortunado successo, o qual não se podia enfrear com conselhos sãos, entãõ os senhores e fidalgos velhos de seu conselho o acompanhavaõ com maior cuidado, ao menos pera lhe poderem atalhar os males que suas desordens prometiaõ. Chegado elrei a Tangere e os principaes do reino, huns que logo se embarcaraõ com elle nas galés, outros que com grande pressa o seguiraõ, não tratavaõ de guerra, de que se esperava manifesto dano, senãõ em impedir por todas as vias os principios della: desta maneira em conselho todos juntos muitas vezes pediraõ a elrei que se quizesse tornar a Portugal, porque a sua hida fôra sem ordem, e não se podia tirar della fruto, antes muita quebra de sua honra e notorios danos de seus vassalos, os quais como zelavaõ mais a honra de sua pessoa real que as proprias vidas, tinhaõ obrigaçam de o avisar como a guerra emprendida levava os principios errados, com manifestos indicios de

mal afortunados fins, e não davaõ outra maior prova de sua alteza crer o que lhe aconselhavaõ com amor, senaõ ver que com tanta mais vontade todos o seguiaõ, quanto mais entendiaõ arriscarem as vidas em seu serviço. Elrei, a quem todos estes avisos pareciaõ covardias de quem os dava, zombava delles como de rezoens frivolas pera desmanchar seu acertado intento, e por se mostrar mais desprezador dos perigos tantas vezes pintados, algumas vezes sahio ao campo montar, duas legoas da cidade, com tanta segurança como se andasse nas coutadas d'Almeirim. Posto que a gente de pouco entendimento ornasse com muitos louvores estes esforços delrei, em se fazer desprezador dos imigos, e passar com animo ousado por suas terras, sem haver quem lho impedisse, e cuidassem serem estas cousas já huns principios da posse daquellas espaçosas provincias, os velhos todavia, que com prudencia e maduro juizo viaõ aquellas temeridades taõ cheas de perigos, entaõ choravaõ mais os infortunios de que viaõ andar cercado o mancebo enganado com vans fantasias, os quaes quanto mais sentiaõ o perigo, tanto mais instavaõ em seu requerimento, assim em secreto como em publico, té os pregadores o dizerem nos pulpitos: mas quiz Deos que a experiencia desse a elrei o desengano, a quem as resoens não persuadiaõ; por que mandando o Xarife correr-lhe a Tangere, com muita gente de cavallo, o alcaide

Cid-Hamu-Benanza, visorrei de Mequites, esforçado e destro capitão, quando elrei viu este rebate, afervorado em desejo de pelear, mais guiado de hum fervor juvenil que de valor de capitão experimentado, se sahio ao campo com toda a gente da cidade, parecendo-lhe que já a sua boa dita lhe trazia meter os inimigos nas mãos, e fazer offerta das vitorias que tão meditadas trazia no appetite, sem ficar lugar á resação de tomar parte dellas. Sahindo pois elrei fora no rebelim, e vendo como a cantidade dos mouros excedia no numero aos cristãos, e cometiã com esforço denodado diante de sua pessoa, com maiores algasarras que feridas, onde houve alguns recontros de pouco momento, mandando fazer resenha de sua gente, achou novecentos e quinze cavalos d'armas e ligeiros; o qual desenganoado quaõ pouco tempo tinha já do veram (que era em outubro) pera poder fazer guerra, e quanto vagar haviaõ mister em a gente chegar de Portugal, por estar tam desapercibida, por o tempo quando lhe foi dado o aviso ser muito tarde e a jornada muito comprida, começou entã dar entrada ás rezoens ategadas, o que parece Deos nelle obrou pelas muitas orações feitas em Portugal, que o alumiasse em seus conselhos. Com isto vendo-se atalhado em suas pretensões, enxergando outro caminho mais seguro e certo, determinou tornar-se em Portugal: mas parecendo-lhe poder cobrir o erro já publi-

endo por todo o mundo, tornou a rescrever ás pessoas a que tinha escrito, se entretivessem e não passassem á Africa, porque seu intento não fôra mais que visitar Tangere e Ceita, e tornar-se, como de feito já estava de caminho. Com esta determinação foi ellei nas galés a Ceita, onde estava por capitam o marquez de Villa-Real, e vendo-a se tornou a Tangere pera dahi se embarcar pera Portugal, como fez.

*Como elrei dom Sebastião se foi nou de Africa pera Portugal. Copitulo XII.*

Com esta determinação delrei, mais chea de proveito que honra, se alegrarão todos os portuguezes presentes, tendo por bem empregadas as despesas já feitas, havendo que alcançavam maior victoria deste appetite ego que dos inimigos, ficando preservados dos evidentes perigos e danos, com temor de mor abatimento do nome portuguez, muito antes temido entre todas as barbaras nações; pois com huma sisuda desculpa do entendimento delrei moço, e de espiritos activos em cometer empresas arduas, com desejo de igualar sua fama e gloria com a dos mais esclarecidos capitaens, ficava este errado acometimento perdoado dos prudentes e velhos capitaens, e antes louvados, assi elrei em mostrar tanta grandesa de animo, como seus vassallos em o seguirem nos perigos e

Ihes atalharem com conselhos; porque quanto mais a juvenil idade se anticipa com animo esforçado, tanto mais merece ser louvada, e maior esperança dá d'imortal gloria; e em não ser guiada por razão não perde o resplendor nem os premios dos louvores; pois o tempo nem a experiencia costumão informar os engenhos humanos senão quando estão maduros de dias, e chãos de largos discursos. Juntas pois em Tangere as galés e galeoens e outras muitas embarçaõens, que já a este tempo erão chegadas, derão ordem pera se embarcar, com assas trabalho e confusaõ, por não haver embarçaõ pera tanta gente, fato, e cavalos. É faltando a muitos embarçaõ pera virem por mar, se passáraõ a Gales e a Gibraltar, e dahi se vieraõ por terra atravessando Andaluzia. Elrei se embarcou em hum galeam muito formoso, em cuja companhia vinha o duque d'Aveiro e outros muitos senhores, e o senhor dom Duarte vinha em outro, onde tambem o acompanhavaõ muitos fidalgos, como coube á sorte ou foi vontade de cada hum: o senhor dom Antonio se veo por terra com sua gente. Com esta ordem pouco concertada se partio elrei de Tangere no mez de outubro de sessenta e quatro. Dando toda a armada á vela, seguindo o farol delrei, como fôrão empegados no mar alto, sobreveo huma tormenta de nordeste, tam grande que espalhou toda a frota, correndo toda a embarçaõ como os ventos e os ma-

res lhe davão lugar, perdendo todos em pouco tempo o galeam delrei de vista, sem aver mais cuidado em cada hum que em salvar as proprias vidas da impetuosa furia das agoas, contra as quais não havia força nem rezão, pera ao menos serem companheiros a elrei na sorte e perigo. O galeam do senhor dom Duarte succedeo-lhe melhor viagem: vêo ter ao porto de Cascaes, cinco legoas de Lisboa, onde achando não aver novas do galeam delrei, como príncipe prudente, e a que não faltava consideraçam devida, tendo muito pezar com sobresaltos de lhe acontecer algum desastre, não se quiz desembarcar nem sahir em terra até elle não vir. O galeam delrei constrangido dos temporais, (por assim ser necessario) o piloto e mareantes se meterão em o mar largo, e se fôrão na altura da ilha da Madeira, a qual de cidade de Lisboa está cento e cinquenta legoas, e dahi, amainando a tormenta e abonanzando os mares, começaram a fazer viagem pera o reino com tempo mais sosegado. Elrei como de sua condiçam era soffredor de trabalhos, e quasi espreitador de perigos em os buscar, nunca em este temporal, com assas perigo de sua pessoa, mostrou sentimento de medo, antes parecia achar nisto todo o contentamento, porque lhe parecia que era obrigação de seu esforço vencer todos os trabalhos chãos de perigos, e em tal tempo lhe parecia que satisfaria a si mesmo a empreza da guerra que

lhe o tempo e fortuna tiráraõ, onde dexeja-  
 va empregar a virtude de seu animo e força  
 do braço. A rainha, cardeal e toda a cida-  
 de, postos em grande cuidado e confusão por  
 não haver nova delrei, e saberem quaõ arris-  
 cado elle andava, e quaõ pouco receava os  
 perigos, pois os buscava, não achando re-  
 médio humano onde se acolhessem, buscá-  
 raõ-no mais certo, que foi o divino, abra-  
 çando-se com Deos com lagrimas e oraçoens,  
 pedindo-lhe provesse onde as forças huma-  
 nas não podiaõ, e o que as necessidades do  
 povo pediaõ. Estando todos, como fica dito,  
 nesta agonia d'alma, acrescentando-se a tris-  
 teza com a tardança das novas delrei, tudo  
 estava chèo de esperanças das novas de cada  
 momento, com assas confusão. Nisto aprouve  
 a nosso Senhor de impoviso vir nova como  
 elrei era chegado ao cabo de São Vicente,  
 com a qual se tirou huma nuvem dos cora-  
 çoens dos homens, ocupados com hum pro-  
 fundo nojo e quebrantados de golpes de so-  
 bresaltos e receos, e deraõ logo muitas gra-  
 ças a nosso Senhor com publica alegria,  
 mandando repicar os sinos, em sinal da  
 mercê que Deos fazia a todo o reino, nos  
 males grangeados por sua vontade ou peca-  
 dos do povo. Como o galeam foi surto e  
 lançaõ anchora debaixo da fortaleza de  
 Sagres, se sahio elrei em terra, e mudan-  
 do-se de hum perigo a outro, se embarcou  
 nas galés que ali eraõ chegadas, e com  
 tempo sudoeste (que naquella costa he mais

furioso de todos os ventos, e faz empolar o mar com toda a braveza de altas e profundas ondas) por mêo daquelles montes e concavidades marinhas deo á vela, sem receo seu, e com incrível medo de todos que o seguião; mas posto que o vento fosse em popa pera Lisboa, e a viagem se fizesse com grande velocidade em hum dia e huma noite, foi tam importuno o furor do mar, que parecia sorver as galés, porque levantando-as humas vezes, e outras abaixando-as aos abismos, as enchia a miudo d'agoa, com ameaças de as sobverter, de maneira que todas vinhaõ alagadas. Tanto eraõ estas viagens da arte delrei, que aquella tormenta era a frescura que o refrescava, e os mares agoas cheirosas com que os mimozos se borrifavaõ. Tanto este esforço e perda de todo o medo punha espanto geralmente em todos os homens, com admiraçam de sua grandeza de animo, tanto mais era tido por temerario dos prudentes, e chorado dos amigos, com receo dos males que depois lhe succedêrão; porque não he de animo ousado desviar-se da rezão nas cousas onde não vale esforço, nem he prudente ser prodigo da vida, principalmente quando o perigo não he forçado, ou com elle não se esperão evitar grandes males. O senhor dom Duarte, que ainda estava no mar em Cascaes, quando vio elrei vir nas galés em tempo tão trabalhoso, não temendo perigo algum (o qual como esclarecido príncipe amava) se foi logo a elle,

e se meteo na sua galé, e com tormenta e chuva que os seguia entrou elrei á vella pelos cachopos, a dous de novembro de setenta e quatro, e dahi passando defronte da cidade, com assas concurso de gente que na praia e janellas sahia a ver, como cousa dada por Deos e resgate de infelices successos, passou adiante e foi desembarcar a Enxobregas, onde a rainha sua avó pousava e onde aquelle dia jantou, a qual então e todo o povo o receberão com lagrimas d'alegria, conferindo este dia com o do seu nacimiento, não julgado hum por mais ditoso que outro, nem de desigual obrigação de louvar a Deos em o dar pera emparo do povo, ou o tirar do fatal appetite de se entregar a hum immortal e infeliz perigo.

*Como o senhor dom Duarte se foi pera  
Lvoza aggravado delrei, onde mor-  
reo. Capitulo XIII.*

Como a improvisa partida delrei pera Africa tomasse todos os homens que se embarcárão com elle despercebidos das cousas necessarias, e outros logo nas suas costas partirão, por se mostrarem zelosos nas cousas de seu serviço, e comprirem com as leis de primor e lealdade, em negocio onde cada hum mais se movia a hir salvar a vida delrei que tratar de lhe alcançar victorias, e não tiverão tempo de se prover, passarão em Tangere muitas necessidades, assi de man-

timentos, como de dinheiro, antes que os  
 provimentos de cada hum chegassem. O se-  
 nhor dom Duarte, que por seus ministros  
 teve melhor providencia, com muita deli-  
 gencia foi socorrido a Tangere de todas as  
 cousas em muita abastança, como convinha  
 á sua grandeza; o qual vendo como muitos  
 fidalgos não tinhaõ ainda recado dos seus  
 provimentos, parece que se alegrava em  
 vêr occasiam em que pudesse empregar sua  
 magnificencia e liberalidade; por que dando  
 meza geralmente a todos os fidalgos que a  
 queriaõ acceptar, e acudindo com dinheiro  
 a todos os que o haviaõ mister, e com ves-  
 tidos e mantimentos a homens honrados,  
 não se enxergava nelle pezo em fazer taõ  
 grandes despezas, senaõ pezar dos que as  
 não hiaõ receber; além disto, peza mostrar  
 sua condicam real (até entaõ não mostrada  
 em publico) fazia evidentes demonstraçoens  
 de amor a todo o homem, com muita afa-  
 bilidade e cortesia, e dava de si estar offe-  
 recido a todos os favores delle esperados, e  
 com a beninidade de seu aspeito estava  
 convidando a todos, e chamando-os a rece-  
 berem delle mercês, e com agradecimento  
 lhe pagarem o gosto que tinha em amar a  
 todos e ser amado de muitos. Com esta  
 brandura, que o senhor dom Duarte usava  
 por serviço delrei, em parte cobrir algumas  
 faltas notorias no mais provimento da jor-  
 nada, adquirio a si os animos e vontades  
 dos homens, com admiração da grandeza di-

na de amor, e louvor de principe esclarecido, pera ornamento das mais virtudes crecidas com sua idade, do que cuidò se fez troca do senhor dom Duarte com o senhor dom Antonio, que sendo antes muito amado por sua afabilidade, e nas mercês e cortesias mui liberal, nesta jornada perdeu muito do louvor antigo, e em certa maneira declinou em ser aborrecido, assi por algum aspero tratamento de palavras que fazia aos homens, como por alguns descuidos que no tal tempo teve de não usar da sua antiga liberalidade. Com os excessivos gastos que o senhor dom Duarte fez nesta jornada, ficando muito individado, e nunca em elrei achar favor nem mercê, e vir pouco sabroso delle, de o não tratar com as cortesias devidas á sua pessoa nem iguaes a seus merecimentos, ajuntando novos aggravos aos já passados, dissimulando huns e outros com encoberto sentimento, fingindo ir visitar a dona Izabel sua mãe, que estava em Villa Viçosa, separtio da corte com licença delrei, assim pera fugir aos máos tratamentos que lhe elle fazia, como pera se desindividar das despesas que tinha feitas. O cardeal seu tio (que então era arcebispo de Evora, e o havia sido outra vez da mesma cidade antes de o renunciar em dom Joam de Melo, por accepar o de Lisboa quando governava o reino, o qual depois renunciou em dom Jorge de Almeida, e tambem o avia sido de Braga sendo ainda mancebo) vendo o desgosto de

senhor dom Duarte e sua necessidade, o recolheo a si como pai, com muito amor e amizade, recreando-se em sua vista, e alegrando-se com as muitas virtudes que nelle avia, a quem acodia com muito dinheiro pera os gastos de sua pessoa e casa, tendo mui a meude com elle muitas praticas e frequente conversação, aliviando-o da dor que lhe faziam as lembranças das semrezoens delrei. Estando pois o senhor dom Duarte quasi de assento em Evora, sem intenção de tornar á corte, vêo a enfermar de tercãs, com relaxamento e intensas dores de estamago, e crescendo o mal pouco a pouco, cahio em cama com enfermidade mortal, da qual acabou com claros protestos da fé e da devaçam dos sacramentos, que recebeo, mostrando com inflamado peito o desprezo da vida mortal e entranhavel saudade da gloria, fazendo infinitos colloquios com D.os lhe perdoasse suas culpas, e não temendo o espantoso aspecto da morte corporal, não pedia a Deos senão a presença da sua pessoa em seu juizo benino e de misericordia. Finalmente com todos os sinais manifestos da predestinaçam da sua alma, o qual exemplo edificava a todos a bem viver, e com doutrina a bem morrer, falleceo o senhor dom Duarte em Evora, nas casas do marquez de Ferreira, aos seis dias do mez de octubro de mil e quinhentos e setenta e cinco; e por que o cardeal fez em Evora hum sumptuo-

so mosteiro dos frades da companhia, onde fundou universidade de humanidades, artes e theologia, fez em elle huma fermosa igreja, onde pôs sua sepultura. O senhor dom Duarte, dezejando não se apartar na morte do cardeal seu tio, que tanto o amou na vida, deixou em seu testamento pedido com muitos rogos o enterrassem ao pé da sua sepultura, como se fez: mas como o cardeal, depois da morte delrei dom Sebastiam, succedeu nos reinos com titulo de rei, mudando com a fortuna a sepultura ao convento de Belem, onde está o jazigo dos reis de Portugal, mandou que o senhor dom Duarte fôsse tresladado á sepultura, a qual elle antes tinha feito pera si, na qual agora jaz o esclarecido principe o senhor dom Duarte, filho do infante dom Duarte, claro em o sangue dos reis de Portugal, e muito mais pelas virtudes, com as quais fez sua alma moradora da eterna gloria, e deixou no mundo fama de principe illustre, e exemplo de vida honesta e religiosa, com assas magoa do povo portuguez por sua morte e saudade de sua vida.

*Como em Africa se alevantáram os Xarifes, e que homens eram. Capitulo XIV.*

Pera mais clara noticia das guerras civis, nacidas em Berberia no anno de setenta e cinco, entre Mulei-Maluco e Mulei-Hamet Xarifes, donde dom Sebastiam rei de Por-

tugal tomou occasiam de passar segunda vez á Africa com mal afortunado successo, he necessario tocar a historia mais de atraz, e saber de raiz a sua origem. Depois que o imperio dos reis de Berberia foi quebrado de suas antigas forças pelas armas cristaãs, o qual dantes comprehendia os reinos de Argel, Tunes, Carthago, excepto os que ora possue, e se estendia até Espanha, vieram alguns senhores a apoderar-se das principais provincias, a que puzeraõ nome reinos, e elles se chamáraõ reis; as quais como eraõ pequenas, e inda em cada hum dellas havia outros alcaides proprietarios de certas cidades e campos, com rezão se podiaõ chamar regulos pequenos, e naõ reis poderosos: os quais como todos eraõ mouros imitadores da septa de Mafamede, e costumasse cada hum usar mais de poder e força que da equidade da justiça, nunca entre elles ouve paz firme, nem se contentava cada hum estar recolhido dentro dos termos de seus senhorios, mas trabalhava por todas as vias ocupar as terras de seus vesinhos, talhando os campos, roubando os gados, e finalmente fazendo-se continuas guerras. Como estes custumes eraõ taõ usados entre estes reis, nem os moradores viviaõ seguros dos assaltos dos vesinhos, nem as cidades dos golpes da fortuna, a qual cada dia se inclinava de huma parte á outra, fazendo mil mudanças com os tempos. Com estas alteraçoes viviaõ estes reis pou-

co pacíficos e menos seguros, mais ao modo de tyranos que querião antes seus pro-  
 veitos particulares, que como reis antepor o  
 bem comum: mas como nesse tempo e oca-  
 sioens se levantaram os Xarifes em Berberia  
 em grande poder e estado, com fama de vale-  
 rosos e bem afortunados successos, primeira-  
 mente nomearei os reis e reinos que ellès  
 pozêraõ debaixo de seu ceptro, que trate  
 da origem de suas pessoas e fortunas, os  
 quais foraõ seis: sc. o reino de Fés, cujo rei  
 se chamava Hamet Almerini, o de Marro-  
 cos o qual possuia Mahomet Bocenchut, o  
 de Táfilet, de que era rei Araarben-Abdel-  
 melecht, o de Tremecem, de que o era Be-  
 roeren; avia mais os reinos de Sus e Dara,  
 os quaes no tempo dos Xarifes eraõ ocupa-  
 dos e partidos em senhorios particulares de  
 alcaides Alarves, que viviam sem obediencia  
 de reis como senhores livres, dominan-  
 do cada hum em seus aduares e cabildas,  
 com pouco poder de vasallos e menos de ri-  
 quezas que lhes dessem nome de grandes.  
 Ouve neste tempo dous mancebos irmaõs  
 naturais do reino de Dara, nados de pobre  
 geraçaõ, e depois naõ conhecidos por feitos  
 de guerra ou ornados de riquezas, inda que  
 traziaõ sua origem de Mafamede, de cuja  
 nobreza se prezavaõ: o mais velho se cha-  
 mava Mulei-Hamet Xarife, manco de hu-  
 ma perna, e o segundo Mulei-Mahomet  
 Xeque: estes irmaõs como fossem pobres  
 dos bens temporais, e dotados de altos es-

piritos e agudos engenhos, vieraõ á cidade de Fés, onde em huma universidade que ali ha se deraõ ás letras humanas, e ás tocantes á sua septa que expoem o alcoraõ, os quaes como muita curiosidade aproveitáraõ nellas notoriamente, e com grande habilidade e engenho vieraõ em breve tempo á ser avidos por doctos e virtuosos, com observancia da lei de Mafamede, e guarda das tradiçoens de seu alcoraõ. Com este zelo e ababilidade se deraõ os dous irmaõs a conhecer por homens de muita conta, e alcançando reputaçam no povo, chegou seu nome ao rei de Fés Hamet Almerini, o qual ouvida a fama de suas letras, e suficiencia de suas pessoas, juntamente com o zelo do alcoraõ, naõ os desprezava por serem pobres, antes os estimava como homens dignos de honrosos premios. Os Xarifes, como alem das abidades que nelles eraõ conhecidas em publico, tivessem no interior escondidos altos espiritos pera cometerem grandes feitos e esforgo pera os executar, naõ deixavaõ de revolver em seu peito o que ás occasioens a seus animos lhes prometiã, e vendõ os tempos prenhados de quaiquer novidades, e os principes descuidados dos danos que estavaõ pendendo sobre suas cabeças, e das minas de seus tronos, tiveraõ maneira e valias em alcançar delrei huma bandeira e tambor (modo que em Berberia se eustuma de alevantar capitaõ) e com gente que os seguisse fossem ao reino de

Sus (que confinava com o reino de Dara sua patria) onde pudessem prégar a lei de Mafamede, reformar os pouco honestos costumes, castigar os insultos, e pôr em ordem e todo o bom governo as cousas da republica temporal, juntamente com as da sua septa. Com esta doutrina e poder vierão os Xarifes, que andavaõ ambos juntos, a crescer em grande auctoridade e reputaçã com o povo, e serem mui temidos por seu poder e forças, e adquirindo a si muitos povos, huns atemorizados por ameaças, outros convidados com mercês, que são as forças com que os animos inconstantes do vulgo sem difficuldade se dobraõ, viêraõ ambos de hum parecer e comum consentimento a levantar-se com o reino de Sus, o qual elrei lhes mandou reformar na era de mil e quinhentos e dez. Elrei de Fés vendo-se enganado das primeiras palavras dos Xarifes vestidas de zelo da sua septa, commutadas em tyranicas rebellioens, com alevantamento do reino de Sus, e por se temer de írem em maior crescimento suas fortunas e receber maior perda, começou queixar-se delles como tredores, e com publica desavença d'alos por inimigos do bem comum, com animo e ameaças de os castigar. Os Xarifes, que inda estavaõ unidos nas vontades e forças, parecendo-lhes o tempo benino a seus intentos, e mui dispostos a se aproveitarem das boas occasioens pera crescerem em maiores estados, pera que pudessem conservar os que

com seu esforço e animo forte tinhaõ ganhado (que já eraõ grandes) cometeram immediatamente o reino de Dara, visinho do de Sus, e donde elles eraõ naturais, e o reino de Tafilet, os quais logo se lhe renderaõ com pouca resistencia, assim pelo muito poder que levavaõ e esforço com que eraõ conhecidos e temidos, como per serem naturais da terra, onde tinhaõ muitos de sua voz e parcialidade, os quais de huma parte os ajudavaõ a pôr em execuçaõ sua empreza, e da outra, com divisaõ, quebravaõ as forças dos que queriaõ defender sua entrada. Com estes tres reinos e dobradas armas, mais esclarecidos com vitorias que tingidos com sangue, começáraõ os Xarifes a pôr espanto em todos os reinos e reis de Africa, tirando-lhes as esperanças de se poderem defender de seus acometimentos, segundo viaõ os Xarifes pôr os olhos em toda a Berberia, com desejo de a ocupar e animo de a cometer, nem tinhaõ outros conselhos senaõ de sobresaltos e temores, sem nelles acharem alguma porta de segurança; com o que huns aparelhavaõ modo de resistir, e outros cuidavaõ nos caminhos por onde haviaõ de fugir; por què na determinação que viaõ em homens alevantados da fortuna em breve tempo de infimo estado a grande poder, não tinhaõ que confiar em respeito de equidade, senaõ em tyrania impetuosa de mais dilatar os limites de seus estados, com acesa ambição. Com estas novas e altera-

goens tão violentas tudo estava cheo de temor e espanto, com penosos cuidados de achar algum remedio menos custoso do que os animos profetisavaõ, ensinados nos exemplos de seus visinhos, huus derribados de seus antigos assentos com jugo de cativeiro, e outros de todo consumidos com mais infelice sorte de mortal fado.

*De como os Xarifes tomaraõ o Reino de Marrocos, e o rei de Fés os foi cercar.*

*Capitulo XV.*

A este tempo Enchecha era rei de Marrocos, grande em imperio e poderoso em riquezas, e vendo os inimigos tão visinhos crescer muito com os reinos alheos, não se dava por seguro nem isento de semelhantes assaltos. Os Xarifes, que tinhaõ já postos os olhos em Marrocos, com animo de o occupar, não encobriã em muito tempo seu proposito, antes, publicada sua tenção, alçãraõ bandeira, e lançaãraõ pregaã, denunciando guerra contra Marrocos e dirigindo pera lá seus exercitos. Os filhos de Anram, postos em suas terras (nos caminhos por onde os Xarifes aviaõ de passar) não tendo sua sorte por mais segura que a de seus visinhos, e sendo amigos de Enchecha rei de Marrocos, quizerãõ provar sua fortuna em hum ponto de batalha, em pôr a risco suas pessoas, antes que com vergonhosa fugida

largar suas terras aos tyrânos, ó que não podiaõ fazer sem grande perda das fazendas e abatimento das honras. Ajuntando pois elles todas suas forças, unidas com justo queixume e comum odio dos perturbadores da paz e roubadores do alheo, se puzeraõ ao encontro dos Xarifes, e lhes representáraõ guerra e batalha, com animos determinados e obstinada constancia de morrer ou vencer, na qual fóraõ vencidos os filhos de Anram. Vendo os Xarifes como as cousas lhes socediam prosperamente, e hiam metendo todas as provincias debaixo de sua obediencia, com animos mais confiados determináraõ de cometer todas as empresas que a fortuna lhes offerecesse, passando adiante com seu exercito vencedor contra Marrocos. Quando elrei Enchecha se vio muito inferior nas forças e na fortuna, não se atrevendo a resistir ao poder dos Xarifes, ja temidos por esforçados e venturosos, fugio e deixou a cidade, a qual rendida e com as portas abertas, entregáraõ os moradores della as chaves e as vontades aos Xarifes, lançando as armas a seus pés, e com animos pacíficos, humilhados os receberam sem contradicção, antes com sinaes de alegria celebráraõ seu triumpho. Mas como ja neste tempo os Xarifes estivessem tanto avante no poder, e os estados tivessem necessidade de ser conservados, e com as presenças de suas pessoas se quietarem alteraçoes tão novas e improvisas, com parecer

e conformidade de ambos os irmãos, foi as-  
sentado que Mulei-Hamet, Xarife mais ve-  
lho, ficasse em Marrocos com titulo de rei  
e dos mais reinos ganhadados, e o outro irmão  
fosse visorei de Sus, com titulo de principe  
herdeiro e successor nos reinos por morte do  
Xarife seu irmão. Com esta ordem e confor-  
midade que os irmãos guardavaõ entre si,  
sem desconfiança hum do outro, governavaõ,  
e pacificáraõ brevemente os estados que por  
sua força tinhaõ ganhadados. Hamet-Almerini  
rei de Fés, cheo de furor e inveja, e junta-  
mente de medo do poder dos dous irmãos ir  
em tanto crescimento, determinou aventurar  
a pessoa e reino, com determinação de os  
ir cercar a Marrocos, com esperanças de o  
povo, pouco antes trasido por força a se-  
nhorio alheo, fazer alguns movimentos que  
pudesse enfraquecer as armas e as aucto-  
ridades dos Xarifes, os quaes, como devagar  
e com prudencia procediam em seus nego-  
cios, não vendo tempo de se aproveitar da  
guerra que lhes fazia o rei de Fés, defenden-  
do-se dos muros a dentro, sem artiscarem  
suas pessoas e exercitos em batalhas cam-  
pais, o quebrantárão em maneira, que en-  
fadado de cerco, ou desesperado de seu tra-  
balho e esperança ter effecto, se tornou a  
seu reino; o qual parecendo-lhe que encer-  
rarem-se os Xarifes dos muros de Marrocos  
a dentro, sem acceitarem a batalha que el-  
le lhes apresentava nas portas da sua cida-  
de, procedia de medo que delle tivessem,

tomando mais animo que conselho, com desprezo de seu poder, se armou o anno seguinte contra Marrocos a dar batalha aos Xarifes, os quaes alegres com a occasiam, e confiados na esperanza da victoria, o vierão esperar ao caminho. Postos os campos á vista hum do outro no rio Oadalabir (que quer dizer rio negro) deraõ batalha em hum valle chamado Boagebar, em o qual foi desbaratado e fogido o rei de Féz, e os Xarifes ficáraõ senhores do campo. Mas posto que fosse muita gente de cada parte, ouve muito poucos mortos, por que esta guerra mais se fazia com grita que com armas, e mais estrondo que sangue; por que naquelle tempo eraõ os mouros pouco exercitados na arte militar, e careciaõ tanto de armas, que nem tinhaõ instrumentos pera muitas mortes, nem esforço pera se arriscarem a ellas. Com a victoria dos Xarifes nesta batalha ficáraõ elles com tanto nome em Berberia, e autoridade entre os mouros, que ja todas as provincias principais, cheas de medo sem esperanças de defensaõ, se lhes vinhaõ render com partido de paz, antes que elles as fossem cometer com aparatos de guerra. Desta maneira creceo a reputaçã e poder, com muita concordia que os irmãos entre si tinhã, subjectando-se o mais moço ao mais velho, sem entre elles aver cousa que em igual imperio os podesse dividir, nem metter receos, nem presunçã de suspeitosas traçoens, as quaes em duas cabeças de hum

corpo são mui certas, e as fazem não permanecer na fé e lealdade, com ambição de hum não sofrer igual. Recolhido o despojo, e quietos os Xarifes da insolencia do rei de Féz, se tornaraõ o Xarife a Marrocos, e o Xeque a Sus, onde tinhaõ suas cortes.

*De como os irmãos Xarifes se desaviáraõ, e da batalha que tiveraõ. Capitulo XVI.*

Mulei-Hamet Xeque, visorei de Sus e irmão do Xarife de Marrocos, como fosse esforçado, e desejoso de alcançar maior gloria, com que fizesse seu nome mais celebrado no mundo por seus feitos particulares, apartado do commum louvor de seu irmão e seu companheiro do imperio e victorias, e com igual fortuna, não receou commetter o cabo de Guè, fortaleza fronteira dos reis de Portugal, na qual estava por capitãdom Guterres de Monroi. O Xeque ajuntando suas forças, e provendo-se de munições e petrechos necessarios pera o cerco do cabo de Guè, marchando pera lá com grande multidaõ de gente de pé e de cavallo, se alojou ao longo dos muros da cidade, e com igual constancia começou de a bater por todas as partes, dando-lhe assaltos por muitos dias. O capitãdom Guterres, vendo no principio do cerco menos perigo do que depois enxergou, mandou avisar a ellei de Portugal não curasse mandar soccorro, porque elle estava prompto de muni-

ções e gente bastante pera se defender dos barbaros, mais confiados em seus successos que esforço; mas depois experimentando o valor do Xequé e a constancia em seus combates (posto que lhe tivesse morta muita gente) vendo como não se podia defender de tamanho poder, o qual cada dia se fazia de qualquer dano recebido, tendo elle ja muito pouco, e o perigo em que estava muito grande, mandou ao reino a elrei dom João terceiro, com muita pressa o socorresse com gente e muniçoens, e não dilatasse este fervor, porque as armas dos inimigos e continuo trabalho dos cercados, com mortes de cada dia, lhe consumiaõ as forças, tendo ja muito pouco emparo nos muros arrasados em muitas partes; e pois a saude dos cercados e a defensão da cidade não tinha outra resistencia senão huns animos leais e determinados a morrer com os peitos postos em barreira dos barbaros, apressasse o socorro com mais frescas forças que alevantasse os cercados postos em hum mortal perigo; por que, segundo o imigo dava pressa aos combates, e minas que fazia sem cessar, com hum animo obstinado em vencer, e muito mais com indignação do estrago que cada dia via nos seus, não soffria o negocio vagar. O Xequé, como capitão experto, sabendo como na boa diligencia estava a occasião de fazer o effeito a que vinha, e se viesse socorro lhe ficaria em vão, ou por ventura em dano, seu trabalho, tanto apertou

com o cerco por todas as vias, que entrou a cidade, e meteo á espada muita gente e a saqueou de grande despojo, onde o capitão foi cativo com outros muitos fidalgos, e humma sua filha muito fermosa, chamada dona Micia, a qual o Xequé tomou por mulher, e hum filho moço chamado Luiz Guterres. Com esta victoria de tanto louvor e riqueza auida do Xequé, e taõ bem recebida dos mouros, por ser com perda dos cristãos, creceo sua reputaçã em toda a Berberia, com nome de esforçado capitão. O Xarife seu irmão rei de Marroços, estimulado com a inveja deste bom successo, e por hum grande não soffrer outro igual, nem hum rei companheiro em o dominio, dando entrada ao mal que faz estes abalos, começou a gerar odio no coração contra seu irmão, ajuntando-se a isto as mulheres e filhos, começáraõ-se a picar huns com os outros com desavenças e odios particulares e comuns, huns dos bons successos do Xequé, e outros com os desejos de reinar. Com esta emulaçã entre duas cabeças em humma republica, as quaes não podem muito tempo ser conformes, começáraõ os dous irmãos ter receios hum do outro, com perda de conformidade fraternal e uniaõ até a quelle tempo conservada; de maneira que tanto viéraõ a crescer as desavenças, que sendo com publico odio trasidos a manifesta inimizade, começáraõ cada hum a fazer gente e pregoar guerra. Ajuntados os campos d'ambas as

partes, pertendendo cada hum ser universal senhor e rei dos reinos, que ambos igualmente ganharaõ e repartidamente possuirãõ, se viãõ hum contra o outro, até juntarem suas bandeiras imigas nos Montes-Claros, entre Marrocos e Sus; e postos seus exercitos em ordem de cometer (onde o rei de Marrocos trazia deseseis mil de cavallo, e o Xeque quatro mil) deraõ batalha em hum lugar chamado Mozerotam, onde pelejavaõ com mortal odio das invejas, e muito mais pela honra da victoria e premio do imperio, em o qual foi desbaratada o Xarife rei de Marrocos, e elle preso. O Xeque, alegre do seu felice successo e captiveiro do Xarife seu irmão, se tornou a Sus vencedor, com o despojo e gloria da victoria, e com solemne triumpho de suas boas andanças entrou em Trudante metropole do reino e assento de sua corte, onde teve prezo o Xarife sete mezes. O Xarife, vendo-se com afronta do captiveiro, derrubado de sua prosperidade, e sem esperanças de liberdade nem clemencia em seu irmão, determinou pôr sua pessoa em resgate, e commutar a infelicidade presente com a parte dos estados prosperamente ganhados; e vindo a concerto, concluireãõ o Xarife de Marrocos largasse os reinos de Dara e Taflet, com os quais já o Xeque ficava mui poderoso juntamente com o de Sus. O rei de Marrocos como deo os dous reinos desmembrados da coroa de seu imperio, e posto em dezejo da liberdade, se tor-

nou á cidade de Marroços, onde com grande abatimento de honra e reputação, e com sua antiga gloria escurecida, entrou envergonhado e estimulado da consciencia de seus males, com cuja lembrança se achava merecedor do presente infortunio, e temia outro maior e mais severo, soffrendo com animo constante as inconstancias da fortuna e mudanças das infelicidades humanas, companheiras principalmente dos reis, os quais não são isentos de sua juridição, nem estão seguros dos golpes com que derrubão huns, e incertos da força com que levantaõ outros.

*Como o Xeque ouve o reino de Marroços e o de Tremccem. Capitulo XVII.*

Naõ repousava o animo do Xarife, nem podia pacificar as discordias de suas paixoens, que lhe batiam o espirito, pouco antes levantado em pensamentos reais, e mais altos que o engenho humano bem podia alcançar, quando se via em hum vil e infame discredito de vencido, preso e abatido da honra, gloria, estado e riqueza: o qual revolvendo em seu peito estas consideraçoens fortes, a que não podia resistir, levado do odio de seu irmão e inveja de suas felicidades, entãõ se encendia em maior desejo de vingança, sentindo por maior mal viver em esta magoa da gloria alhea, que soffrer a morte propria: e assi depois de elle sêr

resgatado do cativoiro de seu irmão o Xeque, como atraz fica dito, indinado de seu desastre e desejoso de vingar sua injuria e perda, determinou de tornar a tentar a fortuna, varia de sua condiçãõ, com fazer guerra a seu irmão, e refazendo-se de gente e armas em Tafilet, junto de Marrocos, com impeto furioso e quasi alheo da rezaõ, indo-se traz seu dano dar fim ás molestias do coraçãõ, que o affligiaõ com vergonhosos cuidados, ou com morte torpe, ou premio de todo o imperio e gloria, se foi buscar o irmão pera lhe dar batalha O Xeque que não era nada covarde de animo, nem descuidado da disciplina da guerra, provendo-se do necessario pera sustentar os encontros do inimigo desejoso de vingança, não esperou que o Xarife o viesse buscar, nem o achasse despercebido; mas sahindo-lhe ao caminho, com igual ferocidade e tençaõ, se ajuntáraõ os exercitos inflamados com cruel odio, huns em vingar a injuria dada pelo vencedor, outros em vingar a rebelliaõ cometida dos vencidos, e a escaramuça com bandeiras despregadas veio crecer até batalha formada, na qual, como o Xarife ja andasse descahido com a volta da roda fatal, não podendo prevalecer contra seus revezes, foi aqui secundariamente desbaratado de seu irmão o Xeque, e deixando o campo e victoria ao vencedor, se salvou com vergonhosa fugida, não levando consigo senaõ algumas reliquias de seu destroço pera testemunhas de sua

abatida sorte e acusadores de sua obstinada porfia; e assim andou algum tempo absente e escondido com temor, até o Xequê o chamar com segurança de o não offender, antes de que usaria com elle de toda a clemencia. O Xarife vindo diante do Xequê seu irmão, com a humildade de que os vencidos se vestem quando estão desesperados de outro remedio feroz, elle o tratou com muita beninidade e brandura, e pera o quietar lhe deo o reino de Tafilet, onde morasse com suas mulheres e filhos, e com elle sustentasse a dinidade real ja abatida de sua antiga pompa, assim por usar com elle de equidade fraternal, como por temer de se ajuntar com o rei de Féz, se andasse seguido e escandalizado. O Xarife respeitando as mudanças do tempo e a pouca firmeza das prosperidades humanas, contentou-se com a mercê que o Xequê seu irmão lhe fazia, pon-do de traz das costas seus infortunios, com os odios particulares, e dando sepultura ás esperanças da vingança, com esquecimento d'outro tempo mais favoravel. Desta maneira o Xarife se foi pera o reino de Tafilet, e o Xequê entrou em Marrocos e tomou posse d'elle; com cuja prosperidade crescêraõ as invejas delrei de Fez; procurando por todas as vias abater o Xequê de suas felicidades, e ajuntando muita gente armada vêo demandar o Xequê com grande impeto e furia. Juntos os exercitos no rio Morbe, que quer dizer pai de herva, deraõ batalha no valle

d'Ermam, na qual Hamet Almerini rei de Fez foi vencido e preso. Como em Fez se soube o desbarate e prisãõ delrei, logo com muita pressa alevantáraõ por rei seu filho Mahamet Alcari. O Xequê alegre com a prisãõ do rei seu imigo, e parecendo-lhe com elle, como isca, pescaria o reino de Fez, começou a marchar com campo vencedor pera lá, e posto á vista e fala dos muros, lhe mostrava o rei se o quizessem vivo lhe entregassem a cidade e o reino. Alcari, filho do preso, que estava em Fez, teve tal constancia na retençaõ do reino, que mostrou não ser parte a compaixaõ de seu pai nem o temor do povo batido de sobresaltos de adversos successos, pera o largar ao tyrano. O Xequê desenganado de seu desenho, e como nem com ameaços nem bravosidades podia dobrar o animo do rei, se tornou a Sus com o rei de Fez, o qual por elle pretendia. Depois de alguns dias tornande-se a tratar do resgate de rei de Fez, respeitandõ o filho as obrigaçoens paternaes, com sentimento do affrontoso e aspero cativeiro de seu pai, se inclinou a o tirar, por o qual deo ao Xequê a cidade e provincia de Mequinez, que he doze legoas de Fez. O rei Xequê que ja se não quietava se não com ter toda Berberia debaixo de seu ceptro, e elle levantar seu imperio com dominio de todos os reis della, e fazer seu trono crescer e igualar-se com os grandes monarchas, o anno seguinte mandou dous filhos seus ( dos

quais hum se chamava Arram e outro Abducader) a conquistar o reino de Fez, os quais começando a guerra pelos confins do reino, com felices agouros e esperanças de mais felices fins, tomáráõ Alcacere-Quibir, Teguam, e outros muitos lugares, até pôrêr cerco em Fez. Atemorisado ja o rei do poder do Xequê e da furia de seus filhos mancebos, os quais com desejos de gloria juvenil, não aviaõ de afrouxar dos combates até não arrasar os muros, e por força ou partido render a cidade, já enferma na resistencia e muito mais na lealdade, não tendo forças pera vencer os inimigos tão poderosos e vencedores, os quais já lhe tinhaõ occupado o resto do reino, tratou dar a cidade a partido das vidas. Os filhos do Xequê, contentando-se com o successo, chêo de proveito e honra, não duvidáraõ guardar a fé dada aos vencidos, e dando conta a seu pai da sua prospera fortuna, mandou Hamet-Almerini fôsse levado a Marrocos, onde esteve prezo em quanto viveo, e o filho Mahamet Alcarî a Sus, onde morreo. A estes dons e ditosos premios da fortuna do Xequê, alcançados por força d'armas, lhe succedeo largar-lhe elrei dom João terceiro de Portugal, por vontade, Azamor, Çafim, Alcacere-Cequer e Arzila. O Xequê vendo a fortuna armada pera lhe haver as victorias, e metelo pela mão de posse de todos os reinos de Berberia, não quiz engeitar seus favores

sem quanto a via benina, e antes que virasse o rosto a outras partes, como outras vezes de improviso custuma fazer com sua inconstancia, sem aver cousa que a isso a movia, e por não perder tempo, mandou outra vez os dous filhos (os quais eraõ já homens) e com elles o quarto, Abdalá, que era muito moço, pera que nestas empresas começasse a exercitar o animo, o esforço e o corpo na destresa das armas, e nellas se criar capitaõ experimentado, pera ajuda do emparo de seus estados: os quais entrando com muita gente de pé e de cavallo no reino de Tremecem, com bandeiras tyranas e injustas, contra o direito das armas e leis da milicia, e ameaçadoras de occupar o alheo, não podendo elrei Benaseim com os naturais resistir, huns por não confiarem nas forças, outros com medo ou traição se fizeram parciais do Xequé, como communmente acontece em todas as guerras dos reinos visinhos, ouveraõ os filhos do Xequé de entrar pacificamente e occupar todo o reino, tomando posse delle.

*De como os Turcos tomáraõ ao Xequé o reino de Tremecem. Capitulo XVIII.*

Com esta victoria celebrada de contentamento dos vencedores, e dos vencidos com lastimosas lagrimas, dissimulando sua dor verdadeira, e sendo-lhes forçado trocá-la com alegria fingida no triumpho dos princi-

pes estrangeiros, se humilhavaõ a seus mandados, obedecendo á fortuna que de presente lhes apertava os nós de hum certo cativeiro; mas com encobertas esperanças esperavaõ outro tempo mais benino que lhes soltasse a liberdade posta em prizoens. Depois que o Xequé, por mção de seus filhos, rendeo o reino de Tremecem, e o pacificou de algumas alteraçoes nacidas em semelhantes guerras, e posto em ordem o governo, mandou que ficasse por governador d'elle Abdalá seu quarto filho, o qual por ser moço, a rezaõ não tinha tanto vigor de lhe enfrear os appetites, quanto poderosos são os estímulos que os de semelhante idade fazem desviar pelos caminhos mal acertados, sendo mais afeiçoados aos pareceres proprios que aos conselhos dos velhos, começou a brotar fructos pestilenciais e pouco proveitosos á sua pessoa, e muito danosos á republica, e levando os negocios contra pello, dando indulgencias por castigo e rigores pela misericordia, de tal maneira errava a junta a todas as cousas necessarias, que em tudo faltava prudencia e sobejava escandalo: com isto andava o povo assas inquieto pelas insolencias de Abdalá; o qual posto lhe desculpas-se em parte as paixoes da idade desacompanhadas de maduro juiso, não soffriaõ bem a malicia de alguns velhos, executada com o poder e força do mancebo. Os mouros naturais do reino, tendo por grave o jugo desta sujeiçaõ em que estavaõ ao rei tyrano e

estrangeiro, com dominio do imperio conservado dos seus antepassados, fazia-lhe mais pesados serem governados de hum mancebo sem prudencia, prodigo da auctoridade real em vicios, com a liberdade entregue a alguns executores de males; os quaes queixando-se publicamente das offensas recebidas sem serem ouvidos, começáraõ secretamente em os animos molestados procurar o remedio do jugo pesado, com vehemente rebellião e aceso odio de vingança contra os perturbadores de sua liberdade: e com todo o segredo mandáraõ ao rei de Argel (visinho do reino de Tremecem, cujos limites confrontaõ) manifestar as insolencias de Abdalá, e os maos tratamentos que os naturais padeciaõ e prejudicial governo da Republica, com muitas affrontas feitas a particulares, e com isto naõ podendo soffrir jugo taõ pezado, lhe pediaõ o viesse tirar, com a obrigaçaõ de se sujeitarem ao ceptro e obedecerem ás leis do graõ Turco, cujo vassalo o rei de Argel era. O rei de Argel, parte compadecendo-se dos mouros de Tremecem em taõ grave afflicçaõ, parte por se aproveitar da occasiaõ presente e offercimento do reino, naõ engeitou a offerta, antes lhes mandou tres mil turcos, os quaes juntos com os cincoenta mil dos naturais de Tremecem, se rebellaraõ contra o Xequê, e cercáraõ Abdalá seu filho e governador, a quem tinhaõ capital odio. O mancebo animoso nos perigos e ousado em esperar os

encontros da fortuna, com animo assas forte se aparelhou pera o cerco, e esperar os derradeiros fins delle, ou de honrosa victoria ou cruel morte; mas vendo que sem socorro de seu pai não podia perseverar na defensão da cidade, cercada de imigos de fóra, que a batiaõ, e mui arriscada dos moradores de dentro, que a entregariaõ com traiçaõ, mandou com muita pressa a Marrocos dar conta ao Xequé seu pai do estado presente, e receo mortal de infamia, se logo o não socorresse. O pai posto em cuidado pelo perigo do filho, e indignaçãõ do povo rebelde offerecido a outro senhorio, com toda a diligencia mandou ajuntar gente e muniçoens, e fazendo capitaõ della a seu filho Abducader, o mandou socorrer Abdalá. Os turcos cercadores, sabendo com Abducader se vinha com grande pressa chegando com seu exercito embravecido com justas causas de vingança, temendo ficar cercados em mão de dous valerosos irmãos, avido concelho, alevantáraõ o cerco e se retiráraõ a Argel sem effeito algum, corridos do pouco esforço que tiveraõ em cometer e muito medo em fugir. Acambei, natural de Argel, homem dotado de autoridade e esforço, afrontando-se do nenhum effeito dos turcos em Tremecem, onde aviaõ diminuida muita da reputaçãõ ottomana, escurecendo-lhe o seu nome temido em todas as partes do mundo com illustres victorias, ajuntou tres mil turcos pera tornar novamente á empre-

sa que os turcos vergonhosamente deixáraõ, pera restituir esta quebra, e aventurar-se a aver o reino de Tremecem, que estava com as portas abertas; o qual entrando pelo reino com favor de muitos dos naturais, fazendo corpo de grande exercito, foi dar batalha a Abducader e Abdalá, filhos delrei Xequê, a qual foi taõ perfiada pelo valor dos capitaens e odio comum e particular dos soldados, que ouve de ambas as partes hum mortal estrago de corpos, com assas esparzimento de sangue, onde tambem foi morto Abducader, e sua cabeça levada a Argel. Abdalá encomendando a saude de sua pessoa á ligeireza do seu cavallo, com alguns poucos que o seguiraõ até Fér, escapou fugindo, e o seu campo ficou desbaratado, a victoria nas maõs dos turcos e de seu capitaõ Acambei. Com esta rota dos filhos do rei Xequê, e com a morte de Abducader esforçado capitaõ, tomáraõ os turcos posse do reino de Tremecem, donde nunca mais foram lançados, o qual até hoje pacificamente possuem. O Xequê sentindo muito a perda do reino e muito mais a perda do filho, em cujo esforço sómente avia esperanças de o recuperar, acabou de todo de perde-las de o tentar, sobrevindo a morte do outro filho Arram, o qual dahi a quatro mezes morreo de enfermidade natural, e a confiança de sua vida, antes posta em tres filhos que a defendiaõ, ficou sómente em Abdalá inda mancebo, por os mais filhos serem mininos.

*Como Boachum senhor de Beles foi me-  
tido de posse do reino de Fez, e o  
Xeque desapossado delle. Capi-  
tulo XIX.*

Porque o Xeque, como tomou o reino de Fez, desterrou o rei pera Marrocos e o filho pera Sus, onde acabárão com infame morte de cativeiro, como atraz fica ditò, e cortou a cabeça a alguns alcaides por aquietar as alterações alevantadas, Boachum senhor da cidade de Beles (o qual imprpropriamente se nomeou rei della, por ser parente e da casa do rei de Fez) temendo que a tirania que o Xeque tinha usado com os outros, a experimentaria tambem nelle, com muita brevidade fugindo se passou a Espanha, e sabendo como o emperador Carlos quinto, a cujo emparo se acolhia, estava em Alemanha, se foi a elle pedir-lhe ajuda e favor pera lançar o Xeque fóra do reino de Fez, que o havia tomado por força contra o direito das armas, o qual elle pertendia por ser parente mais chegado dos reis de Fez. O emperador como naquelle tempo andava occupado com guerra dos Luteranos, e estava á vista da dos Turcos, com assas afflicção das republicas, temporal e espiritual, com a incerteza do successo das armas dos imigos, não lhe deo esperança alguma de sua pertençaõ. Elrei de Beles, vendo-se enganado do Emperador com tão justa re-

zam, parecendo-lhe que em Portugal acharia o remedio desejado, veio-se com a mesma petição a elrei dom Joam o terceiro; e depois de lhe dar extensa conta dos negocios de Africa, e poder do Xequé, como hia alevantando-se sobre todos os reinos de Berberia, e segundo crecia na prosperidade com felice successo das armas, se esperava de cedo render toda a Africa, e depois alevantar a cabeça sobre Espanha, começando pelas fortalezas fronteiras de Portugal, cujas forças aos reis d'elle igualmente relevava abater, por tanto lhe pedia favor pera sua empresa, por ser a necessidade commum a ambos. Elrei advertindo a tão ardua empreza, como era tirar o reino de Fez ao Xequé, já tão poderosó e sobre tudó venturoso, escusou-se do principal, mas não em todo; e parecendo-lhe ser decente á dinidade real dar o favor possivel aos estrangeiros, que se vinhão pôr debaixo do seu emparo, e não o negar ainda aos barbaros, em outras guerras imigos, mandou armar alguns navios que o levassem á sua cidade de Beles. Boachum (o qual era torto de hum olho) como tivesse muita ambição em dezejár maiores estados, e animo esforçado em os cometer, como esteve em Beles foi a Argel, na era de 1553, tentar o rei d'elle com offerecimentos de grande copia de dinheiro e ventagem das pagas dos soldados, se o ajudasse a metter de posse do reino de Fez, que lhe era devido por direito de herança. Sale-Arraiz rei

de Argel (o qual havia sido creado de Barba-  
 roxa, o mais velho, que primeiro foi rei de  
 Argel) movido com o interesse que Boa-  
 chum lhe promettia, e por o caso esperado,  
 se tivesse victoria, de os naturaes do reino  
 de Fez lho pedirem, deo palavra e contra-  
 tou com Boachum de o hir ajudar e metter  
 de posse. E fazendo logo a gente necessaria  
 a esta empreza, posto em campo começou  
 elle mesmo em pessoa a marchar pera Fez,  
 levando em sua companhia elrei de Beles.  
 O Xequé que nunca consentio buscarem-no  
 em sua casa, por não deixar entrar os Tur-  
 cos dentro nos reinos de Fez, onde os natu-  
 raes lhe podião fazer alguma treição, os  
 veio esperar aos confins do reino, onde se  
 vinhão chegando. Os quais pondo-se com  
 seus exercitos armados huns á vista dos ou-  
 tros, junto da cidade de Tega, despregadas  
 as bandeiras e tocados os tambores, não que-  
 rendo cada hum dilatar a gloria da victoria  
 esperada do imigo, remetterão os exercitos  
 com altas gritas, e travando-se a batalha  
 com igual odio e cruel estrago de ambas as  
 partes, houve a victoria de inclinar-se á par-  
 te dos Turcos, e o campo do Xequé ficar des-  
 baratado e elle fugido. O Xequé ou Xarife  
 (como daqui em diante lhe quizerem cha-  
 mar, por o Xarife seu irmão estar abatido de  
 sua dinidade) não tendo outro remedio mais  
 acomodado á sua saude, metteo-se na cida-  
 de de Fez, aonde se fez forte, com a segu-  
 rança da pessoa, e com grande brevidade e

grandeza de animo se refez de gente e armas, pera tornar a dar batalha aos Turcos, que vinhaõ em seu alcance e já estavaõ ás portas da cidade. O Xarife, como com os encontros das adversidades presentes (quasi companheiras dos grandes reis) não perdeu ponto de extremado capitaõ, como teve a gente em ordem logo sahio da cidade, e com animo ousado, inflamado de desejo de vingança, cometteo os Turcos victoriosos ás portas della. Travada a batalha e ferida de ambas as partes com igual ardor e pertinacia, durou algum espaço sem se conhecer ventagem de alguma parte, até que os Mouros-naturais de Fez (os quaes aborreciaõ o Xarife como tyrano, e amavaõ a Boachum como natural) descobrião a treiaõ secreta, e se passáraõ publicamente á parte dos Turcos. O Xarife, vendo-se com esta mudança inferior nas forças com accrecentamento das do imigo, não podendo soffrer o pezo da batalha, deixou o campo, e fugindo com o filho Abdalá se retirou a Marrocos. Os Turcos, ficando com a victoria e despojo, houveraõ á maõ o thesouro do Xarife (que era hum conto e meio de ouro) com outra muita riqueza que no campo ficára. E como todos os homens sejaõ inclinados a seguir novidades, e principalmente os africanos sejaõ menos constantes em guardar fé e lealdade, e facilmente se dobrem a tentar novas fortunas, logo alevantáraõ a Boachum, e lhe deraõ obediencia, como a rei na-

tural, e aos Turcos se pagou o dinheiro promettido, com outras muitas dadivas dos naturaes, por não saquearem a cidade; com o qual carregados de riquezas se tornáraõ a Argel, deixando a Boachum rei em posse e entregue do reino.

*Como o Xarife velho rebellou, e o Xarife seu irmão o reduzio, e tornou a tomar o reino de Féz. Capitulo XX.*

Em quanto estas cousas se inovavaõ em Berberia, com assas esperanças de novas mudanças, nas quais a fortuna tinha supremo poder pera abater ou alevantar a parte a que se inclinasse, sem seguir a ordem da razaõ ou justiça, estava o Xarife velho de palanque, vendo e esperando o successo das cousas, experimentadas ás custas alheas, e medindo suas infelicidades com a constancia do tempo; e tanto que vio o Xarife seu irmão desbaratado na batalha de Féz, e lançado fora do reino por Boachum com ajuda dos Turcos, e ja quebrado das forças e com outro novo imigo, parecendo-lhe tempo de descobrir o odio e inveja recosida em seu peito, determinou invocar a fortuna com rebelliaõ, e nella tentar algum favor que o tirasse das trevas, onde sua antiga prosperidade jazia sepultada e escurecida, e alevantando-se com o reino de Tafilet, o qual seu irmão lhe havia dado com piedade e clemencia, como atraz fica ditõ, não somente o

naõ quiz reconhecer com obediencia, mas tomar-lhe com armas os outros que possuia. O Xarife Xeque naõ desanimado com as adversidades do tempo ( que nas batalhas he mais bandeiro, e facilmente se torna a reconciliar em huma hora com o primeiro amigo ) como prudente capitaõ determinou naõ deixar crescer as forças dos imigos, mas com brevidade cauterisar-lhas; o qual ousadamente, como homem sem medo, que naõ houvesse perdido ponto de sua prosperidade e forças, ordenou logo dous campos, hum delles entregou a seu filho Abdalá, com regimento de hir sobre Féz reconhecer os desenhos do rei, e dividir as opinioens dos vassallos, com animos duvidosos e suspensos nos successos das cousas, e naõ cometesse a batalha, antes a andasse entretendo e differindo, até elle lhe dar aviso e mais forças. O mesmo Xarife se foi com outro exercito castigar a rebelliaõ do Xarife seu irmaõ, que estava alevantado com o reino de Tafilet, e entrando pelo reino com seu exercito ameaçador de vingança, naõ se atrevendo o imigo a espera-lo em campo, fez-se forte dentro na cidade, parecendo-lhe poder-se ali defender com o amparo dos muros. O Xarife Xeque cheo de animo esforçado, como sempre foi, e de indignaçã da injusta rebelliaõ de seu irmaõ, cercando a cidade lhe deo muitos assaltos, pelejando em os muros com muitos encontros de igual sorte por hum mez inteiro, até entrar a ci-

dade á espada , com sacco geral . é prisaõ do  
 rei Xarife , o qual consigo trouxe prezo  
 posto em estado mui baixo e vergonhoso ,  
 com que acabou seu imperio e gloria , em-  
 prestado por pouco tempo da maõ da fortu-  
 na , a qual a modo de figura d'auto o ves-  
 tio em pompa real , e lhe mostrou o cume  
 das bemaventuranças humanas , pera com  
 maior escarneo o despojar dos bens sem ti-  
 tulo , e o derrubar a mais baixo lugar que  
 antes o alevantára , dando com esta incons-  
 tancia e zombaria exemplo e documento ao  
 mundo quaõ pouca firmeza tem suas prospe-  
 ridades , e quaõ pouco se haõ-de estimar suas  
 glorias , por as quais os engenhos mais subli-  
 mados (naõ sei porque fados enganados e  
 escurecidos) mais se disvelaõ e com incons-  
 tancia buscaõ , com comutaçaõ dos bens do  
 ceo , dos quais facilmente se esquecem com  
 lembrança e cuidado destes taõ enganosos ,  
 naõ temendo soffrer trabalhos , nem pasar  
 perigos do corpo , nem maculas da alma por  
 os alcançar : e assi foi levado a Marrocos on-  
 de depois foi degollado com seus netos ,  
 do alcaide Ali-Ben-Bucar , como abaixo se  
 dirá . Abdalá hindo com a ordem do Xarife  
 seu pai correr a Féz , ou por passar seus  
 mandamentos com temeridade de moço , ou  
 por naõ fugir á sagacidade do rei velho ,  
 vieraõ a batalha , em a qual Abdalá foi  
 desbaratado e se recolheo em Marrocos , e  
 Boachum com victoria em Féz . Abdalá ,  
 mais acompanhado de esforço que venturo-

so nas armas, tornou a reformar seu campo em Marrocos, e com muita prestesa se foi ajuntar com o Xarife seu pai. Juntos o pai e o filho com os dous exercitos, vendo-se com bastantes forças pera pelejar com o rei de Féz, e evitarem as traiçoens domesticas dos naturaes, lhe viéraõ talhar os campos, roubar os gados, queimar os paens, até o provocar a batalha, o qual como não era pusillanimo, não se espantava com a bravosidade do Xarife, nem do furor de suas vinganças, antes tendo-o em pouco pelas victorias alcançadas d'elle e do filho, alevantado em confiança e soberba de hir pelejar com dous capitaens, que tinhaõ assombrado Africa com armas e ambos vencidos d'elle em diferentes batalhas, não dilatando tempo, com animo feroz os cometteo. Começada a batalha com animos obstinados de morrer ou vencer, lidando cada hum pela vida e honra e reino, esforcavaõ aos seus soldado ora com palavras cheas de esperanças de victoria, ora com exemplos de esforço pera os animar a não afrouxarem, e ferindo-se com odio capital, vêo a victoria a inclinar-se pouco a pouco ao Xarife, ficando senhor do campo com desbarate do exercito e morte do rei de Féz, o qual acabou sete mezes depois de ser alevantado rei. O Xarife contente com a victoria, com a qual ganhára hum reino taõ opulento e honrado, e matára hum imigo taõ forte, com que ficava pacifico e livre dos temores, assim d'imigos

estrangeiros, como dos insultos dos naturais, entrou na cidade, mandando degollar alguns sediciosos e outros, que lhe haviaõ feito treição na batalha, que antes tivera com o rei de Féz, quietou as alteraçoes e deixou seu filho Abdalá por governador e jurado principe herdeiro dos reinos de Berberia, e o Xarife se foi a Marrocos.

*De como o Xarife foi morto pelos Turcos.  
Capitulo XXI.*

Tais saõ as leis da fortuna, que naõ se obrigando por alguma a ter amizade com os estados, nem guardar lealdade ás pessoas, mas com inconstancia e variedades quasi a caso favorecer huns e perseguir outros, e a hum mesmo homem em diferentes tempos mostrar-lhe humas vezes rosto benino e outras imigo, faz todas as suas prosperidades e glorias mudaveis, sem firmeza alguma, com infamia de caducas; porque favorecendo communmente ao Xequé, pera de leves principios chegar a grande imperio do senhorio de Berberia, ganhada com valor d'armas e esclarecidas victorias, e alcançando nome de famoso monarcha, vir a ser senhor de grandes reinos, e pôr debaixo de seu ceptro sogigada toda Berberia, á força de armas e insignes victorias, como o pôz no cume da prosperidade humana, envejosa de sua bemaventurança lhe deo de maõ com risinho escarneo, e o fez cair no profundo das mi-

serias, com mortal fado, não se correndo de sua pouca verdade. Urdindo pois ella a infelice morte do Xarife, a ordenou por este modo: estando o Xarife na cidade de Marrocos, prospero com as suas boas andanças, e pacifico com as victorias havidas de seus inimigos, repousando dos trabalhos e gosando da gloria que possuia, sendo seu nome celebrado pelas grandezas de animo liberal, fazendo mercês a muitos com magnificencia real, movido desta fama Alcaidacem, arrenegado que estava em Tremecem por capitação de huma bandeira de soldados turcos, se foi com elles a Marrocos a servir ao Xarife. O rei sabendo de sua vinda e determinação, e como vinha convidado de sua fama e grandeza, os recebeu alegremente com muitas mercês e dadivas, assentando-lhe o soldo avantejado, servindo-se delles de sua guarda: outros Turcos derramados por differentes partes de Berberia, informados do honroso tratamento e favor que o Xarife fazia aos que se fôrao a elle, ajuntando-se com Alcaidacem chegárao a fazer numero de oitocentos; mas como desta valia dos turcos nacesse grande inveja aos mouros naturais, por se verem preferidos nas honras e mercês dos estrangeiros, dando pouco a pou-entrada a este prejudicial veneno, fôrão em breve tempo corrompidos de mortal odio, procurando semear zisanias de desconfianças entre elles, com que seus animos fossem divididos e a valia dos turcos affloxasse, e

finalmente fechassem as portas a suas valias confiadas; e procurando fazer estas discordias por todas as vias, esperavão tempo conveniente e occasiã arresoada como inimis-tassem o rei com os turcos, ou os turcos com o rei. Neste tempo, quando a inveja e odio andavaõ mais accesos entre hunos e outros barbaros, succedeo hir o Xarife visitar o reino de Sus, e com sua presença alimpar a republica de alguns insultos particulares, se os houvesse, e dar leis publicas de bom governo, e hindo acompanhado de dez mil mouros de cavallo, juntamente levava os turcos consigo, aos quais era entregue como d'antes a guarda da pessoa real, com os favores e mercês acostumadas. Os mouros vendo o tempo aparelhado para pôrem em effeito o que traziaõ meditado em seus peitos, lançaõ manhosamente fama (sem darem auctor della) que o Xarife levava os turcos a Sus para lá, com quebra de sua fé, os mandar matar por se temer delles, e por os assegurar com enganos os andavaõ entretendo com caricias e honras, com animo sugaz e fingido; da qual novidade achando-se os turcos confuzos, por a consciencia de sua lealdade, sem acharem em si merecimento de tal treição, não despresando estes avisos, e discorrendo a fama em diferentes partes, vendo algumas apparencias de poder ser pelo odio que os mouros lhes tinham, temerosos de esta voz ser presagio de seu dano, todavia começãõ dar credito

As suspeitas, que com a fama creciaõ. Os  
quais, avisando-se huns aos outros com ani-  
mos duvidosos, como naõ deviaõ ter em  
pouco negocio de cujo remedio dependia a  
sua saude e vida, houveraõ conselho do mo-  
do que teriaõ em se assegurar do perigo a  
que estavaõ arriscados, e naõ achando outro  
com que pudessem escapar, postos dentro no  
coraçãõ de Berberia, donde a fugida era  
impossivel, nem a verdade poderia em tais  
rumores ser sabida, determináraõ commutar  
suas vidas com a do rei e dos mouros, pera  
o que assentaraõ de improviso saltar o Xa-  
rife e mata-lo, e logo dar nos mouros des-  
cuidados da treizaõ, e pôlos em desbarate;  
õs quais espiando occasiaõ e tempo, estando  
o Xarife mui alheo da tençaõ que a fãlsa  
fama publicava, e descuidado da treizaõ por os  
turcos urdida, hindo caminhando pelo reino  
de Sus, alojou-se hum dia de grande calma  
em o campo junto de Alchera ( lugar antes  
de pouco nome, e agora pela morte do Xa-  
rife de nome mui famoso ) estando elle pela  
sesta recolhido na sua tenda repousando,  
com os turcos que lhe tinhaõ ordenado a  
morte em sua guarda, e os mouros dormin-  
do em differentes partes pelo campo, alheos  
do castigo de sua malicia, com os cavalloõs  
huns desenfreados, outros pascendo despeia-  
dos das armas, foi dado aviso entre os tur-  
cos como entãõ era o tempo que promettia  
o effeito de sua barbara tençaõ, e tendo ja  
entre si tratado do comettimento, ordenáraõ

dous soldados huma briga fingida, com queixumes publicos hum contra o outro dignos de castigo, e fingindo hirem-se queixar ao Xarife, que com authoridade determinasse a discordia entre os querellosos, caminharão pera a sua tenda com as espadas desembainhadas : os mouros tendo ja costume de ver entrar e sahir os turcos facilmente na tenda do Xarife, pelos favores costumados, e sua pessoa estar comettida na guarda delles, não houveirão por novidade aquella maneira de entrada, nem se advirtirão na treição. Os turcos como hião ja apostados e conformes ao effeito que determinavaõ, em entrando pela porta sem pessoa alguma lho contradizer, com o impeto que levavaõ, sem darem lugar a desculpas nem resistencia, de improviso lhe deraõ cruel morte e lhe cortaraõ a cabeça, e levantando-a na ponta de huma espada por sinal dado aos outros turcos, ja postos em armas e determinados á mesma sorte, com subita grita e pressa não cuidada se derramáraõ pelo alojamento dos mouros, bem descuidados do perigo e treição, e começáraõ a ferir e matar cruelmente, com tanto furor, que não havendo nos mouros acôrdo de se defender, nem aparelho, fizeraõ cruel estrago nelles com salvaçaõ de poucos, e logo com a mesma presteza com que matáraõ o Xarife e mouros, começáraõ marchar a Trudante, principal cidade do reino de Sus, e muito rica e forte, e chegados elles primeiro que a fa-

ma, fôraõ recolhidos dos naturais com animo pacifico e amigo , tendo-lhes a ignorancia do caso incoberto o seu perigo, e com o mesmo furor barbaro, e as espadas tingidas do fresco sangue, renovárão outro cruel estrago, pondo a cidade a espada e sacco até fartarem o acceso furor da vingança, ja mais como meio de salvar as proprias vidas, que com odio de tomar as alheas.

*Como Abdalá foi alevantado rei de Berberia por morte do Xarife seu pai, e os turcos que o haviaõ morto foraõ desbaratados. Capitulo XXII.*

Com estes novos tumultos e caso naõ cuidado, estendendo a fama suas velozes azas, e alevantando o som de suas sonoras vozes, foi ouvida de improviso dos lugares mais visinhos, e accrecentando-a mais com seus vôos, em breve tempo encheo toda a redondeza da terra, com grande espanto do espectaculo que atraz deixava e hia denunciando: por onde Abdalá, que já estava jurado principe de Berberia, e era governador do reino de Fez, sendo informado da infelice morte do Xarife seu pai, logo foi alevantado rei de Berberia, e tomou posse do imperio com a mesma grandeza e estados que herdou. O qual como assoçegou a republica, e pôz ordem no governo que não houvesse alguma alteraçãõ, se foi a Marrocos, pera com sua presença quietar os povos e

tomar posse do reino, recebendo tambem a devida obediencia, a qual lhe foi dada sem contradicção. E por que o Xarife teve oito filhos, o primeiro Mahamet-Arram, o segundo Abharranca, que fallecêraõ de enfermidade natural, o terceiro Abducader, que foi morto em Tremecem na batalha dos turcos, como atraz fica dito: estes tres morrêraõ em vida do xarife seu pai: o quarto foi Abdalá, o quinto Agximen, o sexto Abdelmumim, o septimo Mulei-Maluco, que deo batalha a elrei dom Sebastião, o octavo Mulei-Hamet, que reina hoje em Africa e que succedeo a Mulei-Maluco seu irmão: e como Abdalá era filho mais velho dos que eraõ vivos, foi alevantado rei na era de 1566, o qual tomou por alcunha Xarife, assim elle como todos os reis seus antecessores, por rezaõ de seu tio e pai serem os primeiros reis de Berberia; e procederem por linha direita da parte dos Xarifes netos de Mafamede; do qual não ficou mais que Fatima sua filha, que casou com Alí primo-com-irmão do mesmo Mafamede, dos quais nascêraõ Acem e Ocem que se chamarão Xarifes, como vemos os emperadores romanos chamarem-se Cesares por Julio Cesar seu primeiro emperador, e os reis turcos ottomanos, por descenderem de Ottoman primeiro rei delles. Tanto que Abdalá foi alevantado por rei e obedecido dos povos, depois de enxugar as frescas lagrimas da infelice morte de seu pai, incendi-

do com grande furor de ira, não guardando pera outro tempo a vingança della, determinou logo de a mandar executar, e por elle estar occupado nos primeiros fundamentos de seu imperio, e por sua pessoa se não macular com o espargimento de sangue, inda que culpado, mandou seu irmão Agximen, que estava por senhor de Tudella, e a Ali-Ben-Bucar, mordomo-mór do Xarife seu pai, que fizessem gente e junções em hum corpo fóssem a toda a pressa cercar os turcos homicidas, que estavaõ fortes em Trudante, e com cruel furia e mortal estrago lhes dessem o castigo do atrevimento e crime de Lesa-Majestade. Agximen, a quem tambem cabia igual magoa daquelle successo, não o soffrendo com animo saõ, mas estimulado d'apetite de vingança, applicou os exercitos com muito pressa, e entrando no reino de Sus, guiados a Trudante, onde os turcos se tinhaõ feito fortes, em chegando logo cercáraõ a cidade batendo-a por muitas partes, ora com assaltos dos soldados escalando os muros, ora assestando nelles artilharia, e usando das mais maquinas, pera effeito da entrada e executar a furia com que hiaõ. Os turcos defendendo-se valerosamente, sem terem outra esperança de vida senaõ as armas e peitos, quando os muros lhes faltassem, resistiraõ ao poder e odio dos mouros todo o possível, apostados a venderem suas vidas por morte de muitos: mas em fim, ou por não poderem soffrêr os combates continuos,

ou quererem antes provar a sorte em campo, que encerrados na cidade serem tomados ás mãos, sem se poderem ajudar de seus esforços e obstinação, sahiraõ fora das portas, onde se travou huma cruel e mortal batalha, com igual esforço, ajudado da furia de cada parte, porque os mouros accesos do furor da vingança da morte do Xarife e seus parentes, e os turcos desesperados d'outro remedio com que pudessem salvar as vidas, cada hum sem temor do perigo punha a salvação na victoria; pela qual causa a batalha foi grandemente perfiada, com cruel estrago de mortos: mas como os mouros tinhaõ maiores forças sem comparação, a quem ajudava a justa causa da vingança, e a dor de seus pais e filhos e principalmente de seu rei, apertando com os turcos, fôraõ carregando sobre elles com furioso impeto, até a victoria se começar a inclinar á parte dos mouros. Os turcos cançados e faltos de socorro, diminuindo-se-lhes cada vez mais as forças, e nas dos mouros não se enxergando falta, começáraõ a enfraquecer nos corpos e faltar no numero, posto que té á morte vendêrão caramente as vidas, de maneira que tanto chegou Agximen com a victoria ao cabo; que não se rendendo com misericordia dos vencidos, nem com crusarem as mãos, com as armas lançadas aos pés dos vencedores, os pôz á espada todos, sem ficar hum só, assim pelo odio que contra elles tinha, como por não poder algum ter remedio de fugida,

mettidos dentro no coração de Berberia, mui alongados dos limites do reino de Argel, onde podião pôr suas esperanças. Com esta victoria e vingança ficou o Xarife Abdalá contente e quieto, assim pela execução do castigo dos turcos, como por não ter inimigos de que se temer.

*Como o rei de Argel vêo sobre Féz, e o Xarife matou dous irmãos, e Mulei-Maluco seu irmão fugio pera Argel. Capitulo XXIII.*

Começando o Xarife a gozar dos proveitos do seu novo imperio, e possuir com páz e repouso suas felicidades, sem perturbaçoens d'imigos o inquietarem, nem contradicção dos vassallos, antes passando os dias em passatempos e festas reaes, Ale-noradim, rei de Argel, filho de Barbaroxa e herdeiro do esforço e ferocidade militar de seu pai, avendo que era obrigação sua possuir os mesmos favores, que seu pai houve da mão da fortuna, pera fazer maior sua fama e estados, movido por odio ou inveja da prosperidade do Xarife, ajuntou hum exercito de turcos, com que foi sobre Féz, com intento de render a cidade e o reino. O Xarife, informado de sua determinação, armou-se com a mais gente que pôde, e trazenda seus irmãos em companhia, lhe sahio ao caminho com animo obstinado de se defender, e offender o inimigo com todo o rigor de armas,

aventurando-se a mudanças e revezes da guerra; e encontrando-se os exercitos antes que chegassem a Féz, animando cada hum seus soldados, huns em defender o seu, outros em ganhar o alheo, viéaõ a batalha campal, em a qual, succedendo a ellei de Argel infelizmente seu comettimento, foi desbaratado, e com perda do campo e bagagem se retirou, e com perigo se recolheo ás serras de Beles; onde se pôde salvar, e castigado de sua temeridade com desengano, certo que as victorias muitas vezes não se entregão aos mais fortes, nem ha sinal por onde se conheçaõ, se não pelo estrago dos vencidos, não curando de mais perfia, se voltou cheo de medo e vergonha a Argel, com perda do seu exercito: e não tendo Abdalá por seguro seu imperio em quanto houvesse animo capaz de tal grandeza, esquecido do amor fraternal e serviços recebidos de seu irmaõ Agximen, valerozo e esforçado capitão, com cujo braço fôra sempre Berberia conservada, e por seu esforço e outros dons naturaes, era digno d'outra maior monarchia, com incrível amor dos nobres e soldados, não havendo causa justa o mandou matar, e segundo se presumio, por inveja de o ver crescer em muita reputaçãõ, e ser muito acceto ao povo por sua affabilidade e outras virtudes. E por que o Xarife quiz tornar a Marrocos, onde fazia sua habitaçãõ e tinha a corte, pera não deixar o reino de Féz desemparrado de quem o de-

fendesse com armas dos inimigos, e o conservasse em paz com os moradores de dentro, deixou por governador a seu irmão Abdelmumim, e em sua companhia Mulei-Maluco, ainda moço, pera que com authoridade das pessoas reaes a republica ficasse melhor emparada, e com sua presença os naturaes não fizessem algumas alteraçoes. Abdelmumim e Mulei-Maluco, posto que seu irmão os deixasse em hum cargo tão honrado, entendendo suas perversas inclinaçoes, cheas de invejas, sem fé nem amor, não se fiando d'elle, temendo de os matar, como fizera a seu irmão Agximen, fugiraõ pera o reino de Tremecem, no qual havendo-se Abdelmumim por seguro de barbara e mortal furia do irmão, mandou seu irmão Mulei-Maluco a Argel e da hi a Constantinopla, haver do Solimaõ, imperador dos turcos, cartas de favor pera seu irmão desistir do odio, que contra elles ambos tinha concebido, e lhes dar alguns estados onde vivessem conforme as calidades de suas pessoas: o qual fazendo sua viagem com prospero fim, mostrando-se Solimaõ favoravel aos mancebos desterrados, e inclinado a seus rogos, com palavras brandas e cortezes escreveu ao Xarife, rogando-lhe quisesse desaggravar seus irmãos, e recebe-los ao seu amor, e dar-lhes do patrimonio real algum estado, com que se sustentassem, como filhos de seu pai. Abdalá tendo muito respeito aos rogos do Otomano, por virtude ou vergonha, deo aos

dous irmãos o reino de Tafilet, pera o qual logo fóraõ contentes e satisfeitos, sem esperança de outra mais alta fortuna; mas não se arreigando esta conformidade no animo inflamado e duvidoso do Xarife; buscando logo alguns motivos de discordias, com apparencias de alguns queixumes dos mancebos innocentes e agradecidos, vêo a quebrar amizade com elles, e tomando armas com pregaõ de guerra, foi contra elles com exercito ameaçador de morte; os quais não podendo resistir, nem acharem nelle entranhas de reconciliação, deixáraõ o reino, e se tornaraõ a Trémecem, onde Abdelmumim ficou, e Maluco se tornou a Constantinopla justificar sua innocencia ao Ottomano; mas o Xarife, manifestando mais o zelo que os irmãos receavaõ e de que fugiraõ, teve maneira, dahi a quatro annos, de atraçoadamente mandar matar em Trémecem Abdelmumim. Mulei-Maluco, vendo como o odio do Xarife seu irmão os hia ainda perseguindo em reinos estrangeiros, e Abdelmumim lhe não pudera escapar, não tendo sua sorte por mais segura, e que no mesmo perigo ficava sua pessoa, por se assegurar não tornou mais a Berberia; o qual como era moço de muitas esperanças, e dava claros sinais de grandes virtudes de animo real, acompanhadas de nobres e excellentes manhas, aprendidas por arte, e juntamente por sua suave conversação, chea de muita discreção e afabilidade, foi mui bem tratado

por todas as partes por onde andava, e começando-se a metter no serviço do Graõ-Turco, dava-se muito a conhecer nos feitos das armas por sua pessoa, até seu nome chegar ao Ottomano, com estima de valor; o qual pera que ao diante pudesse justificar sua causa, e accrecentar os merecimentos da petição que pretendia com o Ottomano, metteo com muito zelo desoito annos em seu serviço, em muitas armadas e batalhas, entre as quais se achou na naval, que perdeu Ali-Bachá e ganhou dom Joam d'Austria, onde hia por capitão de huma galera, em companhia de Alichiaá, visorrei de Argel, e por a mesma maneira se achou soldado na tomada da Goleta. Neste tempo em que o Maluco andou na conversação dos turcos e corte de Constantinopla, discorrendo por outras partes, onde havia homens de todas as naçoens, por sua curiosidade e grande habilidade procurou assinalar-se em todas as manhas ditas de excellentes principe: o qual, adestrando-se em todo o genero d'armas, as executava de maneira em as batalhas publicas e brigas particulares, que nada lhe faltava de valeroso soldado. Alem disto, sabia fazer espingardas e bombardas, e carrega-las taõ bem como qualquer official mecanico, que o muito usasse, apontando com ellas, e assestando-as com melhor ordem e arte que todos os bombardeiros, e era Mulei-Maluco de tanto engenho, que aprendeo a lingua Turcesca, Latina, Italiana,

Franceza e Espanhola, lendo e sabendo muitas historias nellas escritas, em que apreheo muita discriçaõ e primor de palavras e cortezias, dinas de hum principe mui cortesaõ; mas por que lhe não ficasse alguma manha que não tentasse aprender, deose á poesia, e em as linguas que tinha sabido fazia muitos versos e sonetos de muita suavidade de palavras e gravidade de sentenças, acrescentando a isto ser muito musico, dançador, tangedor de tecla, de viola e alaúde, com outros instrumentos que os christãos usaõ, fazendo-o com tanta arte e melodia, que punha espanto a toda Berberia, por nissõ fazer ventagem a todos os mouros, pouco acostumados a estas artes. E por que não pareça que por o odio que este principe merce á naçaõ Portugueza, por o dano que lhe tem feito, e ja de seus antepassados nacro, por a disparidade das religioens, lhe quero calar os louvores de sua pessoa, não deixarei, alem do dito, de dizer o que d'elle se sabe; que era por extremo avisado, affabil na conversação com os homens de todas as nações, principalmente com os cristãos, por achar nelles os entendimentos mais claros e a conversação mais primorosa: cujas partes naturaes se podem com olhos cristãos chorar, derramando lagrimas de compaixão, em poder tanto a cegueira do entendimento deseparado do lume da fé divina, que não pudesse conhecer os erros tão danosos á alma, nem as tre-

mas tão escuras do error de seus costumes, com que o misero homem, ornado de tantos dotes naturais, carecesse dos espirituaes, pe-  
 ra eterna condemnação; quanto mais que alem dos erros do entendimento, não careceo de outros horrendos vicios, que lhe escurecêraõ toda a gloria de suas habilidades; por que alem de ser sugeito ao vicio nefando de sodomia, o era tanto ao vinho, que muitas vezes perdia o juizo, usando neste tempo de mil crueldadés; mas como era de branda condicão, sabendo quão prejudicial era nelle a torvação do vinho, mandou a seus officiaes que no tempo que elle estivesse alienado, se não executasse cousa que elle mandasse.

*Como Mulei-Maluco houve do Graõ-Turco ajuda pera se metter de posse de Berberia, nos reinos de seu pai. Capitulo  
 XXIV.*

Neste genero de desterro, em que Mulei-Maluco andava, cobrindo os espiritos reaes com a fortuna de hum soldado raso, nunca tirou as lembranças das injustiças e tyranias de seu irmão o Xarife contra seus irmãos, e a perseguição com que o desterrára da patria onde nasceo, fóra dos reinos de seu pai, despojando-o do patrimonio devido de direito; e assi de continuo andava accrecentando merecimentos, e buscando valias pera haver ajuda e favor do Ottomano, a quem

servia, para effectuar seu intento de occupar os reinos de Berberia: e por que a substancia dos bons despachos dos principes communmente depende dos privados e validos, a cujas petições facilmente se inclinaõ, havendo que he grandeza real comprazer com mercês aos nobres, grangeava elle com muito cuidado a Alichiali-Bachá, pór ter grande authoridade e valia com o Ottomano e para o mais obrigar, todas as vezes que se offerencia, era seu soldado, e o acompanhava e servia por o fazer seu acceito, e se ajudar de seu favor, até vir a alcançar com elle graça e amisade intima e particular, e lhe dar attenta audiencia a seus requerimentos, com grandes esperanças de favor. Neste tempo morrendo o Xarife Abdalá em idade chea de annos e prosperidades, com paz e socego de seus reinos, deixou por herdeiro Mulei-Hamet, seu filho mais velho, bastardo, nascido de huma escrava preta. Mulei-Hamet, o ultimo irmão de Mulei-Maluco e filho do Xequé, como vio Abdalá morto, que era de muito esforço e authoridade, e alevantado rei, a Mulei-Hamet seu filho, homem de poucas esperanças, e não muito acceito ao povo, por seus fracos espiritos e muitas tyrannias e crueldades que usava com o povo, degollando muitos alcaldes, e por outras rezões, temendo-se tambem de o mandar matar, com temor de favorecer as partes de Mulei-Maluco seu irmão, de quem o Xarife se temia, nego-

ciando, da melhor maneira que pôde, seu dinheiro (que foraõ seiscentos mil cruzados) se acolheo secretamente a Argel. Mulei-Maluco (a quem o irmão mandou novas de sua vinda e da morte do Xarife Abdalá, e do novo rei seu filho Mulei-Hamet) se alegrou em grande maneira por as occasiões que se lhe offerenciaõ, assim do pouco esforço do novo Xarife, como do dinheiro que seu irmão lhe offerecia, com o qual poderia facilmente ser ouvido em seus requerimentos e favorecido em suas pertençaõs, pera quebrar as fechaduras do reino africano; do qual intento e estado das cousas dando conta a seu amigo Alichiali (principe do mar por morte de Ali-Bachá, na batalha naval em que ddm Joã d'Austria foi vencedor) privado do turco, lhe pedia com muita instancia o favorecesse em lhe darem ajuda de gente e armas pera ser restituído em os reinos de Berberia, que pretendia haver por direito de herança, e com isto, peitando largamente ao Alichiali e outros validos, do dinheiro que o irmão Mulei-Hamet havia trazido, vêo a ser ouvido e alcançar graça com o Ottomano e mais Bachás, e lhe outorgáraõ a ajuda que pedia, com certas condições honrosas, as quais eraõ, que o Maluco ficasse tributario ao Turco em cento e cincoenta mil cruzados cada anno, e as moedas que se batessem fossem cunhadas com as armas do Turco, e lhe desse Lache e os mais portos de mar que elle qui-

nesse fortificar, e os cacises nas mesquitas, nas colletas que costumão fazer pelos seus reis, nomeassem o Ottomano como principal rei e senhor de Berberia: das quais condições o Alichiali ficou fiador, pela muita amizade que tinha com Mulei-Maluco. Feito o contrato, assinado com as mais solemnidades necessarias, passou o turco provisoes a Abrandan-Bachá visorei de Argel, que logo fôsse com Mulei-Maluco, e o mettesse de posse, com paz ou com guerra. Mulei-Maluco, que não dormia na negociação e industria destas pretensões, como houve as provisoes se vêo a Argel, e apresentando-as ao visorei, o começou de grangear e peitar e aos mais capitaens, pera fazer seu negocio melhor, e os ter mais favoraveis e promptos na jornada, e sollicitando os mandados do Ottomano, e espertando o visorei, pedia com instancia accelerasse a viagem, e escolhesse e assinasse os soldados pera sua entrada em Africa. Na mesma jornada vinha tambem Chaiá, alcaide andaluz, que fôra por embaixador dos Mouros de Granada, quando se alevantáraõ, a pedir socorro ao graõ Turco: mas por que, no tempo que Chaiá andava em Constantinopla em seu requerimento, teve nova de os mouros serem entrados e rendidos, com morte e cativeiro geral, havendo por escusado seu requerimento e não ousando tornar a Granada, teve estreita amizade com Mulei-Maluco, e o seguiu na jornada por seu mordomo-mor, em

cujo officio parmaneeo em quanto Mulei-Maluco viveo.

*Como o visorrei de Argel vêo com o Maluco a ometter de posse de Berberia Capitulo XXV.*

Naõ se occupava Mulei-Maluco em Argel em outro negocio mais que em applicar a gente e armas que esperava levar a Africa, e com todo o calor e diligencia grangeava este favor, em que tinha todas suas esperanças: por tanto Abrandan rei de Argel, tanto que lhe foraõ dadas as provisoes de Amurate Ottomano, obedecendo a ellas sem contradicção e com boa negocição do Mulei-Maluco, mandou tocar caixa e alevantar bandeira, e com muita diligencia ajuntou hum exercito de cinco mil genisaros, com os quais e as muniçoens necessarias e alguns tiros de campo, se fõi marchando direito a Fez, em cuja companhia hia o Maluco, em cujo serviço aquelle exercito hia. Sabendo Mulei-Hamet Xarife a determinação dos turcos, e pretençaõ do Mulei-Maluco, ajuntando outro exercito maior em numero de gente, se pôz em campo, esperando os inimigos, a lhe impedir o caminho e conselho com lhe dar batalha: e antes que partisse de Marrocos deixou por guarda e visorrei della o alcaide Zecherim, homem de muita confiança pera conservar a cidade em paz e guerra. A ordem que o Xarife teve na sua gente foi fazer dous campos, hum de quinze mil de cavallo da gente de Marrocos,

onde elle vinha, outro, em que o Xequê seu  
 filho, menino de seis annos, hia, com trin-  
 ta e cinco mil de cavallo do reino de Fez,  
 os quai-, por ser gente de muita opiniaõ, não  
 sóffrem ser capitaneados se não de pessoa  
 real. Com o Xequê filho delrei estavaõ Cidab-  
 delcherim, filho de Bentude, com tres mil e  
 quinhentos de cavallo, Xequê Maluco com  
 tres mil e quinhentos, Abdelcherim, filho de  
 Abdelum, com tres mil e quinhentos, El-  
 merhem com tres mil e quinhentos, Alimo-  
 xecra com tres mil e quinhentos, todos es-  
 tes eraõ de cavallo, vassallos dos mesmos ca-  
 pitaens: alem destes havia doze mil solda-  
 dos de pé, todos espingardeiros e soldados  
 velhos, entre os quai- tambem estava Cid-  
 hamubenanza visorrei de Mequinez: de to-  
 do este campo era general Alimoxecra  
 sogro de Cidabdelcherim, filho de Bentu-  
 de, por ser capitaõ esforçado e homem de  
 muita authoridade em Berberia, por sua pru-  
 dencia, idade e estado, o qual cargo o Xari-  
 fe lhe deo, e poz a Mulei-Xequê seu filho de  
 baixo de seu empero e bandeira, por ser me-  
 nino, a quem as forças e idade não soffriaõ  
 taõ importante cargo. Com esta gente as-  
 sentou Alimoxecra seu campo diante dos  
 turcos. O Xarife ficou atraz hum quarto de  
 legoa com os quinze mil de cavallo de Mar-  
 rocos, que o acompanhavaõ, por não aventur-  
 rar sua pessoa na batalha, e esperar o su-  
 ccesso della. Com os turcos vinhaõ cinco  
 mil Alarves de cavallo pera saquear o cam-

po, como tem por costume, e ordenados seus esquadroens assentáraõ seu campo. E como os turcos eraõ todos de infantaria e haviaõ de pelear a pé, deraõ os cavalloens em que caminhavaõ a seus criados. Tocadas as trombetas e pifaros de ambas as partes e despregadas as bandeiras, puzéraõ seus exercitos á vista hum do outro, em som de dar batalha, e animando cada capitaõ seus soldados, o viso-rei de Argel começou assi:

« Agora cuido, valerosos companheiros,  
 » que a fortuna se lembra de nos honrar,  
 » pois nos offerece occasiaõ de taõ ditosa em-  
 » presa, de gente taõ lusida, como vedes no  
 » campo dos inimigos, pera que nossa victoria  
 » fique mais clara e o despojo mais rico. Naõ  
 » posso deixar de me mostrar alegre e acela-  
 » rado no rompimento desta batalha, em que  
 » vejo em vós os mesmos effeitos, com mais  
 » certa confiança da victoria. Pera outros sol-  
 » dados, menos animosos e alvoroçados em  
 » dar a batalha, usára eu de prudente con-  
 » selho se lhes persuadissem quaõ fraca gente  
 » he a que vedes, e com quaõ pouco ani-  
 » mó haõ-de esperar a furia turquesca, taõ  
 » temida no mundo; mas cuido que vos ac-  
 » cendo mais o furor em volos louvar por es-  
 » forçados, pera que com mais impeto vos  
 » acheis dignos de os cometter, pera que os  
 » premios dos louvores sejaõ mais claros. Em  
 » os vencer pouco se ganha; mas no serviço  
 » de Amurate, faz a nossas honras plantar-  
 » mos suas bandeiras no reino de Fez, e dar

» a conhecer o seu nome, e restituirmos hum  
 » principe aggravado em seus reinos, por  
 » mandado do nosso rei, que são as magnifi-  
 » cencias que acrescentão a gloria dos grandes  
 » principes. Este he o effeito da victoria que  
 » pretendemos, e o merecimento de nosso va-  
 » lor; pois o vencer outros mais fortes exer-  
 » citos do que vêdes, com menos gente do  
 » que somos, he isso ja ordinario nas arma-  
 » das dos turcos; mas ja que estes mouros  
 » temerariamente vem impedir nossos inten-  
 » tes, em nenhuma cousa nos fazem injuria  
 » digna de castigo, senão no pouco respeito  
 » com que accitáráo os mandados de Amu-  
 » rate, e em fim obedecem a hum rei entro-  
 » nizado contra o direito das leis: e pera que  
 » no principio achem o desengano de sua  
 » ousadia, e ao diante fiquem avisados de  
 » seus committimentos, firmos e matemos  
 » nelles sem piedade, pera que, ensinados de  
 » seu dano, venhaõ com humildade buscar  
 » nossa clemencia; com o reconhecimento do  
 » nome de Amurate, debaixo de cujo em-  
 » paro aqui trazemos Mulei-Maluco. Quan-  
 » to mais, que cuido que elles não serãõ taõ  
 » predigos de suas vidas, que quereraõ expe-  
 » rimentar nossa furia, mas que se vem met-  
 » ter debaixo de nossas bandeiras, huns por  
 » temor de nossas armas, outros com obe-  
 » diencia de Mulei-Maluco, cujos naturaes  
 » são, e vassallos querem ser, com lembrança  
 » que he filho do Xarife, a quem servi-  
 » raõ e obedecerãõ com amor paternal; por

» as quaes rezoens comettei confiados, pois  
 » o nosso esforço, o nome, as armas, e so-  
 » bretudo a justiça de Mulei-Maluco, nos  
 » favorecem pera mais confiadamente seguir-  
 » mos a empresa. » Feita esta pratica, co-  
 meçou Abrandan a pôr os soldados em or-  
 dem de cometter, e tocar as trombetas. e  
 tambores, com que a gente estivesse mais  
 prompta e prestes pera acometer, ao pri-  
 meiro sinal. Alimoxecra, não se mostrando  
 menos esforçado e practico na arte militar,  
 tendo sua gente posta a pique, se voltou  
 a elles, dizendo-lhes: « Não vos quero,  
 » esforçados cavalleiros, fazer outra lembrança  
 » pera cumprirdes com a obrigação de  
 » leaes vassallos, senão mostrar-vos com o  
 » dedo este minino, que aqui está ante nós,  
 » principe dos reinos de Berberia e filho do  
 » Xarife, que tendes nas costas, em vosso so-  
 » corro, de traz daquelles outeiros: e isto  
 » somente bastava pera vos accender os cora-  
 » çoes com zelo de honra, e sem temor de  
 » todos os perigos, perder a vida por vosso  
 » rei e por vossa patria; quanto mais que  
 » tendes justa causa de indignação em cas-  
 » tigareis aquelle exercito de tiranos, que  
 » presentes vedes, cujo intento não he outro  
 » mais que como ladrões virem saltar  
 » nossas terras e fazendas, com inquietação  
 » da republica. Ja tendes experiencia dos in-  
 » sultos dos turcos, de outra vez que nós mes-  
 » mos os chamámos em nossa ajuda, pagan-  
 » do-lhes seus soldos, e fizemos outros tra-

» tamentos dignos de amor, tal foi sua inso-  
 » lencia, que nos pagáraõ estes beneficios  
 » com as injurias publicas e secretas, de que  
 » todos sois testemunhas e estais lembrados ;  
 » pois ainda que de sua entrada nestes reinos  
 » não houvesse outro inconveniente, mais que  
 » os que vos tenho dito, não sei que cousa  
 » mais nos possa obrigar a arriscar as vidas,  
 » que defender o bem commum das profani-  
 » dades destes barbaros, e o particular de  
 » muitas injurias. Taõ salteado tenho o cora-  
 » ção com estimulos de vingança, que estas  
 » palavras com que vos persuado me-são pe-  
 » nosas por me dilatarem o tempo da execu-  
 » ção de seu castigo: por tanto não espereis  
 » vos persuada mais com palavras, senão com  
 » obras, pois haveis de ver a minha lança,  
 » primeiro que nenhum de vós, derramar o  
 » sangue destes tyranos, os quais sei mui de  
 » certo não esperaraõ nosso furor com a ver-  
 » gonha deseu atrevimento, antes volveraõ  
 » as costas, como homens sem primor, que  
 » não vem fazer guerra pera ganhar honra, se-  
 » não saltear como ladroens. Aqui os temos  
 » concluidos em meio de nossa terra, espan-  
 » tados de ver este exercito taõ guerreiro, e  
 » em ja detaõ perto enxergarem a ferocidade  
 » com que estais determinados pera offender  
 » seus esquadroens, e defender vosso rei, fi-  
 » lhos, e mulheres. Na vossa mão está ajus-  
 » tiça, e na sua culpa: alçada tendes, por  
 » direito das armas, de executar nelles a mor-  
 » te com o despojo das armas, ja que não

» tem fazenda que perder, pois vem a ganhar  
 » as vossas, e tão merecedores de rigoroso cas-  
 » tigo de seu atrevimento, que enxergo essas  
 » pedras alevantarem-se pera elles, e aquelles  
 » montes inclinados pera os soverter, e a ter-  
 » ra pera os engulir; e tomando' elles alli on-  
 » de estaõ experiencia do vosso valor, os tem  
 » penetrado o medo, com assas arrependimen-  
 » to de sua culpa; mas nem este nos deve  
 » mover á clemencia, porque em semelhantes  
 » casos a justiça não quer largar seu direito,  
 » nem dar lugar á misericordia, pera exemplo  
 » de outros; portanto tendes autoridade pu-  
 » blica, e o direito das armas, pera com mor-  
 » tal estrago destruides aquelles esquadroens,  
 » pera segurança de vossas casas e vidas. »

*Como se deo batalha entre os do Xa-  
 rife, e os do rei de Argel. Capi-  
 tulo XXVI.*

Estando os campos dos Turcos e Mouros  
 arrostrados hum com o outro, postos em or-  
 denança, com grande resplendor das armas,  
 fazendo com ellas meneos ameaçadores de  
 morte, bätendo as armas nos escudos com  
 huma grande bravosidade d'espírito, em Our-  
 rochum, sete legoas de Fez dado signal em am-  
 bas as partes, remettêraõ todos denodadamente  
 com igual animo e esforço. Começou-se a  
 batalha muito tarde já sol posto, e durou  
 até duas horas de noite, e animando os capi-  
 taens seus soldados, se começarão a ferir co-

mo mortais inimigos, havendo a cada passo montes de corpos mortos, ficando a terra humida com sangue que se derramava; o qual estrago quanto mais crecia, tanto hião mingoando as forças do corpo, mas os espiritos não affrouxavão ponto do odio e furor, com desejo de victoria e vingança. Dogali, mourisco de Granada, em quem o Xarife muito confiava, sendo capitão de mil e quinhentos infantas, tendo já tratada a treição, como vio a briga travada, se passou com toda sua gente á parte dos turcos, com a qual mudança os mouros não ficarão quebrados nem alterados, e como se não acontecera, continuarão com a batalha, a qual andando envolta com igual sorte por hum grande espaço, sem fazer declaração a alguma das partes, se perfava com igual desejo d'alcançar victoria. Todavia instando Alimoxeca, general do campo, e animando os mouros, lhes deo muito alento a carregarem sobre os turcos dizendo: » Ah! cavalleiros africanos, » estas empresas tão honrosas, e victoria tão » esclarecida vos sei eu metter nas mãos: mi- » nha he a grangearia, e vosso he o valor: não » se vos vá da mão a ditosa occasião, nem » vo-la escondão as trevas da noite: concluí, » concluí a victoria, que já rendem as armas » e os espiritos, e poem sua salvação na fugida, » e na sorte da noite ». Com isto carregarão sobre os turcos com mais continuos e pesados golpes, sem lhes darem alento a se defende- rem: os quais como virão a determinação

dos mouros, com mais forte resistencia e mais impetuoso committimento, do que esperavaõ, começãõ a affrouxar de sua bizarrria e furor, e com isto começãõ a regirur-se. Como os Alarves viraõ pender a victoria á parte dos mouros, e a fortuna virar as costas aos turcos, sem mais esperarem o successo da victoria, se pozerãõ em fugida, e apoz elles os criados dos turcos, que estavãõ com os cavallo dos senhores; os quaes, com o medo com que hiãõ fugindo, entrãõ em Tremecem, lançando fama como os turcos eraõ desbaratados. O visorei de Argel, como valeroso capitãõ, naõ perdendo o animo no meio daquelle perigo, acudindo a todas as partes, on le via necessidade socorria com maravilhosa destreza, e pondo-se diante dos que fugiaõ, lhes disse. » Que vergonha he esta, soldados? Que costume taõ desusado, que fugis da victoria e dos vencidos? Ou tornai a traz, ou deixai-me morto diante de vós, por naõ terdes viyo hum taõ severo acusador de vossa cobardia. Naõ sois vós os genisaros espanto do mundo: naõ sois vós os vingadores das offensas publicas; pois hides as sombrados das immundices de Berberia, com vergonhosa fugida. Restauraí, com esses espiritos antigos, e com esses corpos feitos pedaçõs, a reputaçãõ humana, e naõ deis materia de riso a estes fracos imigos. » Mas os turcos, tendo mais conta com a fugida que com a vergonha dos Mouros, que carregavaõ muito sobre elles, nao puderãõ al fazer

senão largar e perder a bagagem e as bestas de carga, e por ser já muito de noite, e os mouros estarem muito cansados, não seguindo a victoria, que se lhes começava a metter nas mãos, tiverão os turcos tempo de tomar conselho, com o qual se resolvêraõ se fizessem fortes com trincheiras, a que tambem as trevas da noite ajudavão a defender, até pela manhã ou se renderem, ou cometerem algum honesto partido, por terem perdido a esperança da saude. Os mouros, como homens que tinhaõ quebrado as azas dos inimigos, os quaes lhes não podiaõ fugir do meio, como em guarda delles, os tiverão toda a noite cercados, até a luz da manhã lhes mostrar a firmosura da victoria, que estava encoberta com as trevas da noite. Neste tempo, quando os mouros estavaõ mais contentes de seu bom successo, com a presa quasi nas unhas, correo nova, com azas de pennas falsas, e com muita ligeireza chegou ao Xarife, em que lhe significava em como o campo estava pelos turcos, por rezaõ da treição, que Dogali, e os outros muitos mouros de nome, fizeraõ em se passar ao rei de Argel; entre os quaes, lhe affirmáraõ ser hum delles Alimoxeca, general do campo, e com esta mudança os Turcos tinhaõ victoria. O Xarife, como era de espiritos fracos, espantado com esta nova, dando credito á falsa fama, sem nenhuma consideraçãõ, nem esperar outra informaçãõ, ou remedio de recuperar o que fingidamente lhe persuadiaõ ser

perdido, com affronta e quebra da real pessoa, se poz em fugida com quinze mil de cavallo, que foi principio de sua perdição. Os mouros, que tinhão cercado os turcos, como fica dito, ao tempo de concluir a victoria, lhes vêo nova como o Xarife era fugido, com a qual desanimados, e os turcos quasi ressuscitados da morte a huma esperança de vida, nem huns cometterão, nem outros resistirão; mas suspensos ambos os exercitos, se estavaõ contemplando huns aos outros, postos em igual fortuna. Alimoxecra, quando lhe deraõ a nova do Xarife ser fugido, com persuasão que elle fôra o autor da treição, com animo assocegado, mas confuso e magoado, disse: » Fez o Xarife nisso como quem he: basta ser filho de negra. » Com isto desfazendo-se o campo dos mouros, cada huns se derramavaõ por diversas partes, como gado sem pastor. Quando Alimoxecra vio que a victoria lhe fugia tão sem causa das mãos, onde elle tinha a maior parte da honra, e, sem culpa sua, tinha cobrado com o Xarife nome de tedor, em o ter por autor da treição não verdadeira, como desesperado de tal opinião, não quiz entrar em Fez; mas deixando as suas mulheres, filhos e fazenda, foi seguindo o Xarife, dizendo: » Quero-lhe mostrar quaõ leal sou a hir morrer com elle. » Os turcos como viraõ o diurnal progresso, ordenado por sua saude e felicidade de Mulei-Malucco, de que estavaõ ja desesperados, não

querendo mais tentar a fortuna, se fôraõ dir-itos a Fez, onde acháraõ as portas abertas, e os animos dos mouros carregados de medo, suspensos com a variedade dos successos, e sem contradicçaõ alguma metterãõ dentro da cidade ao Maluco, com titulo e ceptro de rei, e sendo obedecido de todos, huns com amor, outros com medo, facilmente esqueciaõ outros respeitos, senãõ a presente fortuna do vencedor. Isto feito, cõmo o viso-rei de Argel fosse homem de engenho quieto e condicãõ imiga de insolencias, por tirar as occasioens aos genzaros de fazerem agravo aos mouros, com que os ex-candalisassem e elles fossem abõrrecidos, alojou-se no campo fora dos muros, onde esteve tres mezes, e alli lhe mandava Mulei Maluco os mantimentos necessariõs cada dia, e lhes fez outras muitas mercês, com que ficããõ bem hospedados, nãõ somente d'elle, mas dos mouros naturaes, os quaes, conhecendõ quaõ domesticamente haviãõ usado com elles aquelles dias, lhes fizeraõ alguns serviços, com que os turcos a cabo de trez mezes, na era de 1575, se fôraõ alegres por o effeito de sua vinda, e contentes com os beneficios recebidos.

*De como o Maluco fez viso-rei de Susa  
a seu irmão Mulei-Hamet. Capitulo XXVII.*

Em meio de alterações tão novas e fedi-das tão frescas, importava muito a pressa

no provimento, e a confiança nas pessoas, a quem se haviaõ de entregar os magistrados e governo: por tanto, como Mulei-Maluco foi alevantado rei de Fez, e começou a pacificar a republica, adquirio com brandura de prudente capitaõ aos quietos, e espantando com temor do castigo aos sediciosos, em breve tempo foi geralmente obedecido. Mas porque o reino de Sus he de moradores Alarves, gente de grande opiniã de nobreza e primor de discriçã, fundados em toda a pontualidade de honra, mandou a seu irmão Mulei Hamet por viso-rei daquelle reino, para que com a presença da pessoa real os Alarves se quietassem, e naõ houvesse entre elles alguma alteraçã em tempo taõ turbulento, e quando a discordia dos dous Xarifes estava taõ fresca. Neste lugar me pareceu dar huma breve relaçaõ verdadeira, e contraria á comum opiniã do vulgo, ácerca dos Alarves, em os terem por homens barbaros e de pouco entendimento. Onde he necessario saber, que em Berberia ha dous generos de Nações, cujos costumes he viverem nos campos, sem cidade, nem polieia de republica ordenada com leis, nem de homens deliciosos no comer e vestidos, com outras pompas, que o mundo chama ornamentos: huns saõ os barbaros que móraõ commummente nas serras dos Montes Claros, os quais, posto que morem em casas particulares, todavia naõ chegaõ a juntar-se em cidade em forma de polieia. Estes, co-

mo vivem apartados da corte e communicação da gente politica, tem pouco primor no seu tratamento das pessoas, e tambem nos entendimentos carecem das artes e discrição, que poem autoridade nos homens, e assim são havidos por agrestes e de pouco saber. Os Alarves, que tambem fazem sua habitação no campo, não usaõ de casas fixas, se não de tendas levadiças, pera se mudarem, cada vez que se lhes offerece, com suas fazendas e gados; tanto he seu costume morarem nos campos, que, alem de não edificarem cidades, destroem as ja feitas nas provincias onde habitaõ. Temos exemplo nos que occupáraõ o reino de Sus antes dos Xarifes; porque, sendo Trudante cidade populosa, com edificios sumptuosos, cercada de muros torreados com ameas, cabeça metropole do reino, a destruíraõ e arruináraõ, como cousa desnecessaria a sua habitação. São os Alarves genté de mui delicados engenheiros pera tratarem todos os negocios de entendimento, eloquentes em palavras, sentenciosos em seus dictos, e muito lidos em todas as historias arabicas, fazendo delicadissimos versos e de mui elegante suavidade, com que fazem ventagem a todos os mouros africanos, e todos os cortezaõs lha reconhecem mui notavel. São tidos os Alarves por toda a Africa por a gente mais nobre della, e o tronco de que os mouros mais se honraõ, e guardaõ entre si tal maneira de conservação de sua geração, que em nenhum ca-

so consentem casar com outra gente, que não seja da mesma nação, ainda que por isso lhes crescessem muitos proveitos: mostram elles por obra a nobreza de que se gloriaõ em o primor que guardaõ; porque saõ homens de verdade, e por seus amigos ou por os que se acolhem a seu emparo, porraõ as vidas e fazendas, com estranho aborrecimento dos mouros, que não guardaõ as leis da nobreza; e na verdade nisto saõ taõ singulares, que, jactando-se serem elles a gente mais apurada de Berberia, o fazem confessar aos que seguem a corte, e senhores de grandes estados. Mas posto que os Alarves sejaõ commummente gente pobre, e não vivam senaõ dos fructos dos campos e de seus gados, tambem ha ali entre elles alcaides e senhores de muitos vassallos, a que obedecem e servem com o reconhecimento de rendas; e assim como saõ gente que vive no campo, curados dos tempos, saõ mais acostumados ao trabalho, e mais promptos a hum brado se ajuntarem a cavallo, a qualquer feito necessario, o que fazem com muita destreza, seguindo seu exercito, sustentando-se com poucas delicias de manjates e camas: gente propria para fazer guerra com muita soltura.

*Como Mulei-Maluco e o Xarife se refizerão pera segunda batalha. Capitulo XXVIII.*

Em quanto Mulei-Maluco estava gosando do triumpho em Fez, e com premios e castigos hia estabelecendo seu imperio, novamente ganhado, Mulei-Hamet Xarife, que se tinha retirado a Marroços, depois da primeira batalha dos Turcos, aos quais elle deo a victoria com sua fugida, tão intempestiva, como a traz fica dito, corrido e confuso de seu damno, nacido mais da fama ligeira, que de inveja da fortuna, determinou metter todo o resto de seu poder, e ver se podia recuperar o perdido da reputação e estados; pera o qual mandou soltar a seu irmão Mulei-Nacar, o qual havia dous annos que tinha preso em Sus, e antes muito tempo em Marroços, e por respeito da necessidade presente, se reconciliou com elle, pedindo-lhe que, sem lembrança dos aggravos recebidos, não se esquecesse do estado em que o via, e o quizesse ajudar a defender os reinos de seu pai, e lançar fora delles ao Maluco, ja introduzido e apossado de parte delles, e quanto ao premio deste serviço, elle esperava dar-lho maior do que entendia serem as injurias até então recebidas delle, e que tomasse por pinhor desta obrigação a confissão que fazia chêa de arrependimento do passado, e a palavra

do futuro. Assi, ajuntando mais todos os que o haviaõ seguido da batalha, e as reliquias de outros que se acolhêraõ a elle, se refez com hum campo mui lustroso de trinta e cinco mil de cavallo e doze mil de pé, sendo elle o general do exercito, com intento de vir cometter Mulei-Maludo, parecendo-lhe o não ousaria esperar, por os Turcos serem já hidos pera Argel, e os Mouros não estarem inda com elle bem vindos em amor. E pera que Marrocos ficasse seguro de algumas alterações, deixou nelle por visorei o alcaide Cid-Hamu-Benanza, homem de muito esforço e prudencia. Mulei-Maluco, como era mui experto capitaõ, chèo de espiritos altos e animo valeroso, não se acordando a tanto aparato do Xarife, em mœo das alterações, em as quais podia arrecear algumas treigões, com ousadia, confiado em suas forças, não mostrando desconfiança nos Mouros que sentia duvidosos na lealdade, se armou com a maior diligencia possivel, pera o que chamou seu irmaõ, visorei de Sus, e fez seu campo, no qual ajuntou vinte mil de cavallo, e cinco mil infantes, a quem elle, com muito ar e arte militar, capitaneava. Estando o reino desta maneira dividido em duas cabeças (indicio de sua destruiçãõ) com as forças repartidas, cada hum com esperanças de ajuntar todas a huma só coroa, começáraõ a marchar hum contra o outro, e pondo-se os campos á vista da cidade de Cele, começou cada

hum dar ordem á gente, e animá-la naquelle batalha taõ duvidosa, onde se promettia todo o imperio de Berberia ao vencedor, e grande infelicidade ao vencido; e quanto mais isto importava, tanto cada hum mais trabalhava esforçar os seus soldados, e solidá-los na amizade e lealdade, que saõ as cousas mais necessarias nas guerras civís; e assi o Mulei-Maluco se poz em parte onde fosse visto de sua gente, e com a eloquencia e discriçaõ, que nelle eraõ companheiras de seu esforço, disse: » Nobres cavalleiros, se » esta batalha, pera que estais armados, com » as vidas offerecidas a todo o risco, fõra » contra cristãos, ou contra outros estrangei- » ros, corrêra-me muito usar do antigo costu- » me, que todos os capitaens tem de exercitar » e persuadir seus soldados a esforço pera pe- » lejar, porque o esforço que vos enxergo nes- » ses rostos confiados e chãos de furor, e nes- » ses ameaçadores braços, me fizêra parecer » desconfiado da victoria; mas por que esta » guerra, em que estamos embaraçados, he ci- » vil, como sabeis, travada dentro dos limites » dos reinos, entre os reis e soldados parentes e » liados em consanguinidade e afinidade, me » pareceo avisar-vos (como todos sabeis) que » naõ venho tiranicamente conquistar os rei- » nos alhãos, nem os de Mulei-Hamet, meu » sobrinho, mas venho a possuir os de meu » pai, a mim devidos por direito de herança; » e nesta entrada que me vistes fazer no reino » de Fez com ajuda dos turcos, e em que vós,

» como leais vassallos, me recolhestes com amor  
 » de irmãos e naturais, nunca me desviei da  
 » equidade natural, nem da obrigação de pa-  
 » rentesco, que devo ter com Mulei-Hamet  
 » meu sobrinho, que diante de vós vedes ar-  
 » mado contra mim, com aspecto fero de vin-  
 » gança. Eu sempre quiz, e hoje quererei aco-  
 » modar-me á razão de o agasalhar honrada-  
 » mente com algum estado da Berberia, e pe-  
 » sa-me tanto, contra direito natural e das  
 » gentes, e contra justiça das armas, elle que-  
 » rer tentar força, que sei Deos e os homens  
 » lhe extranhaõ, que deve ser pera sua total  
 » perdição; e assi tendo em vossos peitos esta  
 » minha justificação por honesta, não perten-  
 » do outra honra, outra victoria, outros reinos,  
 » senaõ ser rei de vossos corações chãos de  
 » amor, com obediencia de vossas vontades;  
 » e quando eu fosse taõ mofo, que vos não  
 » pudesse defender deste tirano, o qual no  
 » meio da paz de seu imperio e vossa obe-  
 » diencia, não podestes soffrer sua crueldade,  
 » estou mui certo dar-lhe Deos o castigo de  
 » sua temeridade, pois não deixa pacificar  
 » Berberia: portanto vos rogo ponhais diante  
 » dos olhos agora mais o bem comum de vos-  
 » sa republica, e o particular de vossas mu-  
 » lheres e filhos e fazenda, que respeitos  
 » apaixonados, e continuei com a victoria,  
 » que vos está offerecida e já chamando; por  
 » que, alem de com isso cumprirdes com a  
 » obrigação de vossas honras, mais obrigareis  
 » a mim a vos fazer mercès. Quanto mais,

» que me he forçado lembrar-vos o que vós  
 » sabeis, e eu quizera esquecer : Mulei-Hamet,  
 » que ali vedes, alem de ser filho não legitimo  
 » de meu irmão Mulei-Abdalá, he demais  
 » de escuro sangue, e forçadamente seu nas-  
 » cimento poem macula no illustre sangue  
 » dos Xarifes de Berberia ; que também re-  
 » sulta em afronta vossa e de vossos filhos, e  
 » eu sou filho legitimo do Xequé, ao qual  
 » todos muito deveis, pelo amor que teve a  
 » vossos pais, e aos que o alcançastes, e a  
 » honra que por suas victorias alcançou o no-  
 » me africano, a quem meu irmão Abdalá,  
 » contra todo o direito divino e humano, per-  
 » seguiu e desterrou fora de seus reinos, e  
 » matou a meus irmãos Agximen e Abdelmu-  
 » min, sendo tão amados de todos vós por suas  
 » singulares virtudes e esforço ; o que tudo meu  
 » irmão Abdalá fez tiranicamente, somente  
 » a fim de não ter quem lhe fosse á mão em  
 » hum feito tão infame, como foi jurar por  
 » príncipe o filho de sua escrava, e deserdar a  
 » mim, filho de meu pai, a quem por direito  
 » de herança me cabem estes reinos, os quais  
 » atégora, juntamente e contra toda a equida-  
 » de, possuo o Xarife meu sobrinho, que ali  
 » vedes : e cuido que vos mereço grande amor,  
 » pois em mção dos destertos de minha patria,  
 » e peregrinação em reinos tão estrangeiros,  
 » arriscado a tantos perigos, e soffrendo tan-  
 » tos trabalhos, nunca me esqueci de vos vir  
 » emparar, e tirar de casa dos reis de Berbe-  
 » ria o fabeo de sangue baixo, com que Mu-

» lei-Hamet a tem maculado. Não me alar-  
 » go mais ño que vos podia dizer; pois, alem  
 » de vós o entenderdes bem, e sentirdes com  
 » zelo de honra, o tempo não dá lugar pa-  
 » ra alegar leis nem referir respeitos de hon-  
 » ra, que são practica de tempo de paz, se-  
 » não de aparelhar as armas para justificar  
 » todas estas causas. » Como Mulei-Maluco  
 acabou esta falla, com rosto alegre e confia-  
 do, posto sobre hum fermoso cavallo, ar-  
 mado com a lança nas mãos, começou a cor-  
 rer o arraial, e com riso de amor louvava  
 huns, e aspecto severo ordenava os outros  
 no modo que devião ter no offender e def-  
 fender, e com ar de graça, que de si dava,  
 convertia a si os olhos de todos os mouros,  
 e juntamente os corações, com grande es-  
 perança de victoria, tendo-o por dino de  
 huma grande monarchia, e que viéra a  
 Africa pera honra dos reis della, e dar lustro  
 á policia e esforço dos passados, e com seu  
 valor e prudencia alargar os limites de seus  
 reinos, com força de armas. Com isto, reco-  
 lhendo-se o Maluco á sua principal estan-  
 cia, cercado de sua guarda, presentou bata-  
 lha a Mulei-Hamet.

*Da falla que o Xarife fez a seus sal-  
 dados, e da batalha que houve en-  
 tre elle e o Maluco. Capi-  
 tulo XXIX.*

Não se descuidava neste tempo o Xarife  
 Mulei-Hamet do officio de capitão, em

pôr em ordem os seus esquadroens, com ordem de cometer e resistir; e posto defronte do Maluco, com as bandeiras arvoradas e tambores tocados, de maneira que se viaõ e ouviaõ os exercitos hum ao outro, e os soldados batendo as armas com animos feroces e desejo de se encontrarem, com odio capital, sem lembrança da nação, parentesco, lingua e religião, onde todos eraõ nascidos, o Mulei-Hamet, pera os mais animar, e induzir á compaixão do estado em que se via, lhes começou a fallar desta maneira: »Ho-  
 »je me he necessario, esforçados cavalheiros fa-  
 »zer-vos huma falla por differente maneira e  
 »differente materia do que atégora se usou  
 »entre os grandes e illustres capitães; por-  
 »que, como elles pera alcançar victorias per-  
 »tendidas, tivessem necessidade de esforço em  
 »seus soldados, todas as palavras que busca-  
 »vaõ e os affectos que fingiaõ era mover hums  
 »a ferocidade e outros a perder o medo. Eu  
 »cuido não haver falta em vós destas cousas,  
 »segundo vejo pelos olhos; mas o que quero  
 »pedir-vos he a compaixão de hum rei moiti-  
 »no, pera me não desacompanhardes posto  
 »em estado infelice, privado de parte de  
 »meus reinos, e arriscado a os perder todos  
 »hoje neste dia; mas como minha prosperi-  
 »dade eu a tenha por comum a todos meus  
 »vassallos, e o que possuia era pera vos fa-  
 »zer mercês, com emparo de paternal justi-  
 »ça e zelo de paz; agora como em mim se  
 »ajuntassem todas as perdas dos bens possi-

» veis com meu governo, e os trabalhos e  
 » adversidades que se vos aparelhão com a  
 » tirania de Mulei-Maluco, que alli vem;  
 » me acho digno de toda a compaixão, não  
 » por o que toca a meu estado, senão pelo  
 » que releva a vossas pessoas, cujo dano  
 » eu mais sinto; a qual porque cuido mere-  
 » cer-vos-la, com o bom amor e zelo do bem  
 » commum e particular vosso, não vos quero  
 » a isso persuadir com palavras de homem  
 » magoado, com que o coração agonizado  
 » se dá a entender, mas com animo perple-  
 » xo e duvidoso, faço queixume de minha  
 » moína, quando vejo a fortuna se termos-  
 » trado com rosto irado contra mim, e in-  
 » da hoje temo vos inimisteis comigo, por  
 » se mais vingar de mim, em cujas lealda-  
 » des tenho postas as esperanças de minha  
 » saúde; mas estou mui confiado na justi-  
 » ça desta guerra, na qual eu defendo meus  
 » reinos, e vós vossas vidas e fazendas, com  
 » esperanças de Deos favorecer nossa parte,  
 » e se indinar contra os que tiranicamente  
 » nos querem perturbar. Mas como sinto  
 » em vós zelo de castigardes injustiças tão  
 » manifestas, cuido que nunca eu pudéra  
 » ter mais justa causa de as condemnar, nem  
 » vós menos razão de as perdoar, que agora:  
 » por tanto, não vos digo que movais as ar-  
 » mas contra aquelles exercitos como inimigos,  
 » senão como vassallos reveis, esquecidos da  
 » obediência de seu rei, e perturbadores da  
 » propria republica. Bem creô que conhe-

» cerão todos sua culpa, e não esperarão ver  
 » minha presença, com temor de seu castigo,  
 » e vergonha de sua rebellião. E porque sa-  
 » beis que mais me mōvo a esta batalha co-  
 » mo zelador da justiça; que autor da guer-  
 » ra, sendo eu amador da paz, eu serei o  
 » primeiro que rompereí aquelles esquadroens  
 » armados, e me arriscarei no corpo da bata-  
 » lha, onde me vereis diante de vós, não  
 » com a lança na mão pera matar meus vas-  
 » sallos, mas com vara os castigar. O poder,  
 » que agora tendes de os ferir e matar, não  
 » he por minha vontade; mas ocasionado  
 » por sua culpa, e durando sua pertinacia,  
 » não se pode escusar. Não cuidéis que he  
 » de animo fraco pedir-vos compaixão de mim  
 » pois a qualquer parte destes exercitos que  
 » se a victoria inclinar, eu ficarei assas per-  
 » dido e vencido, pois, á força, huns e ou-  
 » tros são meus vassallos e filhos, que mui-  
 » to amo. Mulei-Maluco ficará vencedor,  
 » com o pouco amor dos que o seguem, e  
 » muito odio dos que o offendem. » Esta fal-  
 » la acabada, o Xarife se virou com o rosto  
 » pera o exercito de Mulei-Maluco, e mandou  
 » dar sinal de cometer; e pondo-se diante de  
 » todos, com animo determinado, remetteo  
 » aos imigos, levando em sua companhia,  
 » repartidos pelo corpo do exercito, Mulei Xe-  
 » que e a seu irmão Mulei-Nacar. Travada  
 » batalha a horas de meio-dia, se ateou de  
 » maneira, que durou até á noite, cahindo a  
 » cada passo mortos e feridos, com igual sorte

de ambos os exercitos; não cuidando ne-  
 nhum resguardar o irmão e parente da outra  
 parte; mas, julgando por imigo capital  
 o que era da outra banda; não se perdoa-  
 vão huns aos outros, mas insistindo na vic-  
 toria, se feriaõ cruelmente; e ajuntando-se  
 huns como outros á lança e espada, se  
 mostravão vingadores dos odios publicos e  
 particulares. Andando a batalha assim taõ  
 iacruentada, com o campo banhado de  
 sangue fresco; e coberto de corpos sem al-  
 ma, e entre elles Alimoxecra, (capitaõ ge-  
 ral que havia sido do Xarife Mulei-Hamet,  
 no primeiro encontro; quando entrou Mu-  
 lei-Maluco: ) e Mulei-Nacar, irmão delrei,  
 foi ferido. O Maluco, como capitaõ experto,  
 posto que tivesse menos gente, e o seu  
 exercito menos forças; tiuha maiores espiri-  
 tos, e soffrendo a batalha duvidosa; com  
 esperanças de fazer termo, reforçava seus  
 soldados a não cessarem, até quando, ja de  
 noite, o exercito do Xarife começou a dar  
 mostras de enfraquecer. O Maluco, que isto  
 esperava, entaõ com maiores gritas apre-  
 goava a victoria, mostrando com o dedo os  
 mouros do Xarife hirem-se retirando com a  
 sombra da noite; e carregando sobre elles  
 com maior esforço e mais pezados golpes,  
 começou o exercito do Xarife a se desorde-  
 nar, e pôr em fugida. O Maluco, que sabia  
 bêm pelejar, e melhor vencer, quando vio  
 os imigos, mostrando-lhe as costas nuas de  
 armas, e os rostos cobertos de vergenha, en-

tão com nova determinação, se pôz no alcance, matando e ferindo, por concluir a victoria, antes que lhe escapasse das mãos, e hia dizendo aos soldados: » reprimí, » reprimí, por amor de mim, o rigor das armas mas nesses vencidos, basta atardes-lhes as » mãos fracas, e descobrires-lhes os rostos en- » vergonhados de sua rebellião e fugida, que » eu com minha grandeza acabarei de lhes » render esses animos ingratos. » Vendo-se o Xarife desbaratado, com cincoenta de cavallo, que o seguirão, se recolheu a Marrocos; mas Mulei-Maluco, não lhe dando tempo de repousar, na mesma noite lhe mandou Mulei-Hamet, seu irmão, nas costas, que o seguisse até Marrocos. Cid-Hamu-Benanza visorrei de Marrocos, tendo recado que o Xarife vinha desbaratado, dissimulando com prudência, por não causar alguns motins na cidade, se assentou á porta da fortaleza a vigiar, e lançou fama que o Xarife houvera victoria, dando, com estas novas, mostras de alegria, para confirmar mais o que dizia.

*Como Mulei-Hamet, irmão do Maluco, foi em alcance do Xarife até Marrocos, e o Xarife se foi á serra.*

*Capitulo XXX.*

Hum dia pela manhã, ás oito horas do dia, chegou a Marrocos o Xarife fugido, e desbaratado da batalha; onde Cid-Hamu-Benanza, que ja sabia de sua rota, o reco-

Iheo, com muita compaixão de seus máos successos, como seu amigo leal; mas como o Xarife sabia, que Mulei-Maluço mandava seu irmão Mulei-Hammet em seu alcance, communicou com Cid-Hamu este negocio, e tomou conselho com elle do que faria, tratando isto entre ambos, sem dar parte a outra pessoa. Como o povo andava abalado com o rouco rumor do desbarato, e os vencidos não tinham que esperar do povo, nem dos amigos, houverão por mais acertado hir-se o Xarife á serra dos montes claros, seis legoas de Marrocos, e levasse as mulheres e dinheiro e mais fato possível; para o qual, aquelle dia e noite seguinte, mandou o visorrei Cid-Hamu chamar muitos alfaiates, e não faziaõ outra cousa mais que taleigos, onde se ensacasse dinheiro e joias, em os quais mettida grande quantidade delle e de fato, se carregãrão muitas bestas, e por ellas faltarem se deixou muito, dando-se com grande pressa aviamento á fugida do Xarife, com a maior dissimulaçãõ que se pôde, por o povo se não alterar mais. Mandou elrei soltar seus cativos, que seriaõ seiscentos, e lhes mandou dar armas, e que viessem receber vestidos e dinheiro, e mandou recado a dom Antonio da Cunha, tambem cativo, que fosse capitãõ delles. Dom Antonio, escusando-se de capitãõ, offereceo-se pera soldado somente; mas, como pela confusãõ da pressa e pouca lealdade dos mouros; os officiaes não qui-

fossem dar as armas aos cristãos, não se effectuou hirem com o Xarife mais de sete cristãos, dos quais era um dom Antonio da Cunha, e outro Diogo Dias, portuguez. O dia que o Xarife chegou a Marrocos, armando toda a cidade já revolta com diferentes opiniões, e elrei com as mulheres, feto, e dinheiro entrouxado pera carregar, vêo nova Mulei-Hamet ser chegado ao rio de Toancif, duas legoas de Marrocos, a horas de meio dia, e parar alli, por trazerem ja os cavalloos mortos, e não poderem passar adiante de caçados. E na verdade Mulei-Hamet se deteve alli, por se não atrever a cometer o Xarife na cidade, por elle não levar gente bastante, e hirem caçados, e tambem arreçar não lhe succeder bem entrar na cidade, tão amotinada com diferentes pareceres, e por isso se deteve no rio Tancif, por dar lugar ao Xarife para fugir, contentando-se com lhe ficar a cidade pacifica, sem feridas; mas, inda que o Xarife andava occupado na fugida, quando soube o estado em que Mulei-Hamet estava, como difficulosamente se poderia defender de qualquer pequena forga, determinou de o hir cometer; mas como o povo andava amotinado e confuso, não teve effeito o seu intento; o qual desenganado quão pouco podia hum rei vencido, ainda em meio do seu povo, entendeu em sua partida com maior calor, antes que alguem se desmandasse com injurias e descortesias

publicas, e embarçou-se tanto com ella, que sahindo elle por uma porta, entrava Mulei-Hamet por outra; e posto em ordem, ja quasi em noite, começou a caminhar pela serra, com obra de quinhentos homens, levando a fardagem de fato e mulheres. Mulei-Nacar, irmão do Xarife, que hia em sua companhia, ensinado das leis da fortuna e esquecido das naturaes, procurando mais grangear favores do tempo, que compadecer-se da infelicidade de seu irmão, tornou aquella noite da serra lançar-se com Mulei-Hamet, e esperar alli Mulei-Malucco, para o obedecer e servir. O Xarife, caminhando de dia e de noite sem repousar, com temor de lhe não ficarem as costas seguras, foi a outro dia a huma Zouguia, cujo Morabito (que he o religioso della) se chamava Cid-Feres; o qual como hia cansado do corpo e affligido da alma, foi benignamente recebido do Morabito, compadecendo-se muito de seus infortunios, offerecendo-se a toda a ajuda, e agasalhando alli elrei e suas mulheres; o outro dia o acompanhou até outra Zouguia, de traz das serras, cujo Morabito se chamava Cid-Hamet-Bucademe; e dando-se já por seguro de traz da serra, longe de Marrocos, deixando alli as mulheres e dinheiro, foi fazer gente de soldo a Cicutana, onde ajustou seis mil homens de pé e de cavallo, da nação dos Berberes, gente que vive no campo, como alarves e barbaros, mas homens de muito

entendimento e primor, juntamente com esforço de animo, e destreza de forças corporaes, em que são mui exercitados.

*Como o Xarife entrou pelo reino de Sus e Dara, e da resistencia que achou. Capitulo XXXI.*

Com o favor que o Xarife achou nos Morabitos da serra, mouros religiosos, e a que elles chamão santos, e tem muitas rondas de suas Zouguias, com que se fazem estimados e ricos, com a gente que o seguio, e os Bereberes que tomou a soldo, se refêz o melhor que pôde, como o tempo e estado soffriaõ; e como antes de desbaratado tivesse hum filho no reino de Sus, onde de presente já estava reteudo, determinou hir metter-se em posse d'elle, e tirar o filho, que estava na cidade de Trudante com o visorrei, o qual, sabendo da vinda do Xarife, se metteo com o filho na fortaleza, onde se defendesse da qualquer cerco que sobreviesse. O Xarife, que hia com indignação de seus infortunios, e como leão dezejoso de dar liberdade ao filho em poder de inimigos, bateo dous dias a cidade, e achando forte resistencia, desistio do seu intento, e desconfiado de não poder entrar, nem tirar o filho, que muito dezejava, com a mesma gente que levava marchou para o reino de Dara, com intento de o occupar, e fazer-se obedecer, e dahi se refazer com maiores forças com que

tornasse a tentar sua fortuna na pertença dos reinos. O alcaide Estoche, capitão e visorei de Dara, vendo-se inferior nas forças, e que não podia em campo esperar o Xarife, se fez forte na cidade de Tanhuli, onde com muita constancia e esforço se defendia. Naquelle tempo, desconfiado o Xarife de tomar a cidade por força nem rogos, e não estar em estado de fazer cercos vagarosos, estava já quasi resolute em alevantar o cerco, mas estando ainda batendo a cidade, já com menos furor, teve nova como o alcaide Bengriman vinha fugindo do Maluco langar se com elle e servi-lo. Com esta vinda, não se atrevendo o alcaide Estoche defender a cidade, a entregou a partido, com a qual, e sojeição do reino, ajuntou o Xarife mais de seis mil. homens de Sus e Dara, nos quais com o conhecimento delrei, temor, ou interesse, o quizerão seguir. Ja neste tempo Mulei-Maluco era em Marrocos, e vendo o Xarife andarse refazendo nos reinos de Sus e Dara, por que com prestesa lhe atalhasse as forças, que hia creando, mandou seu irmão Mulei-Hamet ao reino de Sus (onde era visorei) pera o defender do Xarife, e o offender em tudo, fazendo-lhe cruel guerra, como logo fez; e mettendo-se na cidade de Trudante, metropole do reino, dava ordem no modo da guerra; mais vindo ja o Xarife de Dara, com muita gente e campo formado, com algum pouco favor da victoria da tomada

de Tanhuli, deixou o Xequê seu filho com o alcaide Zecherim (homem em quem elle muito confiava, e havia sido visorrei de Marrocos) sobre a cidade de Trudante, e tivessem cercado o Mulei-Hamet, pouco antes chegada, como fica dito. Mas porque Mulei-Maluço tambem mandou Dogali (alcaide andaluz do reino de Granada, que se havia passado do campo do Xarife ao de Mulei-Maluço na primeira batalha) com mil infantes impedir o socorro do Xarife, e conservar a gente de Sus e Dara, que se não levantasse, determinou o Xarife hir pelear com elle e desbarata-lo. Dogali, esforçado e ardilozo capitão, não temendo o poder com que o Xarife o hia demandar, confiando mais no valor dos seus poucos, que na multidão dos inimigos, o esperou: mas como o tempo era ja de o Xarife não negear algum perigo, lhe presentou batalha, com assas confiança, aventurando sua sorte a todos os lanços, nem se espantou da bravosidade de Dogali; mas travando com elle escaramuça, toda huma noite pelejaraõ, sem as trevas descobrirem cuja era a victoria; pela manhã, tornando-se a refrescar a batalha com mais calor de huma parte e da outra, houve o Dogali de romper o Xarife, e desbaratar-lhe o campo, matando-lhe muita gente, entre os quais foraõ os alcaides seguintes: Mira-Hamet-Turci, Ali-Benerre, Hamu, Agerbli. Com este desbarate, recolheu o Xarife sua gente do melhor modo

que pôde, e mandou ao Xequê seu filho; que tinha em Trudante cercado a Mulei-Hamet, se viesse juntar com elle pera formar campo, por recear ser comettido, ou por Dogali victorioso, ou por Mulei-Hamet cercado, com desejo de pelejar em campo raso; com o qual aviso Mulei-Xequê se vêo ao pai, e se refez do resto do seu exercito, com que tornou a formar campo.

*Da batalha que tiveram o Xarife e Mulei-Hamet. Capitulo XXXII.*

Com o alevantamento do cerco de Trudante ficou a cidade livre do perigo, e Mulei-Hamet com liberdade de poder dar socorro ao Dogali, de cujo desbarate temia acrescentar-se-lhe o perigo; mas quando soube que o Xarife vinha desbaratado d'elle, e o Mulei Xequê se fôra ajuntar com seu pai, determinou ajudar-se do tempo e occasião, e pelejar com elles, antes que se tornassem a refazer; mas entendendo o Xarife que toda a sua perdição estava em fugir ou em o desemparrar a sua gente, acabada qualquer rota logo entendia em se refazer, e com animo constante esperar os revêzes da fortuna, com esperanças de algum recontra a ter favoravel, e esquecida de seu furor: por tanto, sabendo como o Mulei-Hamet o vinha cometter mais ousadamente; não se espantando já dos infelizes successos, o esperou no campo. Postos os campos inimigos em

ordem de pelear, dentro do reino de Sus,  
 em Buxoleia, despregadas as bandeiras, e  
 fazendo os mais sinaes significadores de bata-  
 lha, cada hum dos principes trabalhava  
 animar a sua gente pera com esforço pele-  
 jar; e começando o Xarife disse: «Nenhu-  
 » ma cousa me dá maior confiança de ven-  
 » cer esta batalha, que cuidar que está já  
 » cansada a fortuna de me perseguir, e en-  
 » fastiada dos triumphos imigos; e vós que  
 » tendes vistas minhas adversidades, deveis  
 » ser boas testemunhas não nacerem meus  
 » máos successos d'outra parte; pois em  
 » mim nunca faltou constancia pera pôr o  
 » rosto aos imigos, nem em vós esforço e  
 » lealdade de os cometterdes; mas cuido  
 » que até agora tem mais pelejado contra  
 » vós minha triste sorte, que sua boa andan-  
 » ça, e com estes escarneos, com que me  
 » tem a fortuna tão mal tratado, não desea-  
 » pero da victoria, pois ella como he im-  
 » portuna a perseguir huns, he inconstante  
 » a favorecer outros. Desgracas de vossos  
 » vencimentos sentira eu muito, se fôrão  
 » por alguma cobardia que de vós macêra  
 » ou falta que eu vos fizesse; mas como vos  
 » vejo dignos de perpetua fama, pelo esforço  
 » com que pelejais, quero-vos-la consumir,  
 » com vos mostrar ao mundo, que mais  
 » honra gahais em conservar hum rei ven-  
 » cido tantas vezes, que alcançar prosperas  
 » victorias de hum capitão venturoso: por-  
 » que quanto eu e toda a Berberia mais

» entendemos minha estrella ser sinistra,  
 » pera em todas as batalhas ser vencido,  
 » tanto mais cresce vossa gloria em me con-  
 » servardes com lealdade, e defenderdes o  
 » exercito com valerozo animo: agora que  
 » de vossa confiança e esforço a tenho eu  
 » da victoria, e de minha infelicidade te-  
 » mor de a perder, tentai a fortuna com  
 » rogos, pera que cance de vos encontrar,  
 » pera que vós com ameaços espanteis aos  
 » inimigos, que, sem minha infelicidade, não  
 » poderião esperar o rigor de vossas ar-  
 » mas. » Com estas palavras cheas de des-  
 » confiança, que o Xarife tinha de sua mo-  
 » fina, não temia dar a batalha, com espe-  
 » rança da victoria por esforço dos soldados.  
 Mulei-Hamet, volvendo-se aos seus, não  
 lhes quiz faltar com outra materia de per-  
 suações, dizendo: « Senhores, já a felici-  
 » cidade de Mulei-Maluco, meu irmão, e  
 » a justiça com que Deos castiga a Mulei-  
 » Hamet, que alli vedes, vos deve ter per-  
 » suadido, quão certa tendes a victoria;  
 » mas alem disto, attentai que a experiencia  
 » vo-lo mostra muito mais, pois em todas  
 » as batalhas, de que já andais enfastiados,  
 » vos vedes sempre vencedores, e os exerci-  
 » tos do Xarife fugidos. Não vos dou ou-  
 » tra persuasão, senão a de vossas armas tin-  
 » gidas no sangue de vossos inimigos, que já  
 » vos compadeceis de seus máos successos;  
 » mas pois vedes sua contumacia em serem  
 » mais cruéis pera si, que vós pera elles,

» pois, sem conhecimento do seu erro; vós  
 » provocão a ira, deveis de converter a pie-  
 » dade em furor, por vos livrardes de tão  
 » brutal impportunação. Certo que vos con-  
 » fesso de mim, que me espanto da cle-  
 » mencia que tendes usado com aquelles  
 » inimigos, pois tendes mil vezes de compai-  
 » xão encolhido a mão de seu sangue: ago-  
 » ra vos rogo vos desenganeis, pois, com  
 » todos esses beneficios, não querem cessar  
 » estes barbaros, até nos não beberem o nos-  
 » so; por tanto, não me parece tempo de  
 » vos persuadir a esforço contra gente  
 » tantas vezes vencida, mas aconselhar-vos  
 » que não he prudencia perdoar tantas igno-  
 » rancias com perigo de nossas vidas. Ora  
 » pois, com justo furor dai naquelles inimigos  
 » sem piedade; lançai de vossas cabeças o  
 » perigo, que vossa clemencia com elles,  
 » e o seu odio contra vós podem causar. »  
 Com estas fallas feitas, ambos os exercitos  
 se puzerão em ordem, e arremetendo hum  
 ao outro se travou a batalha, ferida cruel-  
 mente de cada parte, até que o Xarife co-  
 meçou a declinar nas forças, e o seu exer-  
 cito derramar-se e pôr-se em fugida. Mulei-  
 Hamet, usando da victoria no alcance do  
 inimigo, com desejo de matar ou prender  
 o Xarife, pera quietação das guerras de Ber-  
 beria, apertou tanto com elle, que lhe foi  
 forçado fugir até lhe cançar o cavallo, o  
 qual estancando-lhe de todo, se deo, e a  
 pé se acolheo a huma serra, onde se salvou.

*Como o Xarife foi desbaratado em outra batalha por Mulei-Hamet. Capitulo XXXIII.*

Com o acontecimento de tão tristes successos, lançando o Xarife suas adversidades á conta de sua moíina, soffria com paciencia estes contrastes, e com animo grave confiava que o tempo fazia alguma mudança, por onde acaso pudesse ser favorecido, ja que por rezaõ e esforço hia sempre de vencida. Com isto, não desconfiando de todo de suas cousas fazerem algum termo favoravel, com animo constante perseverava com esforço ou a perder a vida n'humã batalha, ou com victoria recuperar a corõa, posta debaixo dos pés de seus inimigos: e não vendo no dia em que foi desbaratado (como no capitulo atraz fica dito) remedio de se poder restaurar de suas perdas, se foi a humã zougua, cujo morabito se chamava Cid-Hahete, para alli ou se fazer forte, ou esperar algum remedio, que o tempo podia descobrir. Cid-Mahamet-Becaden, que na sua zougua o havia agasalhado, dezejoso de o ajudar, ajuntou trinta mil-homens, com os quais o vinha socorrer; mas chegou a tempo quando ja hia desbaratado. Quando o Xarife vio o socorro, alevantando com elle as esperanças, ja mui derrubadas, tornou a se refazer contra Mulei-Hamet, que estava ja em Trudante, com quem o Dogali estava

tambem : de maneira que, refeitos outra vez os exercitos, o do Xarife com o socorro de Cid-Mahamet-Bocaden, e o de Mulei-Hamet com o do Dogali, se armárao para outra mais dura batalha, na qual huns ha-vião de pelejâr com confiança de vencedores, outros com furor de desesperados, o que fazia os recontros de maior perigo. Tornando pois o Xarife atraz a buscar Mulei-Hamet, e elle sabindo de Trudante a o esperar, se encontrárao em parte, onde postos os campos em ordem, e os soldados persuadidos com efficazes fallas, e huns e outros incendidos com dezejões de vingança, mostrando bravosidade nos aspectos, e ameaças nas palavras, com grandes alaridos e estrepito de armas, arremetêrao huns aos outros, matando-se e ferindo-se com mortal odio. Mulei-Hamet e Dogali, que erao superiores ao Xarife na ousadia de vencedores, ajuntando com isto seus esforços, entrarao rijamente pelo corpo da batalha, animando aos seus, e pondo espanto aos inimigos, com confiança da victoria. O exercito do Xarife, havendo ja experimentado a ventura dos capitaens de Mulei-Maluço e a mofina do seu rei, a quem seguiao, não podendo soffrer o pezo da batalha, começou a retirar-se, onde se enxergou o rosto da victoria alegre pera Mulei-Hamet e Dogali, os quaes, conhecendo-a em seu favor, começárao a apertar mais com os inimigos, até os desordenarem de todo, a quem já não ficava mais

remedio que o da fugida. E aproveitando-se della pera salvação da vida, sem esperanza de honra, se tornou á zouguaia, donde tinha vindo, desbaratado. Mulei-Hamet, pondo-se em seu alcance; com zelo de tirar aquellas reliquias de Berberia, como semente de corrupçaõ, achou no caminho Mulei-Maluco seu irmão, que vinha de Marrocos a o ajudar, e ambos juntos feitos em hum corpo fôraõ queimar a zouguaia, como colheita de reveis, e couto onde o Xarife se refazia, pera exemplo de outros. Ihe não darem favor nem o recolherem.

*Como o Xarife entrou em Marrocos e saqueou a judearia, e dahi se foi ao Pinhaõ. Capitulo XXXIV.*

Vendo-se o Xarife taõ quebrado das forças e enganado das esperanças, posto em final desprezo da fortuna, vendo Mulei-Maluco, junto com seu irmão Mulei-Hamet, conspirados em o perseguirem até á morte, desenganou-se que não tinha esperanças de saude andando em Berberia, principalmente estando as súas forças já quasi acabadas; e as do Maluco de todo consumadas. Mas nunca todas estas adversidades forão bastantes a quebrar-lhe o animo, pera perder quaesquer occasioens de que se pudesse valer; nem as esperanças em que tinha seu remedio. Vendo pois como Mulei-Maluco era fóra de Marrocos, e andava occupado com seu irmão

no reino de Sus, passeando pelos campos de suas victorias, recolhendo as reliquias do despojo, quietando todas as cousas alteradas com tantas guerras, furtando-lhe a volta, com gente ligeira se vêo metter em Marrocos, com que pôz toda a cidade em temores e espantos, com os quais, não havendo em os mouros da cidade conselho em tão subita vinda, andando confusos e divisos em diferentes pareceres, não houve quem ousasse resistir-lhe: o qual entrando na cidade com animo ousado, com gente e alcaides que o seguiaõ, deraõ logo sacco na judearia, onde houveraõ hum riquissimo thesouro de dinheiro e fato, com que a cidade ficou assas temorisada, e não ousou fazer alteração alguma. E dalli pond o Xarife cerco a Alcaceva, a bateo oito dias com muita furia; mas defendeo-a valerosamente o alcaide Rudunõ, viso-rei, arrenegado, que viêra com o Maluco de Argel. Com esta nova, que logo chegou ás orelhas do Maluco, sabendo como o Xarife estava em Marrocos, e os danos que fazia, apressou o passo por lhe vir soccorrer; com cuja vinda o Xarifealeyantou o cerco, e não podendo esperar a furia do Maluco, se foi da cidade, e como em campo raso não tinha forças para se defender, recolheo-se á serra de Dominete, onde não faltaraõ recontros, alguns de pouco momento, entre os quais os passados os mouros contaõ vinte e quatro batalhas, entre o Xarife e Mulbi-Maluco e seus capitães.

O Xarife, não tendo já favor humano que esperar de parte alguma; provendo no remedio de sua pessoa e filhos, e mais gente que os seguia; não achou lugar seguro em Berberia; e com isto determinou acolher-se ao Pinhaõ de Belles; pera se salvar do furor do inimigo; disposto a o seguir até á morte: o qual posto em caminho com seu filho Mulei-Xeque; e os alcaides Cid-Hamu-Bhanza, Hamet-Benzolet; Mancor-Nabili, Ali; dous filhos do alcaide Zecherim, Cid-Hamet filho do Morabito Bocaden; Aluiali arrenegado; se partio pera o Pinhaõ, e passando por Fez (o que não podia escusar) lhe sahiraõ ao encontro alguns alcaides; entre os quais houve algumas escaramuças. Nestes trabalhos e adversidades, em que o Xarife se via taõ perseguido da fortuna; nunca perdeu a constancia de hum animo real, antes considerando com prudencia quaõ sujeitos os reis estaõ a semelhantes casos; procurava quanto podia vence-los com rosto alegre; sabendo que todas as cousas da vida estaõ dependentes destas inconstancias; esperando como em toda ella ha lugar de as rodas desandarem pera alevantar os cahidos ao cume mais alto, e derribar os alevantados ao profundo mais baixo. Com isto, mostrando a todos rosto de alegria; no intimo do espirito não podia, como humano, deixar de sentir o infelice estado em que se via; e fazer lamentaçoes de sua mofoa; o qual com dor de coração

soffria ver o Maluco enthronizado em seus reinos, e elle fugido e perseguido fora de sua patria, posto no emparq de reis estrangeiros e imigos. Com estas e outras considerações chegou o Xarife ao Pinhaõ, fortaleza sujeita aos estados de Castella, situada no mar, perto de terra, em huma ilha de pedra viva, a quem a natureza fortificou de maneira, que nem forças, nem machinas bastaõ pera a entrar; e naõ se dando por seguro de Mulei-Maluco vir sobre elle, mandou pedir a elrei dom Philippe de Castella para se recolher dentro na fortaleza: mas elrei, vendo o perigo da pessoa do Xarife posto em campo, a risco de ser salteado do imigo, posto que lhe desejasse dar remedio, naõ quiz com segurança alhêa aventurar a sua fortaleza, taõ importante á cristandade; mas dando nisso meo assas justo, mandou dizer ao Xarife, que se poderia recolher na fortaleza com dez homens somente, porque se fossẽ muitos estava certo o perigo de se alevantarem com ella. O Xarife, tendo em sua companhia muitos alcaides e pessoas de estima, aos quais estava muito obrigado pelos serviços que lhe tinhaõ feito, e a lealdade com que o acompanhavaõ, posto em estado infelice, naõ quiz apartar-se delles, antes ser-lhes companheiro a toda a sorte, acerecentando mais, como elle naõ trazia já de toda a Berberia mais que aquellas reliquias, em quem confiava, que com ajuda de seu braço e favor que elles gran-

geariaõ de seus parentes e amigos, que ficavaõ com o Maluco, poderião as cousas tornar-se a perturbar, e elle achar algum refugio; quanto mais que elle tinha escrito a elrei dom Sebastiam, e nisso postas as esperanças de ser restituído, e por meio dos alcaides presentes inquietaria toda a Africa, trazendo a si huns dos seus parentes e amigos, e outros faria deixar as armas contra elle; e por esta causa não quiz o Xarife recolher-se na fortaleza, porque estava certo logo hirem-se os alcaides e mais gente, e deixarem-no só, o que não somente era ficar privado do soccorro, mas com a hida destes alcaides, e bom tratamento que o Maluco por sua prudencia e sagacidade lhes faria, ficavaõ fechadas as portas de todas suas esperanças, pera não podem ter effecto.

*Como elrei dom Sebastiam mandou Pedro de Alcaçova a Castella tratar da guerra, edo casamento com a filha delrei. Capitulo XXXV.*

Em todo o tempo que Martim Gonçalves mandava o reino absolutamente, por elrei descarregar nelle todos seus cuidados, pera ficar mais solto em suas fragueirices, sempre o seguia e se não apartava d'elle; o qual nem o mestre consentiaõ afeiçãoar-se a outra pessoa, que o podesse perturbar da doutrina aprendida; por onde nenhum fi-

*Asne  
ra.*

dalgo ousava murmurar de Martim Gonçal-  
 ves diante delrei, assim por elrei o não con-  
 sentir, e pela muita confiança que nelle ti-  
 nha, como por temerem a sua muita valia,  
 Mas quando elrei passou á Africa a primei-  
 ra vez, tendo mais liberdade, e mostrando-  
 se mais tratavel com os homens, começáraõ  
 a privar com elle alguns mancebos fidalgos  
 de sua criação, em diferentes tempos; mas  
 os que mais entrada tiveraõ com elrei, e el-  
 le mostrava verdadeira afeição, foraõ Luis  
 da Silva, e Cristovaõ de Tavora. Estes co-  
 mo tomáraõ pé na privança, e acháraõ a  
 porta aberta a seus intentos, os principaes  
 golpes que tiraraõ pera permanecer, fôraõ  
 contra Martim Gonçalves, persuadindo a  
 elrei que não se entregasse tanto a elle,  
 nem se deixasse levar de seu parecer e go-  
 vernó, pois mandava taõ imperiosamente,  
 que mais temido era e conhecido que elle  
 mesmo, e já á sua idade não estava bem ser  
 mandado d'elle, nem os nobres do reino o  
 soffrião bem, nem os principes d'outros rei-  
 nos o tinhão a prudencia. Com estas e ou-  
 tras resoens começou elrei de se trastornar, e  
 colher sua liberdade, e querer restringir o po-  
 der de Martim Gonçalves, com menos sub-  
 jeição do que d'antes costumava: e porque  
 Pero d'Alcaçova andava fora da corte des-  
 favorecido delrei, sendo-lhe mandado não  
 viesse a ella desde o tempo que Martim  
 Gonçalves entrou na privança, e lhe servia  
 o seu officio de escrivam da puridade, pare-

sendo a Luiz da Silva e a Cristovão de Tavora, que com meterem e acreditarem Pero d'Alcaçova com elrei terião nelle bom terceiro, assim por Martim Gonçalves o ter maltratado, como por elle ser homem de muita descripção, e experimentado nos negocios, de que elrei se o communicasse havia de gostar, tratáraõ fazer com elrei o mandasse chamar, como de feito chamou, e pera isto ficar mais firme, e elles mais ligados, casou Cristovão de Tavora huma irmã com Luiz da Silva, e outra com Luiz d'Alcaçova, filho morgado de Pero d'Alcaçova. Isto assi tratado, querendo elrei mandar á corte delrei de Castella dar-lhe conta como ainda estava em propósito de tornar á Africa, e effectuar a guerra que tentára e não começára, e juntamente fallar no casamento com a infante dona Clara, filha delrei, posto que lá estivesse por embaixador dom Duarte Castelbranco, meirinho môr, homem de muita descripção e negocio, assentáraõ fosse Pero d'Alcaçova, por ser muito sufficiente, e mui versado em negocios taõ importantes. Despedido Pero d'Alcaçova delrei, partio pera Castella no principio do anno de setenta e seis; o qual como chegou a Madrid onde elrei estava, havendo tempo e oportunidade, determinou fazer o negocio a que hia; e fazendo fundamento no ponto da guerra de Africa, que elrei dom Sebastiam queria tornar a repetir, quiz justificar-lhe o intento acerca della; porque alem de Por-

tugal poder ter muitos commercios proveitosos e mantimentos de Africa, e afastar de si huns inimigos taõ visinhos e continuos, convinha nos principios atalhar os males esperados; e como Mulei-Maluco havia entrado em Berberia com muitos turcos, que lhe derão ajuda e o metterão de posse dos reinos, temia-se de elle fazer guerra a toda Hespanha, por ser capitão valeroso e de animo ousado e pensamentos altos pera grandes empresas; e quando elle engeitasse a tal conquista, ou por falta de forças, ou por se contentar com o repouso, estava certo nos turcos occuparem as fortalezas da ourela do mar e principalmente Larache, porto donde, se elles se appossassem, poderião destruir Portugal e Castella com suas galés. Mas como Péro d'Alcaçova sobre esta justificação queria acarretar a tenção e benevolencia delrei de Castella pera dar ajuda a esta guerra, e juntamente fazer sinificaçoens de tocar no casamento do infante, não ousava declarar-se de todo, assim por elrei não aprovar a guerra de Africa, como o agravo que tinha delrei de Portugal, em não querer casar com a irmã delrei de França, como elle tinha ordenado, e atraz fica dito. Pero d'Alcaçova, como era eloquente e discreto, querendo tocar nestas materias, e começasse a florear com palavras mui avisadas, e trazer carretos a seu proposito, pera persuadir o duque d'Alba, com quem fallava, o duque que era outra aguia, e o entendia, lhe disse: » O' senhor

» Pero d'Alcaçova, diga V. M<sup>ce</sup>. o que quer » dizer. » Tendo-se sobre estes pontos outras sessoens, com resoens, e fundamentos mui vivos de ambas as partes, em huns approuvar a guerra, e outros dissuadi-la, finalmente não se tomou resolução em algum delles. Quando Pero d'Alcaçova vio não se concluir seu intento, e sentindo em elrei dom Philippe desejos de ver elrei dom Sebastiam, parte pera o avisar de algumas cousas, parte pelo conceito que tinha de sua grandeza de animo, assentou com elle se vissem ambos os reis em nossa senhora de Guadalupe, e ahi assentarem e tomarem resolução nas materias praticadas da ajuda da guerra, e casamento delrei dom Sebastiam. Com isto se vêo Pero d'Alcaçova a Portugal.

*Como elrei dom Sebastiam foi a Castella, e se vio com elrei dom Philippe. Capitulo XXXVI.*

Com a resposta que Pero d'Alcaçova trouxe de Castella, do assento com elrei dom Philippe e elrei dom Sebastiam, de hirem a nossa Senhora de Guadalupe, e se verem ambos, se alegrou elrei dom Sebastiam muito, assi por ver elrei seu tio e tratar pessoalmente seus negocios, como por ver Castella por sua curiosidade. Fazendo-se elrei prestes, com os fidalgos que o haviaõ de acompanhar, tendo todos feito mui custosos vestidos e outros

atavios, vêo a nova de Maximilliano imperador, sogro delrei de Castella, ser morto, com a qual elrei se encerrou e tomou dó, e deixados os ornamentos de festa, mandou aos fidalgos que se vestissem de panno preto sem guarnição alguma, a modo de dó. Poucos dias depois de vir a nova do imperador, e elrei de Portugal estar já quasi de caminho, mandou a Cristovaõ de Tavora (que já privava muito com elle) visitar elrei e a rainha de Castella da morte do imperador, e que de volta o viesse esperar a Guadalupe. Não tardou elrei muitos dias que não partisse de Lisboa pera Castella, com os senhores seguintes; sc. dom Jorge d'Alencastro duque d'Aveiro, dom Alvaro da Silva conde de Portalegre e mordomo mor, dom João Mascarenhas, Francisco de Sa, Luiz da Silva, dom Francisco Portugal, dom Vasco Coutinho, Francisco de Tavora, dom Diogo Lopes de Lima, Francisco Barreto de Lima veador, Miguel de Moura secretario, Manoel Coresma, Pedro d'Alcaçova, e todos os mais officiaes do serviço da pessoa delrei, excepto infinita gente, que hia disfarçada ver a vista dos reis, afastados diante ou detraz das jornadas delrei. E porque, se elrei fizesse caminho de vagar, e jornadas contadas, era necessario abalar e levar consigo toda a corte, com grande pompa e aparato, e com muitas despesas, ordenou elle e os fidalgos nomeados hirem pela posta, de maneira que

partio de Lisboa a quatro de dezembro de setenta e seis, e foi nas galés a Aldea Galega, a dormir, e dahi por suas jornadas chegou a Elvas, aonde achou recado e posta que o corréo mor dom Reimão de Tarsis, por mandado delrei, lhe havia trazido. Entrando pois elrei em Badajoz, primeiro lugar de Castella, foi recebida com muita pompa e prazer do povo, e na sé o bispo e o cabido com pallio o viéraõ esperar á porta principal da sé. Aqui em Badajoz, e em todos os lugares de Castella por onde elrei havia de passar, tinha elrei dom Philippe mandado prover taõ excessivamente de mantimentos, assim pera gente, como pera cavalgadas, que ordinariamente sobejavaõ, ainda que era muita mais a gente; os quaes eraõ tantos e em tanta abastança, que a todo o estado de homens se dava graciosamente o que pediam, de qualquer maneira que fossem os mantimentos, com grandes penas aos vendeiros nenhuma cousa dessem por dinheiro a homem portuguez, mas ou fossem tomá-lo dos ministros delrei, ou se lhos dessem, não tomassem dinheiro. Da mesma maneira estavaõ os lugares providos de pousadas, casas, e estrebarias. Tanta foi a abastança dos mantimentos á hida e vinda, e taõ cerrados estavaõ os portos aos Portuguezes poderem gastar hum vintem, que mandando Antonio Mourão, comprador delrei, homens diante a comprar mantimentos, não havia homem que lhos quizesse vender, nem

tomar dinheiro. Alem disto, tinha elrei mandado publicar em todos os lugares por onde elrei dom Sebastiam passasse, que elle pudesse mandar soltar quaisquer presos, abrir cadeias, perdoar delictos, e a todas as justiças lhe obedecessem em tudo que elle mandasse: nas quais cousas elrei dom Sebastiam teve tal modestia, que de nenhuma quiz usar; mas em casos de seus vassallos se mostrou neste caminho mui liberal, em perdoar muitos crimes de homens que andavão homisiados e estavão presos.

*De hum incendio que houve em Lisboa  
depois que elrei foi para Castella.*

*Capitulo XXXVII.*

Ainda que seja interromper hum pouco o fio da historia com materia estrangeira, soffrê-lo-ha o curioso leitor, por a deste capitulo ser importante e proveitosa, e não ter outro lugar onde melhor, ou menos mal, possa caber. No tempo que elrei partio de Lisboa, aos quatro de Dezembro, como fica dito, pousava elle nos paços de Santos os velhos á Pampulha, junto dos quais, ao longo do mar, havia muitas taracenas, que servião de se alojar muito paõ e todo genero de vitualhas e mercadorias das naós de Alemanha, Frandes, França, e Inglaterra, e outros reinos, pera commercio, sendo esca-la taõ opulenta como he Lisboa: e com haver grande quantidade destas casas, todas

neste tempo estavaõ chêas de trigo, centêo, farinhas, roupas, enxarcias, breus, e outras cousas semelhantes; entre as quais havia huma casa em que estavaõ cento e quarenta e seis barris de polvora, que tinhaõ vindo de Frandes pera se venderem em Portugal. Naõ se sabe certo como succedeo o caso, mas presume-se que huns mininos acháraõ aberta a logea dos barris da polvora e puzeraõ o fogo a hum delles, cuja simplicidade e innocencia mostra a ignorancia do perigo. Fosse de huma maneira ou d'outra, naõ nos affirmando na causa, basta que o effecto foi manifesto e espantoso, e nos deo materia de escrever; porque, arrebetando de improviso aquella furia de todos os barris de polvora (em cada hum dos quais havia tres quintais) em hum momento foi arruinado com terribel estrondo todo o lanço das casas, que era de muito comprimento ao longo da praia, e todas as mais do alto, á face da rua que corre pera Alcantara. Foi este incendio taõ impetuoso, na brevidade do tempo que durou, quanta era a quantidade que se acendeo, e a furia delle, com a qual primeiramente fez taõ grandé estrondo, que se ouviu mui claramente em Santarem, que saõ quatorze leguas, e ainda se sentio em Badajoz, que saõ trinta e tres. Tal foi o terremoto, que naõ houve igreja nem edificio grande na cidade, que naõ fosse grandemente abalado, com que a gente espanhola fugia fora delles. No mosteiro da Es-

perança lançou fora as trancas e ferrolhos da porta regrad, e ficáraõ abertas: o ferrolho da casa do capitulo muito grosso, com o impeto que deo nas portas ficou todo torcido: no mosteiro da Annunciada lançou fora de seu lugar as grades do côro, muito fortes de ferro; finalmente fez outros mil effectos que de tal força se esperavaõ, e entrando a chãma do fogo pelas casas onde elrei pousava, quebrou muitas portas e abalou paredes, e a madeira dos telhados foi logo arremçada pelos ares, até cahir no mar, e em muitas partes da cidade as pedras dos edificios foraõ semeadas em diversas partes, das quais huma vêu matar huma mulher ao marco da Esperança, e outra ferio hum homem na calçada do Congro: finalmente ficáraõ mortos e queimados alguns mercadores e trabalhadores, que andavaõ nas taracenas. Miguel de Moura secretario do reino, que hia com elrei a castella, deixou sua mulher Beatriz da Costa aposentada em humas casas de Luiz Cesar, provedor dos armazens, alli perto. Ao tempo do incendio ( que foi a treze de Dezembro, dia de Santa Luzia ) estava ella ornamentando com vestidos mui curiosos huma imagem de nossa Senhora com o seu Menino Jesu, e outra de S. José seu esposo e companheiro, pera o presepio do Natal do mosteiro de nossa Senhora da Madre de Deos de Lisboa, da ordem de Santa Clara dos capuchos: como o impeto do fogo achou aquellas casas

mais em alto, e estavaõ sobranceiras ao mar; alli fez a força maior abalo, por as tomar em chèo, as quaes lógo em hum instante fôraõ todas arruinadas, fazendo voar os telhados e pedras grandes, e cahindo o sobrado, em que estava Beatriz da Costa em seu santo exercicio, se fundio todo com ella nas logeas debaixo, cahindo sobre ella grande quantidade de madeira, cal, terra, e pedra, levando comsigo as imagens que tinha no estrado por companheiras, ficando logo morta uma sua dona, e feridas muito mal outras duas mulheres. Passada a fumaça, e estrondo taõ temeroso e espantoso a todo o homem, acodindo muita gente a casa de Miguel de Moura, e ao lugar onde estava sua mulher, tirando o entulho (debaixo do qual ficou enterrada) a acháraõ viva e sã e sem aleijaõ alguma, sem outro dano mais que o fogo lhe levar os toucados e os cabellos da cabeça: nas imagens acima ditas naõ houve macula alguma nas pessoas nem vestidos, senaõ huma quebra-dura de um pé de S. José, pequena, cousa certo que mostra misterio, em Deos guardar aquella senhora em perigo taõ grande (por sua muita virtude, e emparo da virgem nossa Senhora) e mais companheiras, pelo zelo com que entaõ os servia; por a qual causa Miguel de Moura e sua mulher, naõ tendo filhos, e sendo muito ricos de bens temporais, e muito mais de virtudes, ordenáraõ fundar hum devoto e sumptuoso mosteiro de

freiras da ordem das capuchas, em huma sua quinta em Sacavem, duas leguas de Lisboa, o qual está posto sobre o rio que corre pelo pé, e defronte do Tejo, que perto passa, com estremada e deleitosa vista d'elle, o qual neste tempo está feito com mui grão sumptuosidade de edificios, e riqueza de ornamentos e prata pera o culto divino, e bem parecem instrumentos convenientes de louvar a Deos, e dignos das virtudes das religiosas d'elle, as quais alem da nobreza das almas, ornadas com privanças e favores do ceo, tambem a tem do mundo, que ellas com assas desprezo e escarneo tem engeitado; porque a primeira abbadeça, soror Vicencia, he filha do Marquez de Villa real, com outras de nobre geração: e por morte de Francisco de Sá, conde de Matosinhos, e camareiro mor de Sua Magestade, se recolheo nelle a condega dona Caterina, sua mulher moça, que nunca houve filhos, onde hoje está professa, calcando com os pés todos os contentamentos da vida, dando de mão ás delicias do corpo, pisando os gostos da honra, finalmente distribuindo sua fazenda com os pobres, com largas esmolas, e outras obras pias, sem do mundo querer favor algum, pera ficar mais serva de Deos e discipula de Christo. No qual mosteiro Miguel de Moura, e sua mulher, tem por devoçam solemnisar no dia de santa Lusia sua festa, quando aconteceu este desastre da polvora, por a devoçam da Santa, e mercê que Deos aquelle dia lhes fizera.

*Como elrei dom Sebastiam chegou a  
Guadalupe, onde elrei dom Phi-  
lippe já o esperava. Capitu-  
lo XXXVIII.*

Continuando elrei dom Sebastiam seu caminho pela posta, com jornadas ja taxadas, elrei de Castella tambem se partio de Madrid com o duque d'Alba seu mordomo mor, e outros fidalgos, e chegou a Guadalupe primeiro alguns dias que elrei de Portugal: estando pois elrei de Castella esperando ao de Portugal, chegou elle hum dia antes de vespera de natal. Elrei de Castella, que tinha certos avisos das jornadas delrei dom Sebastiam, sabendo como se vinha acercando a Guadalupe, o foi esperar ao caminho, meia legoa antes, mettido em hum coche. Elrei dom Sebastiam, vindo correndo a posta, com a destreza em que era taõ versado, como chegou perto do coche delrei Philipe, ambos em hum tempo se apeáraõ; os quaes, chegando-se hum ao outro com os chapeos na maõ, com muita cortesia e amor se abraçaraõ; em que elrei dom Philipe, tio delrei dom Sebastiam, por sinaes e indicios significativos de grande alegria, se recreava em sua vista; o qual pondo os olhos muitas vezes nelle, que era mancebo formoso e muito bem disposto (cujo aspecto era grave, e de grande veneração) parece que se não fartaya de o vêr,

e estava concebendo em seu peito o muito valor e merecimento de hum rei, que elle amava como filho. Com estes cumprimentos se detiverão os reis algum espaço, até que o rei de Castella se virou pera o duque d'Aveiro (mancebo e principe digno de todas as honras, por sua prudencia e gravidade, e ser amado do mundo, por sua nobreza e brandura de condigaõ, acompanhada de muitas grandezas de animo) e o abraçou com grande respeito; e assim fez muitas cortezias ao Conde de Portalegre, mordomo-mor delrei de Portugal, por ser velho veneravel em sua pessoa, e da mesma maneira a todos os outros fidalgos portuguezes: os quais cumprimentos acabados, elrei Philippe com muita cortezia pedia a elrei dom Sebastian, que entrasse primeiro no coche, o qual com summa modestia, e acatamento delrei, seu tio e velho, não acceitando aquella honra, aperiava com elle entrasse primeiro. Nestas competencias de honra e cortezias, querendo cada hum ser o que a desse, e não o que a recebesse, houve elrei dom Sébastian de accèitar o que elrei seu tio lhe offerencia, pois estava nos seus reinos, ao qual estava melhor e mais formoso dar a mão com todas as honras a hum rei seu hospede e sobrinho, a quem naquella breve vista ficava assás afeiçoado, e via nelle acatamento digno de todas as honras. Com isto entrou elrei dom Sebastian primeiro no coche, e se assentou á mão direita: e da mesma maneira todo o tempo

que esteve em Castella (que foi do dia acima ditò até depois do dia da epiphania) sempre elrei de Castella lhe deo a mão direita nas igrejas, casas, ruas, e finalmente em todas as vistas, mandando alem disto a todos os fidalgos, em tudo reconhecemas primeiro a elrei dom Sebastiam que a elle, e em certa maneira andava buscando todos os modos de venerar e honrar aquelle sobrinho, como cabeça digna de grandes coroas, e ser honrado de huma dignidade acima dos outros reis, e acata-lo com o acatamento que sua pessoa merecia: sobre tudo lhe desejava fazer todos os galalhados e procurar os gostos, mostrando-lhe entranhas de paternal amor, e magnificencia de animo real, nas grandesas de honras que lhe fazia, e no tratamento de todos os portuguezes, em todo o tempo que estiveraõ em nossa Senhora de Guadalupe. Andavaõ os ministros delrei de Castella com extrema abastança de mantimentos, com cargas pelas ruas e portas dos portuguezes, offerecendo a cada hum o que havia mister e queria, sem conto nem medida, dando as galinhas e perdizes e outras cousas a montes, e assim cevada e palha pera as cavalgadas. Como os reis se metterãõ no coche, começãõ a esminhar, mesturando-se os fidalgos portuguezes na conversação e pratica dos castelhanos, com as cortesias de corte, offerecendo-se huns a fazer honras, e outros a não as aceitar, com alterações

iguaes, procurando cada hum preferir-se ao seu competidor em o servir, e mostrar-lhe maior acatamento, o que tudo eraõ leis de curial cortesia. Nesta ordem chegãõ os reis ao convento de nossa Senhora de Guadalupe, que he da ordem de S. Hieronimo, taõ nomeado em grandezas de edificios, como em evidencia de milagres, e á porta delle se apeãõ, e fõãõ fazer oraçaõ; a qual acabada, se recolhẽã a seus aposentos, e os fidalgos portuguezes foraõ esplendidamente agasalhados, em casas que elrei dom Philippe tinha mandado aparelhar a elles e á sua gente, cançados do largo caminho que traziaõ.

*Como os reis de Portugal, e Castella jantãõ ambos juntos duas vezes, e pela mesma maneira outras duas vezes os fidalgos portuguezes e castelhanos. Capitulo XXXIX.*

Alem do gasalhado, que elrei de Castella fazia a elrei de Portugal, naõ soffria seu real animo descuidar-se algum momento de cuidar como lhe daria contentamento, e lhe mostrasse o amor nascido d'alma; pera mostrar do qual, elrei de Castella o convidou hum dia a jantar em sua casa, e elrei de Portugal fez outro dia o mesmo em seu aposento; nas quais comidas, de tanto contentamento de ambos, e representaçaõ das

pessoas, pareciaõ inflamados em amor, bebendo hum á afeição do outro, transformando-se os corações entre si; o delrei de Castella com alegria de ter á sua mesa hum sobrinho, rei de taõ altos merecimentos, e o de elrei de Portugal com summo acatamento de hum tio, rei taõ poderoso em estados, e grandioso em magnificencias, a quem venerava como pai, e sentia entranhavel amor: com esta correspondencia não havia entre elles mais que hum continuo estudo como se agradariaõ hum ao outro, e se ajudariaõ a engrandecer os louvores que a ambos eraõ dados: as quais comidas foram com tantas pompas e apparatus reaes, quanto os discretos poderaõ entender por a grandeza de tais principes, e eu a não poderei declarar pela fraqueza de minhas palavras; mas porque os reis tambem se recreassem na communicação e amizade de seus vassallos, deo-se ordem como os senhores e fidalgos castelhanos dessem banquete aos senhores e fidalgos portuguezes, em dia de carne, e os portuguezes dessem outro aos castelhanos, em dia de pescado, o qual foi provido de Francisco Barreto veador de elrei de Portugal, e por ministerio de Antonio Mouraõ, comprador (homem de extrema providencia em semelhantes cousas, e maravilhoso engenho para qualquer feito cortezaõ) foraõ de Portugal levados por postas de recoveiros, com continuas jornadas de dia e noite, toda a maneira de pescados e mariscos que

em Portugal ha em grande abundancia, e em Castella carecimento. Deixado já para isto recado em Portugal, antes que elrei partisse, em todos os portos do mar, não cessavaõ os recoveiros correr suas postas, e terem a jornada, e lugares onde elrei havia de pousar, providos de muitos pescados: mas chegado o dia em que se havia de dar o banquete aos senhores Castelhanos em Guadalupe, foi taõ grande a abundancia do pescado e marisco, e a diversidade delles, que não somente os Castelhanos se espantavaõ da forma que nunca viraõ, mas como hiaõ frescos, guisados em maravilhoso modo, com espanto diziaõ muitos, que os portuguezes traziaõ consigo os mares, e os deixavaõ detraz daquelles montes, por em caminho taõ comprido, e em distancia taõ grande, estarem providos de tantas iguarias de pescados e marisco; as quaes, contadas, fõraõ cento e noventa, entre assado, cozido, frito, empadas, e outros escabeches; e porque Portugal tambem tem grande abundancia de conservas, por resas da provincia do Brazil, Ilha da Madeira, S. Thomé, e Cabo Verde terem infinitos assucres, de que Castella algum tanto carece, não foraõ em menos cantidade as iguarias dos doces, por sua diversidade e delicadeza, que as dos pescados; na qual houve tanta abundancia em extremo, que era dado aviso aos portuguezes que serviaõ á mesa, nenhum sobejo das iguarias recolhessem á cozinha, nem a casa

outra, mas liberalmente as dessem a quaesquer pessoas castelhanas, que achassem; o que faziaõ com tanta deligencia, que chegando á porta, onde estava infinita gente, aos que primeiro chegavaõ despejavaõ os pratos, assim das iguarias dos pescados, como dos doces.

*Como os reis de Portugal e Castella se resolvêraõ na guerra de Africa e no casamento. Capitulo XL.*

A principal causa da vista dos reis foi para entre si resolverem os dous pontos de Pedro d'Alcaçova, e eraõ, que elrei de Castella desse ajuda a elrei de Portugal pera a guerra d' Africa, e elle casasse com a infante dona Clara sua filha: havendo entre elles algumas vistas e sessoens sobre estas materias, elrei de Castella houve por bem dar-lhe a filha em casamento, e pela satisfaçõ que delle tinha, pouco fõra faze-lo senhor do mundo, enxergando nelle huma grandeza de animo real, digno de huma grande monarchia; porque em todas as cousas era elrei dom Sebastiam tanto homem e rei, que nada lhe faltava para ser temido e reverenciado de todos os grandes principes, e com o animo e esforço que elrei de Castella lhe sentia, não julgava por temeridade de mancebo a jornada que antes tinha feito pera Africa, mas de animo invencivel chèo de todo o valor, e com resaõ podia pôr espanto a todos os barbaros inimigos do povo

cristaõ, sendo a parte que elrei de Castella mais nelle estimava, por que como elle era emparo da igreja catholica, e principal defensor della, naõ tinha no mundo visto cousa que mais o alegrasse nem satisfizesse, que vêr hum rei mancebo zeloso de todos estes bens, e sobretudo estremado em esforço pera temor dos imigos, e aumento da igreja catholica. Com estas consideraçoes, e desejos delrei de Castella em fazer todos os prazeres a elrei seu sobrinho e hospede, naõ houvera no mundo cousa possivel que lhe naõ concedesse: e tocando no porto da guerra, a que elrei dom Sebastiam determinava tornar por recuperar a reputaçãõ da primeira jornada, em alguma maneira perdida, por haver sido ordenada com muito esforço, e pouco conselho, quiz justificar a segunda com tomar o parecer de seu tio, rei taõ poderoso e prudente, e cercado de taõ illustres capitaens e soldados, practicos em todas as cousas da milicia, que approvaria o acertado e reprovava o mal tentado, principalmente do duque d'Alba, com que elrei dom Sebastiam praticou seus desenhos, e a quem pedio com muita instancia quizesse ser seu general, por a fama e experiencia de esclarecido capitaõ: ao qual elrei de Portugal deo as causas que o moviaõ a atalhar os perigos esperados em toda Hespanha na entrada dos turcos em Berberia; porque se elles tomassem posse d'alguns portos de mar, principalmente o de Larache, colheita anti-

ga e segura de muitas galés, dalli poderiaõ fazer inevitaveis saltos, e prejudiciaes danos na costa do Algarve e Andaluzia, sobretudo cerrariaõ as portas do Estreito, pera nenhuns navegantes ousarem passar, com temor de serem a cada passo salteados dos barbaros turcos: e o que mais temia elrei de Portugal era, que de Larache teriaõ os turcos mais comodidade pera discorrerem pelo mar oceano, e chegar até á boca da barra de Lisboa, onde forçadamente entraõ e sahem todas as frotas de sua conquista, e commercio da India, Mina, Brazil, Guiné e mais Ilhas adjacentes, e as do soccorro dos lugares de Africa, onde as poderiaõ saltear e roubar: juntamente o mesmo temor poderiaõ ter os estrangeiros de toda Europa, que navegaõ da da parte do norte, como Francezes, Framen-  
 gos, Ingrezes, Alemaens, naõ virem a Lisboa, escala principal, trazer as mercadorias, de que elrei teria grande perda, principalmente na falta de paõ e outros mantimentos, de que o reino tem grande necessidade; as quais navegaçoens e commercios, se em Portugal faltassem, de toda se perderia: e o mesmo perigo ou maior corrião as frotas de Castella, quando vaõ ou vem das Indias occidentais, por o mar oceano, e as de levante, que vem pelo mediterraneo demandar o Estreito, por cahirem mais na boca destes inimigos: que por estas rezoens e exaltação da fé catholica, desejava empregar o seu talento e esforço contra

tão prejudiciais inimigos. Tanto que elrei de Portugal praticou seu intento, zelo, e causas que o movião a tentar a guerra de Africa, elrei de Castella e seus capitães lhe persuadião muito a não fizesse por sua pessoa; mas, quando elrei de Castella vio o gosto de elrei de Portugal, approvárao o essencial por lhe apprazer e dar gosto, mas não se resolvêrao logo no modo della, por este ser vario, segundo os tempos e occasioens, de que cada hora depende, com mudanças improvisas, que se não podem atalhar; porém, deixado este particular a outros tempos e conselhos, pediu elrei de Portugal a elrei seu tio, o quizesse ajudar nella, pois os inconvenientes de a dilatar erao comuns a ambos os reinos: ás quais peticoens elrei de Castella por lhe comprazer se inclinou de liberal vontade, e prometteo a elrei seu sobrinho ajuda-lo no verao de setenta e sete com cincoenta galés e cinco mil homens, com o qual trato e offerecimento elrei dom Sebastiam ficou mui contente, dando disso as graças a elrei seu tio: e passado dia da epiphania se partio pera Portugal, na qual jornada no caminho achou o mesmo gashado, tão provido de todas as cousas necessarias, como quando antes passára. Nesta jornada, posto que elrei de Castella fizesse todos os gastos dos mantimentos de tanta gente, não se escusavao outros muitos grandes delrei de Portugal, á vida e torrada de grandes e grossas mercês que se aribui

tos fidalgos, e aos officiaes castelhanos que o serviraõ, assim de joias riquissimas, como de dinheiro de contado, do qual foi thesoureiro Antonio da Costa; o qual com muito applauso sempre em sua casa tinha sacos e mesas chêas de muito dinheiro, com homens que o contavaõ, pera se dar ás pessoas que elrei mandava; cujas liberalidades, alem das mais partes ditas, fôraõ mui louvadas a elrei, com que acquiria os coraçoes dos homens, ainda estrangeiros, em o desejarem servir, e convertia em si os olhos de todos pera o amarem.

*De como elrei mandou Luiz da Silva a Castella applicar a ajuda que elrei havia de dar pera a guerra. Capitulo*

*XLI.*

Os fados que guiavão a elrei dom Sebastian para sua perdição, com total castigo da nobreza e riqueza de Portugal, o estimulavaõ a applicar os meos da jornada de Africa (tão mal afortunada) com a diligencia possivel. E como nella tinha embebidos seus sentidos, suas ordinarias meditações ahí paravaõ, e não perdia ponto que não applicasse todos os meos ao effeito della; por que, como elle cuidava começarem-se os negocios a encaminhar prosperamente com a discordia de Mulei-Maluco com Mulei-Hamet, e Berberia com guérras civis tinha quebradas as forças com batalhas, devisoens

e escandalos ainda frescos, principalmente por o Xarife Mulei-Hamet, que andava já desbaratado e fugido, lhe pedir socorro para o restituir aos reinos occupados de Mulei-Maluco, offerecendo-se tambem ás ajudas possiveis, e com presença de sua pessoa atrahir assim muitos alcaides mouros a seu serviço, e inquietar todo o reino (dividido em dous reis) quando os coraçoes dos vassallos não podiaõ permanecer em uniaõ em hum corpo, determinou mandar aplicar a ajuda das cincoenta galés e cinco mil homens, que elrei de Castella seu tio lhe havia promettido, ao que mandou lá Luiz da Silva, seu semilher, a quem era muito affeigoado. Luiz da Silva como entrou na corte de Castella, poz-se em ordem de negociar, e aplicar a elrei mandasse vir de Italia as cincoenta galés, que havia de dar para a jornada de Africa, ao qual e aos do conselho dava toda a pressa que elrei dom Sebastiam lhe encarregára. Elrei dom Philippe, que sabia em Portugal não haver dinheiro, nem muniçoens necessarias para a guerra de Africa, taõ grande e custosa, e entendia bem não se poder effectuar naquelle anno de setenta e sete, andava entretenendo a Luiz da Silva com a resposta morosa, sem ultima resoluçaõ: mas elrei dom Sebastiam, ardendo em fervor de passar á Africa, por ver a guerra entre os mouros ateadã, e que cada vez se abriaõ mais as portas e offereciaõ novas occasioens de sahir com seu

Intento, matava a Luiz da Silva com recados apressados, acabasse de concluir com elrei o a que fôra mandado. Luiz da Silva, que não podia fazer mais diligencias pera acabar com elrei de mandar vir as galés, fazia suas justificaçoens com elrei dom Sebastiam, do calor de sua negociação, e frieza com que lhe respondiaõ, não sabendo o intento d'elrei de Castella, fundado em tão discreta consideração. Quando elrei dom Sebastião vio o pouco que Luiz da Silva fazia no negocio, parecendo-lhe que não se accelerar a vinda das galés era descuido seu, ou pouca diligencia, com sua costumada colera, determinou mandar vir Luiz da Silva, e enviar outro fidalgo mais caloroso pera aquelle effeito: e não deixara de o ter esta determinação violenta, se Cristovão de Távora, muito privado de elrei dom Sebastião, e cunhado de Luiz da Silva, e Fernão da Silva, seu irmão clérigo, o não dissuadirão de seu proposito, mostrando-lhe como Luiz da Silva não faltava ponto ao negocio que trazia entre mãos, pois solicitava com toda a diligencia possível, e como o effeito delle dependia da vontade de elrei de Castella e do conselho dos seus; não era em sua mão acaba-lo com pressa, senão com suavidade e vontade d'elrei. Instando pois Luiz da Silva em sua petição, e apertando muito a elrei de Castella deferisse a ella, vendo-se elrei obrigado, se vêo a declarar com elle, dizendo-lhe, que elle nunca

mudára a vontade nem parecer de comprir  
 com a ajuda, offerecida a elrei seu sobri-  
 nho, das cincoenta galés e cinco mil homens;  
 mas que tinha sabido claramente não haver  
 em Portugal forças, nem aparelho de gen-  
 te, nem de munichoens, pera elrei passar  
 aquelle anno a Africa, e esta era a cauza  
 de não mandar vir as galés, nem desempa-  
 rar as partés de Italia, onde eraõ necessarias;  
 nem fazia as despezas, que sabia haviaõ de  
 ficar perdidas e em vão. Com esta resposta  
 avisou Luiz da Silva a elrei de Portugal,  
 de que ficou mui descontente, porque cui-  
 dava não ser aquella a causa, parecendo-lhe  
 ter todo o necessario. Este engano d'elrei  
 dom Sebastião, em não crer a elrei de Cas-  
 tella (que com mais cuidado e zelo procu-  
 rava suas cousas) se descobrio em breve tem-  
 po; por que entregando-se Arzila este anno,  
 como abaixo diremos, querendo elrei lá man-  
 dar provimento de armas e mantimentos (que  
 deviaõ ser poucos, pera lugar tão pequeno)  
 quando o quiz effectuar, não achou aviamen-  
 to, nem ordem, com o que se acabou de  
 desenganar, de não passar naquelle anno a  
 Africa, e quaõ enganado o tinhaõ alguns  
 officiais, por quem estas cousas corriaõ, os  
 quais de proposito e industria impossibilita-  
 vaõ mais os aparatos, pera com isso diver-  
 tirem a elrei de hum intento tão mal acer-  
 tado.

*Como Cid-Abdelcherim entregou Arzila a  
rei de Portugal. Capitulo  
XLI.*

Bentude, que por seu esforço e muitas batalhas que houve com os cristãos, capitães dos lugares fronteiros de Africa, alcançou grande authoridade entre os mouros, e deixou muito nome entre os cristãos, foi hum dos principaes de Berberia em estados e vasallos, que com elle andavaõ nõ campo fazendo guerra aos portuguezes. Este alcaide, senhor de Alcáçere-quibir, Arzila, Larache, Taleg, Carife, Agéra, e outros muitos lugares comarcãos, e campos fertilissimos de paõ e gado, tinha cento e cincoenta mil crusados de renda; por morte do qual, lhe succedeo no estado e auctoridade e esforço seu filho Cid-Abdelcherim, o qual eu vi nesta cidade, e com quem fallei, homem muito avisado e prudente, e de gravidade de hum grande senhor, ornado de primor cortesaõ. Este Cid-Abdelcherim, como foi sempre leal vasallo do Xarife Muléi-Hamet, por o ter jurado rei, posto que Muléi-Maluco o mandou chamar a Fes, onde com palavras brandas e de amor pertendeo grangear-lhe a vontade, vendo quaõ descahido o Xarife já andava das forças, e desapossado do reino, sem esperança de remedio, naõ achando com que pudesse alevantar as esperanças de sua vida, e saude do Xa-

rife, apertado da necessidade, lançando mão de conselho mais saõ, escreveu a elrei dom Sebastiam, por Bento Lopo, portuguez que andava no negocio do resgate; o qual dando-lhe conta do estado em que o Xarife estava, e do seu, pelas alteraçoes de Berberia, se offercia a lhe entregar Larache, sem resistencia alguma, se mandasse alguns navios e gente a quem a entregasse, e dalli faria entrada em Africa, da qual era informado trazia pensamentos, e debaixo de seu emparo elle ficaria seguro do temor de Mulei-Maluco, e Mulei-Hamet se obrigaria ao seu ceptro, com as obrigações justas e honestas, e com esta occasião ganharia Larache, cousa taõ importante a Portugal, e abriria a porta de seus desejos, e finalmente poria o Xarife Mulei-Hamet e a Berberia debaixo de seu tributo. Em se dar esta carta a elrei, ou elle responder a ella, se passáráõ alguns mezes, mais do que a importancia do negocio requeria, e no cabo de seis mezes que Cid-Abdelcherim havia escrito, não tinha resposta della. A este tempo, tendo já Mulei-Maluco compostos os negocios principaes de Berberia, sendo obedecido de toda ella, quiz acabar de quietar e sojeitar quaisquer provincias e alcaides, de que se pudesse haver algum recêo; pelo que, sabendo que Cid-Abdelcherim ainda era devoto de Mulei-Hamet, e seu estado e vassallos estavaõ a lamira, e o não reconhecíaõ por rei, detex-

minou trazer-lo á sua obediencia. Cid-Abdelcherim, estando em Alcacere-quibir, tendo posto a seu irmão Cid-Hazus por capitão de Arzila, e temendo Mulei-Malucô o prendesse ou matasse, se recolheu secretamente, com as mulheres, filhos e fazenda, a Arzila, onde o irmão estava, e não se dando por seguro na fortaleza, querendo-se encomendar ao emparo de elrei de Portugal, escreveu a dom Duarte de Menezes (que elrei dom Sebastião deixou por capitão de Tãgere, quando de lá se vêo) que em hum dia certo viesse, e lhe entregaria Arzila. Dom Duarte de Menezes, que não desprezou a occasião, com toda a pressa fez cinco navios prestes, com a gente necessaria, e chegou a Arzila no dia e hora aprazados, a quem Cid-Abdelcherim abriu pacificamente as portas; e os portuguezes entrão sem resistencia, nem contradicção alguma, deixando hir os mouros livremente, e ficando ahí Cid-Abdelcherim com suas mulheres, filhos e fazenda. No mesmo dia, em que Arzila foi entregue, logo Cid-Abdelcherim e dom Duarte mandão nova a elrei de Portugal do estado de Arzila, e vêo com ella Cid-Hazus irmão de Cid-Abdelcherim, que estava nella por capitão, o qual chegado a Lisboa, e dada a nova a elrei, este estremadamente se alegrou; e parecendo-lhe que já tinha aberta a porta da guerra de Africa, por onde havia de entrar, conquistando-a com mão armada, e trazer-la ao jugo de sua obediencia, fez, com

isto, muitas honras e mercês ao alcaide Cid-Hazus, e escreveu a Cid-Abdelcherim, dando-lhe o agradecimento do serviço que lhe fizera, com promessas de muitas mercês; e quanto ao da carta que lhe tinha escrito, sobre lhe entregar Larache, lhe respondeu elrei que elle em pessoa hiria lá a esse negocio. Passou esta entrega d'Arzila no anno de setenta e sete, em o qual elrei não podia passar, por não ter aviamento, como atraz fica dito. Dom Duarte de Menêzes, como tomou posse de Arzila, não se sahio della, até não ter recado de elrei; mas porque Tangere ficava sem capitão na ausencia de dom Duarte, ficando lá sua mulher e filhos, mandou elrei a Pero da Silva por capitão a Tangere, por ser cunhado de dom Duarte e irmão de dona Leonor da Silva, sua mulher; e como se esperava que o Xarife havia de vir a Tangere, e esperar ahí a elrei, mandou elle, a dom Duarte se tornasse a Tangere pera agasalhar ao Xarife, e a Pero da Silva por capitão de Arzila.

*Como o Xarife, do Pinhão, pediu socorro a elrei de Portugal, e se vão a Ceila e Tangere. Capitulo.*

*XLIII.*

Não podendo o Xarife, soffrer os continos recontros de Mulei-Maluco, e seus capitães, como atraz fica dito, buscando onde se poderia salvar; e procurar o remedio de qua

se valesse em suas adversidades, occorreu-lhe o mais acomodado, que foi o Pinhão, onde se poderia acolher, e ser emparado dos Espanhoes, até ter recado de elrei de Portugal, de que procurava valer-se; o qual sendo acompanhado de obra de quinhentos mouros, que preserveraraõ com elle na lealdade nos combates da serra, trazendo consigo dom Antonio da Cunha, portuguez que fôra seu cativo, se vêo alojar perto do Pinhão, pera que, se o Maluco mandasse gente sobre elle, se recolhesse debaixo do emparo e artilheria da fortaleza, como atraz fica dito; o qual, como já estava bem informado dos intentos de elrei dom Sebastiam passar á Africa, com desejos de lançar de lá os turcos e o Maluco, entendendo que não tinha outra mêo de ser restituído a seu reino, senão por elle, lhe enviou por embaixador a dom Antonio da Cunha, o qual com muita vontade acceptou o cargo, assiu por se ver livre do cativeiro, como por grangear nisso os dous reis, ao Xarife pela necessidade do socorro, e a elrei dom Sebastiam por a vontade de semelhantes occasiões. O recado que dom Antonio trazia do Xarife era que se queria pôr debaixo do emparo delrei de Portugal, o qual segundo sua grandeza tinha obrigaçãõ de primor ajuda-lo em suas adversidades, sem lembrança das antigas inimizades de Portugal com Africa, e lhe pedia, por seus capitaens o quizesse mandar metter de posse de Berbe-

ria, que o Maluco lhe tinha injustamente occupado, e elle se poria debaixo de seu tributo, com as condiçoens honestas, e ajudaria a lançar os Turcos fora de Berberia; e ainda que de presente estava quebrado e desbaratado, que, como tivesse ajuda, facilmente recuperaria Berberia, sabendo certo virem-se os mouros a elle, e outros não fazerem resistencia. Elrei dom Sebastiam, que com estas occasioens mais se acendia no fervor de seus pensamentos, lhe tornou por resposta, que elle havia de passar á Africa o verão seguinte de setenta e oito, e para isso o fosse esperar a Tangere, onde havia de desembarcar, e ahí se verião e tratarião o negocio pessoalmente, e que tivesse largas esperanças de o favorecer em sua pertençaõ, e essa era sua principal tençaõ, na jornada que tinha determinado fazer, para a qual se ficava aparelhando. Com esta resposta pareceo ao Xarife já a fortuna se começava a apiedar d'elle, e alevantando o coração, occupado de huma profunda tristeza, quasi cahido em desesperaçãõ, sahindo-se donde estava acolhido debaixo da fortaleza e artilheria do Pinhaõ, se partio por mar a Ceita, em humas caravelas e bargantins, que o marquez de Villa real, capitaõ de Ceita, lhe mandou, e a sua gente foi por terra, com seu filho Mulei-Xeque, passando á vista de Tetuam. O marquez, tendo recado da vinda do Xarife, o agasalhou em Castelejo meã legua da cidade; o qual, ten-

do recado como Mulei-Maluco mandava gente sobre elle, se recolheu das tranqueiras a dentro, e ficou emparado da artelharía, onde esteve quatro mezes, nos quaes o marquez lhe fez tantas visitações, cortesias e mimos, como á pessoa de elrei dom Sebastiam, se presente estivera; e um dia deo um banquete ao Xequé seu filho e aos alcaides, dentro na cidade, comendo o Xequé em mesa alta, e os alcaides no chaõ, como he seu costume: neste banquete fez o marquez tanta cortesia ao Xequé, que, alem de naõ comer com elle, sempre andou á mesa em pé, dando ordem a seu gasalhado. Tantas cortesias e mimos fazia o marquez ordinariamente ao Xarife e ao Xequé seu filho, que foi estranhado de muitos homens: huns quasi tomavaõ isto como escandalo, e outros o attribuiãõ a baixesa de espiritos: o qual, sendo avisado, pera satisfazer aos que isto lhe estranhavaõ, lhes mostrou uma carta delrei dom Sebastiam, em que lhe pedia e rogava agasalhasse e tratasse o Xarife como a sua propria pessoa. Dahi, querendo o Xarife passar a Tangere, mandou o filho com a sua gente por terra, e elle foi em uma caravela da armada, que servia na passagem do estreito, da qual era capitaõ Manoel Simoens. Dom Duarte de Menezes, estando já a este tempo em Tangere esperando o Xarife, o agasalhou dentro no rebelim, fora dos muros, onde esteve alojado com sua gente até elrei

lá chegar; ao qual dom Duarte fazia muitos serviços, e sua mulher dona Leonor da Silva muitos mimos, mandando-lhe cada dia muitas iguarias, e de noite dar guarda com huma bandeira de soldados. O Xarife estava em huma tenda servido dos seus com aparato real e musica de alaude, violas e outros musicos instrumentos. Nunca o Xarife em todo este tempo entrou na Cidade, mas o Xequê seu filho como era minino foi muitas vezes desenfadar-se em casa do capitão, e com os seus filhos, que tambem eraõ moços. Neste tempo estava Cid-Abdelcherim em Arzila, e sabendo o Xarife ser chegado, logo se foi pera elle, mostrando muito primor e lealdade com engeitar os offercimentos de Mulei-Maluco, posto no cume da felicidade e obedecido por rei de toda Berberia, e seguir as partes do Xarife, depois de tão derrubado e lançado fora de seus reinos, não interessando nisso Cid-Abdelcherim mais que honra, pois a prova disto assim ser se mostra em deixar suas terras e estado dos maiores de Berberia, por se fazer companheiro da fortuna do Xarife seu rei, a quem jurou guardar obediencia.

*De como elrei dom Sebastião se começou fazer prestes para passar á Africa, ajuntando dinheiro. Capitulo XLIV.*

Ja a tempo da era de mil e quinhentos e setenta e oito, quando elrei passou a se-

gunda vez á Africa, era morto Luiz Gonçalves de Camara seu mestre, ao qual elle teve mui grande respeito e amor pela doutrina que lhe ensinara, a quem era devedor de igual acatamento de pai, o qual, por o muito sentimento que teve de elrei passar a primeira vez á Africa, cahio em huma mortal malencônia, e lhe sobrevierão tais enfermidades, com ver elrei ainda inquieto, que se affirmava isso lhe haver causado a morte, a qual elrei tanto sentio, que, alem de em sua vida o hir visitar á cama ao collegio de santo Antão, onde estava, depois da morte foi huma madrugada visita-lo á sua sepultura com muitas lagrimas e mostras de sentimento. Sendo pois o mestre morto, e Martim Gonçalves fora de sua privança, os quaes chrenvaõ a elrei, induzido por Cristovão de Tavora e Luiz da Silva, seus grandes privados, e outros que aprovavaõ seus desenhos e lhos louvavaõ, não pôdeu esse anno passar a segunda vez a Africa; mas como para tão grande aparato e despesa era necessario muito dinheiro, como cheivo principal da guerra, utou elrei de todos os meios como o pudesse ajuntar; o qual como tinha justificado o seu zelo com o papa e principes christãos, em esta guerra: queter lançar aos tureos de Africa; por ser grande utilidade da igreja, ou pelo menos impedir-lhe huma grande perseguição, impetrou do summo pontifice Gregorio treze a bulla da cruzada, com que se

tirou grande copia de dinheiro: assim impetrou elrei do papa as terças das igrejas, o qual subsidio como era mui pesado e escandaloso, em tempo de tantas perturbaçoens da igreja, e os prudentes e virtuosos não tinham por sufficiente remedio pera guerrar tirar a sustentação dos ecclesiasticos e religiosos, tendo exemplos de semelhantes ajudas, comutamente aproveitarem pouco e danarem muito, fez elrei composiçãõ com a igreja, e voluntariamentè lhe deraõ cento e cincoenta mil cruzados: alem disto tomou elrei o trato do sal, e juntamente houve pedidos, lançados pelos povos e mercadores: aos prelados, e outros seculares ricos, mandava pedir emprestado dinheiro; com as quaes cousas, e outras desta maneira, e boas diligencias de arrecadar e empenhar as rendas do reino e contratos, se ajuntou grande cantidade de dinheiro, com o qual elrei mandou fazer logo grandes provimentos de mantimentos e muniçoens, com outros petrechos, carros e bois necessarios da larga despeza, por a jornada ser ultramar, onde não tinham nenhuma ajuda, e tudo forçadamente havia de hir do reino, até a palha das cavalgadutas, e a lenha para fazer de comer, a qual despeza, assim do rei, como dos fidalgos e outros homens honrados particulares, foi tão excessiva, que bastava pera muitos annos, se em terra fôra a guerra; pera o que toda a gente fidalga e honrada se proyeo, á sua custã, de toda a

necessario, não esperando algum homem de primor delrei hum vintem, tendo por a frente tomá-lo delle; dos quais muitos venderão muitas peças e propriedades, e empenharão rendas e morgados, com muito gosto de o servirem e acompanharem. Tanto pôde a vontade de hum rei, que abala huma republica, aproveitando os homens muitas vezes com palavras, e outras com obras, cousas que o entendimento condena, e gastando com liberalidade a fazenda, que com assa trabalho e industria grangeirão. Digo isto, porque todo o homem portuguez reprovava o intento delrei, e profetisavão todos os danos que se seguirão á republica, e publicamente dizião, que os levava a entregar aos Mouros, e com tudo isto andavaõ em competencias, quem mais gente, e cavallo, havia de levar, e agradar a elrei com seus gastos, e vontade de o servir. Os veadores da fazenda, que neste tempo meneavaõ todo o peso dos mantimentos, eraõ Pero d'Alcova, dom Francisco de Portugal, Manoel Quaresma, os quais, com muito aplauso e diligencia, davaõ ordem a todas as cousas, com que elrei folgava.

*Como elrei começou a juntar gente para a jornada de Africa, e fez coroneis.*

*Capitulo XLV.*

Bela experiencia, que elrei tinha de quaõ mal provido fôra de gente, da primeira jor-

nada, quando passou á Africa, quiz na segunda emendar com providencia o primeiro erro, e vindo que importava para se fazer a guerra haver gente de paga e exercitada na arte militar, ordenou com muita diligencia mandá-la fazer no reino e fora d'elle, e assi mandou Sebastian da Costa, seu escrivão da fazenda, a Alemanha buscar tres mil Tudescos, cujo general era Martin de Borgonha, homem principal e esforçado: tambem em Castella mandou tocar caixa, onde se fizeraõ dous mil soldados, de que foi general dom Alonso d'Aguiar, sargentos dom Luis Fernandes de Cordova, e o Aldana. Neste tempo orocendo a guerra dos Lutheranos Ingrezes contra a Igreja Catholica, Thomaz Estuoli, ingrez de nação, que muitos annos havia sido corsario no mar oceano, alcançando nome de esforçado, com muita reputação dos soldados, que com zelo da fé catholica e emparo da igreja se oppoz a defende-la da pestifera erva que os herejes nella queriaõ semear, vindo-se com poucas forças para resistir á furia dos inimigos, tão poderosos e que com tanta obstinação se punhaõ a derubar os muros da igreja, não tendo outras esperanças de remedio, se occorreo ao summo Pontifice Gregorio treze (de baixo de cujo emparo aquella ilha está) como pastor das ovelhas que tem o caracter do bautismo, com o pasto da doutrina evangelica e sacramentos, e lhe desse socorro de gente em favor d'ella guerra que

fazia. O papa mostrando-se a estas petições mui propício, inclinado a dar o socorro tão necessario, lhe deu trezentos soldados italianos feitos em Roma, e a elle titulo de marquez de Lenster, os quais embarcados, navegando pelo mar mediterraneo passando o estreito de Gibaltar, demandando a costa de Portugal pera dahí demandarem a ilha de Ilhandra, situada na parte do norte, foi-lhes forçado com temporaes entrarem no porto de Lisboa; mas como elrei estava com esta empresa nas mãos fazendo gente, vendo os capitaens Italianos mal avindos com o marquez e por temer-se mais do dano que do proveito de sua viagem, metteo-se de por mção, e assentou que os Italianos o ajudassem na guerra de Africa, e ao marquez satisfez com promettimentos e esperanças de á vinda o ajudar, o que todas houveraõ por bem, hindo o marquez por coronel dos Italianos: e pera ajuntar a gente do reino, ordenou elrei quatro coronéis, fidalgos principaes, os quais foraõ dom Miguel de Noronha, Francisco de Tavora, Vasco da Silveira, Diogo Lopes de Sequeira capitaõ mór das gales, aos quaes repartindo as comarcas do reino, por suas pessoas e outros capitaens foraõ a fazer gente de paga, que foraõ nove mil homens bisonhos e de nenhuma experiencia, e sobretudo mal providos d'armas. Elrei mandando chamar todos os fidalgos e gente nobre residentes na corte, fez huma falla de-

clarando-lhes seu intento, e como se avia-  
 va pera passar á Africa, e que lhes agrade-  
 ceria acompanharem-no com a lealdade e  
 vontade, que nelles tinha mui certa: aos ab-  
 sentes escreveu o mesmo; mas porque o nu-  
 mero de muitos homens honrados e esforça-  
 dos crescesse mais, aos quais não convinha  
 a elrei, por sua auctoridade, pedir em par-  
 ticular o acompanhassem, nem elles, por  
 honra, se haviaõ de assentar a soldo, orde-  
 nou huma bandeira de aventureiros, onde  
 estes, e muitos fidalgos pobres, escusassem as  
 despesas de cavallos, e se assinalassem na  
 honra, por elles haverem de tomar sobre  
 si todo o peso da batalha: mas como Cris-  
 tovaõ de Tavora entaõ privava excessiva-  
 mente com elrei, fê-lo capitãõ delles, par-  
 te por afeição que lhe tinha, e lhe dar  
 essa honra, parte porque os homens com  
 muito gosto e zelo o seguiriaõ, por o terem  
 propicio, e obrigado pera os ajudar com elle  
 em seus requerimentos. Alferes desta ban-  
 deira foi Francisco Ferreira de Valdeveso,  
 e sargento Pero Lopes, que havia sido ca-  
 pitãõ da gente de pé em Tangere. Não se  
 enganou elrei neste intento; porque, com  
 muita brevidade se ajuntaram debaixo da  
 bandeira dos aventureiros mil soldados,  
 huns muito fidalgos, outros cavaleiros hon-  
 rados, e todos homens esforçados e luzidos,  
 dos quais os mais haviaõ sido capitães e  
 soldados na India e em Africa: de maneira  
 que deste modo começou elrei a ajuntar sua

te, e se fez numero de quatorze mil infantes: havia mais mil e quinhentos de cavallo, assi acubertados, como ligeiros, excepto mil e quinhentos gastadores, e outra gente de serviço, que fez numero mais de vinte e cinco mil homens, que pera jornada tão comprida, onde todas as cousas necessarias haviaõ de passar por mar, foi grande exercito. Alem di-to, ajuntou elrei a esta gente a maior parte da de Ceita e de Tangere, de pé e de cavallo; mas por que de todo não houvesse estado de gente sem parte neste castigo, mandou elrei chamar a dom Manoel de Menezes, bispo de Coimbra, para hir por enfermeiro mor, tendo com elle igualmente o mesmo cargo Jorge d'Albuquerque, Aires da Silva bispo do Porto, dom Antonio de Menezes, da iam da capella, com alguns capellaens, e Fernaldo da Silva, e dom Affonso Castel-Branco, fidalgos deputados da mesa da consciencia, pregadores delrei, e sobre tudo muito seus accitos: e assim foraõ muihos religiosos pregadores doctos e famosos, de todas as ordens, assim para pregar, como administrar os sacramentos a tanta gente, dos quais tambem alguns de muita caridade se occupavaõ de curar os enfermos, e outras obras pias. Foi tambem o padre Mauricio da companhia de Jesus, confessor delrei, e dom Joã da Silva, provincial da ordem dos pregadores, que morreo em Arzila, antes de o campo partir; os quais ajuntaraõ as rique-

zas profanas de riquissimos ornamentos, os  
quais convinhaõ pera ministrar o culto di-  
vino entre os pagaõs, que, por inimizade e  
cegueira do entendimento, naõ tinhaõ noticia  
da solemnidade, com que os cristaõs fazem  
suas ceremonias ensinadas pela summa ver-  
dade, e com isto afrontarem e apagarem a  
profanidade dos barbaros costumes, intro-  
dusidos na gente cega pelo demonio; entre  
os quais tambem levavaõ grandessimas re-  
liquias, pera que com os merecimentos dos  
santos, cujas eraõ, Deos alumiasse os enten-  
dimentos daquella cega gente, e com o lu-  
me da fé lançasse fora as trevas de seus er-  
ros, e abominação de seus vicios. Mas, pos-  
to que com este aparato todos os fidalgos,  
da corte e fóra della, a toda a pressa se fize-  
raõ prestes, todavia, considerando elrei  
quanto importava ficarem alguns velhos no  
reino, pera que conservaçãõ da gente plebea,  
mandou a muitos, que havia mais por seu  
serviço ficarem no reino, e naõ seguir-lo, co-  
mo fóraõ o conde de Tentugal, que man-  
dou a tres filhos com elrei, o conde de Sor-  
telha, que mandava dous, dom Josõ Ma-  
noel, dom Philips de Sousa, Hieronimo  
Corte-Real, Manoel Corte-Real, Luiz  
Gonçalves de Taide, Fernam Telles de  
Santarem, dom Antonio d'Almeida, Lou-  
renço de Brito, e outros muitos.

*Philips de Sousa  
no infante*

Das causas por que era reprovada a pas-  
sagem delrei a Africa. Capitulo.

XLXL

Tal era a necessidade de atalhar os mar-  
les esperados a Portugal e Castella, e ain-  
da a toda a cristandade, da entrada dos tur-  
cos em Africa, e apressarem-se dos lugares  
maritimos, principalmente Larache, porto  
capaz de muitas galés, que não houve prin-  
cipe cristão, nem pessoa que sentisse bem  
os inconvenientes, que não entendesse ser  
esta guerra digna de hum principa catolico  
a emprender, pondo nisto todas suas forças,  
com esperanças de ganhar nella muita hon-  
ra, e fazer hisso muito serviço a Deos; mas  
a commum e geral reprovacão desta guerra  
não era na substancia falta causa,  
mas no modo não haver ordem. Hum das  
causas de ella ser mal tomada dos fidalgos  
velhos, e outros homens prudentes, era vêr  
quão sem ordem ella a queria commetter,  
sem ter capitães expertos, nem soldados  
praticos para pelejarem em campo, nem  
sistarem fortalezas; pois os portuguezes  
communmente costumão pelejar ao mar, e  
nas poucas da terra, não guardarem a ante  
da milicia, mas com arremetidas impetu-  
sas, cada hum por onde pode, fazem seus  
accommittimentos, o que, em Africa, se te-  
nia lhes causar toda a perdição, e para a  
qual ainda lhes faltavaõ as machinas, e car-

retas e outras cousas necessarias, que difficul-  
tosamente se podiaõ levar por mar, nem  
ainda em terra havia ordem dellas: quanto  
mais, como elrei não tratava claramente seus  
intentos com homens experimentados na  
milticia, antes andava a fogir de quem lhe  
podia dar objeicõens, faziã todas as cousas  
duvidosas e chéas de medo. O que ainda  
mais acrescentava os recêos de grandes males  
era saber a condiçãõ de elrei ser arriscada a  
todos os perigos, e entendiaõ claramente elle  
os buscaria muito grandes, sem procurar  
remedio, nem querer aceptor conselhos saõs,  
que, em negocio taõ importante, montaõ mui-  
tas vezes mais que grandes forças; e como  
elle havia de governar o exercito, e nenhuma  
capitaõ ousava mandar cousa alguma sem  
seu precelto, viaõ-se claramente os inconve-  
nientes na cabeça, sem tratar de conservar  
os membros com conselho, antes aventurar  
todo o corpo onde os perigos estivessem  
mais certos; cousa de todo o homem pru-  
dente chorada, entendendo não somente hir  
hum exercito grande falto de todas as cou-  
sas necessarias, e sem ministros que o con-  
servassem, mas hir nelle hum rei mancebo  
sem experiencia, nem medo, com dezejo de  
ganhar fama com a grandeza de esforço,  
esperava-se pôr todo o exercito a grande pe-  
rigo; e sobretudo os povos e senhores do  
reino com grandes clamores se queixavaõ de  
elrei hir, em pessoa, tomar huma empreza  
taõ duvidosa, a qual diminua em algu-

ma maneira a auctoridade real; pois tinha capitaens experimentados e de esforço, que podião fazer a guerra com mais conselho e utilidade; alem disso, que não tendo elrei filho algum, nem havendo outro herdeiro no reiuo, era cousa alhea de todo o conselho, e digna de ser reprovada, querer elle pôr o reino, e ainda toda a cristandade, em hum ponto de algum desastre da sua vida. Com estas desordens, que não tinham resposta, andava em todas as partes hum rumor lamentavel, no presagio destes males, e com haver este sentimento, se acrescentava mais, ao verem estas cousas sem remédio, não soffrêr elrei contrariar-lhe pessoa alguma seu intento, e ninguem ou-sava de lho dizer. Todas estas cousas e cada huma dellas, bem pensadas dos experimentados, como as cousas da guerra corrião, e e os perigos da republica se aparelhavaõ, não cessavaõ de gemer vêr hir tudo perdido com o parecer de hum mancebo, que como rei não podia ter reprehensãõ, e por estar persuadido em seus desenhos, não se esperava remedio. Quanta era a desconsolação de todo o povo, por as rezoens ditas, tanto maior fôra o gôsto de todos de seguir a guerra, se a mandára fazer por seus capitaens, e com ordem de se poder esperar algum bom successo: e na verdade, a este fim inclinavaõ a elrei, no principio de sua criação a esta guerra, pera que sendo curioso della, o seguissem os soldados com maior

calor, e os inimigos mais o temessem, ficando resguardada sua pessoa de perigos, e a dignidade real de alguma quebra de sua grandeza, e na verdade, se assim fôra, os negocios houveraõ differentes successos, e a reputaçãõ do nome portuguez naõ ficára taõ quebrada com o erro de hum só, que mais força teve pera abater os esforços dos portuguezes, que as armas dos inimigos.

*Como elrei por muitas vezes foi persuadido que naõ passasse á Africa. Capitulo XLVII.*

Por as resoens atraz ditas se tinha a jornada delrei á Africa por mal acertada, e quanto os recêos de algum desastre eraõ maiores, tanto mais as pessoas, que disto se doiaõ, trabalhavaõ por tirar a elrei deste pensamento; porque a rainha sua avó, em quanto viveo, sempre o dissuadio naõ commettesse tal empresa, pois essa jornada fôra muitas vezes praticada diante della, e delrei domi Joaõ, em muitos concelhos, sem nella se achar mais, que inconvenientes dignos de naõ ser tentada. Depois da morte da rainha, que foi a quatro de Fevereiro de 1578, começou elle commais liberdade a aparelhar-se; mas o Cardeal, que tambem o amava muito, e lhe temia qualquer dano, trabalhou, quanto pôde, a impedir-lhe seu intento, estando mal com aquelles, que lho favoreciaõ, e a elrei persuadio muitas vezes quizesse

mandar fazer aquella guerra por seus capitães, e elle fosse ao Algarve, onde seguindo-o seus vassallos, e muitos estrangeiros, dahi proveria com municoens os exercitos, e com tal ajuda seria mui favorecido para fazer cruel guerra á Africa. Quando o cardeal vio não aproveitarem suas persuasoens, com muita magoa se despedio delrei, e se foi aposentar em Evora, donde era arcebispo; mas, antes que se fôsse, mandou chamar Fernam de Pina Marrecos, vereador de Lisboa, e lhe disse avisasse aos outros vereadores, seus companheiros, dissessem a elrei o perigo, a que punha sua pessoa com o reino, e desistisse da ida de Africa. Fernam de Pina, vendo, quaõ errados eraõ os desenhos delrei, e quanta rezaõ o cardeal tinha, praticando com os outros vereadores o recado do cardeal, foi elle a elrei, e em nome do povo lhe representou, o que sentia do negocio, fundando suas palavras, com grande modestia, no amor de sua pessoa e perigo do reino. Elrei, como era de aspecto grave e temeroso, aceitou taõ mal o requerimento de Fernam de Pina, que lhe pôz espanto, ao que Fernam de Pina, com temor, se soltou a dizer, como o cardeal lhe mandára fazer aquellas lembranças, com o qual accendendo-se elrei em maior colera, lhe mandou trazer papel, e tinta, e fazer hum assinado, como o cardeal lho mandára. Dado o assinado, escreveu elrei ao cardeal, com o escrito de Fernam de Pina, queixando-se de el-

Je andar sollicitando o povo pera lhe impedir sua jornada. O cardeal, vendo, como já o negocio não tinha remedio, remetteo-o a Deos, com assas desconsoação de sua alma. Tambem elrei, dom Philipe de Castella, tio delrei dom Sebastiam, tendo o mesmo pensar de elle querer arriscar sua pessoa, sem nenhuma causa, podendo fazer a guerra por seus capitaens, com mais honra e menos inconvenientes, o avisou algumas vezes com cartas, como lhe não convinha aquella jornada, e o mesmo fez aos fidalgos de seu conselho. Quando elrei de Castella vio elrei dom Sebastiam não acodir a seus conselhos paternaes, que, como tio, lhe dava, com amor e temor de alguma desgraça, quando o mandou visitar da morte da rainha, dona Caterina, sua avó, pelo duque de Medina-Cæli, com mais claras palavras lhe tornou a fazer lembrança, de quaõ mal aceitava passar elle em pessoa á Africa, por rezaõ da dinidade real se pôr a grande perigo, e não ter filho herdeiro e successor; porque, alem de o casamento com sua filha estar já taõ proximo de se effectuar, não era rezaõ elle se fosse fazer guerra antes de o contrahir: alem disto tinha sabido serem os turcos já fora de Africa, e o Maluco estava mui fora de cumprir as condições ao Amurate, antes era imigo de turcos, e elle os havia de lançar fora de Berberia, se lá tornassem; mas já que tinha feito os aparatos da guerra, a mandasse embora executar com alguma

capitaõ de confiança, e depois de casar, e  
 haver filhos, lhe ficava tempo de empregar  
 o seu esforço e talento em serviço da cris-  
 tãndade com os inimigos da igreja, ficando  
 seus estados sem perigo de se perderem. Taõ  
 catolica e honradamente se houve elrei de  
 Castella nestes conselhos santos, que ainda  
 que sabia, por morte de seu sobrinho, elle  
 ser o legitimo successor de seus reinos, mais  
 dor lhe dava a suspeita de sua morte, do  
 que o gosto, que podia ter com tal herança,  
 o que bem mostrou depois de sua morte;  
 pois, sendo o legitimo herdeiro dos reinos de  
 Portugal, claramente se sentio em sua ma-  
 gestade haver antes perdido alguma parte  
 de seus estados proprios, que herdar o de  
 seu sobrinho, com morte taõ cruel, e lastimo-  
 sa. Mas porque a elrei dom Philippe naõ  
 ficasse remedio por applicar no mal que  
 temia, tornou a mandar o conde de Andra-  
 da, filho do conde Lemos, fazer as mesmas  
 lembranças a elrei, seu sobrinho, denun-  
 ciando-lhe já mais claramente, quaõ errada  
 hia, e quaõ apostado a perigos, e com isto  
 tinha cumprido com a obrigaçaõ de rei ca-  
 tolico, e tio, que se doia de seus maos con-  
 selhos e piores successos. Mas como Deos  
 tinha ordenado o castigo delrei, e de toda a  
 nobreza de Portugal, permittio elrei se ob-  
 durasse, como outro Pharaõ, pera naõ en-  
 xergar os ameagos de seus males, nem os  
 avisos de seu bem, e com seu conselho im-  
 petuoso e violento, com appetites de mance-

*Successor de Philippe!!!*

bo, foi-se por caminhos desconcertados, até se precipitar em fins tão danosos, como os em que acabou.

*Como Mulei Maluco mandou pedir pazes a elrei dom Sebastiam. Capitulo XLVIII.*

A cabo de tantos trabalhos, como o Maluco tinha passado em sua mocidade, e experimentado pobreza e abatimentos de príncipe, cansado já de guerras e peregrinações no serviço dos ottomanos, sc. Solimaõ, Selim, e Amurate, onde gastou desoito annos, contentava-se gozar da paz e das pompas reaes com o imperio de Berberia: vendo porem que elrei dom Sebastiam o queria inquietar, com dar ajuda ao Xarife Hamet, lhe mandou recado pedindo-lhe pazes; que não entendia que zelo o movia a se querer fazer juiz entre elle e o Xarife, pois elles ambos eraõ mouros e sempre fóraõ seus inimigos, pera agora se inclinar mais á parte de hum que de outro, e se isto era zelo de justiça, em desaggravar o Xarife por aggravar a elle, que nisto a não seguia; nem tinha esta opiniaõ por cristã, e quando elle a houvesse de zelar, que a d'elle Maluco era mais clara, pois era filho do Xarife, que ganhara aquelles reinos por armas, e o Xarife filho de Abdalá, o qual por odio, e deixar os reinos ao filho bastardo, matara seus irmãos Agximen e Abdelmumim, contra

direito divino e natural, e perseguira e des-  
 terrára a elle: e alem da successão de Mu-  
 lei-Hamet ser tiranicamente introduzida,  
 como filho bastardo, devia sua Alteza  
 de respeitar com que auctoridade o favore-  
 cia, pois o Xarife era filho de huma negra  
 escrava de seu pai, e com tal nascimento  
 punha labeo no sangue dos Xarifes, o que  
 sua Alteza considerando, não devia favore-  
 cer a pessoa de Mulei-Hamet, pera macular  
 a dignidade real dos Xarifes de Berberia: e  
 se se movia a fazer este aggravo, com guer-  
 ra tão injusta, por se segurar dos turcos,  
 soubesse certo já elles serem fóra de Berber-  
 ria, e elle os avorrecia, em igual gráo com  
 elle e todos os principes cristaõs, e lhe af-  
 firmava que não havia de cumprir as obri-  
 gaçoens, que contractou com Amurate por o  
 mandar metter de posse do reino, mas esta-  
 va apostado a fazer guerra aos turcos, se  
 tentassem entrar em Berberia; e quanto a  
 este ponto, podia elle ficar seguro do dano  
 que temia e em que se fundava; mas se el-  
 le movia guerra pera com isso as suas for-  
 talezas de Africa ficarem mais desapressadas  
 dos danos dos mouros em seus campos e no-  
 vidades, e das corridas até os muros, com  
 oppressão dos moradores e fronteiros, que el-  
 le nestã parte se queria justificar com huma  
 firme paz, com a qual elle daria ás suas  
 fortalezas campos bastantes, onde pudessem  
 semear paens e crear gados, e com a firmeza  
 de paz ficariaõ com liberdade pera gozar-se

suavemente de seus frutos, sem temor de algum perigo; mas isto havia de ser nos limites de boa amizade, sem esperanças de por isso lhe dar algum lugar dos que possuía, nem hum palmo de terra, nem huma amêa de qualquer fortaleza. Este recado mandou por André Corso a dom Duarte de Menezes, Capitão de Tangere, que o communicasse com elrei: mas dom Duarte respondendo com arrogancia a este recado, e pedindo muitas terras, respondeu o Maluco, que sobre hum ladrilho podre de Africa daria duas batalhas a elrei de Portugal; o qual, tendo posto o ponto em entronisar o Xarife em seus reinos, e vendo a confiança do Maluco, em tempo de tantas alterações mostrar grandeza de animo em não se querer render a algum partido de obediência, não fez caso de seus oferecimentos, nem lhe concedeo a paz que pedia. O Mulei-Maluco, quando vio quão mal elrei dom Sebastião se aproveitava dos bons conselhos, e como se inclinava á parte do Xarife, contra resão, ordenou justificar-se com elrei de Castella, dando-lhe conta do que tinha passado com elrei de Portugal, e quão apostado elle estava em não consentir turcos em Berberia, nem a cumprir com a obrigação de Amurate, pelo odio que lhe tinha, e pedia a sua Magestade persuadissem a elrei de Portugal não perturbasse os negocios com guerra, pois com paz podiaõ os reis ambos de Castella e

Portugal tirar mais proyeito ; porque , como elle não havia de dar aos turcos lugar algum do sertão , nem maritimo , com isto ficavaõ os seus reinos seguros dos assaltos que temiaõ , e ainda tirariaõ fructo d estar a-la-mira , e deixarem-no a elle fazer guerra ; porque não somente pertendia lança-los fora de Berberia , mas daria muito favor a sua Magestade lançar fora os de Argel , e o tomaria . Com estas resoens , que elrei de Castella tinha por mui verdadeiras , e sabia os turcos serem fora de Africa , e ao Maluco relevava impedir-lhes a entrada , se a tentassem , e de elle estar em paz com Hespanha volveria as armas contra elles , pareceo a elrei de Castella não convir a elrei dom Sebastiam seu sobrinho , seguir a empreza que tentava , sem esperanças de mais proveyto que ajudar a hum rei mouro e imigo , de cuja amizade não havia segurança de os turcos tornarem sobre elle , e Portugal e Castella ficarem com os mesmos perigos , ou por ventura maiores , e do Maluco se esperava segurança na cristandade , e odio contra os imigos della ; pois por não cumprir com as obrigaçoens do tributo , em que ficou com Amurate , como estava capitulado , de força se havia de tratar guerra entre elles , com que pela ventura , os turcos seriaõ molestados , sendo Maluco esperto capitão e experimentado nas mesmas armas , e em esta involta elrei de Castella teria occasião de fazer algum assalto em Argel , e tirar

hum visinho, taõ danoso e prejudicial a Espanha e Italia; e esta foi a causa de se não effectuar o promettimento das cincoenta galés e cinco mil homens, que elrei de Castella tinha promettido a elrei dom Sebastião, e mais por ellas estarem em Italia fronteiras ao turco, a quem resistião em guarda da cristandade, e seria perda desemparrar aonde ficavão mais acomodadas pera algum effeito de cometter Argel, ou dar nas costas aos turcos, se se travassem com Mulei-Maluco: o que tudo sua magestade fez com zelo mui justificado do bem commum, assim da cristandade, como do particular temporal de Castella e Portugal.

*Como elrei assentou ir tomar Larache e meter de posse o Xarife em seus reinos, e fez capitão mór do mar, dos navios de alto bordo, a dom Diogo de Sousa. Capitula XLIX.*

Quando elrei dom Sebastiam se via taõ combatido com conselhos taõ claros de pessoas calificadas e bem entendidas, que o serviaõ com reprehensõens graves, posto que não desistio de seu caminho, quiz em alguma maneira moderar-se, e pôr algum certo limite a seus intentos; porque como estivesse claro serem os turcos ja fóra de Berberia, e o Maluco estava firme em os não recolher, menos havia de remediar em Africa; por tanto elrei assen-

tou consigo ir tomar Larache, lugar importante, e fazer huma fortaleza pera guarda do rio, e daqui entrar a terra dentro com o Xarife, até lhe acudirem alguns Alcaldes, em que o Xarife tinha esperanças, e depois de ter gente bastante pera se defender e cometer, deixa-lo. Sabendo o Xarife como em Africa não havia turcos, pera que a ida delrei lá fosse necessaria, receando-se muito em elle querer passar com tão grande poder, presumindo não o meteria de posse, senão levá-lo consigo, pera mais seguramente ocupar Africa pera si, por isso instava tambem da sua parte com elrei não passasse, que pera hum effeito e outro, de tomar Larache e ajudar a elle, bastava hum capitaõ com quatro mil homens. Elrei, tendo já passado por outras mais urgentes persuasoens e mais efficazes conselhos, sem obedecer a elles, não deo vento aos do Xarife, mais posto em ordem de partir, ordenou fazer capitaens do mar, tendo já feito coroneis da terra, como atraz fica dito: e logo fez capitaõ-mor dos navios de alto bordo a dom Diogo de Sousa, fidalgo velho e de muito conselho e experiencia, segundariamente mandou chamar a dom Luiz de Almeida,irmaõ do arcebispo de Lisboa, e a Cristovão de Moura, e dava a cada hum hum galeão de que fossem capitaens; os quaes escusando-se em lhes parecer ser menos-prezo de seus merecimentos hirem debaixo de outra bandeira, que não fosse a delrei, não

quizeram aceitar as capitánias. Elrei como era determinado e colerico, os mandou prender no castello, sem mais outras desculpas, provendo os mais navios de alto bordo de capitaens, e entendeu logo tambem prover as galés, de que era capitão mor Diogo Lopes de Siqueira. Neste tempo começando-se já a juntar gente em Lisboa, assim estrangeira como natural, era cousa muito fermosa a multidão e diversidade dos Soldados, que não cabião pelas ruas, e o porto cheio de náos, humas d'armada delrei, outras de fidalgos particulares, que fazião prestes pera suas pessoas, gente e mantimentos, outra grande cantidade de caravelas e barcos, pera cavallos, palha e lenha, excepto outras muitas embarcaçoens que elrei tinha mandado aparelhar aos portos do Algarve, pera passar a gente d'Alemtejo, de que era coronel Francisco de Tavora, com outros muitos fidalgos e homens honrados, que lá mandavaõ, aviar suas embarcaçoens, por dali estarem mais acomodadas a seu modo. Da mesma maneira no porto de Aveiro, e outras partes do reino, estavaõ navios aviando-se com gente e muniçoens, os quais se haviaõ de ajuntar em Africa debaixo da bandeira de dom Diogo de Sousa. Com estes aparatos parecia que ardia todo Portugal em armas, assim por mar como por terra, e em todo elle não se fallar nem tratar mais que no negocio da passagem d'Africa, em a qual jor-

nada os mancebos, que não viaõ os perigos, e se moviaõ pelos aparatos de fóra, ardiaõ com fervor da guerra, promettendo-se grandes victorias; mas os velhos, que enxergavaõ bem o errado caminho delrei, sem ordem da milicia (e os soldados mais occupados em vestidos e joias que em armas) com gemidos do coração suspiravaõ, pedindo a Deos que o mal que se esperava de tanta desordem, e os perigos promettiaõ, fossem moderados com misericordia e clemencia, e o açoute que viaõ armado não fosse com total destruição. Com esta confusão tão contraria, entre alvoroços afervorados dos mancebos e gemidos melanconizados dos velhos, não havia conselho certo em huns nem outros.

*Como elrei fez governadores pera ficarem no reino, e dom Francisco da Costa pera o Algarve Capitulo L.*

Vendo elrei como em sua ausencia era necessario quem ficases no reino, assistindo aos negocios publicos, e supprisse suas vezes, determinou prover n'isso conforme a necessidade do prezente; o qual cometendo muitas vezes o cardeal dom Henrique, rogando-o quizesse aceitar o governo do reino, durante sua ausencia, nunca o pôde a cabar com elle (\*), antes o cardeal como

---

(\*) O Cardeal me certificou, aqui em Alcobaca, que nunca lhe elrei seu Senhor fallára nisto, com.

era de contrair a opiniaõ da ida delrei, naõ somente nunca quiz dar ajuda, e se pudera posera-lhe todos os impedimentos, mas como vio a instancia com que elrei lhe pedia accitasse o governo, se foi pera Evora, por que naõ parecesse com sua presença favorecer o que tanto estranhava. Elrei quando se desenganou naõ poder acabar com o cardeal o que lhe rogava, e entendia o zelo com que o fazia, foi-lhe necessario buscar outros homens de confiança e experiencia, a que cometesse o governo do reino: mas como, tirando o cardeal, naõ havia principe a que se pudesse deixar este cargo, e a qualquer outro homem o povo mal obedeceria, se ficasse só nelle, e a muitos melhor tomaria, foraõ pera isto eleitos dom Jorge d'Almeida arcebispo de Lisboa, Pero d'Alcaçova veador da fazenda, Francisco de Sá, dom Joam Mascarenhas, e Miguel de Moura secretario do reino, aos quais elrei como elegeo, encarregou muito a obrigação de justiça, mostrando a confiança de fiar delles negocio taõ importante, deixando-lhes largos poderes ( ainda que em algumas cousas limitados ) assim na execuçaõ do castigo, como no fazer das mercês: os quais, como se elrei partio, tomando a seu cargo o negocio dos despachos do reino, se ajuntavaõ

---

as lagrimas nos olhos com sentimento, dizando-me que o faria por suas indisposicoens, que eram muitas: e isto me disse aqui em Alcobaca, donde se vão meter, e daqui foi levado pera rci. *Nota do Apographa mais antigo.*

cada dia todos quatro no paço, e a huma mesa, a fazer negocio. Com esta ordem continuavaõ os governadores, ficando-lhes todos os officiaes dos tribunaes subjectos, como ao mesmo rei, com outros da pessoa, como porteiros, que servissem de seus ministros. Alem dos negocio do reino, em que os governadores se occupavaõ, tambem lhes ficava muito a seu cargo prover a elrei de cá com todo o necessario pera a execuçaõ da guerra, assim de gente como muniçoens. E por que dom Diogo de Sousa, capitão mor da armada d'alto bordo, era governador do reino do Algarve, proveo elrei no mesmo lugar a dom Francisco da Costa, estando aviado pera o acompanhar na jornada, por ser fidalgo de muita confiança pera a importancia daquelle governo, e principalmente em tempo taõ necessario pera provimento da guerra, e assim, como o Algarve era fronteiro da costa de Africa, dalli com mais facilidade e brevidade se podessem provêr as cousas necessarias, e comunicar os avisos.

*Como elrei foi benzer a bandeira á Sé e se embarcou na galé real. Capitulo LI.*

Dispostas já todas as cousas, e preparados os da partida, ordenou elrei, como he costume, hir benzer a bandeira real do exercito, pera que Deos lhe fosse propicio com o favor do ceo, escolhendo o dia mais aco-

modado aos quatorze de Junho de setenta e oito, ajuntando-se pela manhã toda a corte no paço, pera acompanhar a elrei: onde foi tão grande o concurso de gente de cavallo da nobreza de Portugal, que fez demonstração de hum exercito formado. Sahindo elrei do paço se pôz a cavallo, mui ricamente vestido de huma telilha entre parda e azul, com muitos troçaís d'ouro, e ia tão fermoso e airoso, que parecia prometer-lhe a fortuna o ceptro de todo o mundo; por que, alem de ir com muita graça, como elle tinha muita em todas as representações de sua pessoa, aquelle dia as mostrou todas juntas, e converteo os olhos de todo o povo em si, e se enxergava nelle hum aspecto terrivel pera os imigos, e promettedor a seus vassallos de insignes victorias: e com lagrimas, nascidas de alegria, lhe rogava todo o povo a altas vozes prospero successo, e felice gloria de sua empreza: e a ordem que levava era hir diante d'elle o alferes mor dom Luiz de Menezes, com o guiaõ grande de damascó cramesim enrolado, com Cristo crucificado broslado na bandeira, insignia em que elrei sempre trazia os olhos fixados, e que tinha por ajuda de seus estados e por honra de sua fé catolica, cujo professor elle era, pera defender com armas a santa igreja dos insultos dos barbaros africanos, e augmenta-la nas partes orientais com doutrina evangelica, semeada pelos mirmistros do evangelho sagrado, que elle a

essas partes com muito cuidado mandava; e acompanhado de grande concurso de gente nobre, todos eraõ em competencia de quem mais gentil, louçaõ e galante appareceria, com mais fermosos ginetes, arreos, custosas roupas e outros atavios de infinito preço: e de verdade, não se pode estimar em tanto as riquezas, vestidos e jaezes daquelle dia, e outras peças e joias, que tudo não seja verdade, porque como os fidalgos vi- raõ elrei taõ gostoso nesta viagem, e elle se vestia com muitas louçainhas, todo seu cuidado puzeraõ em cada hum fazer em vestidos de sedas, e peças de ouro, e joias de pedras e perolas, mui largas despezas, por o contentarem: tal era o amor de todos de desejarem servir elrei, e o gosto de o agrada- rem, que não havia quem sentisse gastos e custos, pera este fim, não somente nos ata- vios da pessoa, mas em todo o mais servi- ço de camas, mezas, e outros ministerios, em que se fizeraõ excessivos gastos; assim que parece que quiz Deos despojar a Portugal de toda a riqueza de ouro, prata e sedas, e outras ricas peças, e enriquecer a Berberia, como fizeraõ os Egipcios aos Hebreos: e bem considerados estes processos, he de crer permittio Deos o castigo, que os Portu- guezes mereciaõ, e elle já não podia dissimular, por seus pecados, fosse taõ geral que tocasse nas pessoas e honra e fazendas, com pobreza de Portugal, e grande prosperi- dade de Berberia. Deixada esta materia,

da qual havia muito que dizer e meditar á cerca dos divinos juizos, e nos peccados dos homens, tornando ao fio da historia, parli) elrei do paço na maneira dita; o qual, subindo pela padaria acima, foi á Sé, onde disse missa cantada em pontifical o arcebispo de Lisboa, e acabada, foi por elle a bandeira benzida com as ceremonias acostumadas. Tornando elrei da Sé, com a ordem que levára, e com bandeira despregada diante, logo se foi embarcar á galé, onde juntou; o que fez a fim de applicar os homens á se negociarem e embarcarem com brevidade, vindo como elle já estava no mar; com o que os fidalgos se expertárao com muita diligencia, havendo grandissimo trabalho nas embarcaçoens de tanta gente, municoens e outras cousas; e assim de dia nem de noite cessava o rumor da gente, que de huma parte e da outra discorria por todas hs partes da cidade, sem cessar. Elrei, como naquelle dia se meteo na galé, nunca della mais se sahio, onde esteve até de no- do sahir fora da barra; o qual alli era visitado communmente dos fidalgos e senhores, onde comia e dormia; mas por mais diligencia que se fazia no embarcar, e elrei applicar com sua estancia no mar, não puderão acabar até dia de san' João vinte e quatro do mesmo mez.

—

*De humas palavras que o senhor dom Antonio teve com Cristovão de Tavora, e com o duque de Barchina adoecco, e não foi com elrei. Capitulo LII.*

Tanta era a privança de Cristovão de Tavora com elrei, fazendo-lhe muitas mercês e honras publicas, em que se enxergava quanto o amava, que todo o homem cuidava que alcançava muito em o servir, por as esperanças de bons despachos com seu favor. Aconteceo que tendo o senhor dom Antonio, prior do Crato e filho do Infante dom Luis, hum criado, que por morte da Infante dona Maria sua tia (cujo fôra) lhe pedira o tomasse por seu, parecendo-lhe a este homem que servindo Cristovão de Tavora alcançaria mais facilmente remedio de vida e honra, sem dar conta ao senhor dom Antonio, se foi a viver com elle. O senhor dom Antonio, tomado do pouco primor do criado sem sua licença deixar a elle, pera servir a outra pessoa, dissimulando o aggravo de Cristovão de Tavora em o recolher sem ter comprimento com elle, não se dava por achado de huma cousa nem outra. O criado autor desta rapasia, muito contente de lhe ser dissimulada, estando o senhor dom Antonio em Almada, teve tão pouco pejo que lhe foi fallar e tocar na sua mudança, ainda com algumas palavras ingratas. O senhor dom Antonio, não podendo sofrer seu

despejo (estando por a sésta deitado em hum catre) lançou mão de hum pão da varella d'elle, e começou de o espancar, o qual fugindo se lançou de huma janella abaixo, onde se tratou mal. Divulgada a causa porque o senhor dom Antonio o espancára, e por o homem se queixar, vêo isto ter a Cristovão de Tavora, o qual como andava tão altivo e enlevado em sua privança, determinou mostrar-se queixoso do senhor dom Antonio, e aggravá-lo no que se offerecesse, com favor delrei. Vindo pois o senhor dom Antonio visitar elrei á galé, quando entrou todos os fidalgos, como tinhaõ de côstume, se levantáraõ e se desbarretáraõ, fazendo-lhe a cortezia devida. Cristovão de Tavora, que estava na companhia, não se levantou nem desbarretou: o senhor dom Antonio estranhando aquella novidade, sendo antes muito amigos, lhe disse: *» Cristovão de Tavora porque me não fallais? »* Respondeo: *a Eu não fallo a quem faz o que vossa excellencia fez.* O senhor dom Antonio, tomado muito deste atrevimento e resposta, logo se foi á pópa da galé, onde elrei estava, e agastado lhe foi fazer queixume de Cristovão de Tavora. Elrei como tinha toda sua afeição posta em Cristovão de Tavora, e não podia ouvir queixume d'elle, antes se creio o favorecia neste caso, respondeo ao senhor dom Antonio: *» Vós terreis feito cousa por onde elle ficará assim.* O senhor dom

Antonio, achando em elrei outro maior agravo, se sahio logo mui irado, dizendo muitas palavras de homem agastado, entre as quais, que era melhor hir servir o turco. O duque de Aveiro, como ahi estava, e era hum principe cheio de todo o primor e magnificencia, quando ouviu o senhor dom Antonio taõ queixoso, se foi a elle com muitos offerecimentos, a o tirar da colera, que tinha, e se foi com elle á não, onde já estava embarcado: o qual, como chegou a ella, mandou tirar as bandeiras, e despir-se das roupas de seda muito custosas, e vestir-se de preto elle, e os seus, mostrando-se em extremo anojado, e aggravado. O duque de Aveiro, desejando temperar estas discordias, de que se esperavaõ muitos enfadamentos, nunca se apartou do senhor dom Antonio, por o tirar deste sentimento, e procurar alguma reconciliação com elrei. O Cardéal, que naquelles dias viera de Evora despedir-se de elrei, foi-se pera Cintra pera o mosteiro de Penha-longa, da ordem dos Hieronimos: o senhor dom Antonio, posto que este tempo se não corria com o Cardéal seu tio, todavia no tempo do trabalho, e afronta, não teve com quem desabafar seus queixumes, senaõ com elle; e sahindo da não, se foi ter com elle dar-lhe conta do successo, mostrando-se mui sentido, do que elrei lhe dissêra. O Cardéal, posto que sentio muito aquelle agravo, assim de Cristovão de Tavora, como d'elrei o consentir,

feito ao filho do infante dom Luiz, seu irmão, o consolou, e aconselhou, como velho santo, e prudente, tirando-lhe da imaginação o sentimento, que disse tinha, com razões bastantes para o aquietar, tomando elle á sua conta seus aggravos, e se queixar a elrei, pedindo-lhe não fizesse com isso alteração, nem desistisse de acompanhar elrei na jornada. O senhor dom Antonio com isto se tornou á não, a quem o duque de Aveiro tornou a acompanhar. Elrei, cahindo no erro, que fizera, e segundo dizem, persuadido por rōgos do mesmo Cristovão de Tavora, e sua mãe, e outros parentes, se foi huma tarde a bordo da não do senhor dom Antonio, e lhe fallou com muita brandura, e mandou tocar as charamelas, e o levou comsigo no bargantim. O senhor dom Antonio, como estava tão aggravado, posto que com palavras cortezes, e avisadas, encobridoras de seu sentimento, agradecesse a elrei a mercê, e honra que lhe fazia naquella salva, não foi isto parte de elle fazer alguma mudança do nojo, em que estava assentado. Ao duque de Bargaça, dom João, que tambem estava na côste aviado com suas mãos, gente de pé, e cavallo, para acompanhar elrei, sobrevêo-lhe huma grande enfermidade de febres mui grandes, já em vesporas da partida, e elrei estar embarcado; o qual, como se vio neste estado, com assas desgosto desta enfermidade lhe impediu a vida, logo com muita pressa

mandou chamar seu filho, dom Theodosio, duque de Barcellos, pera ir em seu lugar na companhia delrei, e por capitão de sua gente: o qual, embarcado em huma não da carreira da India muito grande, com todos os fidalgos de seu pai, foi com elrei, sendo elle muito moço de idade de doze, ou treze annos. Desta maneira houve nosso senhor por bem de livrar o duque de Barchança do perigo, a que estava já aparelhado, e como depois aconteceu a todos os que lá foraõ,

*Como elrei partio de Lisboa pera Africa, e esteve alguns dias em Calés.*

*Capitulo LIII.*

Havendo já dez dias que elrei dom Sebastião estava embarcado, sollicitando grandemente a cada hum fazer o mesmo, sendo já tudo a ponto aviado, se partio de Lisboa a vinte e quatro de Junho de setenta e oito, em huma grossa armada de galés galeoens e náos, entre as quais iaõ cinco galés, cujo capitão mor era Diogo Lopes de Sequeira. Nas galés iaõ os capitães seguintes: da galé real onde elrei ia, era Pero Peixoto da Silva, Diogo Lopes de Sequeira, Antonio de Abreu, Joam Mendes de Menezes, Antonio de Mello do Algarve. Dos navios de alto bordo, era capitão mor dom Diogo de Sousa, entre os quais iaõ seis galeoens muito grandes armados. Dom Diogo ia no

de Sam Matheus: nos outros iaõ, . Manoel de Misquita no de Sam Martinho (que ia aparelhado pera elrei se passar a elle) e dom Francisco de Sousa, Martim Affonso de Mello; Manoel de Mello da Cunha, o do olho, Luiz Alvares da Cunha: toda a gente ia repartida pelas galés e náos de alto bordo, cada hum como lhe cabia a sorte; a qual frota era taõ grande, de toda a maneira de vellas, que parecia cobrir o mar, e punha espanto a toda a Africa: porque entre as galés e galeoens e náos armadas, e navios mancos de toda a sorte, chegou a frota a numero de oitocentas velas, com as que tambem partiraõ de outras partes do reino. O senhor dom Antonio como estava taõ aggravado, como fica contado, ficando o duque de Aveiro com elle na sua náos (pera o acompanhar naquelle desgosto, por serem muito amigos) partiraõ dois dias depois de elrei sahir fora da barra. Elrei vendo-se no tempo taõ dezejado, alegrava-se em extremo ver o alvoroço de todos em o servir, e o grande poder que levava, e com a multidaõ das vellas entendia pör espanto a toda a Africa; o qual foi com tempo prospero ter ao Algarve a cidade de Lagos, e dahi a Cales, cidade de Espanha. Elrei chegando alli com toda a frota a vinte e nove de Junho, se fez surto, por esperarem o resto da gente que não tinha chegado, principalmente Francisco de Tavora, e Manuel da gente d'Alentejo, que havia de em

barcar nos portos do Algarve com seu terço, e outros muitos fidalgos que tambem alli, e em outros portos, tinhaõ suas embarcaçoens. Vendo os soldados como elrei se não havia de partir de Cales até lhe não chegar o resto da frota que esperava, sahio-se a maior parte da gente em terra, assim fidalgos, como outros de toda a sorte, onde de-raõ vista a Espanha (por de muitas partes virem muitos fidalgos castelhanos a verem-os) da riqueza e ornamento daquelle exercito, e vestidos, joias, e outros ornatos de pessoas e serviço, com que fez demonstração da mais luzida gente do mundo; e os que os viaõ com tanto esforço e ufania, com huma tal confiança, lhes prometiaõ render-se Africa sem resistencia, ajuntando a isto o muito poder que elrei levava, e sobre tudo a grandeza de animo e gravidade da pessoa, que se enxergava nelle, mancebo esforçado, dotado de todas as boas partes corporaes, e muito mais das virtudes da alma dignas de hum grande monarca, em quem resplandecia o zelo e confiança de libertar a igreja catolica das oppressoens dos barbaros inimigos, com dano de toda a Africa. O duque de Medina-Sidonia, senhor de grandes estados, e de maiores virtudes e grandezas, por elrei dom Sebastiam estar alli naquella cidade sua, se vêo a visita-lo com muito amor, offerecendo-se-lhe a todos os serviços, e procurando dar-lhe todos os contentamentos, o qual desejando festejar a elrei,

lhe mandou correr touros, a que todo aquelle exercito se achou presente, posto que elrei não fosse a elles (ainda que alguns dizem foi disfarçado) nem sahio em terra mais de huma vez, a ouvir missa a huma ermida fóra da cidade. Gastando elrei neste porto sete dias, como teve nova que se vinha chegando o resto da gente e a frota, se foi a Tangere, sua cidade fronteira em Africa, da outra parte do Estreito, desoito leguas de distancia. Elrei chegando á mœa noite na sua galé a Tangere, mandou recado a dom Diogo de Sousa, capitão mór da armada de alto bordo, fôse ancorar com toda a frota a Almodrava, porto seguro duas leguas de Arzila, onde esteve surta até elrei se fazer á vella pera Arzila, onde se toda a frota e gente ajuntou, e desembarcou.

*Como elrei chegou a Tangere, e foi visitado da Xarife e do Xequa seu filho.*

*Capitulo LK.*

O Xarife, que estava em Tangere, com os olhos e esperanças postas na vinda delrei dom Sebastian, como autor de sua honra, e mœo de ser restituído á posse de seus reinos, sabendo estar tão perto em Calea, como em atalaya, esperava cada hora sua vinda. Partindo elrei de Calea nas galés, apartando-se da frota d'alto bordo, chegou a Tangere á mœa noite, a seis dias de Julho. O Xarife tendo vigias pera ser avisado

da chegada delrei, logo na mesma hora mandou seu filho Mulei-Xeque visita-lo: elrei como soube da vinda do principe, o foi receber ao meio da galé, tratando-o com cortezia, e o levou á popa, onde recebeu a visitaçãõ de Mulei-Xeque em pé, e á despedida o tornou elrei a acompanhar até sahir da galé. O Xarife, tanto que amanheceo, tendo aviso estar elrei alevantado, o foi visitar, levando consigo Cid-Abdelcherim e os mais alcaides, e outros mouros honrados, até o numero de quinze. Elrei vendo o Xarife chegar á galé, o foi receber á entrada della com o chapéo na mão, e o Xarife com inclinações o beijou no hombro, conforme ao costume dos mouros, e se abraçáraõ com muitas cortezias e gasalhados, e dahi hindo-se pera á popa se assentáraõ ainbos, e Cid-Abdelcherim com elles, onde perguntou o Xarife a elrei como vinha do caminho, e se estava bem disposto, acrescentando a isso quanto se alegrava com sua vinda, pois com vêr sua pessoa se lhe certificavaõ as esperanças de por elle ser alevantado da queda que a fortuna lhe tinha dado, e ser restituído á honra e estados que elle tinha perdido. Elrei lhe respondeo com alegre semblante, chêo de huma magnificencia real, dizendo que elle tinha por muy bem empregado o trabalho da pessoa e despezas do exercito e vassallos, pera com tudo o favorecer e ajudar a recuperar o perdido, e o não movia outro interesse senãõ cumprir

com a divida, que os principes cristãos tem de ajudar e favorecer os reis descahidos de suas prosperidades, e ainda aos mouros e inimigos, quanto mais que tendo-o por amigo esperava lançar fóra de Berberia os turcos, e fechar-lhes as portas pera nunca mais entrarem nella, por assim convir a seus reinos e estados: com a qual resposta ficou o Xarife tão alegre, como se já tivesse chegado a suas esperanças, e com estas palavras, tão dignas de serem cridas, por a magnificencia e gravidade com que elrei as certificava, ficou livre dos temores e desconfianças que havia tido, em elrei não pertender com este aparato tanto sua restituicão, como no mêm de alteraçõs confusas e guerras civis, com divisaõ dos alcaides, ter menos resistencia pera se fazer senhor de Berberia. Praticando hum pedaço nestas cousas e outras, se despedio o Xarife, e elrei o tornou a acompanhar até á sahida da galé, como á vinda, com todos os senhores e fidalgos que com elle estavaõ na galé: do qual, por a grandeza de seu animo e aspecto da pessoa, juntamente com a gentileza dos fidalgos, e pompa dos ornamentos, ficaram o Xarife e mais mouros em grande maneira admirados daquella magnificencia d'estado; e fallando em nesta cidade de Lisboa com Cid-Abdelcherim, homem em extremo avisado e grave, me disse que lhe puzera espanto a magestade delrei, acompanhado de tão bizarra e lusida gente: com

a qual vista os mouros concebêrão elrei ser dino de todos os inimigos se sujeitarem a elle, com o reconhecimento de vassalagem. Elrei mais de dia desembarcou, e foi apozentar-se na cidade, com grande alvoroço de todo o povo; mas como elle era incangavel em seus exercicios, antes o repouso lhe era prizaõ, não o soffrendo, ao dia seguinte cavalgou, e sahio ao campo acompanhado de muitos señhores, todos com lanças nas mãos (se não o duque de Aveiro com hum montante) e com elle o Xarife com obra de trinta mouros de cavallo. Elrei não tendo outras meditações mais gostosas que as da guerra, e os ensaios della, mostrou que desejava vêr como os mouros se desenvolvião em suas escaramuças, pera as quaes começando alguns sahir ao campo, quiz o Xarife também dar gosto a elrei e festeja-lo, sahindo de volta com os outros mouros também escaramuçar, os quais elrei muito folgou de vêr, e o Xarife ficou mui contente em vêr elrei satisfeito daquelle bom exercicio: isto acabado elrei se recolheo á cidade aquelle dia, e depois sahio duas vezes ao campo montar, tendo postas atalaias, que o segurassem de alguma improvisa corrida de mouros, ou citadas, como elles tem por costume. Com esta confiança e animo com que elrei dom Sebastian entrava em Africa, com tanto poder, estando ella tão dividida nas forças, e se esperava dividir mais, pugna esperanças, assim aos mouros como

cristãos de prospero successo, e mais estando Mulei-Maluco chão de temores e duvidas de se defender, nem tendo forças pera resistir.

*Como Mulei-Maluco foi avisado da vinda delrei dom Sebastian á Africa e da gente que trouxe. Capitulo LV.*

Tende Mulei-Maluco avisos dos tractos do Xarife com elrei dom Sebastian, e espias dos aparatos de guerra que se fazião em Portugal, provendo-se com muito cuidado pera resistir a elrei e conservação dos seus estados, mandou fazer gente e atalhar que não houvessem alguns alevantados em favor do Xarife; e porque mais se temia dos inimigos domesticos dissimulados que dos portuguezes armados contra elle, sabendo como o Xarife estava em Ceita, já á sombra delrei de Portugal, e se começava a espargir a semente da guerra, mandou a seu irmão Mulei-Hamet ao campo de Alcazere recolheste ahi a gente de Fes e daquellas comarcas vizinhas, e os tivesse prestes com aviso de acudir quando fossem chamados, dos quais ajuntou quinze mil de cavallo, e Achabiac, alcaide granadil seu mordomo, mandou com dous mil infantas epingardeiros á comarca de Tetuem, pela muita confiança que nelle tinha, por amor e conversação com que de Constantioppola se tratavam. Todos estes providimentos de gra-

te nestes lugares eraõ com prudencia ordenados, assi pera os cristãos entenderem ter já o inimigo á porta, com que haviaõ de pelear, como os mouros que lhe ficassem nas costas se não atreverem a fazerem alguma alteraçãõ, ou hirem-se ao Xarife a Ceita. Tendo neste tempo Mulei-Maluco taõ bem providas as portas de Berberia, e por pessoas de tanta confiança, ficou-se em Marrocos, provendo de vagar do resto do exercito, e compondo as alteraçoes inda frescas de revoltas passadas, principalmente nos reinos de Sus, Dara e Serras dos Montes Claros, onde o sangue das batalhas civis estava ainda fumegando, com odio e escandalo de huus naturaes e parentes contra outros. Tanto que Mulei-Hamet e Achahiac souberão da chegada delrei a Tangere, com fama de grande poder, e certa sciencia de seu estorço e animo bellicoso, não se derão por seguros cada hum em seu districto: os quaes avisando-se hum ao outro com assas temores das cousas dos cristãos terem taõ prosperos fins como promettião nos principios, foi-se Achahiac ajuntar com Mulei-Hamet, pera tomarem conselho no que deviaõ fazer. Com esta nova da chegada delrei a Tangere, mandou Mulei-Hamet recudo a seu irmão por a posta, dando-lhe conta do estado das cousas, principalmente da poderosa frota de Portugal, que cobria o mar e espartava a Berberia. A este tempo estava Mulei-Maluco na seira, em hum lugar chamado Ache-

rá, pacificando aquelles povos, a huns com rigor de castigo, a outros com liberaes mercês. Mulei-Hamet, tomado conselho com Achahiac e outros alcaides, sobre huma novidade de tanto perigo, assentou hir-se a Larache em modo de o defender, sabendo alli haver de ser a força da guerra; o qual sendo avisado como elrei havia partido de Tangere pera Arzila, tornou-se do caminho que levava, e mandou Achahiac com quinhentos espingardeiros de cavallo dar socorro a Larache. Chegando perto de Mulei-Maluco, que cada hora esperava recado da vinda delrei, como foi avisado de seu irmão, se partio a grande pressa pera Marrocos, onde esteve dous dias somente, e logo se pôz a caminho, com demonstração de defender a Larache, e resistir a elrei de Portugal com a gente que tinha feito, mandando recado a todas as partes do reino se apellessem e o seguissem; mas pera que Marrocos ficasse emparado de quaesquer movimentos de dentro ou de fora, deixou por visorrei a Reduaõ, arrenegado portuguez, homem de muito esforço e prudencia nas cousas de guerra, e muito mais ignorancia na fé divina. Marchando o Maluco com o seu campo, e vindo já muito enfermo, cada hora o exercito crescia mais com nova gente, assim de paga, como de serviço, e outra que acudia ao despojo, ajuntando-se de todas as partes. Com esta ordem trazia tambem o Maluco vinte e

quatro peças d'artilheria de campo; o qual se ajuntou duas leguas de Alcacere-quivir com seu irmão Mulei-Hamet, sem intento de então dar batalha a elrei, nem defender Larache, por não confiar na sua gente e temer se passasse ao Xarife. No numero da gente achei varias informações em mouros: huns o punhaõ em trinta mil de cavallo e seis mil infantes, outros acrecentaõ mais infantaria e diminuem os de cavallo; mas como affirmáraõ muitos alcaides e outros mouros em Africa, a gente de paga toda assentada eraõ quarenta e tres mil de cavallo, e quatorze mil de pé, afóra infinidade de outra que seguia o exercito, assim de pé como de cavallo, a que muitos mouros e cristãos puzeraõ o numero de cento e cinquenta mil pessoas, em todas, e he a mais comum opiniaõ: entre os quaes trazia dous mil escopeteiros azuagos, gente de soldo, chamados jurados, os quaes juraõ não tornar atraz, mas sustentar o peso da batalha até morrer, como os amoucos da India. O Dogali e o Achahiac, alcaides andaluzes do reino de Granada, vendo o poder e authoridade que já tinhaõ alcançado em Berberia, concebendo em seu peito opiniaõ de reinar, vieraõ secretamente a urdir hum modo de conjuraçãõ, que ao meio das revoltas de Africa entre os Xarifes, se levantassem com os reinos, e partissem a preza, de maneira que o Achahiac ficasse com o reino de Fes, e o Dogali com o de Mar-

rocos. Buscando pois estes dous alcãides occasiã, quando mais a seu salvo pudessem pôr em obra seu intento, tiverã muitos mouros por certo, darem elles peçonha a Mulei-Maluço de que adoceo e morreo; mas quando viraõ a peçonha naõ obrar taõ depressa como elles queriaõ, esperãrã occasiã nos fins das guerras, a que elrei de Portugal vinha dar principio, cuidãdo elles abrir porta, por onde os conjurados pudessem pôr em obra seu danado proposito. O Dogali que andava no reino de Sus, por mandado de Mulei-Maluço, sojeitando os reveis, como vio a revolta de Africa tornar-se a acender com a entrada delrei dom Sebastiam, manhosamente se deixou ficar sem vir á batalha, e o Achahiac acompanhou o Maluço, porque se vissem tempo de executar a conjuraçã, o Dogali estivesse perto de Marrocos, que lhe havia de caber em sorte, e o Achahiac de Hes, que era a sua parte.

*Como elrei partio de Tangere pera Artalu,  
e mandou Martim Gonrea da Silva  
com Mulei-Xêque a Masagub:  
Capitulo LVI.*

O porto a onde elrei trazia posta a proa, pera dahi dar principio ao comettimento de Larache, era a fortaleza de Arzila, por estar muito perto della. Estando pois elrei em Tangere, como vio junta a frota, e

Francisco de Tavora vindo com seu terço , embarcou-se logo na sua galé real , e o Xarife na capitaina com Diogo Lopes de Sequeira , e fôraõ lançar anchora no porto de Arzila : o resto da frota que estava em Almodrava , tendo aviso da partida delrei , tambem deo á vela , e o Xequé filho do Xarife foi por terra com os seus mouros e gente de cavallo ; mas pera que as forças de Africa fossem mais quebradas , com muitas cabeças que as dividissem , mandou elrei a Martim Correa da Silva ( antes que partisse de Lisboa ) fosse diante a Tangere , a tratar com o Xarife , como seria acertado mandar com elle o Xequé seu filho a Mazagaõ , pera ahi recolherem os mouros que se viessem lançar com elle , e tivessem a sua voz. Chegando elrei a Arzila , tendo já assentado com o Xarife fosse Mulei-Xequé com Martim Correa , entendêraõ logo na partida com muita brevidade e diligencia , pera o que foraõ dados a Martim Correa seiscentos soldados , os quais com elle se embarcáraõ em Arzila , e Mulei-Xequé em sua companhia : o qual como era menino , e o Xarife seu pai sentisse aparta-lo de si , vêo a descansar dos cuidados que essa ausência lhe dava , vendo quaõ encarregado d'elle hia Martim Correa da Silva , e o bom tratamento que lhe fazia , e esperava fazer , por ser homem de muita prudencia e brandura ; mas como se passou muito pouco tempo da chegada de Martim da Sil-

va a Mazagaõ, até vir nova do desbarate delrei, não houve effecto o seu intento, nem lugar aos mouros virem lançar-se com o Xequê: com o qual recado da triste nova da perdição delrei e do exercito, se vêo Martim Correa ao reino, com Mulei Xequê, e os soldados e náos que levará. O Cardeal, como já era alevantado rei, quando Martim Correa chegou a Lisboa, lhe mandou recolhesse em sua casa a Mulei-Xequê, até ser aposentado com os mouros que com elle vinhaõ, como de feito fez. Martim Correa, no caminho e em sua casa, quando via o sentimento de Mulei-Xequê, minino, da morte de seu pai, que morreo na batalha; e se ver desterrado de seus reinos e naturais, com muito amor e mimos o consõlava e tratava como filho, tirando-lhe do pensamento as rezoens de se entristecer; e sua mulher dona Joana, compadecendo-se com mais brandura do moço orfaõ estrangeiro, com entranhas de muito amor o tratava, mostrando-lho com lagrimas de compaixão e obras de mãi, em que o minino tomava alivio da sua infelicidade.

*Como elrei tinha determinado cometter Larrache por mar, e depois houve conselho comette-lo por terra. Capitulo. LVII.*

Antes que elrei partisse de Portugal tinha assentado em muitos conselhos comet-

ter Larache por mar, porque como elle levava as galés, galeoens, e outras náos grossas armadas com muita artelheria, munições, e outros petrechos necessarios pera desembarcar, e redificar a fortaleza, que era muito fraca, pareceo que com entrar a frota pelo rio, e a gente desembarcar em terra, se forrava o trabalho, e carga dos mantimentos e munições necessarias, e fugiaõ de alguns perigos, que, marchando, lhes podiaõ soceder em meio dos inimigos: e conforme a isto, estava dada ordem do modo que se havia de ter a saltar em terra, e dado regimento a cada capitaõ do lugar e modo de desembarcar. Com este aviso divulgado em Tangere, começou cada hum a aparelhar-se de embarcaçõ e mais cousas necessarias pera sahir da terra na ordem já dada; mas como as mudanças dos conselhos dependem comumente da variedade dos tempos, e de se enxergarem proveitos ou inconvenientes contrairos aos d'antes meditados, não sei porque fado se tornou em Tangere a praticar cessasse o comettimento de Larache por mar, e se tentasse por terra, formando-se nisso rezões, e objeições bastantes em se haver o tal conselho por acertado; porque se considerou que hindo o exercito marchando por terra, era mostrar não temerem os mouros, e hirem já abrindo caminho ao Xarife pera entrar em seus reinos, e se daria animo a muitos mouros passarem-se a elle, e se quebrariaõ as forças do Ma-

luco, e poriaõ o negocio em maior confusão. Tambem, como a entrada do rio de Larache era taõ estreita, que naõ podiaõ caber mais de duas galés a par, podia-se temer acontecesse á entrada alguma galé ou navio, com algum tiro, ser mettida no fundo, e com isto impediria a passagem á mais frota que ficasse atraz, e a sahida aos de diante, com o qual caso se podia esperar algum desar, assim de naõ haver effeito a tomada da fortaleza, como de correr grande perigo a frota, dividida em partes, naõ se poder ajudar huma da outra, antes umbas as partes serem offendidas com muito dano: além disto, como o porto assinado pera desembarcar, em Castil-Genovezes, era supereminente á praia do rio, naõ sómente a desembarcaçaõ das munições seria trabalhosa e com vagar (o que o tempo naõ soffcia), mas de cima podiaõ os soldados padecer dano dos inimigos, que defendessem a desembarcaçaõ, pois os tiros e pedras podiaõ metter as embarcações do rio no fundo, e oprimir a gente que estivesse em terra, com muito dano dos nossos e pouco perigo dos seus: juntamente com isto havia outro maior inconveniente, que como de Castil-Genovezes (onde haviaõ de desembarcar) era mais de mæa legoa a Larache, teriaõ mui grande trabalho levar a artilharia por terra, e o exercito hia arriscado a ser salteado dos inimigos, e principalmente porque toda a gente, cavallos e artilharia

naõ podia dèsembarcar em hum só dia, e desta maneira ficava o exercito quebrado, hum pedaço em terra e outro no mar, que se naõ podia ajudar hum ao outro. Com estas considerações, que tinhaõ muitas falencias, se moveo elrei mudar o primeiro conselho, ao qual se naõ pôde com rezaõ attribuir a desaventura do successo que delle nasceo; pois as cousas humanas entaõ saõ mais desculpadas dos erros, e mais justificadas com louvor, quando vaõ medidas pela rezaõ; mas os nossos peccados, com que Deos estava ofendido, o provocáraõ a furor contra nós, e permittir se cegassem os entendimentos dos que aconselhavaõ, e naõ enxergarem os outros maiores inconvenientes (donde procedeo todo o mal), que se tomavaõ por refugio da saude de todo o exercito: mas como a Deos naõ se pôde pedir conta de seus juizos, nem aos homens dar segurança de seus conselhos, naõ ha mais que louvar a Deos em assim dispor suas cousas, que com rezaõ merecem todas ser louvadas; pois elle faz mercês a hums, e permite males a outros por secretos de sua divina justiça, que naõ pode faltár de justa igualdade; cuja causa ainda que naõ conhecamos, devemos aprovar os effectos. Com isto mandou elrei dar aviso sobreestivessem no modo do dèsembarcar, até terem o ultimo que se esperava.

*Como Larache está situado. Capitulo  
LVIII.*

Por que a perdição dos portuguezes em Africa com elrei dom Sebastiam, na pertençaõ da tomada de Larache, o fez famoso no nome, he necessario dar alguma relação delle, conforme ao estado em que entãõ estava, e agora está. Era Larache hum lugar pequeno, de pouco lustro nos edificios, e menos na fortaleza dos muros: tinha hum castello pequeno, onde os alcaides moraõ, com mui fracos muros e nenhuma guarniçaõ, cujos moradores nem tem muitas riquezas, nem muitas forças. Está situado na costa do mar oceano, onde se mette o rio Lucus, que vem correndo ao longo dos muros de Alcacere-Quibir, e com suas enchentes muitas vezes alaga as casas delle, por o qual sobe a maré quatro legoas até hum lugar chamado Guildemes, do qual sahe hum esteiro pequeno para dentro do campo. Está Larache cinco legoas de Arzila, da outra parte do rio, ao poente della, em terra muito alta e montuosa: posto que o rio na boca da barra seja estreito, dentro faz huma enseada capaz de muitas galés, onde seguramente podem invernar, e a todo o tempo recolher-se, cujas partes fazem este porto ser ladroeira e colheita de cossaios mouros e turcos, donde fazem manifesto dano, com seus

improvisos assaltos, a toda a costa de Andalusia e Algarve. Mas porque a villa de Larache e seu castello não tinhaõ, antes de elrei se perder, senaõ huns fracos muros de taipa, onde se não podiaõ defender de dentro, he novamente dos mouros feito hum forte grande em a ponta da barra, que he hum angulo de rocha de pedra viva, que toma o mar e rio, o qual está agora guarnecido com muita artelharía, que os mouros houveraõ do desbarate delrei, com gente de guarniçaõ, em fórma de se defender com muita resistencia. Da parte de Arzila corre outro rio de menos nome e agua, que se chama Huadmachacim, e vai metter-se no rio Lucus, onde ambos perdem os nomes que antes tinhaõ, e dahi pera baixo se chama o rio de Larache. Sobe a maré pelo rio Huadmachacim obra de duas leguas, e dahi pera cima se secca no veraõ; mas por que no inverno traz muita agua, e os campos saõ apaúlados, tem este rio huma ponte, que responde ao caminho de Arzila pera Alcacere-Quibir, como tudo constará da descripçaõ seguinte.

*Como elrei desembarcou em Arzila, e o exercito se alojou, e dos rebates que houve. Capitulo LIX.*

Quando elrei chegou a Arzila, como ainda não tinha de todo assentado, mas somente praticado, commetter Larache por

terra, não deu licença a desembarcarem-se mantimentos, e armas, nem assentar as tendas; mas como ali mudou conselho, mandou que a gente se desembarcasse, a qual, logo nos primeiros dias, se recolhia na cidade. Começando o campo de se formar e armarem as tendas, em breve tempo se fez fóra dos muros hum arraial mui soberbo, em forma de huma populosa cidade, chêo de gente, armas e cavallo, e todas as munições. Elrei mandou tambem logo armar sua tenda, e se passou a ella, pera alli mais facilmente vigiar e discorrer o arraial, como muitas vezes fazia. O senhor dom Antonio como hia aggravado delrei, alojou-se no cabo do exercito da parte do facho, pera mostrar a elrei que pera o servir tomava o lugar mais perigoso. Assentado o campo com suas atalaias e sentinellas se vigiava de dia e noite, com menos cuidado do que convinha á boa ordem da milicia, por estar em terra dos inimigos, que em qualquer descuido poderia facilmente ser saltado, e sendo tomado de improviso e não apercebido, temer-se-hia sua total destruição, o que a experiencia bem mostrou por as correrias dos mouros até á vista do arraial; a primeira vez Habraem Sufiani, alcaide de Alcacere-Quibir, com dous mil de cavallo, por mandado de Mulei-Hamet ismaão do Maluco, ao qual elrei com muita presteza acodio, posto que lhe foi estranhado do seu conselho e todos os prudentes:

o segundo rebate deo Saer-ben-hesi, general de cavallaria do Maluco, com cinco mil de cavallo, que vinha a descobrir o campo. Os mouros de Mulei-Hamet, que acodiraõ primeiro ao facho, vendo-os, lhes sahiraõ com impeto inimigo, e travada a escaramuça foraõ feridos e mortos alguns de cada parte, entre os quaes foraõ mortos Beheca irmaõ de Cid-Hamubenanza, e Chir-ben-marsor genro de Cid-Abdelcherim, alcaides do Xarife Mulei-Hamet, que estava no campo cristaõ. Dom Duarte de Menezes, com quem logo se ajuntaraõ os cavalleiros de Tangere, foi no alcance, o qual por naõ ter licença de elrei, naõ se mesturou com os mouros, que iaõ fugindo. Elrei dom Sebastiam, como nestes exercicios o animo de juvenil esforço o fazia esquecer da autoridade real, naõ o puderaõ ter que naõ sahisse tambem ao rebate, e por sahir já mais tarde, nunca pôde alcançar os mouros, que levavaõ já grandes distancias de ventagem, de maneira que iaõ tres ordens de nossa gente; os mouros do Xarife dianteiros nas costas dos imigos, escaramuçando com elles, mas naõ se travando, por serem muito poucos, e os que fugiaõ muitos mais; atraz ia dom Duarte com os cavalleiros de Tangere; Elrei que vinha atraz, desejozo de ser o primeiro que os cometesse e pelesasse, soffrego desta empresa, nunca consentio que dom Duarte de Menezes travasse delles, no qual alcance elrei com os mais que o seguiaõ, e

iaõ] diante, fôraõ tres leguas e mæa, naõ podendo já os cavallos dar passo, assim dos mouros que fugiaõ, com dos que lhes hiaõ no alcance, onde elrei mostrou sobejo atrevimento, mas mal tomado de todo o exercito, em vêr taõ pouca conta com o respeito e guarda de sua real pessoa, e tendo isto tentado, teve-se por desacertado naõ dar elle licença a dom Duarte de travar escaramuça com os imigos; pois, além do dano que se esperava fazer-lhes, ao menos pudera-os entreter até elrei os poder alcançar, com cuja presença, junto o corpo de toda a gente de cavallo, que ia em tres esquadroens, se tem por muito certo serem os mouros desbaratados, o qual desbarate, se houvera effeito, era prospero principio á guerra, e quasi te-la concluida, assim em tirar taõ grande terço, e a principal força dos imigos, como pelo temor que os mais poderiaõ receber com o seu máo successo; dos quais elrei deixou cahir a victoria das maõs, levado em hum appetite pouco ordenado, querendo ser o primeiro que experimentasse o perigo, devendo com rezaõ ser o derradeiro, que o cuidasse: mas Deos que tinha na sua divina mente dado outra ordem, naõ permittio que acabasse o instrumento do cruel castigo que depois havia de succeder, antes elrei os poupasse pera executores da sua perdiçaõ. Com estas fraquejices delrei no comettimento dos rebates, havia muito descuido nas espias do

campo, e nos avisos da vinda do Maluco; pois nunca elle teve aviso certo, senão por via do Xamife e outros mouros e judeos, e não se fiando delles, não lhes dava credito, o que foi causa de estar tantos dias em Arzila, nos quais Mulei-Maluco teve tempo de formar seu campo, e mandar espiar o dos cristãos: com cujas desordens, pouco governo, e muitas delicias, riquezas, e pompas, em que punhão o exercito, se animou o inimigo, com desengano quaõ pouco tinha que temer hum exercito grande, chèo de jóias e falto de armas, e sobre tudo dependente de hum rei sem experiencia, sobejamente confiado em seu esforço, e descuidado do provimento da arte militar, com que o Maluco teve tempo de chegar, antes que elrei estivesse alojado em parte onde se pudesse deffender.

*Na forma em que o arraial começou de marchar pera Larache Capitulo LX.*

Posto que já de Portugal fossem nomeados os officiaes e capitaens pera menearem o exercito, em Arzila os mandou elrei pôr em suas ordenanças, declarando mestre do campo a dom Duarte de Menezes, capitão de Tangere. Com isto, manifestamente se dispozeraõ os capitaens nesta ordem: capitão dos aventureiros era Cristovaõ de Tavora, em cujo lugar ia seu genro Alvaro Pires de Tavora, e Joaõ da Silva, que igualmente

capitaneavaõ a gente : os coroneis da infantaria portugueza eraõ dom Miguel de Noronha, Francisco de Tavora, Vasco da Silveira ; mas porque Diogo Lopes de Sequeira adoeceo em Arzila, foi o seu terço entregue a Fern de Sequeira, debaixo da coronelaria de Vasco da Silveira : do terço dos Castelhanos era coronel dom Alonso de Aguilar, e sargentos dom Luis Fernandes de Cordova, e o Aldana ; entre os quaes no dia da batalha houve grande desavença sobre quem havia de sargentar, em fim mandou elrei que o Aldana precedesse a dom Luis Fernandes, com muito aggravo seu : dos Tudescos era coronel Martin de Borghonha ; dos Italianos o Marquez Ibernio : capitãõ da artilharia era Pero de Mesquita, bailio commendador da ordem de S. Joãõ, homem velho experimentado na arte militar : dos gastadores era capitãõ Manoel de Quadros, provedor das vallas das leitras de Santarem, e por adoezer em Arzila, foi em seu lugar Gonçalo Ribeiro Pinto : sargentos mōres eram o capitãõ Gama, o qual já cansado de seguir a milicia, estava recolhido em huma ermida com vida e habito de ermitãõ, e frei Estevãõ Pinheiro, frade do Carmo, até chegar o capitãõ Aldana castelhano, que o duque de Alba mandou a elrei pera ordenar o campo, que servio tambem de sargento-mōr : da cavallaria naõ havia capitãõ, por elrei hir nella : justiça-mōr era o regedor Laurencõ da Silva, com

o qual ião Belchior do Amaral e Francisco Casado, corregedores da corte, e Marcos Lopes Carraço, alcaide: pera sitiadores do campo hão Philippe Estercio italiano, e Nicolao de Frias, grandes architectos: provedor mór do campo era Luis Cesar, provedor dos almazens do reino. Formado o exercito com estes ministros, mandou elrei que a gente se provesse de mantimentos pera cinco dias, porque nestes esperava chegar a Larache, onde tinha mandado esperar a frota, donde o exercito então era provido. Alevantado o arrabal a vinte e nove de Julho, dia de santa Martha, começou a marchar na ordem seguinte: primeiramente hia diante a artilheria, e logo toda a infantaria, alternando-se os terços, hums na vanguarda hum dia, na retaguarda outros: a cavallaria hia por os lados, elrei com huma parte della, o duque de Aveito com outra, em que entrava o Xarife e os africanos fronteiros: diante de cada terço da cavallaria ião dous tiros de campo: a bagagem e carruagem ião detraz com alguns de cavallo, que a guardavaõ. Nesta ordem marchava o campo até ás horas de se alojar. Quando se torrava a armar e formar, como de dia, hia com suas vigias e atalaias ordinarias. Não faltavaõ em todo este caminho importunos assaltos de mouros, que em quadribas appareciaõ ao exercito muitas vezes, chegando-se a elle, alanceando os enfemeas e outros que fregavaõ atraz, com pou-

co dano e menos perigo do exercito; por que como elles não comettiaõ senão as partes desemparradas, eraõ suas arremetteduras tanto de caminho, que não paravaõ hum ponto. Ao dia seguinte que o exercito partio de Arzila, chegou o capitão Aldana com mil soldados castelhanos, e o alcançou no caminho, antes da batalha.

*Como elrei chegou ao rio Huadmachacim, e o Maluco ao rio Lucus Capitulo LXI.*

Na forma acima dita partio elrei de Arzila, e continuou seu caminho direito a Larache, sem ter aviso certo do exercito de Mulei-Maluco, nem dos seus desenhos nem forças, havendo em diligencias danosas muitos, e nas necessarias todos faltavaõ, pera que aquelle tão lustroso arraiat fosse mais depressa caminhando pera a morte e total destruição. Com esta maneira de descuido caminhou seis dias, até os dous de agosto chegar ao rio Huadmachacim, hindo carregando á mão esquerda tomar a ponte, e dahi fazia conta tambem rodear por cima de Guildemes o rio Lucus, onde a maré não chegasse, e passar da outra parte, e tomar Larache pela parte da terra; mas Deus que tinha posto limites ao exercito cristaõ até donde não podia passar, ordenou outra cousa por sua divina providencia, a quem os conselhos humanos estaõ subalternados. Chegando pois elrei perto do rio Huadma-

chacim ( em hum chaõ de muitas covas, onde se recolhe trigo ) antes de o passar teve recado certo que Mulei-Maluco se vinha chegando, e estava perto, com hum poderoso campo de gente de pé e cavallo, pera fazer as defensoens ou resistencias que o tempo e lugar lhe ensinassem, tendo a este tempo tres mil de cavallo a defender a ponte. Elrei naõ se torvou de cousa alguma com o expectaculo da muita gente que lhe pintavaõ, nem da ferocidade dos imigos senhores do campo: todavia pela importancia do negocio o pedir, quiz tomar conselho no modo que teriaõ na defensaõ ou acometimento dos inimigos; e chamados a isso capitães e homens practicos na milicia e no sitio da terra ( entre os quais vieraõ o Xarife e seus alcaides ) houve entre os cristãos e mouros grandes altercaçoens e pareceres no modo de caminhar; porque huns foraõ de parecer que o exercito cristão naõ passasse o rio Huadmachacim, e se fosse por elle abaixo, até chegar á borda do mar, á boca do rio Lucus, da outra parte de Larache, onde a frota estava com muniçoens e mantimentos, de que o exercito já hia falto, com cujo favor se fariaõ fortes, e se a necessidade os obrigasse, se embarcariaõ: outros de contrario parecer achavaõ neste caminho muitos inconvenientes; o primeiro era pôr medo no exercito, e se arriscavaõ a se desordenar com titulo de fugida, e lhes faria maior espanto, principalmente vendo aos imigos nas

costas, e aos mouros deriaõ grande animo com a mui má opiniaõ de fugida, sobretudo se perdia a reputaçãõ do esforço portuguez, acompanhado de hum rei já taõ temido por grandeza de seu animo: secundariamente, que estava nesta volta certa à perdigaõ; por que, como dalli pera baixo a terra ao longo do rio he aspera e montuosa, não podia o exercito passar com artelheria e carruagem, sem manifesto dano, cercado de todas as partes de imigo taõ poderoso, e taõ senhoreado das comodidades dos lugares, em fazerem seus assaltos, com pouco perigo seu e muito dano nosso. Com esta resposta cessou a determinaçãõ de se retirarem, e se assentou fossem avante e passassem o rio, e se alojassem aquella noite entre o rio Huadmachacim, que tinhaõ diante, e o esteiro que sube do rio Lucus; mas como no caminho que elrei levava, o passar por cima de Guildemes, onde a maré não chegava, era hir-se meter na boca dos imigos, houve outro parecer de alli carregarem sobre a mão direita por o rio abaixo, e tomarem hum vão do rio Lucus, abaixo de Guildemes, que se chama Malchus, por onde já em outro tempo passára dom Manoel Mascarenhas a saquear Hod. Este conselbo, ainda que differia pouco do passado na semelhança de se retirar, todavia mandou elrei ver o vão, e achou-se ter muita lama, e pera tantos cavallos e carruagem se faria atoleiro, que se não pudesse passar,

e com este impedimento se ajuntaria o da maré subir a tempo, antes de todo o exercito ser passado, e desta maneira cortaria e dividiria as forças, e mais facilmente seria saltado dos inimigos; e sem resistencia desbaratado em ambas as partes. Com estes inconvenientes e conselhos se assentou; com commum consentimento de todos, que não havia outro remedio senão passar pelo passo onde o Maluco estava alojado, assás receoso de dar batalha por a enfermidade que o apertava; e muito mais pela desconfiança dos seus; temendo deixarem-no e passarem-se ao Xarife: ainda se soube certo, que quando o Maluco entendeu que elrei queria desviar-se delle, e carregat abaixo e passar o váo; que não teve intento de lhe atallar o passo, nem fazer resistencia nem defender Larache; antes disse: « Já Larache não tem remedio. » Mas como Deus tinha assentado dar grande castigo ao povo portuguez; com seu rei e nobreza; dispoz as cousas de maneira, com que não pudessem fugir á sua ira. Com o ultimo conselho, em que se resolveo, elrei passou o rio, e foi alojar-se aquella noite entre os rios e esteiro acima dito, ficando o exercito alli mais seguro, cercado a maior parte de agoa, pera que não fosse saltado de improviso do inimigo; tão visinho e poderoso.

*Como os exercitos se aparelhárao pera o outro dia dar batalha. Capitulo LXII.*

Mulei-Maluco, estando a-la-mira da determinação do exercito portuguez, e do caminho que levaria, não fazia mais que medir seus conselhos pelos delrei dom Sebastiam; o qual sabendo como elle determinava hir a diante demandar a passagem do rio, e não se desviar a parte alguma (quasi desesperado, por estar encerrado entre os dous rios) e não tinha mais remedio que vencer, sem esperança de outro mção, ordenou esperá-lo em campo, com outros semelhantes recções se se retirasse desanimassem os mouros, e haveria entre elles divisaõ, e se passariaõ ao Xarife, o que elle mais temia, e em tempo quando se não podia alevantar de enfermo, e com falta de sua presença os mouros teriaõ menos pejo de o fazer. Com esta determinação, corroborada com outros respeitos accessorios, mandou o Maluco ao seu exercito passasse o rio Lucus, e se puzesse em ordem de pelejar, apresentando a batalha aos cristaõs pera o outro dia. Elrei dom Sebastiam, não engeitando tal offercimento, começou a dar ordem como o seu campo melhor se fortificasse, por a multiidão dos imigos de que se via cercado, e logo mandou a bagagem, com as carretas e bestas de carga, cingisse ao exercito, a modo de muro, que não fosse salteado pelas cos-

tas ou lados, e toda a força achasse diante; mas como o tempo era já breve, e o inimigo estava á vista, em som de dar batalha, com as bandeiras despregadas, fazendo grandes alaridos, como tem de costume, e a multidão da gente que parecia diante, detraz, e nos lados, se acrescentava, não houve tempo nem effeito o com que o campo se determinava fortificar. Posto hum exercito á vista do outro, aos quatro de agosto de setenta e oito, entrou elrei em conselho a que tempo daria a batalha, se commetteria, ou esperaria ser commettido: neste conselho foraõ o Xarife e seus alcaides de voto mui constante não desse elrei aquelle dia a batalha, assim por terem certas esperanças de muitos mouros se lançarem aquella noite da parte do Xarife, como já o dia atraz tinhaõ vindo alguns, e outros fugirem do exercito onde vinhaõ forçados, como tambem por serem avisados que Mulei-Maluco vinha mui enfermo, posto no ultimo da vida, e se esperava morresse aquelle dia (como morreo) com que o campo dos mouros todos se desfaria, e elrei alcançaria a victoria sem arrancar espada, e havendo de ter resistencia, sería menor o dia seguinte. Alguns cristaõs que foraõ de parecer se desse a batalha no mesmo dia, se fundáraõ em o exercito portuguez estar muito falto de mantimentos; porque de Arzila não partiraõ com mais que pera cinco dias, e eraõ já sete, e não tinhaõ os solda-

dos, nem os cavallos que comer, e quanto mais differissem a batalha, tanto mais enfraqueceriaõ, e cahiriaõ em desesperaçãõ de poder pelejar; e como a fome era hum inimigo mais forte que o armado, era necessario atalhã-lo, antes de ligar as forças aos soldados desejosos de pelejar: a esta objeicãõ respondiãõ os de contrario parecer, dizendo, que posto que assim fosse, que a tal necessidade estivesse em seu vigor, tinha isso facil remedio; pois para aquelle dia havia muitos bois das carruagens, se a fome os obrigasse, e quando estas não bastassem, haviaõ as bestas de carga, em tais tempos proprias iguarias de gente militar; quanto mais, que não era tanta a necessidade dos mantimentos, que se não soffresse aquelle dia, pois ainda não havia clamor no exercito de fome. O Xarife e os de parecer se prorogasse a batalha ao dia seguinte, quando se virãõ reunidos nos votos, e se assentava que no mesmo dia se desse batalha, querendo temperar o rigor da opiniaõ, que elles tinhaõ por errada, disserãõ, pois assim lhes parecera bem, a quizessem differir para a tarde, pois os dias atraz haviaõ sido de grandissimas e insoffríveis calmas, e o presente mostrava ser maior, e toda a força dellas, naquellas partes, era até ao meio dia, que por mais diligencia que se fizesse em pela manhã levantar o arrial, se não podia dar a batalha senão no maior fervor da calma, que maldaria a gente com sede e

com cansaço, e como quasi toda a do exercito christão era infantaria a pé, em breve breye tempo não poderia dar passo de cansada, e a dos inimigos a maior parte era de cavallo, que poderiaõ melhor suffer a sede e calma, sem nenhum trabalho de cansaço da pessoa, com manifesta ventagem em tudo da infantaria; mas que, dando-se a batalha á tarde, ficavaõ fóra dos inconvenientes tão manifestos, e com a frescura da viração tomaria a gente alento pera com maiores forças e animo pelejar, e tinhaõ por certo que sobre vindo a noite, muitos mouros com o emparo das trevas haviaõ de fugir, deixado o campo, e desemparando as bandeiras, como tam de costume: tambem neste tempo ficava lugar aos christãos aproveitar-se da noite, se lhes não succedesse bem o negocio de dia. Com estas rezoes, provaveis a todos, estava elrei persuadido a deixar batalha pera a tarde; mas como Deos, por seus divinos juizos, tinha dado sentença, pera castigo daquelle exercito christão, não faltou hum instrumento que perturbasse a elrei do conselho acertado, e tomasse outro reprovado com tão efficazes rezoes, e que foi causa de todo o dano; o qual, estando já desquidado de dar a batalha pela manhã, pelos mouros não applicarem, nem fazerem movimento de seus alojamentos, sem mostrarem maneira de comettimento, senão de defensão, assás duvidoso do successo em verem o exercito christão

ante si taõ determinado a pelear, com hum rei já temido delles, se chegou á tenda delrei o capitaõ Aldana castelhano, e com efficazes brados lhe dizia, que se perdia se naõ desse logo a batalha, e o que lhe faltava de rezoens pera o persuadir suppria com effeitos de bravosidades, mordendo nas maõs, e dando punhadas nos peitos. Elrei, que estava já acelerado por ser vêr travado com os mouros, com grandes esperanças de victorias, houve-se de mover a dar batalha, que começou ás dez horas da manhã, no principio de todo o fervor de calma.

*Como os campos foraõ formados pera dar batalha. Capitulo LXIII.*

Aos quatro de agosto de 1578, em o dia que se deo a batalha, antes de os reis fazerem a falla a seus capitaens, mandou cada hum dar ordem aos seus batalhoens pera se encontrarem. Dos africanos, que com a sua multidaõ já tinhaõ cercado o exercito cristaõ por todas as partes, toda a força da gente de peleja se pôz frenteira, a modo de meia lua, lançando humta cinta de toda a infantaria diante dos cavallo, com tres mangas de arcabuzeiros azuágos, sahidos do corpo da batalha pera o campo, trazendo diante de toda a gente vinte e quatro tiros de campo; os quais, como víraõ o exercito delrei hir-se chegando, logo começaram a abalar-se das pontas, e fazer lua

que cercasse os nossos, não faltando outra muita gente detraz, que os tinhaõ cercados, e os vinhaõ seguindo com alaridas. Elrei que via já o campo dos mouros ordenado, e elle cercado em mêo delles, ordenou seus esquadroens na maneira seguinte: levava a artilharia diante do exercito, em que hiaõ trinta e seis peças, a cuja volta hiaõ os gastadores com Gonçalo Ribeiro Pinto, seu capitão: hiaõ na vanguarda, na primeira ordem, tres batalhoens, dos quais o do meio era dos aventureiros, cujos capitães eraõ Alvaro Pires de Tavora e João da Silva, e de cada lado levava huma manga de soldados de Tangere: á mão direita destes hiaõ o terço dos Tudescos, ajuntando os Italianos: á mão esquerda dos aventureiros estava em outro batalhaõ o terço dos Castelhanos: na retaguarda dos aventureiros ficou o terço de Diogo Lopes de Sequeira, na dos Tudescos o de Vasco da Silveira, na dos Castelhanos ficou huma praça vaga, que Francisco de Tavora e dom Miguel de Noronha houveraõ de occupar, que por não haver tempo se não ordenáraõ, mas fizeraõ outra ordem de batalha, que foi a terceira, em que dom Miguel ficou na retaguarda de Diogo Lopes de Sequeira, e Francisco de Tavora na dos castelhanos, ficando á praça vaga entre huns e outros: de traz de Vasco da Silveira ficou a bagagem: ainda nas costas desta terceira ordem se lançaõ outras duas mangas

de arcabuzeiros: por os soldados deste corpo dos esquadroens de infantaria foi repartida a gente de cavallo, desta maneira: na ponta esquerda, ao lado dos castelhanos, na vanguarda, hia elrei: detraz delle o duque de Barcellos com a sua gente, e outra mais que lhe elrei mandou: no corno direito, na vanguarda, ficou o duque de Aveiro com obra de duzentos de cavallo: detraz delle dom Duarte de Menezes, mestre do campo, com a cavallaria de Tangere, em cuja retaguarda ficava o Xarife com os mouros de cavallo: ainda os lados da cavallaria da parte de fóra hiaõ cingidos com mangas de arcabuzeiros, que ficavaõ murando todo o corpo da batalha. Posto que estivesse ordenado, todo o exercito fosse cercado das carretas e bagagem, foi taõ pouco o tempo, e tanta a pressa de se dar a batalha, pela virem carregando os mouros pelas costas e lados, que não teve effeito este desenho. Nesta fórma foraõ formados os exercitos, os quais mais claramente se veráõ na seguinte descripção.

*De huma fallta que elrei fez aos seus,  
antes da batalha. Capitulo*

*LXIV.*

No tempo em que os esquadroens se formavaõ por os sargentos e mais officiaes da milicia, andava elrei discorrendo de huma parte á outra, querendo que por sua pessoa

fosse governado o exercito, e taõ enlevado no desejo de dar batalha (que foi o fim, pera que alli trouxera aquelle exercito) que, querendo alguns fidalgos comprazelo e contenta-lo naquella hora, com demonstraçoens e vontade de o servir, fez algumas cousas de muito escandalo, dando com a lança a huns, e dizendo palavras más a outros; os quais, como entenderaõ, que por suas desordens e appetites, eraõ alli viados a morrer, mais facilmente dayaõ desculpa destas palavras, por verem o pouco fundamento, que tinhaõ, e elles estarem já taõ perto da morte. Mas, porque elle disse humas palavras asperas a dom Fernando de Noronha, conde de Linhares, somente por lhe dizer, « Espero em Deus, que » hoje havemos de pôr o guiãõ de Vossa » Alteza na grimpã da tenda do Maluco: » disse dom Fernando com muito siso, como prudente — « Bonito he isso pera tal tempo: ora prometto de naquelles mouros logo mar vingança dessas palavras: » com isto se pôs no lugar dos primeiros, que arremettesem. Antes, que elrei abalasse o seu exercito pera o inimigo, (que estava á vista) vestido de ponto em branco, com humas armas azuladas, posto em hum cavallo mui formoso acobertado, com a lança na mão com o conto no chaõ, e o elmo alevantado, mandou chamar o mestre de campo, e os coroneis, aos quais e aos senhores e fidalgos, que alli estavaõ com elle, lles disse: « Ainda » que eu estou confiado na victoria, que ho-

» je espero em Deos haver destes barbaros  
 » imigos, assim por nosso esforço o pro-  
 » metter, como o seu medo m'ò certificar,  
 » não deixo de cuidar estarem os sucessos da  
 » guerra mui sujeitos a mudanças improvi-  
 » sas, com que muitas vezes de pequenos  
 » erros n'acem mui grandes desastres: eu  
 » não sinto agora outro maior, e de que mais  
 » me tema, que da multidaõ de imigos, que  
 » com alaridos se querem mostrar fero-  
 » ces, causar algum espanto nesta gen-  
 » te bisonha, e possaõ desordenar os solda-  
 » dos velhos taõ esforçados, como aqui vem,  
 » os quaes de semelhantes algarras se estaõ  
 » rindo: agora vos rogo neste ponto tenhais  
 » muito cuidado em vigiar e conservar a boa  
 » ordenança nos esquadroens; porque eu  
 » com esta gente de cavallo cometterei os  
 » imigos, e espero rompê-los de manei-  
 » ra, que vós abra a porta da victoria, e não  
 » seja necessario mais, que os soldados velhos  
 » concluirem-na, com seus acostumados es-  
 » forços, e os bisonhos seguirem-na com o  
 » recolhimento dos despojos: tambem vos  
 » lembro, que estou mui alvoroçado pera vos  
 » ver hoje pelejar, e gozar da opiniaõ que  
 » tenho ouvido das vossas façanhas, pelas  
 » quaes, mais celebrado he o meu nome no  
 » mundo, em ser rei de taõ valerosos caval-  
 » leiros ( que mais se p'odem chamar esqua-  
 » droens de capitaens, que exercito de sol-  
 » dados ) que ser senhor de grandes reinos, e  
 » estados: e pois estes mouros vos sabem o

» nome a muitos, dos que aqui estais, pelas  
 » victorias, que delles tendes havido, e os  
 » castigos, que lhes tendes dado, e sabem  
 » os destes a outros nas partes da India, de  
 » cujo valor se tem tantas vezes espantado;  
 » agora que sabem eu vos venho vér pele-  
 » jar, e folgareis de me agradar, estou mui  
 » certo, que mui depressa nós haõde voltar  
 » as costas. Bem sabeis a antiga condiçãõ  
 » dos mouros: he naõ esperar, a quem os comet-  
 » te com animo ousado, e seguir com grande  
 » impeto, a quem se lhes acobarda; por isso  
 » tenho entendido, que Deos me quer dar  
 » a victoria, pois me offereceo esta batalha  
 » em tal sitio, onde o rio, que nos fica  
 » nas costas, e o imigo, que temos no  
 » rosto, nos ameãçaõ total perdiçãõ, se tor-  
 » narmos atráz, e nos obrigaõ hir adiante,  
 » pondo toda a esperança da nossa saude na  
 » victoria, e sei mui bem, entre muitos in-  
 » dicios, que tem pera hoje serem desbara-  
 » tados, estaõ mui temerosos de nossa de-  
 » terminaçãõ, e por estarmos em parte, e  
 » em lugar, onde, como gente desesperada de  
 » poder escapar com fugida, naõ temos ou-  
 » tro remedio, senaõ desbarata-los, pera se-  
 » gurarmos nossas vidas, e ganharmos suas  
 » terras: e por que sei, quaõ persuadidos, es-  
 » tais dos pregadores, e religiosos, que entre  
 » vós andaõ, do merecimento da alma,  
 » que em empreza da honra de Deos e exal-  
 » taçãõ de sua santa fé, ganharãõ os que  
 » morrerem nesta batalha, naõ vo-lo quero

» eu mais lembrar, senão ás mercês, que  
 » eu espero fazer, aos que ficarem vivos, e  
 » o galardão e favor, que acharão em mim  
 » os filhos, e mulhières, dos mortos; pois em  
 » empresa, onde os mortos tem certa a gló-  
 » ria, e os vivos haõ-de alcançar eterna fá-  
 » ma, tivera-vos eu muita inveja, se nesta  
 » hora não fora vosso companheiro do perig<sup>o</sup>,  
 » e na honra, pera prova do qual, nesta  
 » forma, em que me vedes armado; espero  
 » ser-vos igual na sorte, e avantejado na ale-  
 » gria do commettimento: e certifico-vos, que  
 » se me buscades, vos hei-de apparecer dian-  
 » te de todos os esquadroens, e, se me não  
 » achardes, entendei, que andarei entre os  
 » inimigos; por isso, tende-me por compa-  
 » nheiro fiel, que tanto hei-de aventurar  
 » minha pessoa na conservação das vossas  
 » vidas, como por honra da victoria. Se eu  
 » morrer nesta batalha, tende-me por ditó-  
 » zo, pelo premio da alma, que meu zelo  
 » merece, e a fama, que espero deixar em  
 » mão de barbaros infieis por honra da cruz:  
 » humã só cousa podeis sentir de minha  
 » morte, que será perderdes hum rei ami-  
 » go, obrigado a vos fazer mercês, e honras,  
 » por o amor, com que me seguistes, e  
 » alegria, com que estais offeredidos a mor-  
 » ter por amor de Deos, e meu. A Deus pe-  
 » go, com os olhos no ceo, nesta ultima ho-  
 » ra de morrer, vos pague a todos esse zelo;  
 » porque, se eu vencer, todos no premio  
 » das mercês sentireis em mim o muito, que

» vos amo; e pois neste estado vos não pô-  
 » so mostrar a vontade com obras, ao me-  
 » nos com estas palavras vo-lo quero sin-  
 » ficar, porque tendes por bem empregá-  
 » dos os serviços, que me fazeis ». Com is-  
 to, mandou elrei cada coronel á sua estan-  
 cia, e discorrendo pelos esquadroens, com o  
 rosto alegre, e confiado, dava animo aos sol-  
 dados. Vendo elle, como o campo dos mou-  
 ros estava a-la-mira, sem fazer movimento  
 para parte alguma, determinou comette-los;  
 e dar SANTIAGO; para o qual mandou mar-  
 char o seu campo direito aos mouros, e se  
 metto em hum coche, hindo na dianteira do  
 exercito, onde antes de dar a batalha pedio  
 de comer.

*Da falla, que o Maluco fez aos seus. Capitulo LXV.*

Estando Mulei-Maluco muito mal da  
 enfermidade, que trazia, deitado em hum  
 coche, no qual se enxergavaõ já alguns si-  
 nalis de annunciação da morte, ehegando-se  
 de redor delle seu irmão Mulei-Hamet, e os  
 principaes alcaides de seu campo (assás des-  
 consolados de verem o seu rei em tal esta-  
 do, e em tal tempo, de cuja morte se espe-  
 rava total perdição do exercito) o começa-  
 raõ a espartar, pedindo-lhe licença para or-  
 denarem as hostes; porque elrei dom Sebas-  
 tiam tinha já tocado á arma, e estava apa-  
 relhado para cometter batalha. Mulei-Ma-

luco, ainda que lhe faltavaõ os espiritos vi-  
 tais, naõ lhe faltava o esforço, e com voz  
 mui fraca, e palavras mui baixas, e inter-  
 rompidas com hum grande suspiro, disse :  
 « Bem entendo, que naõ esperais de mim  
 » nesta hora vos dê ordem de entrardes em  
 » huma batalha de taõ valerosos, e duros  
 » inimigos, como os presentes, pois sabeis te-  
 » nho entrado no conflicto da morte, na  
 » qual me he mais necessario tratar do ne-  
 » gocio de minha alma, que da esperanza  
 » da victoria; mas, o que mais me tem ma-  
 » goado, e levo atravessado desta vida, he  
 » deixar-vos em hum perigo taõ manifesto  
 » das vidas, das fazendas, e ainda da nos-  
 » sa seita, a qual com a victoria dos cris-  
 » tãos será profanada, e os mouros, debai-  
 » xo de seu poder, seraõ com persuasoens, ou  
 » mãos tratamentos, obrigados a apostatar.  
 » Muita parte da injuria de nossa religiaõ  
 » entendo, que será Mulei-Hamet, o Xari-  
 » fe, pois contra as leis do nosso profeta,  
 » Mafamede, e preceitos de seu alcoraõ,  
 » vem em favor dos cristãos fazer a guerra  
 » aos mouros, á patria, e lei, contra todo  
 » o direito divino, e humano: por onde de-  
 » veis ter muita presumpçaõ ser tornado  
 » cristaõ, elle, e os mais alcaides, e soldados,  
 » que comsigo tráz, pois com tal odio nos  
 » vem a perturbar a republica temporal, e  
 » espiritual. Ainda que nesta hora ultima  
 » me convem lançar de mim todo o rancor,  
 » e dar perdaõ a todas as injurias de mi-

» nhã pessoa, offensa de meus vassallos, e  
 » perda de meus reinos, pera que Deos me  
 » perdôe, por o que toca á nossa lei, e á  
 » honra do nosso profeta, com zelo mais  
 » aceto, do que minhas forças neste tempo  
 » podem, vos rogo muito (pois eu não  
 » posso) vos animeis pera vingardes taõ  
 » grande injuria, e apostasia da nossa reli-  
 » gĩaõ, ao que os verdadeiros mouros de-  
 » vem offerecet a vida, e passar por os fins,  
 » até chegar a dar o castigo de hum taõ  
 » grande crime, o qual, creõ, Deos não  
 » estranhará menos nos mouros, que se tor-  
 » nãraõ cristãos, que aos cristãos, que nos  
 » querem trazer a sua fé, e pôr debaixo de  
 » seu ceptro, com jugo de grave tributo, e  
 » aspero cativeiro, de que a morte visinha  
 » me assegura a liberdade. Pera defensão  
 » da nossa seita, folgára agora, que Deos  
 » me espaçara a vida por hum breve tem-  
 » po, e achára-me por bemaventurado mor-  
 » rer logo mil mortes em tal empreza;  
 » pois, com tal zelo, a alma ganhára a glo-  
 » ria, que Mafamede nos promette, e a fa-  
 » ma, ficára eterna na memoria dos homens.  
 » Sabei certo, ainda que eu nesta hora ti-  
 » véra de vós todas as desconfianças, ou  
 » por nossa fraqueza, ou por meus pecados,  
 » sem esperanza de vencerdes, como chego  
 » a cuidar, que vos moveis a esta batalha com  
 » zelo da vossa religiaõ, não tenho, que du-  
 » vidar da victoria, onde todos ficardes esten-  
 » didos no campo, com os corpos banhados em

» o proprio sangue, e as almas salvas, com  
 » premio conforme a vossa fé. Já a morte  
 » me não dá espaço pera alguma destas  
 » cousas, das quaes não sei qual he mais  
 » gloriosa, se a victoria de fortes inimigos, se  
 » a morte com zelo da nossa lei; pois pri-  
 » meiro me há-de acabar esta magoa de vos  
 » não acompanhar, que a vós a espada dos  
 » inimigos; por tanto, meus amigos, vos des-  
 » pedi de mim nesta vida; acodi, ao que  
 » muito vos importa, e eu vos encomendo,  
 » e o nosso profeta favorecerá vossos zelos, e  
 » vossas forças em guerra tão justa, e em  
 » hirdes defender as vidas, as fazendas, as  
 » honras, os filhos, as mulheres, a patria,  
 » e sobretudo vossa seita, prézada e ensi-  
 » nada ha tantos annos por elle, e seus  
 » Cacizes. Lembro-vos não vos espante a  
 » grandeza de animo daquelle rei mancebo,  
 » e esforcado, nem dos seus valerosos sol-  
 » dados; porque, posto que venhão com  
 » muito animo, trazem pouca ordem, pera  
 » se perderem de todo: e tende por certo  
 » que a sua muita confiança da victoria se-  
 » rá causa de toda a sua perdição; porque  
 » nenhuma cousa he mais prejudicial na  
 » guerra, que o animo acelerado, o qual,  
 » quanto mais se acende em pelejar, tanto  
 » menos então tem de providencia pera sa-  
 » ber evitar os perigos, que de cada parte  
 » se alevantão. Seja este o derradeiro con-  
 » selho que de mim tomeis, e vos peço  
 » guardeis, e com animo astocogado espe-

» reis o impeto do mancebo enganado com  
 » seu valor; porque na confiança de seu  
 » cometimento sem ordem, está muito  
 » curta a occasião de sua ruina, como em  
 » vós houver animo de soffrerdes o primei-  
 » ro encontro, cuja furia como quebrar,  
 » fica-vos estaõ lugar de carregar sobre el-  
 » le com o peso da batalha e com o corpo  
 » da gente, a qual elle mal poderá esperar,  
 » por o juvenil furor estaõ o desemparrar,  
 » com temor de nosso exercito, que come-  
 » çará de refresco a feri-lo, e empregar  
 » seus tiros, quando o mancebo ouzado es-  
 » tiver sangado de fazer acomettimentos  
 » em vão, e achar seus esquadroens derra-  
 » mados por sua desordem. Ora, Deos vos  
 » guie, e vos favoreça em vossa empreza: e  
 » aiude que não posso acompanhar os vi-  
 » vos nesta hora, pelos mortos esperarei,  
 » e lhes serei companheiro: destes quero ser  
 » capitão, e dos vivos serei intercessor com  
 » Deos. Vou consolado, que com meu  
 » corpo sem alma haveis de vencer a bata-  
 » lha, pera que entendais, que nunca vos  
 » desemparei nos perigos, na vida, nem na  
 » morte». Esta falla acabada, os alcaides,  
 » com os olhos banhados em lagrimas, se sa-  
 » hiraõ da presença do Maluco, com muitos  
 » saluços dizendo: » Já que não pode ser  
 » nosso capitão, nós lhe traremos a victoria á  
 » cama, com a cabeça do rei cristaõ, e a do  
 » Xarife inimigo de sua lei e patria». Com  
 » estas palavras se acendo todo o exercito

em mais ira, com entenderem os alcaides o justo odio do Xarife, lançando fama no exercito que se tornára cristaõ, pera mais exercitar os mouros a odio e vingança, e que elrei de Portugal mandára lançar pregaõ, que se naõ desse vida a arrenegado algum, pera que assim elles como os mouros, pelejassem com mais aceso odio. Com isto dando ordem aos seus esquadroens, postos em ala, tendo a infantaria repartida em mangas ante a cavallaria, e escopeteiros de cavallo nas pontas das alas, postos os mouros nesta ordem, naõ fizeraõ movimento, e constantes esperáraõ, até elrei dom Sebastian os cometer.

*Como se deo a batalha entre elrei dom Sebastian e Mulei-Maluco. Capitulo LXVI.*

O alojamento, que o campo dos cristaõs tinha tomado o dia antes da batalha, era, como atraz fica dito, entre o rio Huádmachacim e o esteiro que sahe do rio Lucas. O Xarife e seus alcaides, vendo o perigo dos cristaõs, postos entre tantos imigos, cercados por todas as partes, persuadiã a elrei naõ desemparasse o seu alojamento, e esperasse nelle a batalha; porque, como Mulei-Maluco lhe ficava já superior nas forças, com muita ventagem de gente, havia de ser de força cercado. Hò mào, com evidente perigo, e pera o haver de evitar,

se deixasse estar entre os rios, hum de hum lado, o esteiro do outro, e o rio Lucus nas costas, e desta maneira não seria saltado por detrás, com a guarda dos rios, e sómente achariaõ diante a resistencia, pera que os cristaõs teriaõ bastantes forças, pera romper com menos perigo. Por este conselho não ter effeito, tomou elrei outro com que se levantasse de entre os rios, onde estava entranqueirado de agoa, e se sahisse ao campo, que era mui raso, digno de tão insigne batalha. Os mouros, que estavaõ á vista do campo cristaõ, sem fazer movimento, como víraõ que elrei abalava pera elles, e hia já perto, começáraõ a estender as pontas da lua, com que vieraõ cercando os portuguezes, até lhes ficarem no meo. Os cristaõs, em cujo esforço e determinação já estava serem os aggressores da batalha, quando víraõ que a dianteira dos mouros se não abalava, se fôraõ chegando a elles, levando a artilharia diante sem nenhuma guarda de soldados, mais que sómente o capitão Pero de Mesquita, bailio, com os officiaes. Os mouros, que já tñhaõ entendido a pouca ordem que os cristaõs levavaõ em tudo, tendo a sua artilharia em certos postos, ainda que bem apercebida, não se abalavaõ por estar em guarda della, e pera depois de disparada (com que esperavaõ desordenar o campo cristaõ) arremeterem por todas as partes, por onde já o tinhaõ cercado, e vendo tempo acco-

mudo para com sua artilharia fazerem  
 maior dano no nosso campo, começaram a  
 jogar com ella por a frontaria, do lado de  
 hum milharal, donde a tinham escondida,  
 com que fizeram muito dano. A artilharia  
 dos Portuguezes, querendo tambem respon-  
 der, com a revolta e confusão que se via  
 em todas as partes, não puderão, nem ali-  
 nárao a lhe pôr o fogo, com que nenhum  
 effeito fez, antes de todo a desemparrão,  
 com a primeira carga de artilharia que os  
 mouros dérao. Acabada a fumaça, ficou  
 elrei ainda indeterminado no cometer:  
 Jorge de Albuquerque, que estava na pri-  
 meira fileira, perto delrei, começou a algumas  
 vozes a dizer-lhe que desse Santiago, an-  
 tes que os mouros dessem outra carga, o  
 que tambem fez Pero Peixoto, que andava  
 solto, discorrendo pelo campo, dando re-  
 cados. Elrei estava no turno esquerdo, dian-  
 te dos esquadroens de cavallo, com Christo-  
 vão de Tavora, Luiz da Silva, o Conde  
 do Vimioso, e João Gomes Cabral, capi-  
 tão da guarda, o qual antes do elrei dar  
 Santiago, hido antreter huma manga de  
 arcabuzeiros castelhanos, que se começava  
 a retirar de pressa dos mosqueteiros dos  
 mouros, foi o primeiro de cavallo que ca-  
 iu morto. Elrei desejoso de cometer os  
 inimigos, com estes avisos se expoz mais,  
 e dizendo Santiago, acometendo com elle  
 o conde da Vidigueira, Dom Francisco  
 Portugal, filho do conde do Vimioso, e Ba-

rao de Alvito, dom Fernando Mascarenhas, Fernam da Silva clérigo, Luiz de Brito, Jorge de Albuquerque, e outros que estavam na primeira fileira. O duque de Aveiro, que estava no corno direito, esperando o sinal de elrei dar Santiago, como o vio abalar, logo arremeteo com a sua gente com muito esferço. Com o impeto que levavaõ, elrei e o duque rompêraõ pelos esquadroens da infantaria dos mouros, e matando melles, entráraõ por mêo dos esquadroens da cavallaria, os quais naõ podendo esperar a furia da nosa, começáraõ a abrir largas ruas, com grande espanto, recuando huns aos outros, e cahindo aos lados, fazendo caminho á cavallaria. Tanto entráraõ os de cavallo pelos esquadroens dos mouros, que Antonio Mendes, criado do mestre de campo, sahio do mêo delles com huma bandeira ganhada. Os aventureiros, vendo a batalha travada, e os arcabuzeiros dos mouros disparar com a primeira carga, arremetteraõ ás fileiras da bandeira por diante, que eraõ piqueiros, e cerrando com os barbaros, o primeiro que empregou sua alabarda com a morte de hum mouro, que vinha pera elle com hum arcabuz, foi Joaõ de Mendonça Furtado; os quais aventureiros, que se tinhaõ encontrado com os mouros, fazendo e recebendo cruel estrago, levavaõ tambem os Africanos de vencida á lança e espada: mas porque os inimigos todos eraõ mosqueteiros, que ao perto e ao longe fa-

zião muito dano, os aventureiros á receba-  
 raõ maior, por se meterem muito pelos est-  
 quadroens contrarios, cahindo muitos mor-  
 tos. Os Castelhanos, Tudescos, e Italianos  
 visinhos dos lados dos aventureiros, com os  
 soldados de Tangere, que estavaõ em man-  
 gas, animados com igual esforço, arreme-  
 tãõ juntamente, com espanto dos inimigos,  
 em que, com notavel ventagem dos cris-  
 taõs e cruel estrago dos mouros, começãõ  
 os africanos a retirar-se, com evidentes si-  
 nales de victoria dos cristãõs. Elrei e o du-  
 que de Aveiro, que por as suas partes hiãõ  
 mui de vencida, e a quem já os mouros  
 de cavallo começavaõ de virar as costas,  
 não podendo esperar o peso dos golpes, não  
 sei porque fados, não sabendo seguir a vic-  
 toria, tornãõ a virar, dizendo: volta, volta.  
 Sebastiam de Sá, irmão do conde de Ma-  
 tosinhos, ouvindo esta voz taõ albãa de tal  
 tempo, disse: o meu cavallo não se sabe vol-  
 tar: e hindo por diante não appareço mais.  
 Os mouros (como tem de costume) logo  
 voltãõ nas costas dos nossos, com sua  
 costumada desenvoltura, e animo cobrado  
 de se verem fora do aperto e perigo em  
 que estavaõ. Elrei e o duque, volvendo se-  
 gundariamente aos mouros, tornãõ a fa-  
 zer outra entrada por elles, não com menos  
 dano dos mouros que a primeira. Neste  
 tempo, em que a infantaria da vanguarda  
 pelejava valerosamente com a gente de pé  
 dos mouros, que resistiaõ com animo in-

vencível, hindo elles já dando as costas, deo huma bala de hum tiro de campo (que vinha em chapeletas) em huma perna a Alvaro Pires de Tavora, capitão dos aventureiros, de que cahio, posto que não morto. Quando Pero Lopes, seu sargento mor, vio o capitão cahido, e os aventureiros das fileiras por diante hir seguindo a victoria com furia mais que humana; começou com altas vozes a dizer: volta, volta. Esta voz, formada não sei porque espirito, correo de maneira pelas orelhas dos cristãos, que parando huns, e tornando atraz outros, começaram os mouros novamente a cobrar animo, e os cristãos a perdê-lo. Com este movimento tão subitô e cego, ficou tudo chêo de confusão e pavor, sem verem a causa que os atrazasse de seu determinado esforço, e se recuperassem as forças dos inimigos, que hião já cahidos. Nesta volta que os mouros fizeram sobre os cristãos, começaram a desordenar-se os esquadros com a gente de cavallo, assim dos cristãos como mouros, que se mettia por elles: a este tempo fez o duque de Aveiro terceira entrada, em que já hia com huma mão cahida, e depois desta entrada o não víraõ mais sahir; posto que hum mouro de Cid-Abdelcherim o conheceo no campo, morto de muitas lançadas, com cujo sangue ficou o campo da batalha enobrecido, pelo esforço com que valerosamente pelejou, e a fama que ficará immortal na memo-

ria dos homens, pela grandezza de seu animo ornado de todas as virtudes, e a honra que neste dia alcançou de insigne cavalleiro; cujo companheiro na vida e na morte foi João de Mendonça, o qual naquelle dia por suas mãos fez façanhas, que bem responderão ao nome que elle tinha deixado na India, onde foi governador; porque na primeira entrada que elle, e o duque de Aveiro, fez nos mouros, nos primeiros encontros que lirou a lança, firando o pedaço no corpo de hum mouro; e virando para os companheiros, e rindo, disse: eu não sou mais obrigado: e tomando outra lança, tornou a seguir a batalha. Elrei, que já estava desordenado, não podendo fazer outra entrada pelos inimigos de cavallo, dobrando para a mão direita sobre a infantaria dos arzugos, que se defendião valerosamente, e já fazião retirar os Tudescos, com grande estrago de mortos e feridos, deo nelles com impeto tão denodado, que de dous mil mouros não ficáram mais de dezesete. Em todo este tempo o estandarte real appareceu nas mãos do atterez mor, e o guiaõ na de dom Jorge Tello, que com elle na esquerda, e a espada na direita, pelejou com animo ousado, e com destreza mais exercitada do que a sua idade florente promettia, mostrando aquelle dia espiritos invenciveis e animo sem medo; porque nunca faltou a elrei com o guiaõ arvorado no meio dos mais perigosos encontros, agter em todas as

entradas elle fixava o guiaõ entre os inimigos, muitas vezes mais avante do que elle queria, cujo esforço e animo acordado sempre lhe durou até o cabo da batalha, sem perder o guiaõ da mão, nem a ellei de vista, com que deixou immortal fama, e espanto de seus altos espiritos, com esperanças de insigne capitaõ, se a fortuna invejosa de sua gloria lhe não encurtará os dias com a morte natural em o cativeiro, a quem a furia da batalha não pôde com violencia dobrar; cuja morte foi tanto sentida dos que virão seu valor, quanto sua honra he louvada, com admiração de seu esforço. A infantaria, que ficava na retaguarda dos aventureiros, Castelhanos, Italianos, e Tudescos, da qual a mór parte era de picaria, por ser gente bisonha e de nenhuma experiencia da guerra, não somente não seguia a vanguarda, em os encontros que travavaõ com os inimigos, mas desordenando-se com o pavor da artilharia, e o recontro primeiro, alguns deixáraõ as armas, outros não hirõ por diante seguindo os principios da victoria, antes, por não darem ajuda aos dianteiros que pelejavaõ, começou a batalha a enclinar-se com ventagem dos mouros; com cuja confusão as cousas começaram a perder a ordem e força dos esquadros. Ellei, que já neste tempo não seguia bandeira, nem procurava metter em ordem a sua gente, chõo de sua costumadaousaria, com quaisquer que o seguiaõ, de pé

ou de cavallo, sem fazer differença de poucos ou muitos, se mettia por mção dos inimigos, fazendo taes feitos por sua pessoa, á lança, e depois á espada, que se a dinidade real, mettida em taõ temeraria empresa, o não condemnára, os feitos daquelle dia lhe podéraõ celebrar o nome, com eterna gloria de hum assinalado cavalleiro, por façanhas feitas com seu forte braço: mas estas lembranças que lastimãõ as almas de quem o vio, e sabe como pelejou, fazem de pouco gosto seus louvores; pois, esquecendo-se do principal cargo de governador, e de animar os seus soldados, sem resguardo de sua pessoa, quiz pôr a perigo todo o seu exercito, com hum cego furor de seu esforço, pondo espantõ em todos os seus pela falta de sua presença, os quais não curando de offender aos inimigos, nem defender as pessoas proprias, toda a desordem e perdição se seguia em cada hum capitão e fidalgo andar buscando pelo campo elrei: o qual, andando já no fim da batalha, e o cavallo muito ferido e cansado, que não podia hiar diante pera continuar o exercicio da peleja em que mais se occupou aquelle dia, que em dar ordem ao exercito no principio, e animá-lo no fim, encontrou com Jorge de Albuquerque Coelho, muito chço de feridas, de que ficou depois aleijado em muletas, em hum cavallo russo queimado muito poderoso, e lhe disse: « Dai-me esse vosso cavallo, se ainda está bom e saõ; porque

» este em que venho já não pôde dar pas-  
 » sada comigo ». Jorge de Albuquerque,  
 vendo a necessidade em que elrei estava,  
 lho offereceo logo; o qual por se não poder  
 menear das feridas, nem se poder firmar  
 nos estribos, pera se descer, chamou huns  
 soldados que o ajudassem a tirar da sella,  
 o qual como foi no chão disse a elrei;  
 « Tome vossa alteza esse cavallo, que he  
 » bom: salve-se nelle, porque eu quero  
 » aventurar minha vida pera salvar a de  
 » vossa alteza; pois na minha se aventura  
 » pouco, e na de vossa alteza muito. »  
 Desta maneira ficou Jorge de Albuquerque  
 estendido no campo, sem se poder bolir,  
 passando por cima delle muita gente: hum  
 padre da companhia com outros soldados o  
 pozeraõ em hum carreta, aonde lhe arre-  
 messáraõ muitas lanças e muitas arcabusa-  
 das, sem lhe acertarem, o qual Deos guar-  
 dou por obra de tanta cristandade e leal-  
 dade, como tinha usado com elrei. Elrei ac-  
 ceitando este offerecimento com mostras de  
 sentimento, em deixar Jorge d'Albuquerque  
 em tal estado, se lançou fóra do cavallo  
 em que vinha, com a espada na mão, e de  
 improvisõ cavalgou no outro, com tanta  
 desenvoltura, que em pondo o pé no estri-  
 bo e a mão esquerda no arçãõ, com o bra-  
 ço direito da espada com grande força em-  
 puxou o cavallo de que se apeava, e logo  
 se poz na sella do que novamente tomava;  
 o qual sem mais esperar se foi metter entre

os inimigos, com esforço não de soldado já desbaratado, mas de capitão victorioso, em seguimento da victoria, cujas aventuras e façanhas fôraõ causa de toda a perdição da batalha. O coronel Vasco da Silveira, havendo licença de elrei pera aquelle dia pelear com elle a cavallo, depois de deixar o seu terço provido de capitães de confiança, fez muitas cousas dignas de si mesmo, com assás admiração de quem o viu, com muito esforço e ar, encontrar-se com muitos mouros, os quais mortos deixava estendidos em terra. João da Cunha, cavalleiro de Malta, fazendo entrada pelos mouros com huma lança por hum olho, dizendo-lhe alguns que se recolhesse respondeu: » Nesses inimigos quero eu recolher a minha lança: » onde acabou.

*Prosegue a historia. Capitulo  
LXVII.*

Como o exercito cristão se começou a desordenar, como fica dito, todo o peso dos mouros se esforçou com dobrado animo a carregar sobre elle, de maneira que de cada vez se desordenava mais, e cortava qualquer esquadra, que trabalhava formar-se pera se defender. Não somente os mouros que estavam no campo da batalha hão gozando da victoria, com mortos, cativos, e despojos dos vencidos, mas outros que ficaram afastados pera ver o successo da bata-

Iba, com animo ousado e alaridos que chegavão ao ceo, como de homens vencedores, recreião cada vez mais: entre os quaes deceo ao campo da batalha grande multidão de barbaros das comarcas de Tetuão, e Xexuão e os da serra de Farrobo e outras muitas partes, que chegáráo aquelle dia, e se puzerao a-la-mira sobre huns montes, em quanto não vírao inclinar a victoria. Com este peso tão innumeravel dos inimigos, que cada hora mais crescerá com ousadia de vencedores, ficava o exercito christão cada vez mais oprimido, com mortes, e sem ordem de resistir, cercados dos inimigos, postos em mão, a quem os mouros, como a touros encerrados em côrro, arremessavao tiros a cada parte com arcabuzaria, que era muita, assim de gente de pé como de cavallo, cujo perigo os christãos não podião evitar, pela maior parte de sua infantaria ser de picaria, e muito poucos de arcabuzaria, posto que não faltou o esforço nem destreza a muitos esforçados cavalleiros e soldados pera por suas pessoas particulares fazerem neste dia cousas dignas de eterna memoria: mas como o successo foi tão infelice, com perda de tanta nobreza e reputação, pera louvor dos barbaros africanos, com morte de elrei, que a todos magoou, não tem nenhum homem por honrosos seus feitos, dignos de immortal gloria, nem eu por justo de os contar entre infortunios de tão severo castigo de Deos; ainda que se não pode enlar a

formosura de André Gonçalves, alcaide-mór de Cintra, que com huma seta pregada no rosto, de que lhe não apparecia mais que as pennas, andava como leão bravo estimulado da ferida, fazendo por sua mão grande estrago nos inimigos por vingança da morte. Tornando ao fio da historia, andando a batalha em estado que já mostrava claramente a perdição dos portuguezes, sem haver capitão que pudesse ter os soldados, nem terem certeza da pessoa delrei, por sempre andar misturado com os barbaros por todas as partes que se offerencia, sem nunca fazer rosto atraz, nem ter lembrança de procurar algum remedio de salvação, mais que a ponta da lança, andavaõ os soldados que se encontravaõ a caso, perguntando huns aos outros por elrei, como gado desgarrado sem pastor, com assás lastima de todos, sentindo mais o dano commum na pessoa delrei, que os perigos proprios a que andavaõ offercidos, não pondo tanto cuidado em suas saudes, como na vida delrei pera o salvarem, sem esperanças de outro refugio. Nesta confusão, tão chã de desconfianças de recuperar o que haviaõ perdido, e com temor de perder o todo, desejosos os membros de se exporem pera salvação da cabeça, mostravaõ bem os portuguezes, que ainda que a fortuna os tinha oprimido nas forças corporaes, lhes não podia abater os esforços do animo, e a lealdade do rei, a quem pertendiaõ salvar em tanto perigo, e a quem

com taõ alegre rosto até alli haviaõ seguido, com evidentes indicios do presente successo. Os terços de Diogo Lopes de Sequeira, Vasco da Silveira, dom Miguel de Noronha, que ficavaõ em a retaguarda dos aventureiros, espanhoes, italianos, e tudescos, quando os viraõ desbaratados, quasi com total estrago de todos, com mortos, e feridos, com pouca resistencia fõraõ facilmente entrados, com similhante sorte dos dianteiros, a quem poderaõ dar ajuda nas costas. O esquadrão de Francisco de Tavora, vendo os espanhoes, que tinhaõ de frente, pelejar, e morrer, como valerosos defensores da vida, e offensores dos imigos, cerrando-se com estremada ordem, foi commettido dos barbaros com impeto furioso, como de homens determinados, sem trazer temor, nem acharem resistencia. Francisco de Tavora, que da gente bisonha tinha a de Alemtejo, e Algarve, que saõ homens de muito esforço, fez com elles rosto, e corpo de se defender, o que fez com tanto dano dos imigos, que, quando já o capitaõ, e soldados, daquelle terço foraõ rendidos, havia em os mouros, que o comettêraõ, pouco que render, se nas costas lhes naõ viêra novo soccorro de grande multidaõ de imigos desencançados; na qual ordem de pelejar, offendendo aos imigos, e deffendendo a si, nunca pôde ser entrado, nem roto, senaõ depois da morte do capitaõ, e do campo todo rendido. Com tanto esforço, e accordo, pelejou Fran-

cisco de Tavora aquelle dia, que, alem de fazer muito dano nos inimigos, vendo hum alferes seu, que, com animo vil e chèo de medo, tentou buscar a salvaçãõ nos inimigos, por comutaçãõ de hum baixo offercimento da bandeira, que lhes hia entregar, arremettendo o coronel Francisco de Tavora com elle, dando-lhe muitas feridas com a espada, que trazia na mãõ, o deixou estendido no campo, e lhe tomou a bandeira, e a deo a outro soldado, que melhor a deffendesse. Depois do corpo da batalha ser desordenado, ficãõ de tal maneira os esquadroens quebrados, e os cristaõs postos em pequenos magotes, que a cada passo sãõ cercados dos inimigos; os quais, postos neste tempo em defençãõ das vidas, trabalhavaõ entãõ com novos espiritos deffender-se com valor: e prouvera a nosso senhor, que tivẽãõ os portuguezes o desengano e animo, no principio da batalha, quando os esquadroens estavaõ inteiros, que tiverãõ no fim, quando já de todo estavaõ rotos, e desordenados; pois o esforço, com que acabããõ de ser rendidos, lhes promettia a victoria, se nelle começããõ; porque de tal maneira resistããõ alguns poucos, quando se viaõ salteados de muitos, que endurecidos na pertinacia da defençãõ da pessoa, e da vingança dos inimigos, faziaõ façanhas mais que de homens; porque mais duros foraõ alguns magotes de pouca gente de render, com mortes e cativoiro, do que foi serem desordenados, quan-

do o corpo da batalha estava todo inteiro : mas, posto que logo no começo cahissem muitos mortos de cada parte, quando os mouros cuidavaõ que tinhaõ concluido a victoria dos poucos cristãos vivos, e os muitos mouros que retresciaõ com seguro de suas vidas, entãõ foi certo o maior estrago dos seus, com a defensãõ dos nossos. Mas Deos, que tinha já em sua mente divina ordenado este castigo, permittio o povo cristão ser prostrado dos barbaros pagãos, e seus corpos banhados em seu proprio sangue, e o campo coberto de cavalleiros armados, os quaes debaixo das armias em que estavaõ vestidos, renderãõ os espiritos a Deos : em cujo estrago, o povo pagão, com odio antigo de nossa fé e insolência do vencimento dos cristãos, não fartava o barbaro peito com o sangue derramado, mas com affrontosas injurias maltratavaõ aquelles a quem a furia militar havia comutado a liberdade das vidas com a subjeição do cativoitõ : os quaes gozando da victoria, sem nenhuma maneira de clemencia, nem compaixão dos vencidos, entãõ em mais acesa inimidade mostravaõ as entranhas danadas, cheas de zelo de vingança. Com isto apresentãdo os pagãos o cruel appetite, com a morte de tantos e tão valerosos capitães, e esforçados cavalleiros e soldados, ajuntãraõ o cativoitõ do resto do exercito. E com tão grande multidão o tinhaõ de maneira murado no meio daquelle tão espantoso e

igual campo, que não podiaõ escapar sem que lhes cahissem nas mãos. Decrepitando a batalha já de maneira que o campo ia mui de vencida, pelo calor ser mui grande, mandou o senhor dom Antonio lhe tirassem as armas, em que se afogava de calma, o qual, tendo já o cavallo muito ferido, que se não podia bolir, vio perto de si passar elrei, e lhe disse: » Ah! senhor, não estou » em estado de poder seguir a vossa alteza, » que me falta o cavallo ». A isto lhe não respondeo elrei: entãõ lhe disse o senhor dom Antonio, mostrandolhe com o dedo huma abertura de poucos mouros, e pouco perigo, procurasse de se salvar: dahi a muito pouco espaço passou Cristovaõ de Tavora, o qual, quando vio o senhor dom Antonio, a quem em Portugal antes da partida tinha aggravado, se foi a elle com muita cortesia, e inclinando-se muito, lhe pedio perdaõ, e se abraçaraõ.

*Como Luiz de Brito alevantou o estendarte Real. Capitulo LXVIII.*

Antes que a victoria fosse de todo alcançada dos barbaros e o campo rendido, julgando-se os vivos por de peor sorte, que os mortos, pera que acabassem sem infamia, com todo o cuidado buscavaõ occasiaõ, em que morressem, com bom emprego de seu esforço; mas, porque nenhum achavaõ mais honroso, que os livrasse da magoa, que ven-

tiao em seus peitos, senão morrer na defensão da pessoa delrei, ou ao menos serem-lhe companheiros na sorte; andavaõ os fidalgos, e outros homens honrados, com muito cuidado buscando-o pelo campo; mas, porque o campo andava já de todo desordenado, nem se viaõ bandeiras, nem os soldados acudiaõ a ellas, andava toda a gente errada, sem saber o caminho, que havia de seguir, nem a que esquadraõ se havia de acostar, principalmente por o estendarte real não apparecer, por dom Luiz de Menezes, alferes mór, haver perdido o cavallo, em que o trazia arvorado; mas, posto que cahisse entre muitos inimigos, antre os quaes estava cercado, e a que não podia resistir, abraçado com o estendarte, com brados cheos de zelo da honra das insignias reaes, dizia a altas vozes: « Defendei, senhores, a bandeira delrei. » Repetindo muitas vezes estas palavras, Gonçalo Ribeiro Pinto, capitão dos gastadores, que alli se achou, com animo aceso de esforço se pôz diante do alferes mór com espada e rodela, a defende-lo valerosamente até ser oprimido dos inimigos. Luiz de Brito, que andava buscando elrei, passando este por alli acaso, quando vio o estendarte abatido, e o seu alferes em perigo de o perder com a vida, rompendo com a espada na mão por mão dos inimigos, em o quarto cavallo (que, depois dos outros mortos, havia cobrado) com desejo de o salvar, bem descuidado de pôr cobro na pro-

pria vida, remetteo ao estendarte, e lançando-se fora da sella, o alevantou, e posto logo com muita ligeireza a cavallo, o arvorou, fazendo-lhe lugar os barbaros, que o pertendiaõ haver: com isto, atravessando por meo do campo com esta insignia, mais seguido foi dos mouros, a fim de lho tirarem das mãos, que dos cristãos, pera com elle fazerem corpo; pera o que fizeraõ tanta força pera o tomar, e Luiz de Brito resistencia pera o salvar, que não podendo mais, o enristou debaixo do braco, donde os barbaros lhe levarãõ a hastea. Luiz de Brito, que mais cuidado tinha em salvar a bandeira real que a propria vida, cingindo-a consigo, enrolando parte delle no braco esquerdo, determinou não a largar, senão com o corpo espedaçado. Nesta forma chegando Luiz de Brito onde elrei estava, com poucos do cavallo, perguntou elrei: « Trazeis o estendarte? » respondeo elle que trazia, e o mostrou envolto em si. Elrei, que não punha as esperanças mais que na memoria de sua morte, lhe disse: « Abraçai-vos com elle, e morramos sobre elle. » Cristovão de Tavora, que muitas vezes tinha persuadido a elrei que sem resistencia, se deixasse captivar nesta hora, com muita instancia lho tornou a pedir com efficazes rogos, e palavras, dizendo que attentase sua altesa que o perço, com que queria tornar a entrar na batalha, se deya ter por suspeito e inimigo do hem comum: pois esse animo

vel não promettia victoria, antes ameaçava a morte de sua pessoa, sem remedio, nem esperança, da saude do exercito, que já via prostrado por terra, ficando os inimigos senhores do campo; que, posto que era heroico feito de hum cavalleiro particular morrer antes por mão de seus inimigos, que ficar sem liberdade cativo em seu poder, que este louvor não se contava nas pessoas dos reis; porque estes deviaõ ter mais conta com a saude propria pera proveito comum, que a da gloria particular, ainda que enchesse o mundo com sua fama: que pedia, e rogava a sua alteza, como leal vasallo, e particular amigo, por cujos respeitos lho pedia, em nome de todo o povo portuguez, quizesse antes deixar-se cativar, que querer assolar tudo com sua morte; pois com sua vida as perdas tinhaõ remedio, e a honra se podia recuperar, com outro rosto mais propicio da fortuna, e os povos, que com sua morte ficavaõ orfãos, e os cativos sem esperança de liberdade, que com sua vida, ainda que posta em cativeiro, todas as cousas terião esperança de resuscitar, com mudanças de outro mais prospero tempo: e que além da rezaõ, e o estado, isto pedirem, que o exemplo de muitos reis, a quem seontecêraõ semelhantes infelicidades, lhe faziaõ esta lembrança ficar sem infamia, antes como acertado conselho. Elrei, que estava fóra de seguir este parecer, quasi aggravado de Cristovão de

Tavora por o persuadir, lhe virou as costas. Cristovaõ de Tavora, que tanto desejava este effeito, ainda que elrei se persuadia mal, determinou procura-lo por o bem comũ : por tanto, vendo, que huns elches capeavaõ pera elrei se dêsse ( os quaes por ventura o não conheciaõ ) atou hum lenço na ponta da espada, e como bandeira, se foi a elles, dizendo: « Sultaõ, Sultaõ »: que quer dizer, rei, rei, pera com estas palavras os persuadir a cátivarem elrei, que lhe elle queria mostrar, o qual os mouros recolhêraõ, por cuidarem, que era elrei, ou por lhe não darem credito: do qual se diz, que, caminhando pera Fez, o vira seu irmão; depois nunca mais foi visto, ainda que houve indicios, que morrera em Fez, em huma estrebaria, das feridas. Elrei, que não esperou por Cristovaõ de Tavora, acompanhado de Luiz de Brito, com outros poucos de cavallo, se metteo por hum tropel de mouros de cavallo, os quaes, arremettendo a elrei com grande impeto, o cercáraõ de todas as partes, e apegaraõ delle, e do braço da espada, sem lha poderem tirar da mão. Luiz de Britto, que mais desejava, que elrei se deixasse cáttivar, que com resistencia ser morto, chegando-se aos imigos, com desejo de ser companheiro da sorte delrei, metteo a espada na bainha; mas, resistindo elrei com muita força por se desavir dos barbaros, que o tinhaõ liado, quando Luiz de Brito vio, que o mal-tratavaõ, levou da espada, e ti-

rando alguns golpes, fez afastar os inimigos, e soltar elrei de suas mãos: aonde parece, que se cumprio o pronostico, que o mesmo rei muitas vezes zombando dizia que tinha, que havia de ser cativo por hum breve espaço. Elrei, tanto que se vio livre das mãos daquelles pagãos, deo a andar pera detraz, e se foi sahindo do campo e da batalha. Luiz de Brito, que entã ficou preso pelos inimigos, sendo cercado de muitos, lhe pegárao do estendarte, que trazia cingido, e pera lho acabarem de tirar, foi forçado estender o braço, em que o levava enrolado; o qual depois foi comprado em Fez pelos Portuguezes da mão de hum mouro, que o andava vendendo, e vêo ter a tesouro delrei, onde está. Luiz de Brito, voltando os olhos pera o caminho, que elrei tomára, o vio hir hum pedaço desviado, já sem haver mouro algum, que o seguisse, nem apparecerem outros diante, que tão prestes o pudessem encontrar, pera lhe impedir o caminho, que levava, que era mui distante do lugar, aonde depois dizião, que o acharaõ morto.

*Como Mulei-Maluco morreo da enfermidade, e o Xarife foi afogado no rio, e elrei dom Sebastian foi achado morto. Capitulo LXIX.*

Quando a batalha se começou a travar, estando Mulei-Maluco muito mal da en-

fermidade, que trazia, vendo, que dos primeiros encontros, que os cristãos tiverão, com que começáraõ a romper o exercito dos inimigos, os mouros com medo muito grande, huns cahiaõ prostrados, outros volta-vaõ as costas, naõ podendo esperar o impeto da gente de cavallo, posto em grande coragem, se levantou do coche, onde estava e cavalgou em hum cavallo, pon-do-se diante dos que se retiravaõ, com a espada na maõ, querendo-os animar, que tornassem á batalha, de que fallecêrão nelle as forças, que naõ podendo ter-se a cavallo com os accidentes mortaes, que o saltea-vaõ, cahio em terra, aonde com a queda, e outros encontros, que lhe recreceraõ, da gente, que fugia, ficou morto, ainda que alguns dizem, que morreu de huma arcabu-zada. Hamet-Taba, arrenegado genovez, que se achou pertõ, vendo o Maluco mor-to, e que se sua morte fosse divulgada, de-sanimariaõ os Mouros de maneira, que de improvizo ficariaõ vencidos com total des-truição do campo, com muita diligencia e sagacidade o tomou nos braços, e o metteo no coche, coberto com huma colcha, e fingin-do, que era accidente, quietamente dissimu-lou sua morte. Mexim, moço de pouca idade, filho do alcaide Alizarcãõ, arrenega-do portuguez, como vio o Maluco ca-hido, cavalgou no seu cavallo, e com pa-lavras e feitos cheos de esforço, começou a animar a gente, que tornasse a voltar aos

cristãos, parecendo-lhes a todos; que era o mesmo rei. Não pôde a morte de Maluco tanto occultar-se, que não fôsse em breve logo divulgada no campo dos cristãos; mas foi a tempo, que o exercito hia desordenado, de maneira que com quanto se começou a acclamar a morte de Maluco, não puderaõ os Portuguezes formar os esquadroens. O Xarife com trezentos mouros de cavallo, e quatrocentos de pé, de que estava acompanhado, ajudaram da sua parte a pelejar, como homens, que, além de deffenderem as vidas, pretendiaõ serem reduzidos á honra, e patria, de que andavaõ desterrados: mas como elles eraõ membros dequelle corpo da batalha, no estrago, e desordem fôraõ companheiros, e nos successos iguais aos cristãos. Sendo pois muitos mortos, e feridos, quando fôraõ desesperados do remedio da sua saude, cada hum procurava salvar a vida com fugida. O Xarife, que não temia menos cahidas nas mãos dos mouros, que os cristãos, attendendo qualquer maneira de salvação, não achou outra, senão passar-se além do rio: a qual, sabendo-se da batalha com alguns mouros seus, que o seguirão (entre os quaes vinha dom João Coutinho, que depois foi Conde de Redondo) lhe sabrá ao encontro os irmãos. Os alcaides Cid-Abdelcherrim, e Cid-Hamu, que fôraõ sempre seus amigos, lhe disserão, que fosse sempre ao longo do rio, até ao rio, que elles entrava

riaõ os inimigos com recontro de peleja, como fizeraõ: o Xarife, que arreceõu ir pelo rio acima demandar o váo, com temor de de ser salteado de outros inimigos, endireitou com a passagem mais perto. Os alcaides, que já se sentiaõ desenvoltos, se foraõ seguindo o Xarife pera o empararem, e acompanharem em sua fortuna, e achando-o á bordo do rio, duvidoso de sua passagem, pela difficuldade das agõas, e temeroso pelo seguimento dos inimigos, quando se vio taõ perplexo, atreveo-se antes lançar-se á agõa, que esperar, que os barbaros lhe derramassem o sangue: o qual, lançando-se ao rio, começou o cavallo a atolar-se no lamaraõ, e mettendo huma maõ pela redea, se virou com elle; e por a maré décer com impeto, se despedio o cavallo d'elle, lançando-o fóra da sella, aonde se afogou á vista dos seus alcaides, que lhe naõ pudéraõ valer, e que com assás magõa soffreraõ hum espectaculo taõ lastimoso pera elles, em que se lhes cerrou a porta da esperança de serem restituídos a suas terras; os quaes, passado o rio sem perigo, se puzeraõ em salvo, por saberem a terra e lingua, e que nõ traje poderiaõ passar, como naturaes, sem serem conhecidos por amigos dos cristãõs; por que as insignias, que os mouros do Xarife tomáraõ naquelle dia, pera na batalha serem conhecidos, foraõ chapéos, que traziaõ nas cabeças, que facilmente se podiaõ lançar fóra pera ficarem com igual trajo.

Hum mouro criado do Xarife, seu pagem de campainha, que com amor e lealdade o seguio até o conflicto da morte, como o vio afogado, foi correndo pedir alviçaras da morte do Xarife a Mulei-Hamet, irmão de Mulei-Maluco e sucessor do reino, pera que ficasse sem arrecêos de alterações, que com sua vida ainda se podiaõ temer. Tal he a sorte dos vencedores, que em breve tempo reconciliaõ os animos dos vencidos, que de improviso fazem mudança com os sucessos da fortuna. Elrei dom Sebastiam, que não procurou remedio de se salvar, senão depois de toda a batalha perdida, o vio Luiz de Brito caminhar pera o rio, no cabo do campo da batalha, onde depois foi achado morto; mas por não haver quem soubesse do genero de sua morte, presumem alguns, que foi cativo de Alarves, e por desavença de quem o levaria, o vieraõ a matar: outros presumem que em o querendo despir, resistio defendendo-se até á morte, por conservar a natural honestidade, que sempre teve, sem consentir, que criado algum seu, por familiar que fosse, lhe visse os pés, e elle por sua mão ordinariamente tirava as servilhas, e meias calças. Este fim tiveraõ hum dia, em menos de duas horas, tres reis taõ poderosos, em taõ breve distancia, que se podiaõ em suas mortes vêr huns aos outros. Caso por certo poucas vezes visto, nem ainda pensado, em que se mostrou a crueldade da batalha,

naõ sómente na morte de muitos esclarecidos capitaens, e illustres senhores, mas ainda de tantos reis, taõ poderosos, cujo estrago o sol aquelle dia quiz prantear, mostrando-se triste, que foi visto mais vermelho do acostumado; o que claramente entendiaõ os que o viaõ, que era indício do sangue, que se derramou, pela cor, de que vinha banhado. Naõ tiveraõ os portuguezes menos rezaõ de prantear seus mortos neste campo, que os profetas Hieremias, e David, os filhos de Israel, que ficavaõ prostrados por mão de seus inimigos, banhados em seu proprio sangue, feitas suas carnes manjares de aves, e de feros animaes, e os ossos sem sepultura: cujo pranto o excellente poeta Diogo Bernardes, em suave e doloroso verso o tem cantado com lagrimas, e gemidos, que fazem o sentimento mais lamentavel, e as lagrimas mais frescas.

*Dos senhores e fidalgos que morrerãõ na batalha. Capitulo LXX.*

Por que os aventureiros e a gente de cavallo, onde hia elrei, e toda a nobreza de Portugal, foraõ os primeiros, que cometerãõ o campo da batalha, estes receberãõ o maior dano, assim no recobro primeiro, como por até o fim pelejarẽõ sem cessar: por tanto, quiz nomear algumas pessoas principais e fidalgos, por ser impossivel tratar de todos os capitaens, e homens honrados, que

aqui acabáraõ. O primeiro, que cometteo, e o derradeiro, que acabou, foi elrei dom Sebastiam de gloriosa memoria, cujas façanhas, feitas com sua mão, foraõ taes, que em certa maneira ficáraõ viciadas, por se vêr claramente, que nenhum fim elle tivera naquella temeraria batalha, senaõ conclui-la com a força de seu brago, com o qual até a morte não cessou de pelejar, deixando magoa aos cristaõs de se perder tal esforço por máos conselhos, e espanto aos mouros pelo estrago, que nelles aquelle dia fez. O duque de Aveiro, principe esclarecido, posto que acabou no principio da batalha, taes foraõ seus feitos, que a fama delles ficará viva até o fim do mundo. Dom Jorge de Alencastre seu primo. Dom James irmão do duque de Bragança. Dom Dingo de Mello, filho maior do conde de Tentugal, o qual acabando de beber huma pouca de agoa, cahio de hum pelouro que lho entrou pela boca. Dom Alvaro de Mello, seu primo, que morreo de huma bombardada. Dom Affonso, conde do Vimioso. Dom Manoel, seu filho. O conde da Vidigueira. O conde do Redondo. O conde de Mira. Dom Jorge de Faro, seu primo. O barão d'Alvito. Lourenço da Silva, regedor. Jorge da Silva, seu tio. Thomé da Silva. Bartolomeu da Silva. Francisco de Tavora, coronel. Cristovaõ de Tavora. Luiz Alvares de Tavora, senhor do Mogadouro. Pero de Mesquita, bailio, capitão de artilharia.

Luiz de Alcaçova e Cristovaõ de Alcaçova, filhos de Pero da Alcaçova. Conde das Idanha. Dom Martinho Castello-branco, senhor de Villa Nova, e dom Diogo seu irmaõ. Manoel de Sousa, aposentador-mór. Dom Diogo Lopes de Lima. Joaõ de Mendonça, governador que foi da India. Dom Pedro, filho do conde de Linhares. Dom Joaõ da Silveira, filho maior do conde da Sortelha. Manoel Telles. Dom Vasco Coutinhõ. Manoel Coresma, veador da Fazenda, e Joaõ Coresma seu filho. Joaõ Carvalho Patalim, e Pero Carvalho seu filho. Pero Mascarenhas. Dom Joaõ Portugal, filho de D. Manoel Portugal. D. Joaõ Portugal, filho de dom Francisco Portugal. Dom Luiz de Almeida, irmaõ do arcebispo de Lisboa. Joaõ Mendes, morgado de Oliveira. Dom Gonçalo Castel-branco. Agostinho Pereira. Dom Alvaro de Castro, o romanisco. Joaõ Comes Cabral, capitão da guarda. Ambrosio da Costa, cunhado de Miguel de Moura. Joaõ da Silva, filho de Lopo Furtado de Mendonça. Anrique Anriques de Miranda do Duque. Antonio Carvalho de Setubal. Andre de Albuquerque. Manoel de Miranda, camareiro mór do senhor dom Antonio. Manoel Corte Real. Dom Luiz de Menezes e dom Francisco de Menezes, filhos de dom Fernando da Pampulha. Dom Henrique de Menezes o roxo, e dom Simaõ de Menezes seu irmaõ. Dom Antonio de Cantanhede. Dom Simaõ de Mene-

zes, filho de dom Rodrigo de Menezes, veador da rainha. Dom Francisco de Moura. Antonio de Moura, filho de Alvaro Gonçalves de Moura. Gonçalo Nunes Barreto, e Francisco Barreto seu irmão. O capitão Alexandre. Dom Manoel de Menezes, bispo de Coimbra. Dom Aires da Silva, bispo do Porto. O padre Mauricio, da companhia de Jesus, confessor de elrei. Dom Antonio de Vasconcellos. Dom Antonio de Menezes, filho da camareira mór da infante dona Maria. Dom Antonio da Costa, filho de dom Gileanes. André Gonçalves, alcaide mór de Cintra. Alvaro Pires de Tavora, filho de Rui Lourenço de Tavora. Antonio de Sousa, filho do governador André Salema. André Pires, filho de Alvaro Pires, escriptão da Fazenda. Alonso Peres. Anrique Corrêa da Silva, filho de Ambrosio Corrêa. Dom Antonio de Sousa. Antonio de Vasconcellos. Alvaro Paes Souto-Maior. Anrique Moniz, sobrinho de Antonio Moniz governador da India. Affonso Serraõ e Diogo Serraõ, cunhados de Rui de Sousa. Aires de Miranda do Duque. Antonio Lobo, alcaide mór de Monsarás, e hum seu filho. Dom Alonso de Aguilar, coronel dos Espanhoes. Antonio Pires de Andrade, filho de Alvaro Pires de Andrade. Antonio Jaques. Cristovaõ de Bobadilha. Cristovaõ de Tavora, filho de Bernardim de Tavora. Dom Diogo, e dom Francisco seu filho. Duarte Dias de Menezes, secre-

tario. Diogo da Fonseca Coutinho. Duarte de Mello. Diogo Lopes de França de Tangere. Dom Fernando Mascarenhas. Dom Francisco Coutinho Marialva. Dom Francisco, filho de dom Pero de Villa-verde. Francisco Casado, corregedor da corte. Francisco de Mello, e Garcia de Mello, filhos de Simão de Mello. Dom Francisco Pereira. Lopo Mendes de Bairros, herdeiro de Jorge da Silva. Fernaldo Martins Mascarenhas. Fernaldo Barreto, filho de Belchior Barreto. Francisco Sodré. Dom Gonzalo Chacaõ, castelhano. Gregorio Sarnuche, do Porto. Gaspar Nunes, manteiro delrei. Gomes Freire de Bobadella. Dom Garcia de Menezes de Evora. Gomes de Souto-Maior. Dom Joaõ de Castro e dom Luiz seu irmão, filhos de dom Alvaro de Castro. Joaõ Alvares da Cunha. Jorge de Mello da Cunha. Joaõ da Silveira, filho do Craveiro. Dom Joaõ de Almeida, filho de dom Duarte de Almeida. Jorge da Silva da Gama. Joaõ da Cunha, comendador de Malta. Jorge da Costa, escrivão da Fazenda. Joaõ da Silveira. Hieronimo Telles, filho de Fernaldo Telles de Santarem. Dom Joaõ de Abrantes. Dom Joaõ Pereira, filho de Francisco Pereira. Joaõ da Silva, filho do regedor. Dom Jorge de Mello de Portalegre. Dom Joaõ Mascarenhas, filho de dom Vasco Mascarenhas. Jorge de Mello Coutinho, de Santarem. Dom Joaõ de Sá, filho de dom Duarte de Sá. Dom

Hieronimo, o pintor, filho de dom Antonio de Mafra. Leonel de Lima, filho de Jorge de Lima, e Lourenço de Lima seu irmão. Lourenço Guedes. Dom Lopo de Alarcão. Lucas de Andrade, guarda-roupa delrei. Lopo Vaz de Sequeira. Dom Luiz Coutinho, cunhado de dom Miguel de Noronha. Pero Lopes de Sousa, e Martin de Sousa seu filho. Dom Manoel Rollim. Dom Manoel de Noronha, filho de dom Gomes. Martin Gonçalves da Camara. Manoel de Mendonça, filho de Manoel de Mendonça Cacaõ. Dom Manoel de Sousa. Martin Affonso de Sousa, o da India. Manoel Corrêa Bârem. Manoel de Sousa, filho de André de Sousa. Mulheus de Brito, filho de Lourenço de Brito. Miguel Cabral, escrivão do mordomo-mór. Miguel de Abreu, irmão de Lopo de Abreu, da casa da India. Braz de Lucena, filho de Bastião de Lucena. Dom Nuno. Manoel Fadrique. Nuno Freire, filho de Gomes Freire. Hieronimo de Saldanha, filho de Luiz de Saldanha. O surtião-mór e amo delrei. O capitão Gama, sargento mór. O capitão Alexandre de Mello, filho de Garcia de Mello. Duarte de Miranda. Garcia Affonso de Beja. Francisco Domingues de Beja, filho de Rodrigo Affonso de Beja, manteceiro que foi do infante dom Luiz. Martin de Borgonha, coronel dos Fudescos. Dom Pedro Mascarenhas, irmão de dom João Mascarenhas. Dom Pedro da Silva de-Elvas.

Pero Moniz, filho de Bernardo Moniz.  
Dom Pedro de Villa-verde.

*Como os Mouros ficáraõ senhores do campo e alevantáraõ por rei Mulei-Hamet, irmão delrei Maluco, e os corpos dos reis foraõ achados. Capitulo LXXI.*

Depois que os cristaõs fôraõ de todo rendidos, com morte de huno e cativoiro de outros, sem escaparem daquella batalha mais que cincoenta homens, pouco mais ou menos (entre os quais fôraõ estes fidalgos: dom Rodrigo, pagem do arremessaõ delrei, dom Diogo de Mello, filho de dom Antonio de Mello, hum filho de Lopes Vas de Mello, Duarte de Castro dos Rios, Thomé da Silva, filho de Joaõ Pereira Dantas, e Gaspar de Sousa Lobo) se occupáraõ os barbâros em roubar os despojos, e despir os mortos, onde houveraõ innumeravel riqueza de peças, joias, roupas, e armas, deixando o campo chêo de mortal estrago de toda a nobreza de Portugal: mas como os mouros, que se alli ajuntáraõ, eraõ de differentes partes de Berberia, em breve tempo desaparecêraõ os cativos, por cada hum levar os seus pera suas casás, naõ sabendo o pai do filho, nem o irmão do irmão, o que causou entranhavel mugoa em os coraçoens de cada hum, alem da afflicçaõ do cativoiro das proprias pessoas, e estrago geral de todo o campo. Mulei-Hamet, como ficou senhor do campo, mandando retolher o des-

pojo da victoria, foi aquella tarde celebrar as exequias de Mulei-Maluco seu irmaõ, com muito sentimento de todo o exercito: o qual acto acabado, logo Mulei-Hamet, com igual consentimento de todos os mouros, foi alevantado rei e obedecido dos alcaides, os quais aclamando; *real, real*, hiaõ discorrendo por todo o campo, com mostras de alegria do novo rei, que sucedia ao pouco antes morto. Em o qual dia, em pouco espaço se víraõ em Africa tres reis vivos de huus mesmos reinos e estados. Ao outro dia pela manhã, cinco de agosto, mandou o Xarife trazer o corpo do Xarife que se afogou, o qual foi posto em huma esteira diante d'elle, e o mandou esfolar, pera chêo de palha o levar a Fez em triumpho de sua victoria. Neste tempo mandou chamar tambem alguns cristaõs, dos quais se informou muito particularmente da sorte delrei dom Sebastiam, se era morto, se vivo; os quais lhe disseraõ, que se salvára pela parte do rio. O Xarife replicou que morto era, que elle o sabia: Bastiaõ de Resende, seu moço da guarda roupa, que alli estava, antecipando-se ás mais respostas, e mostrando-se que sabia onde elrei jazia morto, se offereceo a o hir mostrar: o Xarife mandou-lhe dar huma azemala, com alguns mouros de cavallo que o acompanhassem, e se foraõ ao lugar, onde o acháraõ nu. Bastiaõ de Resende, vendo-o assim, despio a sua camisa e seroulas, e posto sobre a aze-

mala, o trouxeraõ diante do Xarife, e foi lançado na esteira, onde o outro Xarife morto estava, pera o que mandou chamar alguns fidalgos que o viessem reconhecer; e viêraõ a isso dom Duarte de Menezes, mestre do campo, dom Jorge de Menezes de Cantanhede, Antonio de Azevedo, Belchior do Amaral, dom Constantino, dom Nuno Mascarenhas, dom Antonio de Noronha, filho do conde de Mira, Joaõ Rodrigues de Sá, e outros fidalgos, que ahi se acháraõ. Domingos de Noronha, Luiz Cesar, e dom Fernando de Castro, posto que estavaõ ahi, naõ o quizeraõ vêr, por naõ renovarem as magoas com taõ triste espectáculo. Tinha elrei cinco feridas na cabeça, das quaes tres eraõ pequenas, e duas em huma ilharga, como arcabusadas ou zangunchadas. O Xarife, que estava gosando da victoria, triunfando dos vivos e mortos, alegre em ter a seus pés prostrados sem almas os corpos dos reis seus inimigos, com contentamento de gloria humana, mandou dizer aos fidalgos, que lhes daria o corpo delrei dom Sebastiaõ, se lhe dessem os lugares de Arzila e Mazagaõ, senaõ que o levaria a Fez. Os fidalgos lhe mandáraõ em resposta, que elles naõ eraõ senhores daquelles lugares, senaõ elrei de Portugal, a qual já havia de estar alevantado; que lhe mandasse elle aquelle recado, e elrei faria o que lhe parecesse; mas, se elle de presente quizesse pôr em resgate honsta e

justo o corpo delrei, elles dariaõ de suas fazendas por elle dez mil cruzados, e quanto aos ameagos, que dizia de o levar a Fez, não acertava nisso; porque o rei alevantado em Portugal o sentiria muito, e trabalharia vingar qualquer descortesia feita áquelle corpo real, ainda que morto, e o mesmo faria elrei dom Philippe de Castella, seu tio, que muito o amava, e igualmente receberia o agravo como o rei de Portugal. Com isto mandou o Xarife se guardasse aquelle corpo, e o leváraõ a Alcacere-quivir, metido no fundo de humas andas sem capelladas, em que hia Jorge da Silva, fidalgo muito honrado, velho, e doente, cuja morte fez desemparados, e orfaõs, os filhos de Lisboa, de cujas necessidades elle era geral provedor, por sua grande riqueza e virtuoso zelo. Acabadas estas cousas, se partio o Xarife pera Fez, a gozar da victoria, e do titulo novo de rei: hindo pois já caminhando, á quinta feira logo seguinte, mandou a Belchior de Amaral que, em companhia do alcaide Hamet-Taba, tornasse a Alcacere, onde o corpo delrei estava, e o enterrasse. Tornando Belchior do Amaral, como lhe era mandado, o vee ahí sepultar a humma logea do alcaide Habraem-Suffian, que ficava alcaide em Alcacere; o qual á quarta feira, antes que elrei fosse enterrado, mandou buscar alguns cativos para reconhecerem aquelle corpo, pera o qual buscaraõ a Fernão da Silva, que ahí esta-

va (posto que não conhecido dos mouros por fidalgo tão nobre e afeito, a elrei), o qual, por estar muito ferido de huma arcabusada na maçã do rosto, que lhe sahio o pelouro por detraz da orelha, e huma grande cutilada em hum braço, não pôde vir vêr o corpo delrei; e chamando Martim do Castro dos Rios, filho morgado de João Diogo de Castro (o qual, por mercancia, chegou a ajuntar, e deixar em a morte novecentos e tantos mil crusados) não sendo ainda conhecido, chegando ao corpo delrei, metido no fundo das andas, sendo já morto, de tres dias, por estar inchado do rosto o desconheço, e não se affirmou ser aquelle.

*Como o Xarife, acabada a batalha, tratou de cercar Arzila e Tangere, e mandou Belchior do Amaral a estes lugares.*

*Capitulo LXXII.*

Depois que o Xarife se viu senhor do campo, com honrosa victoria, rico despojo, e sobretudo rei pacifico de toda Berberia, determinou seguir a victoria, com a empreza dos lugares de Arzila e Tangere, por ficarem sem nenhuma maneira de guarnição, não havendo nelles mais que mulheres e gente fraca, todos cheos de medo e confusão, e ajuntando a conselho os alcaides, o dia seguinte da batalha, pera esse effeito se metteo em huma tenda, em roda da qual estavaõ muitos cativos fidalgos, entre

os quaes se achou Gil Fernandes de Carvalho, capitão de Masagaõ, practico na lingua arabica, qñe ouvia e entendia o que se tratava no concelho. Os alcaides e o Xarife, votando sobre o que estava proposto, depois de haver resoens de cada parte, se resolvêraõ em naõ empreenderem o cerco de Arzila e Tangere. A causa principal que moveo ao Xarife a deixar esta empresa, taõ importante a seus estados e facil de concluir, parte foi por com sua presença hir atalhar algumas alterações esperadas; parte por gosar da victoria e felicidade, que a fortuna taõ de improviso lhe meteo na maõ, do que Gil Fernandes avisou os fidalgos que com elle estavaõ. Caminhando pois o Xarife logo direito a Fes, depois de Belchior do Amoral o tornar a tomar no caminho da vinda de enterrar o corpo delrei, se tratou antre o Xarife e os fidalgos portuguezes, mandassem a Arzila e Tangere hum homem portuguez, que detivesse pera o resgate dos cativos o dinheiro que estivesse na armada. O Xarife como entrava novamente no governo do reino, e tinha necessidade de dinheiro, pera fazer paga aos soldados, e outras despezas que naõ podia escusar, naõ engeitou a petiçaõ, antes acrecentou outros negocios que lhe relevavaõ; pera o qual foi eleito Belchior do Amoral, por ser homem de graõ prudencia e saber em importantes negocios. De maneira que, posto que os portuguezes fingissem

seu principal intento ser mandar Belchior do Amaral a entreter o dinheiro, esse foi o negocio menos cuidado delles; mas tomá-raõ-no por achaque pem com elle abrirem caminho a outros que lhes mais relevavaõ, os quaes eraõ principalmente avisar ao cardeal, que succedeo no reino por morte delrei dom Sebastiam, do estado da batalha, da morte delrei, e dos mais particulares, e assim avisar os lugares fronteiros, de Arzila e Tangere, se naõ temessem do cerco, de que o Xarife já estava fóra; porque se temia que os cristãos, sómente com essa persuasaõ os despejariaõ, como de feito estavaõ buscando todos os meos de embarcaçaõ pera se sahirem. Tambem levava Belchior do Amaral lembrança mandasse hum embaixador ao Xarife, a tratar do resgate dos cativos, porque entendiaõ delle folgaria, e seria isto meo pera haver maior equidade e temperança em estes negocios, e outros muitos, que se moviaõ antre Africa e Portugal: e sobretudo mandasse resgatar o corpo delrei, que ficava em Aleacere, em acrescentamento de magaa dos cativos, que o viraõ e sabiaõ o modo delle. O Xarife nesta licença que deo, querendo-se tambem ajudar dos negocios que lhe relevavaõ, pediu a Belchior do Amaral tratasse com Pero de Mesquita, captaõ de Arzila, que prendesse a Mulei-Natar, irmaõ do Xarife morto, que o dia antes da batalha havia fugido do campo de Mulei-Ma-

luco pera Arzila, por quanto fôra trador a seu rei: assim pedisse a elrei de Portugal, que fosse alevantado, lhe mandasse vir de Mazagaõ Mulei-Xeque, filho do Xarife, o qual Martim Correa da Silva lá tinha levado, por não haver com elle alguns alevantamentos ou alterações, que tornassem a inquietar a Berberia. Belchior do Amaral, depois de haver enterrado a elrei, tornou a seguir o Xarife, e do rio Gargos, nove legoas de Alcaere, se despedio para tornar a Arzila e Tangere, como estava determinado: o qual partindo á segunda feira doze de Agosto, oito dias depois da batalha, vêo ter a Arzila a segunda feira seguinte pela manhã, ás oito horas do dia, onde achou toda a terra chêa de pavor do cerco que temião, desejosos de acharem embarcação, e despejarem a terra; mas com sua vinda, e novas que lhe deu da segurança de não terem cereo, ficou o capitão Pero de Mesquita alevantado a novos espiritos, pela desconfiança que tinha de se poder defender, se viessem quaes quer poucos mouros sobre elle. Tratando Belchior do Amaral, do modo que se teria na prisão de Mulei-Nacar, com o capitão, como pudesse satisfazer a petição do Xarife, e não fosse aggravado Mulei-Nacar, por não haver nelle culpa, antes merecia favor por amizade dos portuguezes, derão hum talha, que sem Mulei-Nacar o entender, e entretivesse o capitão com cortezias e boas palavras, que não sahisse da for

taleza, e assim o Xarife cuidasse estar preso. Dalli partindo-se Belchior do Amaral o outro dia pera Tangere, achou que dom Diogo de Sousa, capitão-mór da armada de alto bordo, era partido pera o reino, e achou ahi dom Francisco de Sousa, seu sobrinho, com hum galiaõ e duas zavras em guarda daquelle costa. Belchior do Amaral esteve tres dias em Tangere fazendo seus negocios, donde escreveo ao reino largamente todos os avisos necessarios; o qual, como fez os negocios a que era vindo, sem fazer mais dilacão, se tornou a Fez meter em seu cativo, como homem que ia pera sua casa, por cumprir com a obrigaçã da verdade e confiança que o Xarife nelle tivera.

*Da pessoa delrei dom Sebastiam Capitulo  
LXXIII.*

A fortuna invejosa dos dons naturaes e gratuitos do bemaventurado rei dom Sebastiam, a quem com a morte quiz despojar delles, faz agora sua lembrança mais chorosa aos que o viraõ vivo na prosperidade de sua pessoa e idade, e a fama mais gloriosa na memoria de sua adversidade. Morreo elrei dom Sebastiam na batalha que houve com os africanos, no campo de Alcacere-quibir, aos quatro de agosto da era de 1578, quando elle tinha de idade vinte e quatro annos, sete mezes e quatorze dias, na força da juventude: mas por que do pro-

cesso da historia atraz começada do tempo de sua mocidade, se pode bem entender o modo de sua vida, e muita parte de seus costumes, agora particularizando as estremadas virtudes da alma e fórma do corpo, daremos remate á historia de sua vida e morte. Era elrei de sua natureza instruido por doutrina santa, mui zeloso da fé catolica, assim pera com seu zelo tratar as couzas da republica temporal e espiritual com inteira justiça, aumento do culto divino e santos costumes, como com força de braço espantar os inimigos da igreja catolica, e não blasfemarem o nome cristaõ. A virtude que sobretudo se enxergou em elrei dom Sebastiam, e elle com muita instancia pedia aos devotos religiosos alcançassem de Deos lha confirmasse, foi a pureza da castidade, que elle guardou até a morte, com limpeza virginal, em cuja guarda foi sempre taõ zeloso e acautelado de toda a communicaçãõ, e ainda da vista ou falla de mulheres, que vieraõ os menos honestos a dizer delle, que não amava as mulheres por de sua natureza ser impotente. Foi taõ zeloso da justiça, que nem os bons ficavaõ sem premio de seus merecimentos, nem os máos sem castigo de seus erros: com o qual, sendo taõ mancebo, igualmente era temido do povo miudo e nobreza, e de todos juntamente amado e reverenciado. Foi elrei mui modesto no fallar e vestir, não usando das ufaijas dos mancebos (a quem o mun-

do convivia com sua gloria, pompa e atavios) e fazia ventagem a muitos velhos no desprezo e fastio dos faustos da vida. Taõ inimigo era de delicias, cheiros e outros perfumes, que entranhavelmente aborrecia alguns fidalgos, se delles usavaõ. Na reformaõ dos bons costumes e frequencia dos sacramentos dava singular exemplo ao povo, e os que o naõ podiaõ imitar com zelo puro, era-lhes necessario contrafazem-se com hypocrisia, pera naõ serem aborrecidos delle. Foi elrei mui exercitado nas forças corporaes, e fez ventagem a todos os mancebos fidalgos de seu tempo em todos os exercicios; porque alêm de ser destro nas armas, o era muito mais na desenvoltura dos membros, em tornear, jogar a pélla e saltar; e posto que nos exercicios de pé tivesse muita destreza, nos de cavallo naõ houve em seu tempo outro que lhe fosse igual; porque, alêm de elle ser em extremo grande cavalgador, e domador de ferozes cavallos, foi estremado montador de porcos, jogador de canas e torneios, justador, e toureiro: nos quais exercicios era taõ fragueiro e soffredor de todos os trabalhos corporaes, que nem a violencia dos tempos de verão, nem inverno, o puderaõ vencer, nem as delicias dobrar a ter ou desejar algum repouso, com o que trazia taõ cançados e maltratados os fidalgos, que geralmente era notado, por sua fragueirice, de homem absterio. Nos perigos do mar e da terra foi assas arrojado,

e como homem sem medo, nenhum duvidava, antes os buscava com temeridade, e muitas vezes com jactancia perguntava que cousa era medo. Era elrei homem de boa estatura do corpo, não em demasia; de fortes membros, enxuto, bem disposto, sem defeito algum ou vicio corporal: era alvo das carnes, os cabellos da cabeça e os que lhe começavão a pungir da barba louros: tinha o rosto grave e severo, com o beigo de baixo algum tanto derrubado, cuja composição lhe dava muita graça e formosura: no andar a pé e a cavallo tinha tanta graça, ar e magestade, que bem representava a dinidade real, que nelle residia: o esforço de animo pera grandes feitos, e magnificencia pera grandes empresas, o fazião estimar em pouco seus estados, aspirando a grande monarca, de que se via dignissimo. Com estas e outras muitas partes, que seria muito largo contar, viveo dom Sebastiam gloriosamente, e com ellas acabou na força de sua florente idade, pera gloria da alma, e eterna memoria de sua imortal fama.

*Das pessoas dos Xarifes Mulei-Maluco  
e Mulei-Hamet. Capitulo  
LXXIV.*

†  
Já atraz fica dito das partes e habilidades de Mulei-Maluco, juntamente com os vicios que lhe escureceão o louvor de seus

† nas pag. 102, e 103

doens naturaes. A proporção do Maluco era de homem meão, ainda pequeno, mas bem feito, e de poucas carnes: era alvo do rosto; tinha a barba preta, olhos grandes, o nariz bem feito, o rosto redondo, os dentes dianteiros um sobre o outro: com esta composição era gentil homem do rosto, airoso do corpo, com aspecto grave e alegre. Foi soldado mui esforçado e capitão destro, e se achou em muitas batalhas campaes, e navaes; sem em alguma dellas ser ferido. Foi em extremo amigo dos cristaõs, a quem sempre fez mui bons tratamentos, com humanidade e equidade de homem primoroso; do qual se conta, que entrando hum dia na sagena dos cristaõs, e hindo cercado de arrenegados, tomou o hisope, e lhes lançou agoa benta, rindo pera elles, dando a entender que, ainda que professavaõ a lei de Mafamede, os tinha por cristaõs, e hindo adiante vio hum cristaõ estar de giolhos, o qual vendo que o Maluco vinha se alevantou; o Maluco lhe perguntou que pedia a Deos: o cativo lhe respondeo que, liberdade: disse-lhe o Maluco que rezasse, que Deos o ouviria: dahi a poucos dias o mandou soltar, e dar dinheiro, que se fosse pera sua terra. A hum mancebo biscainho, por nome Bastião, seu mantieiro, que fôra cativo com seu pai velho, disse hum dia o Maluco, que dalli a hum anno o havia de libertar: o mancebo, fazendo pouco caso do promettimento do barbaro, julgando a

liberdade das palavras por excusa das obras, vêo a se esquecer delle. Chegado o anno, o chamou o Maluco, e lhe disse: » Lem-  
 » bras-te que he chegado o dia da tua li-  
 » berdade? » Respondeo o cativo que sim: entaõ lhe disse Mulei-Maluco: « Bem sa-  
 » bes que gosto muito do teu serviço, por  
 » tua boa diligencia, e com tua ausencia  
 » me farás muita falta: Seja pois assim:  
 » teu pai será libertado, e tu ficarás em  
 » meu serviço, sem sujeição de cativoiro: »  
 Assim o fez, e lhe mandou o pai pera sua casa. Bastiaõ, depois da morte do Maluco, com licença do Xarife seu irmaõ, se vêo a terra de cristaõs, e foi em companhia de Belchior do Amaral, quando vêo a Tange-  
 gere. Morreo o Maluco o dia da batalha, como atraz fica dito, de sua enfermidade, ou como outros dizem, de huma espingarda, da de idade de trinta e seis annos. Mulei-Hamet Xarife, que tambem foi afogado no rio, o dia da batalha, era de idade de trinta e tres annos: foi infelice em seus cometimentos; porque em todas as batalhas (excepto na de Tanhuli) sempre foi desbaratado; as quaes foraõ vinte e quatro, e a em que acabou, vinte e cinco, excepto na do cerco de Mazagaõ, onde perdeu infinita gente, sem ter effeito seu intento. Era Mulei-Hamet homem de bom corpo, muito grosso, cor parda amulatado, tinha o nariz grande, pouca barba nas queixadas, no mêo junta: dizem alguns mouros, que

era pouco animoso, assim no castigo dos vasallos, como em fazer guerra aos inimigos. Não sei que razão haja na prova desta opinião; pois elle, nas batalhas que teve com Mulei-Maluco e seus capitaens, sempre se achou no corpo dellas, pelejando e animando os seus, até de todo ser roto: em todas as quebras que teve, com muita diligencia procurava reformar-se, e tornar a tentar a fortuna; mas parece que cobrou esta opinião de covardo da primeira batalha que lhe deraõ os turcos, quando elle fugio antes de tornar a ella, e os seus terem a victoria quasi havida; ou parece que medem seu esforço pela mofoina que teve em seus mãos successos, dos quaes, por ser sempre vencido, cobrou fama de pouco esforçado.

*Dos sinais que houve do infelix successo delrci e do seu desbarate. Capitulo LXXV.*

Que engenho taõ errado em suas opinioens, e taõ endurecido em seus erros, póde haver, que áceuse a divina justiça na severidade de seus castigos; pois, convidando de continuo os homens com occasioens de virtudes, mostrando-lhes os caminhos acertados, quando por ingratitude ou pertinacia se elles fazem vasos de ira, entaõ tocado de sua divina clemencia, procura apartar-nos do mal que seguimos, com sinais claros que nos avísem de seu castigo: mas posto que Deos tinha

determinado castigar o povo portuguez por seus pecados, muitas vezes antes os quiz denunciar com prodigios e sinais, bastantes pera nossa emenda; porque no anno de 1577, aos nove de Dezembro, appareceo do Ponente hum cometa, taõ grande e espantoso, que bem mostrava em sua significação os males que pronosticava, e estendendo hum grande rabo ao meio-dia, estava demonstrando a região de Africa, aonde promettia fazer seus effeitos; e quanto foi de mais dura (que appareceo espaço de dous mezes) tanto mais continuos e maiores ameaçava que seriaõ seus effeitos. Tambem no mesmo anno, junto a Penamacor, foraõ vistos de muita gente, no ar, grandes exercitos de figuras, que naõ eraõ bem formadas, com similitanças humanas, e na ordem pareciao esquadroens que hiao marchando. O dia que elrei dom Sebastiam foi benzer a bandeira á Sé de Lisboa, antes de partir pera Africa, se vio publicamente, ao tempo que o arcebispo foi meter a bandeira na hastea, depois de a ter benzido, a pôz de maneira, que ficou a imagem de Cristo com a cabeça pera baixo, a qual metida na maõ do alferes mór, embicou duas vezes com ella, e o tiveraõ naõ calhisse no chão. No dia da batalha, arvorando-a o alferes mór, nunca a pôde estender, nem desenrolar, ainda que muitos homens com forga o pertendessem, nem dom Fernando Mascarenhas, que nisso pôz as forças, o pôz

de fazer: donde parece estar Deos offendido de maneira, que se não quiz mostrar ao povo, já bem merecedor de seu justo castigo. Quando elrei partio de Lisboa e foi ancorar a Lagos, quando ao surgir mandou alevantar a ancora, em os forçados começando de vogar, lhes appareceu hum homem morto, atravessado no esporão da galé, que era indicio de temor. Outro cuja significação não se engeitou, foi, que hindo pelo mar Domingos Madeira, musico delrei, cantando-lhe, e tangendo em huma viola, começou decantar hum romance: Ayer fuiste rey d'Españã: hoy no tienes un castillo: tanto foi isto tomado em máo agouro, que logo Manoel Coresma lhe disse deixasse aquella cantiga triste, e cantasse outra mais alegre. Tambem se vio o dia que elrei partio com seu campo de Arzila pera Larche, ao tempo que os reposteiros estavaõ desarmando a tenda real pera a carregarem, viéraõ tres corvos a pousarem-se em cima della. No mesmo dia se affirmáraõ muitos fidalgos, que viraõ no ar pelejar tres aguias, com mostras de grande odio e xingança. Muitos mouros, moradores em Alcacere, affirmáraõ muitas vezes, hum mez antes da batalha, haverem visto no campo, onde se ella deo, huma grande briga entre corvos e groues, e ferirem-se com cruel inimizade. No dia da batalha se vio o sol claramente taõ vermelho, que parecia sangue, com aspecto temeroso, mostrando presagio

da crueldade, ou compaixão ( se deste vocabulo se póde usar ) do estrago de mortes e efusão de sangue, que aquelle dia se fazia em tão dura e cruel batalha; no qual dia, affirmão muitos homens de Tangere chover algumas gotas de sangue na cidade. Assim mesmo se affirmam, no mesmo dia, se ouvira em Tangere grande estrepito de armas, com tiros e golpes tão fortes, que se sentiaõ claramente; de maneira que muitos cuidáraõ, no mar perto de Tangere haver algum reccontro de galés, e affirmavaõ e temiaõ Pedro da Silva, que de Arzila vinha por mar servir de capitão de Tangere, e acompanhar sua irmã dona Leonor da Silva, mulher de dom Duarte, capitão da mesma cidade, haver sido salteado de algumas galés naquella costa, e na defensão, que fazia aquelle estrepito de armas, que tão claramente se ouvia.

*Como e porque vias vêo recado ao reino do desbarate do exercito. Capitulo LXXVI.*

Tanto que o desbarate do campo cristaõ foi feito, com estrago de barbaro furor e envelhecido odio, logo a fama, que com semelhantes novas se antecipa a dennunciar os tristes successos, correo a Ceita, e dahi estendendo as azas de sua velocidade, de improviso passou o Estreito a Gibraltár, donde Antonio Manso, feitor delrei de Por-

tugal, mandou hum corrêo ao reino, e cartas aos governadores, nas quaes lhes relatava a fama que corria, ainda fresca e confusa, sem particularisar cousa alguma, senão o commum rumor do exercito portuguez ser desbaratado. Os governadores facilmente derão crédito a estas novas, pelos recãos que elles e todo o povo tinhão de alguns grandes perigos, em a jornada delrei ir mal ordenada: mas, porque o povo não fizesse algumas alteraçoes em caso tão infelice, e para encobrirem huma dôr tão geral, que comprehendia a todo o estado, recolhêraõ em huma casa o corrêo, por não ser visto, nem interrogado do successo das cousas perdidas, com que nova tão triste se pudesse divulgar. O povo, que sempre pera o mal he verdadeiro profeta, não somente se lhe não pôde esconder este corrêo, nem a confusão dos governadores, pera logo deixar de publicar recãos de máo successo, mas já antes disso andava um surdo rumor por Lisboa, que elrei era perdido, não havendo autor de tal nova, nem do modo do successo: e na verdade, não havia outro recado primeiro que este; mas porque, depois que elrei esteve em Africa, o cardeal o mandou visitar por Salvador de Medeiros, seu criado, e esta, por que ao tempo que chegou a Arzila, era partido elrei do outro dia, se metteo na companhia do Capitão Aldana, que tambem hia no alcance do exercito com mil soldados, chegou Salvador de Medeiros a visitar el-

rei hum dia antes de se perder; o qual por não ter maneira de se tornar, se achou ao outro dia na batalha, de que escapou ferido, e vindo-se logo a Portugal, foi o segundo recado, mais certo e de vista, que houve da certeza do desbarate, sem ainda se saber delrei se era morto. Dom Diogo de Sousa, capitão mór da armada de alto bordo, estava em Larache esperando a hida delrei, e quando soube o infelice successo do desbarate, posto em grande confusão de nojo, e não se determinando no que havia de fazer, esperou alli hum dia, pera recolher alguns cristãos que viessem a demandar a frota; mas como os barbaros entenderão que a armada estava com este desenho, com grande diligencia tomaraõ os portos da terra, como que armavaõ rede, em que haviaõ de vir cahir forçadamente os que tinhaõ escapado da batalha. Dom Diogo de Sousa, que entendeo sua estada era pera maior dano dos fugidos, que pera emparo, ordenou de se hir a Arzila, pera dar animo á gente, que de todo estava chêa de pavor, o qual recolhendo alli os enfermos, e algumas outras pessoas e feto, deixou seu sobrinho dom Francisco de Sousa com hum galeão e duas zavras, em guarda da costa e lugares, até ver o intento do Xarife. Isto feito, deo o capitão á vela pera Portugal, onde já estava semeada a nova do desbarate; mas nem á sua chegada houve certeza da pessoa delrei ser morto, antes pelo vulgo discorreg

hum rumor, que elle vinha na frota, o qual durou tanto, que por muitos tempos se não pôde o vulgo despersuadir que elrei era vivo, e que andava pelo reino e outras partes escondido: á cerca do qual huns contavaõ visoens da sua pessoa, a que alguns davaõ credito, outros formavaõ considerações medidas pelo desejo que tinhaõ, o que deo assás confusaõ a muitos. Andava a duvida taõ altercada em todos os estados, que além de haver muitos que affirmavaõ ser elrei vivo, outros fizeraõ sobre isso grossas apostas. Por esta cousa andar tanto posta em opinioens, não tomou o cardeal o governo do reino mais que com titulo de curador, governador e defensor; mas por que Belchior do Amaral enterrára elrei em Alcacere, e fôra testemunha de vista, escreveo ao reino, dando verdadeira relação da morte delrei; a cujas cartas, que dom Francisco trouxe, se deo inteiro credito, pera o cardeal tomar logo o ceptro de rei, como abaixo mais largamente contaremos: com o qual nem ainda se pôde apagar a fama de elrei ser vivo, e durou esta opiniaõ até á morte do cardeal, e muito tempo depois.

*Como o Xarife mandou degollar o Achahiac e o Dogalí e outros alcaides. Capitulo LXXVII.*

Por a conjuraçãõ que o Dogalí e o Achahiac tinhaõ tratado em vida de Mulei-Ma-

luco, de tomarem e repartirem os reinos de maneira que o Achahiac haveria o de Fez, o Dogalí (que andava no reino de Sus) como soube a morte do Maluco, e o estado das cousas, parecendo-lhe que a occasião lhe abria a porta pera effectuar seu intento, logo com muita pressa se vêo com as bandeiras que trazia direito a Marrocos, com intenção de se apossar da cidade, fingindo que a vinha emparar. Reduaõ, que estava de guarda della, conjecturando ou sabendo o desenho do Dogalí, não lhe quiz abrir as portas, e o desenganou que não havia de entrar dentro nella. O Dogalí, que não podia levar o negocio por força, senão por manha, dissimulou o melhor que pôde aquelle desvio, e mostrou que o não sentia, marchando pera Fez, onde o Xarife estava, pera lá com Achahiac buscarem outra occasião em que com seu intento pudessem sahir. Reduaõ, como entendeu o Dogalí e soube seu desenho, escreveu huma carta em lingua espanhola a Hamet-taba, alcaide mui principal e amigo do Xarife, em que lhe descobria o que tinha alcançado do Dogalí e do Achahiac, avisando-o que visse o modo que se devia ter em atalhar hum tal desenho, e em guardar a pessoa do rei. Hamet-taba, que não sabia lêr a letra espanhola, tomou hum cativo seu portuguez, e deo-lhe a lêr a carta; o qual, como vio a importancia do negocio, com todos os ameaços poz silencio ao cativo, pera que se não viesse por via

alguma a romper. O Taba, tanto que teve este aviso, descobrio-o ao Xarife, e ambos o dissimularaõ, por aquelles dous homens terem alcançado muita reputaçãõ no povo, e serem mui principaes e poderosos, contra quem, em publico e por força, se remediaria mal a traiçãõ, antes perturbaria a republica em estado taõ inquieto, assim do novo rei, como de Africa estar chêa de captivos, que haviaõ sido tomados na batalha, e que em qualquer alteraçãõ as cousas poderiaõ ficar duvidosas, e com perigo: portanto, dissimulando o Xarife com o aviso, correndo com a privança que o Achahiac, com elle tinha, como o Dogali chegou, secretamente lhe mandou dar peçonha. O Dogali, que entendeo donde lhe vinha o mal, dissimulando tambem com igual sagacidade, não somente não se mostrou queixoso da peçonha, que lhe o Xarife tinha dado, antes se fingio tolheito das pernas, por não ter occasiãõ de hir ao pago, nem a outras partes, onde tivesse occasiõens de perigos. Neste tempo mandou o Xarife com graves penas por toda Berberia, que lhe trouxessem a Fez todos os fidalgos captivos, e juntos muitos em Fez, oitenta delles trataraõ com o Xarife, por meio do Achahiac, por onde este negocio corria, que os resgatasse todos juntos por hum certo preço. O Achahiac, neste negocio com muita diligencia e calor persuadia os fidalgos que se não desviassem com elrei, e a elrei que se

concertasse com elles : isto a fim de o Xarife os não levar pera Marrocos , pera onde estava de caminho ; porque , como trazia pensando que havia ser rei de Fez , todo o seu cuidado era que os fidalgos ali ficassem , pera que havendo elle o reino , como determinava , lhe ficassem estes cativos , de que se esperava taõ grosso resgate : finalmente , tanta diligencia fez pera effectuar seu intento , que concordou o Xarife com os fidalgos cativos em quatrocentos mil crusados pelos oitenta ; mas como o Achahiac , era muito privado do Xarife , e tinha com elle todas as entradas , cada hora que queria , principalmente no negocio do resgate dos oitenta fidalgos , nunca o Xarife lhe deo a entender o aviso que tinha de sua conjuraçãõ. Estando o Xarife já a este tempo de caminho pera Marrocos , determinando concluir a morte dos conjurados , sem alvoroço do povo , mandou toda a gente de guerra que fõsse diante espera-lo a duas leguas , entre os quaes ia o Dogali , que não se sahia da tenda , por se fingir aleijado das pernas. O Xarife , como vio os dous companheiros apartados , como o contracto dos cativos foi concluido , indo o Achahiac , ao paço pera entrar , e com as confianças costumadas , não lhe deo o porteiro entrada como soia , mandando-o esperar , que o Xarife estava occupado. O Achahiac , achando novidade nesta resposta , perplexo em seus pensamentos , e alhêo da conjuraçãõ ser descoberta , discorria pelo en-

tendimento a causa daquella mudança, e esperando que o Xarife o mandasse entrar, lhe foi dado recado que entrasse, o qual entrado, foi mandado levar a hum jardim, onde já o estavaõ esperando os que o haviaõ de degollar, como logo degollaraõ; mas por que a fama deste feito naõ fosse ter ás orelhas do Dogali, pera que pudesse fugir, ou fazer alguma alteraçãõ, mandou o Xarife logo a Hamet-taba com muita pressa ao lugar aonde estava, e dentro no ataúde e cama, em que jazia aquella noite, lhe cortou a cabeça, com que ficou atalhada a conjuraçãõ, e todos os alcaides com espanto e temor da severidade do castigo e modo delles: mas porque de todo o Xarife ficasse fóra de semelhantes sobresaltos e temores, deo ordem com que fossem degollados todos os alcaides andaluzes, que andavaõ na companhia do Dogali e Achahiac, e outros de que se temia, osquais foraõ Gorrin-Mahomet, sobrinho do Dogali, e Reduaõ, portuguez. Quando os mouros que seguiaõ a parte do Xarife, e escaparaõ da batalha, viraõ as tiranias que o novo Xarife usava com os alcaides, que ajudaraõ a ganhar o reino a Mulei-Maluco seu irmaõ, desesperados de alcançarem clemencia nelle, pera lhes perdoar a parcialidade que tiveraõ com Mulei-Hamet Xarife, pera lhe resistir, ordenaraõ virem-se pera o reino de Portugal; por o qual, havendo licenca delrei dom Henrique, como amigos que eraõ dos Portugue-

zes, e se haviaõ perdido na batalha, se vié-  
raõ pera o reino Mulei-Xeque, filho do Xa-  
rife, e Mulei-Nacar seu tio, irmão do Xari-  
fe. Viéram também Cid-Abdelcherim, que  
entregou Arzila, Cid-Hamubenzanza, visorrei  
de Mequinez, com outros mouros honra-  
dos, os quais elrei dom Henrique mandou  
agasalhar, e dár acostamento pera susten-  
tação, conforme a qualidade de seus estados:  
mas posto que logo de principio pousassem  
na cidade, depois houveraõ por bem apo-  
sentar-se em Alvalade com toda a sua gen-  
te. Mas por que Cid-Abdelcherim trouxe  
comsigo as mulheres, filhos e toda a sua  
casa, teve sempre distincto aposento na  
cidade.

*Como o cardeal infante dom Henrique vão  
de Alcobaça pera Lisboa, e como houve  
nova do desbarate delrei dom Sebastiam.  
Capitulo LXXVIII.*

Com a triste e infelice nova do desbara-  
te do exercito portuguez se perturbáraõ em  
grande maneira os governadores, assim pe-  
la destruição da gente, como com o temor  
da morte delrei dom Sebastiam, que ainda  
se não sabia. Postos os governadores em  
huma confusão chêa de dor, quasi alhêos  
de conselho, como poderiaõ entreter o po-  
vo lastimado e alvoroçado pelo cheiro das  
novas, que elles guardavaõ (como atraz fica  
dito) e da vista e continuacão dos ajunta-

mentos, que cada dia duas vezes faziaõ a conselho (que de todo não podiaõ dissimular, pera o povo deixar de pronosticar grandes infortunios) logo com toda a brevidade, e com todo o segredo, mandáraõ o doutor Jorge Serrão, provincial da companhia de Jesu, a Alcobaça, onde o cardeal estava (e onde era abbade) com cartas, dando-lhe conta do successo da batalha, e lhe pediaõ com muita pressa se viesse á cidade de Lisboa, pera aquietar o povo, que bramava com magoa do dano geral, com claros indicios meditado, e o consolar com a presença de sua pessoa, quando de todo lhe fosse descoberta huma nova de tanto sentimento: alem disto o doutor Jorge Serrão por palavras consolou o cardeal, já velho, e enfermo de dõr penetrante, com o temor da morte delrei seu sobrinho, o qual amava do coração, e pela orfandade dos reinos, enobrecidos e deixados delrei dom Manoel seu pai, juntamente com o estrago do exercito cristão, prostrado em batalha campal por mãos dos barbaros africanos; antigos e capitaes inimigos do nome cristão. Posto o santo velho em huma agonia tão amargosa, a quem quanto mais pela larga idade as forças faltavaõ pera poder com tão grande noja; tanto mais o entendimento o acrecentava com os danos e males, que via de presente, e descobria de futuro, com isto, derramando lagrimas, e dando gemidos do íntimo do coração, não mostrava menos

sentimento do povo cristão estar banhado em seu proprio sangue, feito manjar de bestas feras nos campos de Berberia, com seu rei posto em igual sorte, que o santo rei David quando lamentava o dé Israel, prostrado nos montes de Gelboé, com elrei Saul unido de Deos, profanado e morto por mãos dos incircuncisos barbaros. O doutor Jorge Serraõ, grave e eminente theologo, compadecendo-se do dano geral, acrescentado com o particular do velho, que como minino fazia seus prantos, com lamentaveis palavras, chêas de todo o sentimento e tristeza, com exemplos de semelhantes infortunios, e doutrina de grande consolação da alma, e confiança de Deos dár remedio ás presentes tribulaçoens, trabalhava quanto podia tira-lo daquella agonia. O cardeal, que sempre zelou o bem comum de toda a cristandade, com aceso ardor da fé catolica, e em particular o da republica de Portugal, vendo o estado das cousas quasi de todo perdidas e desconfiadas, com toda a brevidade se pôz ao caminho da cidade de Lisboa, onde havia de renovar suas dores com os prantos das mãis, mulheres e filhos daquelles fidalgos e cavalleiros, os quais na batalha morrerão, ficando ellas viudas, orfãos e desconsolados. Chegando o cardeal a Lisboa, hum sabado desaseis de agosto de 1578, se foi aposentar no convento de S. Bento de Enxobregas, onde sendo visitado ao domingo pela manhã desses poucos fidal-

gos velhos, que ficáraõ no reino ( a quem as largas idades naõ deraõ lugar de seguir el-rei dom Sebastiam ) assim por lhe ser devida a tal visitaçaõ, como por saberem a certeza do mal que esperavaõ, logo aquelle dia foi divulgada a triste e infelice nova do desbarate, com que a tristesa de tal maneira occupou os coraçõens de cada pessoa de todo o estado e sexo, que emudecidos com a dor naõ havia mais que suspiros, e sobresaltos da sorte que a cada hum caberia dos seus, que naõ poderia ser menos de morte ou cativo: e por disto naõ haver particular relaçaõ, e cada hum ter esperanças que a sua fortuna seria menos pesada, trocada a morte em cativo, este era o geral remedio e consolaçaõ, a que todos se acolhiaõ. Naõ se socegando pessoa alguma, a quem tocavaõ os penhores que em Africa tinhaõ de filhos, maridos ou parentes, andava todo o povo em agonizada confusaõ, como gente sem conselho no que devia fazer ou seguir, perguntando e inquirindo cada hum o que lhe relevava saber, o que causava taõ geral dor a todo o estado e pessoa, que a nenhuma ficava liberdade de dár consolaçoens a outros, por naõ haver quem ficasse isento destes golpes taõ crueis, que a infelice nova deo a todos os coraçõens.

*Como o cardeal foi alevantado por curador, governador, e successor dos reinos de Portugal. Capitulo LXXIX.*

Tanto que o Cardeal chegou a Lisboa, despedio corrêos ao duque de Bargaça, conde de Tentugal, e outros senhores que ficáraõ no reino, que com a brevidade que o negocio pedia se viessem a Lisboa, e aos que estavaõ na cidade mandou recado, para se tratar do que convinha ao bem do reino, posto em estado de tanto desemparo; mas porque ainda a este tempo não havia certesa alguma da morte delrei dom Sebastiam, antes alguns disseraõ que o viraõ vivo fóra do campo da batalha, mandou o Cardeal a Simaõ Gonçalves Preto, chanceler mór, e aos doctores Paulo Affonso, Gaspar de Figueiredo, Hieronimo Pereira de Sá, Pero Bárboza, e Manoel de Quatros, desembargadores do paço, e a outros muitos juristas doctos, que na cidade estavaõ, que estudassem e resolvessem o que o Direito dispunha em o estado presente de hum reino orfaõ, e do successor sacerdote. Estudado o caso com muita diligencia, não havendo duvida poder o cardeal succeder nos reinos de Portugal, posto que tivesse autoridade, com o titulo de Cardeal e arcebispo que era de Evora, e o havia nido de Braga e Lisboa, todavia no outro

ponto, do reino ser havido por orfaõ, houve mais difficuldade: de maneira que, altercada a matéria, em como o reino estava em certa maneira vago, por não ter jurado principe, e não havido de todo por orfaõ, por não haver certeza da morte delrei dom Sebastiam, se resolverão, com determinação assinada por todos, que o cardeal, filho delrei dom Manoel e tio delrei dom Sebastiam, fosse a levantado por curador, governador, e successor dos reinos, por elle ser a pessoa mais conjuncta em parenteseb que havia na linha real. O cardeal, que já a este tempo estava aposentado nas terras do duque de Bragança (por se não atrever com dote a ver os paços onde elrei morava) com a resolução que se tomou por os letrados, mandou ajuntar em seus aposentos os senhores e fidalgos, que havia na cidade, com os vereadores e mais camara, chanceller, e desembargadores do pago, a casa da supplicação e civil, com os da mesa da consciencia, e mais tribunaes da justiça e officiaes, para fazerem o acto do levantamento, para provimento do governo do reino; antes do qual, a todos juntos disse: Nenhum castigo mais se feron me Deos pudera dar nesta idade e estado em que me vedes, que receber agora as honras e successidens, que os principes grangearão com muito cuidado; pois me foz a minha consolarvos, das mortes de vossos filhos e parentes, e as doulas, de seus mandos; tendo eu

tanta necessidade; de ser ajudado: de que a  
me possa aliviar a pena que sinto em vos  
ver diante de mim, com tanta magoa, que  
entendo que vós não o sentis tanto, por vos-  
sos dévidos, como pelo senhor rei meu so-  
brinho, que eu tanto amava, e vós ajudas-  
tes a criar. Não vos pareça que he de ani-  
mo fraco verdes-me correr estas lagrimas  
dos olhos, mas entendei que he de amor e  
compaixão de todos vós, em que sempre  
enxerguei lealdade de verdadeiros vassallos,  
e agora sinto mais no muito soffrimento  
que tendes das mortes e cativeiro de vossos  
filhos, e o pouco que tendes, de arreceio  
da morte de vosso rei, em que vos fazeis  
meus companheiros na sorte e magoa. Deos  
vós pague a consolação que me dais em  
vos ver esses animos tão nobres e leaes, por-  
ra me ajudardes com a carga, que em tal  
idade e tais forças me quereis lançar a es-  
tas costas; e eu por meus peccados não pos-  
so fugir, em tempo que se eu tivera muitas  
forças a devia engeitar, por resão da digni-  
dade pontifical, e da quietação que sempre  
desejei, quanto mais que, ainda que eu esti-  
vera em idade grangeadora desses estados, de  
pouco gosto e muita pena fóraõ elles para  
mim, todas as vezes que me vise assenta-  
do no trono de meu muito amado sobrinho,  
único herdeiro destes reinos, e rei do Sa-  
cristianam, dotado de todas as virtudes ditas  
de grande monarcha, quando cuidasse que  
seu corpo podia estar sepultado nas entral-

nhas de animaes feroces; e ainda que eu  
 não sou certo de sua morte, não me posso  
 aquietar de sobresaltos, que me batem na  
 coração, vendo quaõ cruel foi a batalha  
 em que elle havia ser o primeiro que co-  
 mettesse, por seu esforço, e o derradeiro  
 que della sahisse, por ser companheiro a  
 seus vassallos nos perigos: mas já que Deos  
 deo este taõ grande agoute, por pecados  
 nossos, parece que a mim coube maior par-  
 te d'elle, tanto por a dor que sinto de meu  
 sobrinho, que forçadamente deve ser morto  
 ou cativo, como por me eu agora sacrifi-  
 car em tomar o peso do emparo do reino,  
 posto em estado de grandes trabalhos, e eu  
 já debilitado sem forças, não me ficando  
 mais que pera tratar da morte, de que já  
 me vedes taõ visinho. Com estas palavras  
 dignas de hum principe taõ sancto, causa-  
 doras de tristesa, com a fresca lembrança,  
 ou pera melhor dizer, do temor que cada  
 hum tinha da nova que esperava da morte  
 dos seus, houve entre todos hum mortal si-  
 lencio, acompanhado de lagrimas e suspi-  
 ros das consideraçoes e dores de que todos  
 estavaõ salteados. Com isto, publicado o  
 assento que se tinha tomado por os juristas,  
 conforme a elle se fez acto publico, em que  
 o Cardeal foi alevantado por governador,  
 cidadão e successor do reino, havido por  
 orfão em quanto não constasse da morte  
 delrei dom Sebastiam, os que se fez sexta  
 feira vinte e quatro de Agosto de 1578.

Como foram feitas as ceremonias fune-  
raes delrei dom Sebastiam morto. *In de?*

Capitulo LXXX.

Em quanto o Cardeal não tinha certeza da morte delrei dom Sebastiam, não tratou fazer mudança alguma no reino, até que veio dom Francisco de Sousa, que trouxe carta de Belchior de Amaral da certeza da morte delrei, que affirmava, como testemunha de vista, que o sepultára: com esta nova, desengañando-se o Cardeal das fracas esperanças, em que estribavaõ, ordenáraõ logo em Lisboa fazer as ceremonias funeraes, que se costumãõ nas mortes dos reis: pera a qual, ajuntando-se os vereadores, procuradores, mesteres, e mais officiaes da camara, com os cidadãos (aos vinte e sete de Agosto, quarta feira pela manhã) na casa onde se faz a camara, sahiraõ della por esta maneira: vinha André Pires Rebello, alferes da cidade, em hum fermoso cavallo murzelo, todo coberto com huma guakdrapa e cabeçadas de dó, e elle vestido em hum capuz, com o capello na cabeça, cujas fraldas lhe chegavaõ ao chaõ: trazia huma bandeira de canhamação negra, mettida em huma lança, cuja largura chegava ao meio da hastea, e o comprimento era tanto, que posta ao hombro hia arrastando pelo chaõ: diante do alferes hia o licenciado Lourenço Marques, juiz do civil, ves-

tido em hum capuz, com hum escudo negro nas mãos levantado; e armado na da-beça, para que fosse visto de todos; e qual hia cercado dos vereadores, procuradores, mesteres, e cidadãos, todos com varas negras nas mãos, e capuzes vestidos, e capellos na cabeça, a quem seguia grande multidão de povo de pé e de cavallelo, com alto pranto de vozes e lagrimas, com que denunciavaõ o sentimento e tristeza da morte de hum rei mancebo; a quem o mundo, por sua fermosura e florecente idade, adornada de grandes virtudes e esforço, promettia largos annos, com prosperos triumphos. Com este tão triste espectaculo hia aquelle povo, coberto de luto, acompanhado de pranto e lagrimas, testemunhando com soluços e gemidos as magoas do coração de todos, por a orfandade que viaõ dos reinos, postos em huma só esperança do Cardinal infante dom Henrique, de quem, por sua larga idade e consumidos membros, se não esperava successor, que por linha direita pudesse succeder na herança dos reinos. Com estas e outras considerações se acrescentava a tristeza de hum povo pouco ditoso, com o desempato de tal rei, com que em hum crecião as lagrimas com dor das angustias presentes, em outros o silencio com os trabalhos que esperavaõ. Com esta ordem e funeral pompa vierão aos degrãos do taboiteiro da Sé, e posto o licenciado Lourenço Marques em cima delle,

dando sinal de silencio com o escudo, começou em altas e dolorosas vozes a dizer: « Chorai, senhores, chorai, cidadãos, chorai, povo, a morte de vosso bom rei dom Sebastiam » e acabadas estas palavras, quebrou o escudo nos degrãos, onde então se alevantou hum alto e grande pranto de todo genero de gente, a quem faziaõ companhia as mulheres que estavaõ pelas janellas, em quem se não enxergava mais que hum profundo nojo, que consumia os animos de todo o povo; o qual cada vez se hia mais alevantando pelas ruas por onde hia aquelle taõ triste espectaculo denunciador de grandes magoas: caminhando na forma em que já te li viéraõ, com outro escudo, que levava o doctor Duarte Lamprea, juiz do crime, fôraõ até o meio da rua nova, onde o quebrou pela mesma maneira acima dita, e onde logo alevantou outro o licenciado Gaspar Campelo, juiz do civil, que o levou até o rocio, ás escadas do espirital, aonde o quebrou com as mesmas palavras e cerimoniaes dos outros, donde voltando pelas ruas dos Arcos, viéraõ á Sé, aonde se disse huma missa cantada, pela alma delrei.

*Como o Cardeal, foi alevantado por rei de Portugal. Capitulo LXXXI.*

Acabadas as exequias funeraes da morte delrei dom Sebastiam, logo se deo ordem

pera o dia seguinte o Cardeal ser alevantado por rei de Portugal, successor que era delle; mas porque elle se havia sagrado na igreja do espirital de todos os santos, pera a primeira prelazia que teve do arcebispadô de Braga, nessa mesma quiz receber a maior dinidade de sua vida, côm o ceptro real. Armada pois a igreja e capella com hum rica tapeçaria de grã tecida de ouro, se fez hum teatro grande junto de cruzeiro: á maô direita, a que se sobia por quatro degrãos, todo alcatifado, com hum docel de brocado no mêo, a que estava encostada huma cadeira, com duas almofadas aos pés do mesmo, defronte da qual, no cabo do teatro, estava huma meza pequena com hum missal aberto, e huma cruz d'ouro em cima: os altares estavaõ com frontaes e doceis de brocado, com velas accesas em castiçais de prata. Depois de este aparato estar feito, logo ao dia seguinte (em que se fizeraõ as exequias funeraes delrei) quinta feira pela manhã, dia de santo Agostinho, vinte e nove de agosto, partiõ o Cardeal das casas do duque de Bargaça, onde pousava, pera vir tomar o ceptro e receber a dinidade real. Antes que partisse, este proprio dia, disse missa em hum oratorio, dando novo e prodigioso exemplo ao mundo de rei e sacerdote, com imitação de Melchisedec, antre cujas idades taõ distantes não houve outro mortal, que alcançasse estas duas suprémas dinidades distinctas, com que o mundo

se governa no temporal e espirital. Postò o Cardeal a cavallo em huma mula preta mui fermosa, vinha vestido de vermelho com huma loba de chamalote de seda sobre o rochete, e barrete vermelho de cantos na cabeça: a gualdrapa era de escarlata, com os copos da brida dourados, e as mais guarriçoens das cabeçadas: o qual, acompanhado desses poucos fidalgos e cavalleiros que havia na corte, sahio do paço pera a cordoaria, á porta de santa Catharina, dahi pela rua abaixo, e voltou pela cordoaria velha, e dahi pela calçada de S. Francisco, e sahio á calçetaria, e tomando a rua dos ourives do ouro, sahio ao rocio, e entrou no hospital; diante do qual ia o duque de Bargaça a cavallo com o estoque na mão alevantado: mais adiante dom João Tello com a bandeira real enrolada na hastea: diante da bandeira real hiaõ nove reis de armas a cavallo, com suas cotas d'armas, que em semelhantes actos costumão levar, e seis porteiros, tambem a cavallo, com massas de prata, diante dos quaes iaõ os atabales, em tres azemalás mui fermosas, com gualdrapas quarteadas de branco e vermelho, a quem antecediaõ as trombetas, outro sim a cavallo, sem ainda haver estron-do, nem se tanger cousa alguma: toda a mais gente, fidalgos, camara, e povo iaõ a pé: os condes da Castanheira e Sortelha levavaõ as redeas da mula, hum de cada parte, diante dos quais ia o conde de Por-

alegre, mordomo-mór, com a cana na mão. Nesta forma chegaram aos degraus do hospital, onde o Cardeal se apeou: tanto que chegou á porta da igreja, o vieraõ receber em processão toda a cleresia da capella delrei e cabido da Sé, com todos os cantores, onde vinha em pontifical dom Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa, com huma reliquia, debaixo de hum palio, que deo a beijar ao Cardeal. Vinhaõ tambem em pontifical os bispos seguintes: dom André de Noronha, bispo de Portalegre, dom Jeronimo Osorio, bispo do Algarve, dom Jorge de Ataide, bispo que foi de Vizeu, dous bispos hibernios, dom Martinho de Ilhoa, bispo de S. Thomé, dom Sebastião da Fonseca, bispo de Targa: traziaõ capas, dom Theodosio de Bargaça, eleito arcebispo d'Evora, dom João de Castro capellaõ-mór delrei, dom Sebastiam, dom Miguel de Castro, seu sobrinho, eleito bispo de Vizeu, dom João de Bargaça, filho do conde de Tentugal, dom João de Sá, e outros muitos capellães fidalgos: os assistentes que levavaõ o gremial ao arcebispo eraõ, Pero Lourenço de Tavora, diocesano de Thomar, Antonio Telles de Menezes, inquisidor, que depois foi bispo de Lamego: os que levavaõ as varas do palio eraõ, Affonso Furtado de Mendonça, dajaõ da Sé de Lisboa, dom Affonso Castelbranco, esmoler delrei, que depois foi bispo do Algarve, dom João de Menezes, arcebispo da Sé de

Lisboa, que depois foi arcebispo de Braga; dom Alvaro de Sousa, dom Cristovão de Castro, filho de dom João de Cascaes, e o arcepreste da Sé: a agua benta lançou ao Cardeal dom André de Noronha, bispo de Portalegre, á porta da igreja, o qual foi fazer oração á capella, e dahi com hum bordão na mão subio ao teatro, e se assentou na cadeira, que estava debaixo do dossel, onde deo o bordão a hum moço fidalgo, diante do qual estavaõ desbarretados em pé os bispos e senhores, o duque de Bragança com o estoque ao hombro á mão direita, e dom João Tello com a bandeira real enrolada, posto n'hum canto do teatro da mão direita: a este tempo subio ao teatro Hieronimo Pereira de Sá, desembargador do paço, e fez huma breve falla, em que como nosso senhor houvera por seu serviço de levar da vida presente elrei dom Sebastian, rei dos reinos de Portugal; que allora era vindo o Cardeal dom Henrique seu tio, e filho delrei dom Manoel, e successor do reino, para ser levantado por rei, para o emparar e governar. Nisto chegarão á mesa, onde estava o missal e cruz, dom João de Castro e dom Miguel de Castro: o Cardeal, posto de giolhos, com as mãos no missal, tomou juramento de bem e fielmente governar os reinos, sustenta-los com justiça, e guardar os privilegios e liberdades que por os reis antepassados foraõ concedidos; logo mandó o qual juramento estava Miguel de

Moura secretario, posto de gijolhos de humma parte, lendo a fórma do juramento, e da outra o arcebispo de Lisboa, que o tomava ao Cardeal, e assentado o Cardeal na cadeira, lhe metteo o ceptro na mão Francisco de Sá de Meneses, seu camareiro-mór, que depois foi conde de Matosinhos: depois vêo o duque de Bargaça; e os condes, fazer homenagem e beijar a mão a elrei: apoz elles os prelados, depois outros senhores e fidalgos seculares, a camara de Lisboa, desembargadores do paço, corregedores da corte, levavaõ o mesmo estilo, a que elrei fazia cortesia. Acabado isto, appareceo hum reis d'armas dizendo: « obe-  
 » di, obedi » e logo dom João Tello, que tinha a bandeira já despregada, disse: «  
 » Real, real, real, pelo serenissimo prin-  
 » cipe dom Henrique rei de Portugal »: a quem o povo respondeo repetindo as mesmas palavras, e tocáraõ as trombetas e charamelas e atabales, e fazendo pausa, se tornáraõ a repetir as mesmas palavras e instrumentos, e se começou ao redor da igreja proçessão, com Te Deum laudamus, o qual acabado, na capella a elrei dom Henrique lhe beijáraõ muitas pessoas a mão: dalli fazendo volta pera casa com o ceptro na mão, acompanhado de toda a gente de cavallo, e hindo diante a bandeira e reis d'armas, com os instrumentos, aclamando: real, real, por o serenissimo principe rei de Portugal: a quem todo o povo respon-

dia com as mesmas palavras, chegando ao paço (cujas paredes estavaõ nuas, sem panno, nem ornamento algum) se recolheo el-rei, e agasalhou os senhores e prelados, com cortesias e mostras de risos fingidos, por encobrir o intimo nojo que lhe tinha occupado o coração, pera nunca ser alegre em toda a vida: mas logo se recolheo a comer encerrado; o qual logo deu os officios da casa real, que estavaõ vagos, aos fidalgos que antes o serviaõ: a Anrique Anriques (que por ser muito mancebo tirou o officio de camareiro-mór, pera o dar a Francisco de Sá) fez estribeiro-mór; a dom Francisco de Sousa, capitão da guarda; a Damião Borges, vedor, por o ser antes, sendo elle Cardeal; e a estes e a todos os mais fidalgos e creados fez muitas mercês e honras.

*Como elrei teve recado que o senhor dom Antonio prior do Crato sahira do cativeiro. Capitulo LXXXII.*

Estando elrei dom Henrique mui magoadado pela morte delrei dom Sebastiam, e sollicito da vida do senhor dom Antonio seu sobrinho, filho do infante dom Luiz seu irmão, de que não tinha noyas de morto ou vivo, estando aposentado nas casas de Affonso de Sousa, a S. Francisco, lhe vêo hum corréo com cartas do senhor dom Antonio, que estava em Arzila, terra de cristãos, posto em sua liberdade. Elrei que

nunca, depois de levantado, teve huma lib-  
 -ra de alegria; por o estrago da batalha, que  
 -havia tanto tocado na casa real; na nobre-  
 -za e povo de Portugal, quasi como exper-  
 -tado de grande sono; como outro Jacob com  
 a nova de seu filho Joseph ser vivo; se co-  
 -meçou a alegrar e chorar com alvoroço,  
 -fazendo ao corréo perguntas; como duvido-  
 -so de poder ser verdade o que lhe dizia; o  
 -qual, lendo muitas vezes a carta, com mui-  
 -to gosto, se acabou de certificar e dar gra-  
 -ças a nosso senhor; por a mercê que elle  
 -com isto recebia; porque, ainda que o se-  
 -nhor dom Antonio lhe foi desobediente, an-  
 -tes de rei, e não quiz seguir seus conselhos  
 -sanctos cheos de toda a virtude, por más  
 -persuasoens de muitos outros mancebos es-  
 -tragados, todavia quando soube de seu bom  
 -sucesso, não pôde encobrir o amor que lhe  
 -tinha, e mais a consolação que recebia em  
 -o ter consigo, sendo já tão velho e só, sem  
 -haver outra faísca da casa real. Com esta  
 -nova do senhor dom Antonio ser fóra do  
 -cativeiro recebeu todo o povo muito grande  
 -contentamento, assim pelas resoens acima  
 -ditas, como por elle ser extremadamente  
 -amado por a brandura de sua condicão, e  
 -mui affavel para todos, com palavras de mui-  
 -ta cortesia, e liberalidade de obras, com que  
 -fazia mercês a muitos. Não deixará mu-  
 -tos velhos e imprudentes de pôr este successo  
 -em consideraçõens assás devidas, e buscar  
 -a causa do mysterio que isto preefigurava;

porque os mais benignos, e afeiçãoados ás  
 cousas do senhor dom Antonio, interpreta-  
 vaõ sua liberdade pera grandes consolações  
 e bens comuns de Portugal, com esperan-  
 ças de elle succeder nos reinos, já que Deos  
 taõ milagrosamente o havia livrado do ca-  
 tiveiro, por meos não esperados, em tempo  
 de tanta necessidade de hum principe, que  
 tivesse valor pera emparo dos reinos. Com  
 estas e outras considerações se promettiaõ  
 grandes bem-aventuranças, com que se res-  
 taurassem as infelicidades taõ frescas do des-  
 brate de Portugal, com seu rei, na batalha  
 de Africa: outros, que mais atinavaõ com o  
 que o tempo promettia, e a vinda do se-  
 nhor dom Antonio ameaçava, não se asse-  
 guravaõ de muitas novidades contrairas ad-  
 bem commum, que acrescentassem os tra-  
 balhos passados, com que elrei dom Sebas-  
 tiam pôz o reino em estado, que era necessa-  
 rio meditar quaes seriaõ os successos menos  
 pesados que se haviaõ de soffrer e temer,  
 sem engergar algum remedio que fosse pro-  
 veitoso; porque, alem dos tempos e estados  
 das cousas, isto proceetteron claramente, en-  
 tendendo muito do engenho do senhor dom  
 Antonio ser de condigão inquieta pera aspi-  
 rar ás cousas maiores, não viaõ causa por-  
 que se deixassem de temer alteraçõs, pois  
 a occasião estava com a porta aberta; as-  
 sim por se temer que o senhor dom Anto-  
 nio se não sujeitasse aos conselhos acerta-  
 dos em suas penhenções, como elrei da

Castella ser muito poderoso pera reprimir quaesquer reboliços, o que não deixaria de cahir em prejuizo do povo: e assim que os que melhor acertavaõ choravaõ a sua vinda ao reino, como instrumento de severo castigo, que Deos ainda tinha guardado pera executar em Portugal, attribuindo seu successo a pecados do povo, pera maiores trabalhos.

*Do modo do resgate do senhor dom Antonio*  
*Capitulo LXXVIII.*

No successo do desbarate da batalha del-rei dom Sebastian, em que muito poucos escapáraõ de mortos ou cativos, coube em sorte ao senhor dom Antonio ser cativo de hum alarve do Aduar do Xequê Talemaeo; o qual como fosse levado em companhia de outros quarenta cativos, permittio Deos que nunca de tantos homens que o conheciaõ houvesse algum que o descobrisse; mas por que elle acertou de ser cativo de hum mouro mesquinho e pobre, que por sua miseria, o não podia sustentar com mantimento soffrivel, houve tal providencia entre aquelles cristãos, que secretamente se lhe buscava maneira pera cada dia lhe darem huma galinha a comer. O que mais industioso era pera estes alimentos, e que com mais zelo o procurava ganhar, era hum mancebo hortelão, natural do campo d'Alvalade de Lisboa, ao qual, por o senhor dom Antonio o ver com tal zelo, perguntou

se o conhecia, a que o mancebo respondeo, que o conhecia bem, que nunca Deos permittisse que por sua parte fosse descoberto: e pera se melhor dissimular a calidade de sua pessoa, nenhum cativo lhe fazia cortezia, nem fallava em maneira por onde os mouros soubessem que lhe tinhaõ algum respeito, antes o tratavaõ em publico como homem popular e naõ conhecido. A principal occupaçaõ que o mouro, cujo cativo era o senhor dom Antonio, lhe dava, era escolher trigo e hir buscar cardos pera o fogo; e por o mouro ser taõ pobre, e naõ ter cama que lhe dár, o agasalhava na sua e de sua mulher e filhos, em que todos se cobriaõ com humas cobertas velhas e pobres. Com esta dissimulaçaõ, com que os mouros estavaõ desmaginados de o senhor dom Antonio ser pessoa de calidade, se foraõ ao senhor, por differentes vias, Manoel de Fontes e Gaspar da Gram, cavalleiros de Tangere, homens avisados, e lhe disseraõ que aquelle seu cativo era clerigo, e tinha em Portugal boa renda e beneficios; que o devia pôr em resgate, antes que os beneficios fossem providos em outrem, por que entaõ ficava inhabilitado pera se poder resgatar, por naõ ter outra fazenda de que se pudesse ajudar. O mouro, persuadido por engano taõ circunstanciado, com presenca de verdade, e tambem por que elrei mandava, que todos os fidalgos fossem levados á sua corte, pera se elle fazer senhor delles,

determinou, com parecer e consentimento do alcaide Falemaco, de aproveitar-se da occasião do offercimento: com isto concertárao em dous ou tres mil crusados, aos quaes havia dar fiança algum Judeo abenado. O senhor dom Antonio, que tinha muitas mercês feitas, quando estava em Tangere, a Abraham-Gibre judeo de Fez, determinou descobrir-se a elle pera que o fiasse; ao qual escrevendo por Gaspar da Gram, pedindo-lhe o credito pera seu resgate, e o segredo que não fosse descoberto, lhe deo o judeo, com que os mouros se deitárao por satisfeitos: mas por que todas estas cousas se faziaõ com muita pressa, antes que houvesse alguém, que descobrisse quem era o senhor dom Antonio; fizeraõ com muita diligencia com que logo o levasseraõ a Arzila: os quaes postos a caminho, com o senhor dom Antonio nas ancas de hum cavallo, e Antonio da Gram a pé, chegáraõ a Arzila, onde o senhor dom Antonio foi recebido com incrível alegria e alvoroço, fazendo todos os moradores demonstração de grande contentamento, com que os mouros ficaraõ admirados de ver o acatamento que lhe faziaõ, e o engano que a elles tinhaõ feito. O senhor dom Antonio mandou agasalhar os mouros mui honradamente, e lhes pagou o dinheiro do concerto do resgate, e além disso lhes deo muito mais, assim em dinheiro de contado, como em peças e jóias, com que foraõ mui-

to contentes, e muito mais lhes dera, se em Arzila achára quem lho emprestára: com isto despedio os mouros com muito amor e offercimento de lhes fazer muitas mercês; de maneira que o primeiro homem que sahio do cativoiro foi o senhor dom Antonio.

*Dos religiosos da Trindade, que elrei dom Henrique mandou á Africa, para obrados res do resgate dos que fóraõ cativos na batalha. Capitulo LXXXIV.*

A primeira cousa em que elrei dom Henrique entendeu, depois de tomar o ceptro real, foi com dolorosa compaixão tratar da redempção dos que havião sido cativos na cruel batalha de Afrifa, e espalhados por todas as provincias, que foram mais de quinze mil; porque entendia, que era obrigação, não somente de cristandade, mas de authoridade real, acudir aos perigos das almas, e corpos, que os cristãos padeciaõ em seus cativeiros, em mão de barbaros, inimigos cruéis do nome de Cristo, para que aquelles, que por obediencia a elrei dom Sebastian se havião arriscado aos males, que padeciaõ, em elrei dom Henrique achassem a clemencia, que mereciaõ por cristãos, e vassallos; e porque com a presença dos religiosos da santissima Trindade, cujo principal instituto era arriscarem as vidas pela liberdade dos cristãos, postos entre os infieis pagãos, elles ficassem consolados nas almas com sua

doctrina, e conservados na fé com esperança de cedo serem socorridos com liberdade, pera alivio do misero cativeiro, ordenou el-rei dom Henrique, que fossem escolhidos os mais fidoneos para esta missãõ; pera o que, dado recado ao seu provincial da parte del-rei, que enviassê os seus religiosos a este ministerio, offerecendo-se logo pera a jornada muitos zelosos da fé, e de fervorosa caridade; com desejos de hir ajudar a levar a carga dos trabalhos a seus proximos, e pôr as vidas por elles com corõa do martirio, fôraõ nomeados os seguintes: frei Francisco da Costa, frei Diogo Ledo, frei Jorge, frei Ignacio, frei Felix, frei Athanasio, frei Agostinho, frei Antonio de Alvito, frei Salvador, frei Manoel de Evora, frei Luiz da Guerra, frei Francisco do Trucifal, frei Dionisio, frei André dos Anjos, frei Belchior, frei Antonio do Espirito Santo, frei Damiaõ, e outros mais; os quais logo se partiraõ pera Cepta, onde frei Roque estava pera dahi os enviar com sua bençaõ fazer as missoens, que lhes parecesse por toda a Berberia, a consolar as ovelhas de Cristo, que andavaõ derramadas entre os lobos famintos do sangue de seu corpo, e da perdiçaõ das almas, para que, como pastores pios, as ajuntassem; e consolassem, no mêo das cruéis perseguiçoens. Chegados estes religiosos a Cepta, com aceso fervor de empregar o talento de seu espirito e caridade em obras esperadas para remedio de graves desconsoleçoens das almas

dos cativos, e tormento dos corpos, como chegáraõ, naõ tratando de repouso, tomáraõ a bençaõ a seu prelado frei Roque, e sem alforge, nem dinheiro, á imitacãõ dos apóstolos, se metterãõ pelo deserto do paganismo cego, repartidos por diversas partes, pera que sua doutrina, e caridade, fosse deramada por muitos, que della estavaõ necessitados; os quaes andavaõ pelas cidades, pregando, animando, e consolando aos miseros cativos, aos quaes naõ somente ministravaõ os sacramentos, mas acudiaõ ás necessidades corporaes, curando os enfermos, dando de comer aos famintos, animando aos fracos, e sobre tudo aliviando os trabalhos do cativeiro com a certeza aos mouros, que lhes seria pago o preço de seu resgate. Com este zelo e fervor foraõ os santos religiosos repartidos desta maneira: frei Agostinho foi enviado a Fez, frei Antonio de Alvito a Alcacere: estes dous religiosos morreraõ occupados na messe do Senhor, chãos de muitos trabalhos e perseguiçoens, com que merecêraõ a corõa da gloria: pera Tetuaõ, e suas comarcas, fõraõ enviados frei Jorge, frei Diogo Ledo, frei Belchior, frei Antonio do Espirito Santo, frei Damiaõ, frei Luiz da Guerra, e frei Francisco do Trucifa; pera Marrocos foi frei Salvador: pera Alcacere frei Manoel de Evora: frei Dionisio, com frei Luiz Lourenço, que estava em Cepta, fõraõ pera Tangere: frei André dos Anjos foi pera Me-

ilha, por aviso, que houve, que áquellas comarcas eraõ pelos Alarves levados muitos cativos, que áquella fortaleza fronteira vinhaõ resgatar, em os quais frei André tem feito muito fruto: em Cepta ficaraõ frei Athanasio e frei Felix; e, por que frei Roque tinha recado de elrei, dom Henrique pera hir buscar o corpo delrei dom Sebastian a Fez, onde o Xarife entaõ estava, levou em sua companhia os padres, frei Francisco da Costa, e frei Ignacio; mas, por que o padre frei Roque havia de tornar com o corpo, trouxe consigo frei Francisco da Costa, e passando por Tetuaõ, trouxe frei Jorge, e deixou em Fez frei Ignacio, por ser homem de muita prudencia, e zelo, pera negocio de tanta importancia. Com estas missõens, que o padre, frei Roque, fez dos seus subditos por toda a Berberia, foi taõ geral o alivio, que os cativos sentiraõ, que lhes parecia, que naõ tinhaõ cativo; por que, além de elles serem consolados com sua vista, doutrina, e obras, tem elles tanto credito naquellas partes com os mouros, que com as promessas que os padres lhes faziã de lhes pagarem os preços de seus resgates, alargaraõ elles o cativo a huns, e a outros (de que naõ tinhaõ esperanças de resgate) com rogos dos religiosos, usavaõ os mouros com elles de alguma clemencia, temperando o rigor do cativo. Tanta foi a caridade, no processo do cativo, que estes religiosos usavaõ com os cativos, que além destes bene-

ficios, e outros muitos, se obrigáraõ elles por seu credito por fiadores do resgate de muitos, fazendo comutaçaõ de sua liberdade com o cativeiro de muitos cristãos, em que mostrarão o fervoroso zelo de seus peitos, com grandes merecimentos de vida, e honra de sua religião, cujo exemplo ficará eterno na memoria dos homens, pera execuçaõ de sinaladas virtudes; por que destes está hoje em Marrocos reteudo e preso frei Ignacio, por credito que deo a pessoas particulares, que importaõ nove mil cruzados: frei Manoel de Evora pela mesma maneira está em Alcacere-quibir preso, e muitas vezes maltratado e carregado de ferros, por semelhantes dividas, que importaõ quatro mil cruzados: em Tetuaõ estaõ tambem presos, ou pera melhor dizer cativos, frei Francisco do Trucifal, e frei Luiz da Guerra, por outras dividas que tomáraõ sobre si, dos cativos, que fiaraõ; com os quais cativeiros, e máos tratamentos, o seu zelo de caridade não aflouxa, pera deixarem de se exercitar em todas as obras pias; antes alegres em suas prisoes, desejão ainda ser martyrisados por amor de seus proximos, pera com a imitaçaõ de S. Paulo mostrarem o merecimento de suas almas, e louvores de Deos; e em semelhantes obras resplandecem, com grande edificaçaõ da igreja catolica, e confusaõ dos barbaros pagaõs, e grande consolaçaõ dos miseros cativos; os quais religiosos todos, huns e outros, assim os pre-

sos, como os que andavaõ em liberdade, além das intrataveis asperesas da terra, padeciaõ com alegre rosto muitas injurias, affrontas e outros máos tratamentos dos mouros, por fazerem a vocação, pera que Deos os escolheo, clara e fermosa com resplandor de sua caridade, como insignes ornamentos de sua religião; cujos exemplos tem dado tanto animo aos outros professores della, e lhes tem tirado o temor dos perigos e trabalhos, que entre aquellas barbaras gentes se padecem, que em competencia andaõ quaes seraõ primeiro os que se offereçaõ a semelhantes obras; e que com mais ousado animo mostrem o espirito chèo de caridade pera consolação dos proximos, e ponhaõ a cabeça ao cutelo pera defensão da fé, e pera receberem a coroa do martyrio, que entre os pagaõs imigos do nome de christo mais facilmente se acha. Com estes exercicios, até hoje neste dia, nunca estes religiosos faltaraõ, e pera que as almas dos cativos, que Christo tanto lhes encomendou, naõ tomem occasião de apostatar no meo dos trabalhos do cativeiro, andaõ outros religiosos, e alguns dos nomeados, buscando as reliquias deste despojo que lá ficou, tomando ás costas a cruz dos trabalhos e affrontas, pera darem liberdade aos fracos, por naõ correrem perigo da apostasia.

*Como elrei dom Henrique mandou a  
frei Roque que resgalasse o corpo  
delrei. Capitulo LXXXV.*

Com os avisos que o Cardeal teve (que já era alevantado rei de Portugal) que Belchior do Amaral mandou de Tangere ao reino, ordenou mandar recado a frei Roque, commissario da ordem da Trindade, pela muita experiencia que tinha das cousas de Berberia, e crédito que tinha com os mouros, por haver trinta annos que andava no resgate, com cartas suas e delrei de Castella pera o Xarife, que tratasse de resgatar o corpo delrei dom Sebastiam, que estava sepultado em Alcacere-quibir, como atraz fica dito, com comissaõ de dar por elle sessenta mil cruzados. Antes que frei Roque tivesse este recado, tinha André Corso pedido ao Xarife lhe fizesse mercê daquelle corpo real, pera o levar a Espanha a elrei dom Philipe seu tio, pera com este offercimento grangear a vontade e mercês de sua magestade. A confiança que André Corso tinha de taõ facilmente pedir semelhantes mercês ao Xarife, era porque, antes que Mulei Maluco fosse introduzido nos reinos de Berberia, lhe emprestou elle em Fez dinheiro, e fez outros avisos de que o Xarife estava bem informado, por cuja obrigaçaõ o Mulei-Maluco depois de rei lhe fez pagamento do que lhe devia, e outras mercês

gratuitas, e lhe assentou seiscentos cruzados de tença nos bens da coroa, que hoje em dia lhe paga o mesmo Xarife, como seu irmão o tinha deixado por suas amizades e muita valia. Tinha elrei promettido a André Corso, de não dar o corpo delrei senão a elle, e o Achahiac, que tambem era muito aceito ao Xarife, favorecia o negocio com que o corpo delrei fosse dado a André Corso. Belchior do Amaral, que sabia o que passava ácerca disso, quando frei Roque passou por Fez, pera pôr em resgate o corpo delrei, o avisou que de tal maneira negociasse com o Xarife, pera effeito do que ia, que se desencontrasse de André Corso pela pertença que tinha, e do Achahiac pelo favor que lhe dava. Avisado frei Roque disto, teve tão boa ordem e diligencia, que tomando por terceiro em seus negocios hum arrenegado portuguez, medico do Xarife, feve entrada pera lhe dar as cartas delrei de Portugal e Castella, e hindo-se já de caminho de Fez pera Marrocos, o arrenegado, que sollicitava a resposta das cartas dos reis, houve-a do Xarife, dizendo-lhe que as cartas lhe pediao o corpo delrei por resgate, e não graciosamente: frei Roque lhe disse, que da grandeza dos reis que pediao o corpo ao Xarife era offerecer preço, e da do Xarife era dá-lo graciosamente. Com estas palavras, que o arrenegado disse ao Xarife, mandou chamar a frei Roque, e diante de muitos alcaides lhe disse que lhe

dava o corpo delrei livremente, sem preço, e o embaixador de Castella dom Joaõ da Silva, que estava cativo. Agardecendo-lhe frei Roque a mercê com muitas palavras, e deixando recado ao arrenegado, que lhe negociasse as provisoens pera o corpo delrei lhe ser entregue, se vêo a Fez, porque o Xarife hia caminhando pera Marrocos. André Corso, que tinha pedido o corpo delrei ao Xarife, vendo que o tinha já concedido a frei Roque, e não podia ter effeito o seu intento, como se frei Roque vêo pera Fez, houve do Xarife provisãõ com clausula que o alcaide de Alcacere lhe entregasse a elle o corpo delrei, e elle o entregasse a frei Roque ás portas de Cepta. Frei Roque, temendo-se que André Corso lhe fizesse alguma treição, com se passar a Espanha com o corpo delrei pela via que tinha, chegou a o ameaçar, que se lhe tal fizesse, havia de fazer queixume a elrei de Castella e Portugal, com o que André Corso se recolheo: mas porque neste tẽmpo vinhaõ pera Portugal dom Jorge de Menezes de Cantanheda, dom Miguel de Noronha, dom Duarte de Castelbranco meirinho mór, dom Joaõ da Silva embaixador de Castella, dom Fernando de Castro, e Luiz Cesar, a tratar o negocio do resgate, como abaixo diremos, tratou frei Roque com elles de virem por Alcacere, e trazerem a Cepta o corpo delrei; os quais apresentando suas provisoens ao alcaide de Alcacere, lhes deo licença.

que o trouxessem, e desenterrando-o, o met-  
 têrao em huma tumba, coberto com hum  
 panno de veludo preto: nesta companhia, e  
 d'outros cristaos que se achárao presentes,  
 entre os quais tambem vinha André Corso,  
 frei Francisco da Costa companheiro de frei  
 Roque, e frei Jorge que estava em Tetuaõ,  
 o trouxerao a Cepta, onde ás portas da ci-  
 dade frei Roque tomou posse delle. O ca-  
 pitaõ dom Dionisio Pereira, ajuntando o  
 cabido com mais cleresia e religiosos de S.  
 Francisco e Trindade, o vieraõ a receber; mas  
 porque frei Roque, comissairo da Trindade,  
 havia negociado a vinda do corpo delrei, e  
 a elle estava entregue, o levou ao seu con-  
 vento da Trindade, que em Cepta tem, e o  
 mandou pôr em custodia em sua capella  
 mór, donde esteve até que sua magestade,  
 depois de estar em Portugal rei pacífico, o  
 mandou trazer ao Algarve, e dahi a Belém,  
 como abaixo mais largamente se dirá. Es-  
 tando depois o padre frei Roque em Cepta  
 muito enfermo, lhe fôraõ cartas delrei dom  
 Henrique, e do duque de Bargaça, pera hir  
 pôr em resgate ao duque de Barcellos, filho  
 morgado do duque de Bargaça, que esta-  
 va em Marrocos. Frei Roque pôr ser já ve-  
 lho e a enfermidade o carregar muito, não  
 pôde fazer o que lhe era encomendado; mas  
 pela muita confiança que elle tinha na pru-  
 dencia e authoridade de frei Ignacio seu com-  
 panheiro, que havia deixado em Fez, lhe  
 escreveu, e lhe mandou as cartas delrei e do

duque, em que lhe mandava e dava comissão, que fosse a Marrocos tratar do resgate do duque de Barcellos.

*Do que os padres da companhia fizeram em Berberia no resgate e consolação dos cativos. Capitulo LXXXVI.*

Não faltou nesta tão grave perseguição do cativeiro dos Portuguezes, derramados em todas as partes de Berberia, o aceso zelo dos padres da companhia de Jesu, assim com o trabalho de suas pessoas, como com a efficacia de sua doutrina; porque tendo elles muita valia com elrei dom Henrique, pela extremada devação, que lhes tinha por suas heroicas virtudes e exemplar vida de religião, de cuja ordem era Leão Anriques confessor delrei, logo se foraõ a elle, e o movêraõ a fazer todas as diligencias, e dar toda a ajuda de sua fazenda, pera lhes socorrer na grande tribulação do cativeiro dos cristaõs, ao que elrei dom Henrique com muito fervor acodio: mas como na jornada delrei foraõ alguns padres da companhia pera administrarem os sacramentos aos soldados, e os animarem a pelejar pela fé de Cristo, ficando vivo o padre frei Alexandre, italiano de nação, homem de maravilhosa prudencia e industria em todos os negocios graves, e que nas partes da India e no Japaõ tinha convertido, á fé grandes povos com sua doutrina e exemplo de vida,

teve tal credito com os mouros, e judeos, que, estando cativo se resgatou a si, e aos padres, doutor Pero Martins, o padre Oliveira, Francisco Alvares, e outro companheiro seu; o qual, depois de posto em liberdade, e ter resgatado os seus padres, e companheiros, resplandeceo tanto na caridade, com que acodia a todas as necessidades dos cativos, que geralmente todos os desconsolados nelle punhaõ os olhos para suas necessidades, ao que elle acodia com tão excellente providencia, que parecia, que do ceo lhe vinha o favor para acudir a tantos atfribulados com abraçada caridade; porque, deixando de parte os remedios, que dava a todas as necessidades espirituaes, e corporaes, creyceo além disto, em tanto credito, que todo o homem de qualquer calidade que fosse, que elle quizesse sobre sua palavra, logo pelos mouros, e judeos, era posto em liberdade, com o que não somente libertou muitos fidalgos com seu credito, mas teve outro maior, que lhe deraõ os acredores licença, que viesse ao reino negociar as dividas dos resgates, por que ficára em Berberia. O padre Alexandre, como era para estas obras dado do ceo, vindo d' Africa, trouxe consigo grande multidão de gente, e assim em Berberia, como depois de estar em terra de cristãos, dava grandes esmolas, aos que dellas tinham necessidade; o qual, chegando a Lisboa, com o seu acostumado zelo e diligencia, procurou haver pagamento das pes-

mas ricas, por que ficára por fiador, e de rei dom Henrique houve grande quantidade de dinheiro pera resgatar muitos pobres, que em Africa havia, a fóra muito dinheiro, que levou de particulares pera o mesmo effeito; mas, como elle não tinha maior emprego, em que pudesse ganhar a Cristo, que no resgate das almas cristãs, como homem, que sentia a afflicção dos calivos, como de filhos, que lhe lastimavao o coração, não tomando repouso algum pera o corpo, com muita brevidade se voltou pera Africa, assim pera desempenhar a palavra dada aos acredores, como pera novamente com mais liberdade se empregar em seus santos exercicios; o qual, levando em sua companhia o padre Antonio de Brito, da mesma ordem, pera lá tambem empregar o seu talento na administração dos sacramentos, e consolaçoens espirituaes e corporaes dos alligidos, entrárao sem temor pela terra do paganismo, pondo com sua virtude silencio ao demonio, em vergonha das tiranias que usa com as almas dos miseros barbaros: os quaes, como não procuravao senão salvaçoens de almas, e honra de Deos, com taes obras e exemplo justificavao sua doutrina, que erao temidos dos infieis africanos, não temendo elles os perigos corporaes, que com os pés calcavao. Taes foraõ os trabalhos que estes religiosos padeceraõ por socorrer as necessidades alheas, que não tendo conta com as proprias, desfalecendo-lhes as forças corpo-

raes com o rigor dos maos tratamentos que se lhes offerenciaõ, e asperesas que elles tomavaõ, que sobrevindo-lhes graves enfermidades, foi morto Antonio de Brito. O padre Alexandre, que andava mais esforçado nos exercicios acima ditos, teve nova que em Cepta se acendêra muito grande peste, e os curas e mais ministros dos sacramentos haviaõ fugido, com que a cidade estava desamparada dos remedios do corpo, e ainda mais dos da alma, por não haver quem administrasse os sacramentos; o qual, como entendia que nesta materia tinha mais certo o perigo, pera fazer seus merecimentos mais calificados, deixando os trabalhos do cativoiro, vêo com mui acesa caridade socorrer aos da peste; o qual, entrando na cidade com animo desprezador da morte por servir a Deos, se começou a ocupar na cura dos enfermos, assim com administração dos remedios da alma, como das mesinhas do corpo, não faltando nestas obras, até o senhor o visitar com a contagiaõ da mesma peste, de que acabou gloriosamente: os quais na vida com exemplos de suas obras testemunháraõ o zelo de fé, que tinhaõ no oração, e nos certificáraõ quaõ certos tiveraõ a coroa de gloria nella, que Deos liberalmente tem aparelhada pera premio de tal agonia.

*Da morte do padre frei Thomé de Jesus,  
e do que fez em Berberia. Capitulo  
LXXXVII.*

A estas plantas da igreja catolica, transplantadas no deserto do paganismo, em cuja esterilidade davaõ mor frescura e mais suave fruto, permittio o Senhor, por outra parte, plantar-se outra naõ menos amena, pera com assombro de sua doutrina consolar aos affligidos, e com o exemplo das obras conservar a muitos na fé, e animá-los nos trabalhos. Este foi aquelle grande pregador frei Thomé de Jesus, religioso de santo Agostinho, a quem Deos communicou tal espirito, que, fazendo officio de outro Tobias, nunca faltou aos miseros cativos em as necessidades da vida, antes nestas, em curar enfermos e sepultar os mortos, se empregava todo; o qual creceo tanto em acesa caridade, que, vendo quaõ necessaria era a presença de sua pessoa, pera conservação da fé, e consolação do áspero cativeiro dos cristaõs, nunca fez força em se resgatar, por ser companheiro na sorte e estado dos proximos, necessitados do seu favor; porque, tendo elle sua mãe e irmãos muito ricos, e a condeça de Linhares sua irmã todos offerecidos a pagarem o grosso resgate, que os mouros pediaõ, sabendo a calidade de sua pessoa, sempre lhes escreveo naõ se molestassem de seu cativeiro, porque sabia que naõ havia de

sahir, tendo em maior de todas as liberdades do mundo a do espirito, no qual andava inflamado, fazendo officio de varaõ apostolico, consolando com sua doutrina e obras aos afligidos, disputando com os cacizes; prégando nos infelises barbaros, pera exaltação da fé catolica, e confusão do demonio, que naquella cega gente tanta posse tinha; o qual, soffrendo com animo forte e paciente os trabalhos ordinarios do cativeiro, acalentados com oppressoens e máos tratamentos do corpo, e affrontas da pessoa, por se não querer resgatar, não perdoando aos trabalhos, que lhe retreciaõ com o emprego do zelo das almas e honra de Deos; quanto mais o fervor do espirito crecia nelles com saudades do ceo, tanto as forças corporaes lhe faltavaõ pera sustentar os carregados membros, com os quais debilitados e enfermos, nunca desistio do officio de apostolico varaõ, até a morte o chamar a possuir na bemaventurança os premios de seus trabalhos; cuja fama de virtudes tem posto espanto em todos os barbaros, e edificado aos catolicos, aonde sua fama tem chegado: o qual não somente por palavras e obras consolava os cativos, mas em escrito se communicava aos absentes, fazendo hum livro de maravilhosa doutrina, onde os ajudava a levar com paciencia suas tristes sortes, e asperas perseguiçãoens; o qual religioso, como em toda sua vida cá, ainda posto em liberdade, sempre foi hum exemplo de per-

feito varaõ, ornado de todas as virtudes, na  
 adversidades mostrou maior fructo em tomar  
 a cruz de Christo ás costas, e a professar com  
 constancia de acceso fervor da fé no meo do  
 paganismo, pera gloria de Deos, e honra do  
 sua igreja; cujos trabalhos Deos muito es-  
 timando, o quiz manifestamente galardoa-  
 ar na terra, com consolaçoens visiveis do  
 ceo, e com a grande paciencia de suas per-  
 seguiçoens, e maior certesa de gloria; por-  
 que se tem por informaçaõ de dom Fran-  
 cisco, embaixador e pessoa de muito credi-  
 to, que dous mezes antes de sua morte a  
 notificou, com o dia, e hora, quando Deos o  
 havia de trasladar ao ceo, cujo transito des-  
 ta vida, posto que pôz em admirançaõ os  
 cristaõs, e mouros, da alegria, com que se des-  
 pedia de seu cativeiro voluntasio á eterna  
 liberdade, e do degredo da terra á cidade  
 do ceo, naõ deixou a sua ausencia de cau-  
 sar grandes prantos de suspiros, e lagrimas,  
 dos miseros cativos, em cuja presença tinhaõ  
 todos seu alivio, os quais com sua morte  
 entaõ se sentiaõ orfaõs de hum pai, o qual  
 com entranhas de amor e caridade os con-  
 solava, e dahi em diante começãõ de no-  
 vo chorar seu cativeiro, chèo de asperezas  
 em meo de cruéis inimigos, sem consolador,  
 que lhes ajudasse a passar a carga de seus  
 trabalhos. Taõ sentida foi a morte desta bem-  
 aventurado religioso, que naõ sómente os  
 presentes se chamavaõ orfaõs, como os  
 absentes, derramados por toda Berberia, sen-

tiraõ sua falta. Sendo eHe pois cativo, foi levado a Mequinez, onde teve hum senhor Morabito, o qual com cruel tratamento e aspera prisaõ o achegou a estado de morte, em huma grave enfermidade, causada de dormir na terra fria carregado de ferros, sem lhe permittir algum remedio de medicina; por cuja pregaçaõ, e doutrina, foi reduzido á fé catolica Domingos Fernandes, arrenegado portuguez, o qual naquella cidade era muito rico, e tinha muita autoridade com os mouros; o qual tocado da compunçaõ de seus erros, e alumiado da luz divina, naõ sómente se vêo fugindo a Portugal, mas trouxe consigo todos os cativos, que pôde salvar, tendo-lhe primeiro frei Thomé havido perdaõ delrei dom Henrique do crime da apostasia, o qual foi negociado por seu irmão, Alvaro Pires de Andrade. Dalli foi levado a Marrocos, por mandado do Xarife, onde andava com liberdade, e no habito de sua ordem, dizendo missa cada dia na Sagena dos cristaõs, pregando e ministrando-lhes os sacramentos com muita caridade, e socorrendo-lhes as nécessidades espirituais, e temporaes. Com alguns judeos teve disputas, e por escrito as teve com hum, que apostatou a nossa santa fé catolica, onde com muitas autoridades e efficazes rezoens lhe mostrou a falsidade de seus erros, e o resplendor da lei da graça promulgada de Cristo, e a moisaica derogada de seu antigo vigor. Pousava frei Thomé com o embaixador dom Fran-

cisco da Costa, onde acabou gloriosamente com fama de santidade. Foi este religioso irmão do famoso doutor, Diogo de Paiva de Andrade, o qual com sublimadas letras, e fama de abalizado prégador, tem celebre nome em toda a cristandade, e ajudado a igreja catolica com doutos livros, nos quais têm confundido os erros dos contumazes herejes, principalmente do heresiarca Henrique, contra quem escreveo, tendo primeiro mostrado seu delicado engenho no Concilio Tridentino, onde esteve presente por mandado delrei de Portugal, deixando nelle a fama que suas letras e prudencia mereciaõ. Por este, e os mais religiosos de que temos fallado, com outros muitos, que lá se acháraõ depois da batalha, permittio Deos de seu nome se tivesse noticia nos barbaros entendimentos, e suas virtudes resplandessem tanto com eterna fama, ainda diante daquelles que não conhecem seu nome, pera o que as reliquias de seus ossos estaõ chamando pela misericordia divina, que com a luz de sua fé espalhe as trevas espessas postas de continuo sobre aquella barbara gente, sem verem o sol da justiça, nem conhecerem os erros de seus abominaveis vicios, introduzidos por astucia do demonio, o qual naquellas partes reina com absoluto imperio de engano, e errores: dos quais santos o odôr das antigas virtudes, e o resplendor de sua caridade, está dando suavidade a Deos na eterna gloria, e na terra deixando immortal memoria.

*Como elrei mandou a dom Rodrigo e a frei Roque resgatar os cativos. Capitulo.*

*LXXXVIII.*

Tanto era o zelo da caridade delrei dom Henrique em todas as obras pias, em as quaes antes, quando havia sido prelado, era exercitado, com singular exemplo de todas as virtudes, que sendo persuadido dos padres da companhia das obrigaçoens de seu estado em socorrer aos cativos, logo con-doendo-se do seu miseravel estado, com perigo de alguns apostatarem, com afronta da fé catolica, e perda das suas almas, com todo o cuidado procurou com muita diligencia acodir como se atalhassem estes males, e outros que o cativeiro tem; pera o qual mandou a Cepta a dom Rodrigo de Menezes, que depois foi governador da casa do civel, fidalgo velho e honrado, pera que com frei Roque, que lá estava, tratasse de acodir com dinheiro aos fidalgos, que estivessem desconhecidos, antes de os mouros terem noticia de suas qualidades, e alevantarem o preço, e assim todos os mais que não tivessem possibilidade, e dessem ordem com effeito a seus resgates; mas pera que isto se fizesse com menos despesas, das mui grandes e necessarias a tantos cativos, ordenou elrei mandar o dinheiro empregado em roupas da India, e lá se venderem, com a que chegasse a maior numero de cativos; e

pera beneficio e meneio desta fazenda mandou elrei por feitor a Afonso Gomes de Abreu, e Joaõ Martins Gago tesoureiro, e vendendo-a em Cepta, houvessem conta com receita e despesa. O emprego que foi de Lisboa, da fazenda delrei dom Henrique e da redempçaõ geral dos cativos, forãõ cento e desasete mil cruzados, os quais beneficiados importãõ, com o procedido, mais de tresentos mil cruzados. Com este emprego partiraõ daqui Affonso Gomes de Abreu e Joaõ Martins Gago, excepto mais de oitocentos mil cruzados, que levãõ em dinheiro de contado, e joias riquissimas de ouro, prata, perolas, pedras, e outras peças de muito preço, de partes; as quais mandavaõ pessoas que lá tinhaõ cativos, pera seus resgates, como as mãis aos filhos, as mulheres aos maridos, e os parentes aos parentes, em os quais se mostrou estranho amor natural, e grande zelo da cristandade, na facilidade com que vendiaõ as fazendas, e as angustias de as mandarem a Berberia. O modo que se tinha neste resgate era, que dom Rodrigo de Menezes e frei Roque, com os outros officiaes, despachavaõ e consultavaõ a ordem que se devia ter na distribuiçaõ daquelle dinheiro pera effeito do resgate, do qual acodiaõ a alguns fidalgos pobres, e a outros, que naõ eraõ descobertos, pagavaõ o preço em que eraõ talhados, antes que descobrindo-se o viessem a levantar; e assim alguns, posto que es-

tivessem tallhados, e tivessem dinheiro pera pagar junto, se lhes faltava algum, o pagavaõ com obrigaçoens dos que tinhaõ posse pera o pagarem; mas o que mais geralmente faziaõ deste dinheiro era resgatar aos pobres, faltos de quem os socorresse, e assim a muitos, que os mouros traziaõ a vender, por muitas vias; huns de que eraõ senhores, e outros que, hindo fugidos, os guiavaõ, e lhes satisfaziaõ conforme ao merecimento de seu trabalho. Houve elrei por seu conselho ter este modo de resgate, mais proveitoso ao bem commum do reino, donde se haviaõ de tirar tantas despezas de dinheiro e alfaias, do que ao particular dos cativos; por que desta maneira os miseraveis tinhaõ alli remedio de piedade, e os ricos custariaõ menos, e escusavaõ outras despezas de pessoas, que deviaõ mandar negociar os tais resgates, arriscando-se ainda o dinheiro que a isso mandassem, por a verdade dos homens, a que fosse entregue, poder corromper-se, como pelos perigos do caminho e már, onde podia ser salteado de ladroens ou cossairos, e correndo o resgate, como correo, pelos officiaes que elrei a isso mandou, havia as commodidades mais convenientes, e evitavaõ-se os perigos evidentes. Além do dinheiro que Affonso Gomes de Abreu e Joaõ Martins Gago leváraõ, quando partiraõ em hum galeaõ da armada com algumas caravelas que os acompanháraõ em guarda de cossairos, depois de lá

estarem mandou elrei mais vinte mil crusados de contado, e desasete de emprego da mesma roupa, e assim outro muito dinheiro e riquissimas peças de ouro e prata, pedras e perolas, de mui excéssivos feitios, com outras peças de sedas, colxas e alcatifas de toda a maneira, de pessoas particulares, pera se darem a troco do resgate, ou se venderem aos mouros ou judeos, onde entã estava todo o dinheiro de Portugal, e no reino naõ haver quem comprasse, antes todos andarem vendendo, as quais foraõ assim neste galeaõ, como quando antes foi Affonso Gomes de Abreu, a cujo beneficio hia tudo comettido, pera lá responder a cada hum com o seu, no que resplanceceo grandemente a cristandade delrei dom Henrique, no zelo de acodir aos perigos das almas de muitos, e no amor e compaixaõ do seu povo, affligido em duro e aspero cativeiro dos barbaros imigos, os quais, com tiranias e crueis tormentos, se cevavaõ com odio nas carnes rasgadas de açoutes daquelles infelizes cativos, querendo assim trazer huns com tormentos a arrenegar da fé por apostasia, e a outras obrigar a descobrirem se eraõ fidalgos ou de calidade que pudessem resgatar-se, e quanto mais constasse a valia da pessoa, tanto mais a elles crecesse o interesse que disso esperavaõ, das pessoas a quem tocavaõ e feriaõ o coração os avisos do aspero cativeiro de alguns, desentranhando-se com compaixaõ, e rompendo por

todas as difficuldades. Podia tanto o amor e diligencia, que fazia a muitos vencer impossibilidades, nunca nas necessidades proprias tentadas; por que o preço mais infimo dos fidalgos era de quatro mil cruzados, e dahi pera cima, como entendiaõ que tinhaõ posses. Martim de Castro dos Rios, pela fama de sua riqueza, foi cortado em quinze mil cruzados o primeiro preço, afora a quebra do dinheiro, e outras despezas, que chegou a desasete mil cruzados, e o mais infimo cristaõ não descia de cem cruzados. Dahi a alguns dias mandou elrei chamar dom Rodrigo, e ficáraõ frei Roque, Afonso Gomes de Abreu, e João Martins Gago com o menêo do resgate, com conselho de todos tres.

*Como elrei dom Henrique mandou por  
embaixador ao Xarife dom Fran-  
cisco da Costa. Capitulo  
LXXXIX.*

Hum dos avisos que Belchior do Amaral mandou a elrei, quando vêo a Tangere, como atraz fica dito, foi que devia mandar embaixador ao Xarife, pera tratar o negocio do resgate de tantos fidalgos, porque se entendia d'elle dezeja-lo, e seria este muito acomodado mêo de correrem com suavidade, pois os homens sem liberdade não podiaõ tratar bem o que tanto importava, e mais ainda se parecessem esquecidos delrei: ajun-

lava-se tambem a isto mandar o Xarife por todos os seus reinos notificar com graves penas a todos os mouros, e fazer pesquisas, que lhe fossem levados todos os fidalgos cativos, ao que mandava mouros de confiança, e que onde os achassem os trouxessem á corte, onde elle estivesse, dos quais contractáraõ com o Xarife, por mção do Achahiac e Hamet-Taba, oitenta, que davaõ de seu resgate quatrocentos mil crusados, e mandáraõ ao reino dom Duarte Castelbranco, meirinho mor, dom Fernando de Castro, dom Jorge de Menezes, dom Miguel de Noronha e Luis Cesar provedor dos almazens, a darem conta a elrei deste contracto, e a applicar dinheiro, que se havia de ajuntar pelas fazendas de cada hum dos cativos deste numero, pera sabirem do cativeiro, com a satisfaçaõ que de Portugal lhes havia de hir: por estas causas movido elrei a mandar embaixador, foi eleito Diogo Botelho, por ser homem muito experto nos negocios, e mui honrado e prudente fidalgo; mas Deos, que tinha determinado dar outro castigo a Portugal, não permittio hir elle, pois havia de ser principal instrumento d'elle, como foi no levantamento, e mais favor que deo ao senhor dom Antonio, pela muita amizade que tinhaõ de criaçaõ: de maneira que não havendo effeito a embaixada com Diogo Botelho, mandou elrei chamar dom Francisco da Costa, e o encarregou de embaixador de Berberia, fazendo-lhe por isso mui-

tas mercês e honras, pera o obrigar a aceitar este cargo. Posto dom Francisco da Costa ao caminho, levava o dinheiro, que era junto, dos oitenta fidalgos, e outro muito de partes, e com hum mui rico presente ao Xarife e a outros alcaides, seus privados, se embarcou em hum galeão, com outras caravelas em conserva, pera guarda das riquezas que hiaõ encher a Africa, ficando Portugal despojado; o qual, desembarcando em Mazagaõ, partio pera Marrocos, com guarda de mouros, que lhe asseguráraõ a pessoa e o dinheiro, pelo interesse que o Xarife disse tinha, em companhia do qual foraõ frei Antonio de Santarem, e frei José, frades da ordem da Trindade, pera lá ajudarem os cativos em seus resgates, e necessidades corpõraes e espirituaes; e como do numero dos quatrocentõs mil crusados, dos oitenta fidalgos, faltavaõ cento e vinte mil, por commissõens que o embaixador levava delrei, ficou por fiador delles, com o que os fidalgos logo foraõ postos em liberdade, e se viáraõ a Portugal; mas, como os homens chegaõ a ter o repouso, de que dantes careciaõ, esquecidos dos trabalhos passados, muitas vezes acontece esquecerem-se das obrigaçoens naturaes, e da gratidaõ devida aos que se arriscáraõ por seu bem. Digo isto, porque tanto que os fidalgos se viáraõ em suas casas, postos em liberdade, como eraõ muitos, desculpando-se cada hum a si, e lançando qualquer nota á conta de todo aquel-

le corpo, fizeram pouca diligencia de contribuir as dividas, pelas quais ficava empenhado dom Francisco da Costa; e a causa desta dilacão ser mais morosa foi a morte delrei dom Henrique, o qual com muito calor e diligencia mandava prover nestas cousas, e executar os devedores, principalmente neste negocio dos oitenta, dos quais dom Francisco da Costa estava obrigado; mas como em sua morte succedessem os governadores, embaraçados em negocios graves da successão do reino, não podiaõ com tanta brevidade deferir a se ajuntar o dinheiro, e logo se seguissem as alteraçoes do alevantamento do senhor dom Antonio, com as guerras do exercito de elrei de Castella, não houve effeito o pagamento dos cento e vinte mil cruzados; mas estando a real magestade delrei Philipe pacifico no reino, por fazer mercê aos devedores daquelle dinheiro, e muito mais por libertar ao embaixador, lhe fez mercê de cincoenta mil cruzados, dos cento e vinte mil que em hum dos capitulos que confirmou em Thomar, havia promettido pera o resgate dos cativos no desbarate delrei dom Sebastião, os quais empregados em roupa fossem levados a Cepta, e ahi vendidos, e com o procedido (que se esperava ser muito) fosse o Xarife pago, e dom Francisco desobrigado. A este negocio foi mandado a Cepta, por feitor desta fazenda, Jacome de Oliveira, contador dos contos do reino, onde fosse vendi-

da, ou levada a Marrocos pera se lá vender. O Xarife, vendo como a diligencia que se fazia da negociação da fazenda era pera effeito de se dom Francisco desobrigar, disse que não queria tomar a roupa, nem que os mouros a comprassem, senão nos pregos de Portugal. Com estas duvidas e outras não houve effeito a venda da fazenda, que estava em Cepta, até della se tirarem quatorze mil cruzados pera resgate de muitos cativos, que foraõ cativos em Cepta, com que mais se dilatou a liberdade do embaixador dom Francisco da Costa. Foi o caso, que correndo os turcos com nove galés pelo estreito, o anno de oitenta e tres, usáraõ de um ardil de muita sagacidade, onde fizeram huma grande preza da gente de Cepta: escondendo-se pois sete galés em parte onde não eraõ vistas, se descobriãõ duas no estreito, fingindo que hiaõ seguindo huma setia (que elles tinhaõ tomado, e nella armãraõ a negaça) e ella se hia acolhendo a Cepta, e pera que o engano fosse demonstração de mais verdade, hiaõ as galés esbombardeando-a sem lançar peloiros, e a setia defendendo-se da mesma maneira, e mostrava que por se hir recolhendo á fortaleza tomava animo com o socorro, esperando-os. Os cavalleiros de Cepta, compadecendo-se da setia, presumindo serem cristãos, a quem tinhaõ obrigação ajudar e socorrer em tal perigo, com animo acceso de vingança dos turcos, se embarcãraõ em hu-

mas caravelas, que no porto estavaõ, e se fo-  
raõ a socorrer a setia, que com fingimentos  
de engano encobria a tirania escondida.  
Tanto que as caravelas dos cristãos chegá-  
raõ a ella, começou a volver as armas a  
elles, fazendo corpo com as galés que a  
seguiaõ, e com as sete que logo acodiraõ,  
das quais os cristãos foraõ de improviso cer-  
cados e salteados de todas as partes; os  
quais postos no perigo descoberto, donde já  
naõ podiaõ sair a seu salvo, determináraõ  
pelejar até morrer, o que fizeraõ com tan-  
to esforço, que até serem rendidos e esbom-  
bardeados das galés, e entrados á espada com  
figual destroço dos turcos; onde morrerãõ  
trezentos homens, e foraõ cativos muitos,  
dos quais logo se fez resgate de quatorze  
mil cruzados, que se pagáraõ da fazenda as-  
singada pera liberdade de dom Francisco da  
Costa, o qual ainda nesta era de oitenta e  
seis está em Marrocos, e naõ he acabado  
de juntar o dinheiro porque está obrigado.

*Como elrei dom Philippe de Castella man-  
dou pedir ao Xarife o duque de Bar-  
cellos e outros senhores portuguezes.*

*Capitulo XC.*

Naõ se deixou muito encobrir o zelo da  
religiaõ cristã, que a real magestade do ca-  
tolico rei dom Philippe de Castella tinha em  
seu peito, quando condoendo-se do estado  
do cativoiro do povo cristão (ainda que os

mênos eraõ seus vasallos) quiz tambem com sua liberalidade ajudar a levar o peso de tantas despezas de Portugal, taõ affligido com as perdas de tantos homens, e agora das fazendas dos vivos, das quaes por seus resgates ficáraõ despojados: considerando pois sua magestade o que devia á igreja catolica, como cristaõ, e á sua dinidade real, ornada de todas as virtudes, mandou por embaixador ao Xarife a Pero Vanhegas, o qual juntamente com o padre Martin, homem de muita virtude e negocio, practico nas cousas de Berberia, tratassem do resgate dos castelhanos, que no desbarato foraõ perdidos: mas porque dom Theodosio duque de Barcellos, filho do duque de Bargaça, e dom Francisco Portugal filho maior do conde de Vimioso, e o conde de Portalegre mordomo-mór, embaixador delrei de Castella, estavaõ cativos em Marrocos, mandou sua magestade aos seus embaixadores fizessem instancia ao Xarife lhe quizesse dar estes cativos. Pero Vanhegas, naõ se descuidando no que lhe era mandado, fez toda a diligencia possivel, até effectuar o que pertendia do Xarife, e foraõ dados os senhores acima nomeados; os quaes, pondo tambem muita diligencia da sua parte, com peitas e dadivas aos mouros, por quem os negocios e favores corriaõ, puderãõ mais facilitar os inconvenientes e duvidas, que os mouros cobigosos e de pouca verdade cada dia acrescentavaõ; e como elles,

nem inda o rei, sejaõ de espiritos grandes pera fazer liberalidades, quando por alguns respeitos, que não podem escusar em publico, fazem alguma demonstração de virtude, elles mesmos em secreto trabalhaõ pôr inconvenientes como se inhabilitem, pera desculpa da pouca fé; por isso, vendo os embaixadores de sua magestade quaõ usado isto era nòs mouros, e com quanta difficuldade negociavaõ as cousas graciosas, não tinhaõ por mal os mesmos cativos ajudarem da sua parte a atalhar os intentos dos mouros, fundados em cobiça. Postos estes senhores em liberdade se viéraõ por Espanha, a quem elrei de Castella mandou fazer muitas honras, as quais depois o conde de Vimioso pagou mal a sua magestade, assim pela mercê de o resgatar, como em o fazer com tanto amor, tendo muito respeito á sua pessoa; porque a primeira cousa que fez chegando a Portugal, quando as alteraçoes das guerras se começavaõ a mover, e os aparatos a apetrechar, não sómente não usou da gratidaõ devida ás mercês de sua magestade, em ajudar a quietar as cousas publicas, como elle entranhavelmente dezejava, mas deo muito azo a ellas se mais alterarem, até finalmente se vir a declarar por publico inimigo delrei, alevantando bandeira contra elle em seu exercito, como no processo da historia mais largamente se dirá. O embaixador Pero Vanhegas, por comissaõ que tinha de sua magestade, sa-

bendo como Fernão da Silva, prégador del-rei estava em Alcacere-quivir cativo, já convalecido das feridas que teve, lhe mandou dizer como tinha recado de sua magestade pera o resgatar. Fernão da Silva, posto que estimou muito a mercê que elrei lhe fazia, e a agradeceo como ella merecia, não aceitou, por rezaõ de já estar contractado com o Xarife, em modo que não podia deixar de sair por esse mêo; porque havendo dom Duarte de Menezes capitão de Tangere, seu cunhado, pouco tempo antes da batalha, cativado quasi toda a gente do aduar de Talemaco, onde estava huma mulher e huma filha e hum filho e outros sobrinhos e parentes seus, por contracto, que dom Duarte fez em Marrocos com o Xarife, sollicitando o alcaide de Talemaco, homem de muita valia com elle, e todos os alcaides, estava assentado fosse Fernão da Silva resgatado por vinte e duas pessoas dos mais chegados ao Talemaco, como de feito assim se effectuou; os quais dom Duarte seu cunhado lhe deo por preço de cinco mil cruzados.

*Do caliveiro que os Portuguezes passaram  
em Berberia. Capitulo XCI.*

Não me parece dessemelhante comparação, nem presunção mui alhêa de rezaõ, ter que todas as prosperidades, assim da dinidade real, como das riquezas do despojo da

batalha e resgate do cativo, que Mulei-Hamet, que ora reina em Berberia, possui com grande prosperidade e abundância, lhas deu Deos pelo bom tratamento que havia de fazer aos cristãos portuguezes, como deu a Ciro, pelo favor que havia de dar ao povo dos Israelitas: e posto que alguns mouros particulares dessem graves tormentos a alguns cristãos, a fim de se porem em liberdade, e assim grangearer mor interesse, todavia o Xarife se fez senhor dos fidalgos, (tomando-os aos mouros que os tinhaõ, ou fosse por lei ou tirania) e os tratou com muito primor e brandura; porque, antes que se elles cortassem em seus resgates, e os oitenta se contractassem nos quatrocentos mil cruzados, ordinariamente lhes mandou de comer, carneiro, galinhas, e outras iguarias em muita abundância, como elles puderaõ ter em suas casas; e como os fidalgos todos pousavaõ na judearia, nas casas com os mesmos judeos, mandava o Xarife aos judeos lhes dessem de comer, na maneira acima dita, e as despesas que fizessem, conforme a porção e regra que estava taxada; lhes fossem levadas em conta do tributo, que saõ obrigados pagar; mas depois de se contractarem, e tratarem no preço do resgate, cessou o Xarife desta obrigação. Além desta grandeza, fez o Xarife outra, em dar liberdade a todo o fidalgo (que dava outro por fador) andasse pela cidade, como e quando quizesse, sem limitação, esse aposen-

tasse na judearia, onde mais lhe aprouvesse. Com esta franqueza se fiavaõ huns aos outros, e todos alcançavaõ tanta liberdade, como poderiaõ ter na corte de Portugal; porque, além de pousarem e passearem livremente onde queriaõ, sem mouro algum lho impedir ou os guardar, viviaõ com tanta opulencia e fausto no tratamento de suas pessoas, como homens que estavaõ senhores da terra, e além de cada hum ter sua pousada em casas muito fermosas de judeos, com ricas camas e tapeçarias, gastavaõ mui esplendidamente em vestir mui ricas sedas, e jogar e comer, fazendo maiores despezas que em Portugal: assim huns se mandavaõ prover de dinheiro de Portugal por letras, outros o tomavaõ dos judeos com assinados de lhes pagarem; o que os judeos faziaõ com maior confiança, do que o fizeraõ os mercadores de Lisboa, antes de haverem partido pera Africa. Com esta liberdade e magnificencia se tratavaõ os fidalgos, e os que tinhaõ posse, com jogos e banquetes, huns cristaõs aos outros, e alguns alcaides aos fidalgos; mas porque os fidalgos tivessem cristaõs que os servissem a modo de Portugal, se sabiaõ de alguns criados seus ou pessoas de obrigação, mandavaõ-nos pedir aos senhores delles, tomados sobre sua palavra, o que os mouros naõ sómente faziaõ com muita confiança de sua verdade, mas com alegria de lhes escusar as despezas delles, com certeza de resgate; e em Fez, on-

de os fidalgos quasi todos se ajuntáraõ, resplandeceo hum primor e ufania nelles, no tratamento acima dito, que parece foi o mais novo genero de cativeiro que houve no mundo, naõ digo antre barbaros, mas ainda antre cristaõs mui polidos. De maneira se enxergou a grandeza dos fidalgos entre os barbaros com primor e liberdade, que além de tomarem sobre sua palavra muitos cativos, e resgatarem alguns, tinhaõ em suas pousadas ordinariamente muita gente, a que davaõ de comer e vestir, e supriaõ muitas outras necessidades, com que se aliviava o cativeiro de quasi toda a gente que estava em Fez, e dos que depois estiveraõ em Marrocos, onde foraõ os fidalgos que naõ entráraõ no contracto dos oitenta, e alguns do mesmo numero por alguns negocios tocantes a seu resgate. O mesmo estilo que o Xarife teve com seus cativos, tiveraõ os alcaides de outros lugares com aquelles que conheciaõ por fidalgos, ou homens honrados, nos quais sobre suas palavras davaõ toda a liberdade, ainda pera se virem a Portugal alguns, ficando lá outros por fiadores.

*Como em Fez e em Marrocos tinhaõ os cristaõs missa e pregaçaõ, e outros mais officios divinos. Capitulo XCII.*

O que ainda mais resplandeceo no cativeiro dos cristaõs em Fez e Marrocos, pera honra de Deos, e prova de elle favorecer o

Xarife, como atraz dissemos, foi a licença que elle deo de se celebrar o culto divino, o qual se fazia com muita solenidade dos ministros, e devaçã dos ouvintes, e com isso se consolavaõ as almas dos devotos com alegrias espirituais, e as dos pecadores com esperanças de divino socorro em suas opressões; por que, além de se dizerem cada dia na sagena missas resadas e cantadas, as quais os cristãos ouviaõ com muita devaçã, rezando huns o officio divino, outros as coroas de nossa senhora, e outros por contos, havia tambem prégaçoens, com que eraõ animados a soffrer o cativoiro que padeciaõ, e a ausencia de suas mulheres e filhos. Nas coresmas e alguns outros dias pregava o padre frei Vicente da Fonseca, da ordem dos Pregadores, que foi arcebispo de Goa, o doutor Peto Martim da companhia de Jesu, que se perdeu hindo á conversã dos gentios da India, na nao Santiago, onde Fernam de Mendonça hia por capitãõ mór; frei Thomé de Jesu, irmaõ da condeça de Linhares, religioso de santo Agostinho, e frei Luiz das Chagas, frade de S. Francisco; os quais e outros sacerdotes, seculares e regulares, que lá havia, mui frequentemente ouviaõ de confissã a todo o genero de cativos, administrando-lhes o santissimo Sacramento da Eucharistia; cujos exercicios naõ somente consolavaõ aos cristãos, com effeito e fructo da graça que recebiaõ em suas almas, mas ainda em verem o nome de

Cristo venerado, e os Sacramentos frequentados no mêo do paganismo, com admiração dos barbaros, que não tinham luz de fé para enxergarem sua virtude, nem se aproveitarem de seu fructo. Com tanta liberdade chegáraõ os cristãos portuguezes a continuarem com o culto divino, que fizeraõ os officios das endoenças, cantando com canto de orgão e fallas mui estremadas, assim nas missas, como paixões e lamentações, não faltando nada ao ornamento exterior, que se requeria, do sepulcro onde se encerrou o Santissimo Sacramento, o qual esteve encerrado, por não haver outra oportunidade de custodia, em hum calix dourado, o qual Martim de Castro dos Rios resgatou em Fez das mãos dos mouros, com huma grande quantidade de reliquias de ossos de muitos santos, que em Lisboa eu tive nas mãos: mas por que não faltasse nada nas ceremonias e costume, que a santa madre Igreja tem nestes dias, ordenáraõ os cristãos huma procissão á quinta feira d'endoenças á noite, onde houve muitos disciplinantes, que derramavaõ sangue das carnes que rompiaõ com os agoures, e lagrimas de devação pela compunção do coração; entre os quais com a lembrança da paixão de Cristo, ajudada com a presença de seu estado de cativo, se levantou hum grande pranto de lagrimas e suspiros, que sahiaõ do intimo do coração, pera que Deos se apiedasse delles, assim no perdaõ dos pecados; como na liberdade

das prizoens: e porque em tudo se conformassem com a significação dos mysterios dos tempos que a Igreja celebra, ordenárao a manhã da resurreição fazer proeissão mui alegre, com que os cristãos recebiao não menor consolação, com louvores de Deos, e acção de graças do que haviaõ recebido, com gemidos de contrição. Desta maneira andavaõ os cativos taõ alegres n'alma, que temperavaõ a tristeza dos infortunios das mortes dos seus e do cativoiro proprio, com as consolaçoens da divina providencia, que do ceo lhes eraõ rociadas; os quaes, occupados nestes santos exercicios, andavaõ mais reformados nos bons costumes do que andavaõ em Portugal, e pera mais crescer a devaçãõ tinhaõ confrarias do Santissimo Sacramento e outros santos, com mordomos e confrades, que ajudavaõ com esmolos a fazer as despezas dellas, pera com isso o culto divino ser mais solenemente celebrado. Não faltavaõ a estas obras outras muito pias, de sepultar os defantos, visitar os enfermos, e suprir com esmolos as necessidades de muitos cristãos, que padeciaõ miserias, que em tal estado deviaõ ser muitos.

*Como o padre Amador Rebello da  
Companhia de Jesu foi a Argel  
resgatar cativos. Capitulo  
XCIII.*

Como os portuguezes, cativos em Africa na batalha, eraõ mais de quinze mil, dos quaes alguns naõ tinhaõ possibilidade de pagar o resgate, nem pessoas em Portugal que lho pudessem dár, desenganados com isto os mouros senhores delles, tratáraõ de os vender em diversas partes de Berberia: mas, por que Argel he o lugar, onde ha a principal escala de cativos, por os turcos dalli comumente viverem deste tracto, foraõ muitos vendidos para aquella parte. El-rei dom Henrique, que estava determinado com áceso-zelo socorrer ao miseravel estado do cativeiro dos portuguezes, em todas as partes, onde fossem achados, depois de ter bastantemente provido em certo modo no resgate de Africa, como atráz fica dito, ordenou mandar a Argel alguns religiosos, a tirar os que lá achassem; e, como elle sabia, quanto zelo os padres da companhia de Jesu tinhaõ na salvaçaõ das almas, e quanto sem temorse arriscavaõ a todos os perigos, onde podiaõ achar trabalhos de merecimento, e coroa de martirio, por esta empresa ser assás trabalhosa, segundo a crueldade dos turcos, pedio aos prelados quizessem dar alguns padres sufficientes pera

esse cargo. Os padres da companhia, posto que nunca recusassem semelhantes empresas, antes muito as procurem com acêso fervor de caridade, nesta se escusaraõ com todas as forças, por este exercicio do resgate dos cativos ser proprio dos religiosos da Santissima Trindade, os quais, além de terem dado grandes exemplos de virtude nestes exercicios, com ornamento da igreja catolica e confusaõ dos barbaros, assim no soffrimento dos trabalhos e affrontas das proprias pessoas, como na edificaçaõ das almas, e soprimento das ajudas corporaes dos cativos, a experiencia, que tinhaõ deste commercio, os fazia mais sufficientes pera este cargo. Elrei, que bem entendia isto, não dististio de sua petiçaõ e intento, vendo quaõ derramados os padres da Trindade andavaõ em Berberia, no exercicio de resgatar os cativos das mãos dos barbaros, e as almas dos demonios, que os persuadiaõ a apostatar; por tanto insistio elrei fossem alguns padres da companhia ajudar a carga aos religiosos da Trindade. Assignaraõ pera isso Amador Rebello com hum companheiro, ao qual elrei mandou dar quatorze mil cruzados, pera resgatar os pobres. Partido Amador Rebello, se foi embarcar a Valença, onde empregou os quatorze mil cruzados, e com o procedido delles fez em Argel desasete mil, e com o ganho creceu o numero dos que haviaõ de ser resgatados; mas como esta viagem era tanto do serviço

de Deos, e merecimento dos obreiros de tal exercicio, quiz o Senhor mostrar sua virtude, em mção dos mais evidentes perigos; por que navegando por aquella travessa do mar, que he entre Valença e Argel, foraõ com ventos taõ escacos e contrarios á viagem, que foi o navio, por força dos ventos e corrente das aguas, levado á costa; o qual entrando em huma estreita enseada, a modo de beco, onde difficilmente sé podia revolver, e já com a popa começava a tocar em terra em humas asperas rochas, de que era cercada, desconfiados os mareantes da salvaçõ do navio em tal estado, e muito mais das pessoas, pelos rochedos em que cahiaõ, fazendo da necessidade virtude, despreguraõ as velas, e posta a prõa aos ventos, que entravaõ furiosamente pela boca da enseada, aprouve a nosso Senhor, contra o curso natural, o navio se sabisse do perigo presente, humanamente desconfiado. Outro caso, naõ menor que este, lhe aconteceu, hindo huma noite chuivosa e nublada, correndo todas as velas metidas e enfunadas com vento riço, descuidados de pôrem vigias pela grande escuridade, subitamente se abriã as nuvens, e appareceo o esplendor da lua, e lhe mostrou huma rocha, onde hiaõ dar com a proa do navio, de que estavaõ comprimento de huma lança: alevantada grande grita nos mareantes, como em tais perigos acontece, parece que foi cousa milagrosa, que estando as velas enfunadas com o ven-

to que levavaõ em popa, se teve o navio, e de improviso deo volta ao már, e entrou em viagem taõ seguramente como antes vinha buscar o perigo, o qual acabado, se tornáraõ as nuvens a cerrar e fazer as mesmas trevas, como antes fazia: os quais casos o padre Amador Rebello me contou por milagrosos, e achou em Valença, por informação certa, naõ haver memoria de homem que navio algum que fosse a Argel se perdesse, nem fosse cativo, sendo aquelle már de semelhantes perigos. Continuando pois Amador Rebello sua viagem chegou a Argel, onde com grandes trabalhos e afrontas da pessoa, e maiores agonias do espirito, pela inconstancia e pouca verdade daquelles barbaros, effectuou o resgate, com que tirou de cativeiro a muitos, os quais, além dos trabalhos do corpo, estavaõ em grande perigo de apostatar.

*Como frei Dionisio e frei Matheus, padres da Trindade, foraõ ao resgate de Argel. Capitulo XCIV.*

Naõ carece de consideraçã vêr a Providencia divina, quanto se estendeo na redemçaõ dos cativos de Africa; porque, assim como aquelle povo foi levado a sacrificar <sup>en</sup> por culpa de hum rei confiado em seu esforço, e enganado em seus intentos, permittio Deos mollificar os coraçoes dos principes pera se compadecerem de seu cativeiro, causado por

obediencia de seu rei, que sabiaõ os levava a este estado, e a outro peõr da morte: porque, depois da catolica magestade delrei Philipe estar em posse de Portugal, ouvindo as lastimas das mãis, e mulheres, de alguns cativos, que estavaõ em Argel, e naõ podiaõ sahir de seu áspero cativeiro por a falta de resgate, condoendo-se do estado mísero de hunos, e affliçaõ do animo de outros, procurou logo prover a estas necessidades taõ urgentes, pera o qual, pedindo ao principal da Trindade elegeisse religiosos pera hirem a Argel a fazer o resgate das reliquias, que ficáraõ dos cativos na batalha de Africa, e outros, que mais achassem, foraõ nomeados pera esta jornada os padres, frei Dionisio, e frei Matheus, aos quaes, porque haviaõ de hir embarcar a Valença, passou elrei provisoens pera lá lhes serem logo dados vinte mil cruzados, que eraõ á conta dos cento e vinte mil, que elle prometteo pera resgate dos cativos, nas capitulaçoens, que confirmou nas cortes de Thomar: além deste dinheiro, muitas pessoas particulares, que tinhaõ alguns parentes em Argel, deraõ aos mesmos padres dinheiro, que importava quatro mil cruzados, pera resgate das pessoas, pera que hia dirigido. Postos em caminho os padres, frei Dionisio, e frei Matheus, como levavaõ as provisoens delrei pera os officiaes de sua magestade lhes fazerem pagamento dos vinte mil cruzados em Valença, deraõ em Lisboa tam-

bem o dinheiro das partes a mercadores, pe-  
 ra lhes passarem letra pera em Valença o  
 cobrarem, por escusarem os perigos, e des-  
 pezas do caminho; e tanto que os padres  
 foraõ em Valença, cobraraõ o dinheiro das  
 provisoens de sua magestade, e o das letras  
 dos mercadores, e tratáraõ de fazer sua via-  
 gem, pera o que fretáraõ hum navio, dan-  
 do-lhe hum tanto por cada mez; porque,  
 como levavaõ aviso da cobiga dos turcos, e  
 da sagacidade, que elles usavaõ no negocio  
 do resgate pera seus interessès, foraõ os pa-  
 dres aconselhados naõ levassera da primeira  
 viagem todo o cabedal pera o resgate, por-  
 que os turcos naõ alevantassem o preço dos  
 cativos, pela grande quantidade de dinheiro  
 que lhes sentissem, antes, dezejando cada  
 hum de vender os seus, se acomodassem ao  
 pouco dinheiro, que os padres mostrassem.  
 Desta maneira, levando parte do dinheiro  
 empregado em roupas, e outras mercadorias,  
 o gastaraõ todo nos cativos, a que chegou,  
 com os quais vêo frei Dionisio a Valença, e  
 frei Matheus ficou em Argel. até frei Dio-  
 nisio chegar com o resto do dinheiro, que  
 tornáraõ a empregar no resgate, com que  
 ambos voltáraõ a Espanha, com muitos ca-  
 tivos libertados, os quaes dando conta a  
 sua magestade, do que tinhaõ feito, fez si-  
 gnificação de muita alegria, por vêr o servi-  
 ço de Deos, que se fizera na redenção dos  
 cativos, tirados d'antre infieis, e postos dos  
 muros da igreja santa a dentro, onde fica-

vão seguros das mordeduras das venenosas serpentes, que continuamente procuravaõ fazer-los apostatar de sua santa fé catolica, que tinhaõ recebido no gremio da santa madre igreja.

*Como elrei de Castella mandou visitar a elrei dom Henrique pelo duque de Ossuna, e outros homens que mais mandou pera pertençaõ da successaõ. Capitulo XCV.*

Elrei dom Philippe de Castella, que com a nova da morte delrei dom Sebastiaõ, seu sobrinho, não teve menos nojo, que elrei dom Henrique de Portugal, se encerrou, e tomou dô com toda a sua corte, e lhe mandou fazer as exequias funeraes, com grande pompa, e multidaõ, de suffragios, de missas, oraçoens, esmolas, e outras obras desta maneira; mas, posto que elle tivesse assás necessidade de ser consolado da magõa da morte delrei, seu sobrinho, mancebo de grandes esperanças de virtudes reaes, e ser visitado pela rezaõ de parentesco, que lhe cabia, não quiz elle faltar algum ponto nos cumprimentos devidos á sua dinidade real, pera o que ordenou mandar visitar a elrei dom Henrique da morte delrei dom Sebastiaõ, e juntamente do novo ceptro, que recebia com os reinos de Portugal: mas, como elrei de Castella via, que elrei dom Henrique havia forçadamente tratar da successaõ dos reinos, nos quais elle pretendia

ter mais direito, que todos os pretendores, por ser neto varão, e mais velho, delrei dom Manoel de Portugal, determinou pera isso eleger pessoa, que pudesse ficar tambem em Portugal, assistindo aos negocios, que se offerenciaõ, de tanta importancia; e, pera que se fizesse com mais suavidade, e com paz, e quietação, que elle muito desejava, elegeo Dom Pedro Giraõ, duque de Ossuna, que assistisse em seu nome em a corte de Portugal: por ser homem de muita autoridade, e saber, em semelhantes negocios, e ser irmão da Duqueza de Aveiro, a qual em Portugal estáva liada em parentesco com a principal nobreza, onde tambem por este respeito fosse melhor recebido, e pudesse mais facilmente acabar as cousas, que pertendia com suavidade. Vindo o duque de Ossuna ao reino, foi a visitar elrei dom Henrique; mas, posto que elrei de Castella tivesse em Portugal por embaixador a dom João da Silva, que era casado com dona Joãna, neta de dom Alvarõ da Silva, conde de Portalegre (de que ella era unica herdeira, por ainda a este tempo estar em Berberia, onde fora cativo na batalha delrei dom Sebastiaõ) ordenou elrei mandar dom Cristovaõ de Moura, pera juntamente com o duque de Ossuna assistir aos negocios, o qual foi pera isto eleito por ser portuguez; posto que criado em Castella no serviço da Princesa, dona Joana, e depois no delrei, por ter pai, e irmãos, e muitos parentes fi-

dalgos em Pórtugal. Tanto zelo tinha elrei de Castella em os negocios da successão do reino correrem com suavidade, e paz, que pera que tudo se fizesse com justiça, sem as perturbações, que em semelhantes casos não se escusão, quiz fazer estes fundamentos de paz, em que, por via de amor, e parentesco, suas cousas fossem melhor recebidas, e elles tivessem mais liberdade pera sem suspeita tratarem as cousas publicas: os quais, estando em Pórtugal na corte, hiaõ pouco a pouco tenteando, e vigiando os negocios, vendo, onde poderiaõ parar, pera avisar a elrei do estado das cousas, e remedios dellas, e as republicas escusassem alterações de guerras, que foi a cousa principal, que elrei de Castella sempre pretendeo atalhar, parte pela liança e visinhança, que os reinos entre si tinhaõ, parte, como principe clemente, por escusar os danos temporaes e espirituaes das guerras, principalmente em tempo, que o estado da cristandade estava taõ quebrado com guerras, e alteraçoes. E pera em tudo o rei pacifico atalhar os principios da guerra, e compor as cousas com repouso, tambem mandou a Pórtugal o doutor Antonio de Mattos, portuguez, de que elle se servia, pera que, com o doutor Ruy de Mattos, seu irmão, corregedor da corte, e outros parentes, e amigos de creação, provessem o caso da successão, em modo, que todo o processo fosse fundado em justiça, e verdade, pacifica, e

com esta quietação os entendimentos de todos ficassem mais desapaixonados, para proceder clara e distintamente sem confusões, e o povo, com mansidão, e sufficientes respostas, fosse enfreado dos subitos movimentos, e temperado das furias, a que ordinariamente he costumado com alterações alheas da rezaõ, e mais em materia de reinar: e porque tambem a justiça delrei de Castella fosse melhor requerida, e o direito alegado, mandou, com o nome e ordenado de embaixadores, o licenciado Rodrigo Vasques, o doutor Molina, e o licenciado Gradióla, todos do seu conselho, e homens de muita autoridade, e doctos em direito civil, e canonico, os quaes, juntamente com o duque de Ossuna, e dom Cristovão, tratavaõ, e consultavaõ o que convinha á justiça delrei de Castella, e procuravaõ, com paz, e sem entreposto de armas, nem processos judiciaes, e juridicos, quietar a Portugal, para se preitarem com sua magestade; de maneira que os portuguezes ficassem contentes com mercês, e liberalidades, e os males das guerras se atalhassem, ficando em tudo honrados, com lhes caber em sorte o mais catolico, poderoso, beninho, e liberal rei do mundo; para emparo das republicas, temporal, e espirital, com grandes bens do povo portuguez: e certo não faltáraõ persuaçoens de conselhos santos, proveitosos aos portuguezes, assim de estrangeiros, como naturaes, que zelavaõ o bem comum, perã

darem obediencia ao catolico rei de Castella, de que resultavaõ ao reino grandes bens, assim na utilidade publica, como aos particulares; mas parece, que permittio Deos cegar os entendimentos, e endurecer os coraçoens de alguns, pera não verem a luz das verdades claras pera seu bem, antes se obstinarem em pertinacias alheas de rezaõ, pera receberem outro mais severo castigo, do que antes tinhaõ experimentado no desbarate de Africa: mas Deos, que he mais prompto a usar de misericordia, que a proceder com justiça, vendo os males, que se apparelhavaõ aos portuguezes serem merecidos mais por falta de entendimento do vulgo, que por malicia, permittio, que a catolica magestade delrei de Castella vigiasse com summo cuidado em atalhar o formal cumprimento dos males, de que se os portuguezes faziaõ dignos, encomendando cada dia a seus capitães, de tal maneira usassem das armas, que excusassem todo o rigor e dano dellas.

*Como elrei dom Henrique mandou ao senhor dom Antonio, que se sahisse da Corte.*  
*Capitulo XCXI.*

Quando o senhor dom Antonio vêo do cativo, alegrando-se elrei dom Henrique, seu tio, muito, com sua vista, o mandou apossentar no mosteiro de S. Francisco, muito perto das casas de Martim Affonso de Sousa, em que elle pousava. O senhor dom

Antônio, trazendo já postos os olhos na pretensão do reino, ajudado de alguns seus amigos, que o aconselhavaõ fazer sobre isso algumas diligencias, menos justas em negotiataõ importante, e de tanta consideração, começáraõ as cousas a nubrar-se, com hum rumor do senhor dom Antonio, e seus allia-dos, andarem sobornando gente com promettimentos liberaes, se seguissem sua voz; e tentando-se todos os meõs, os tratos se começáraõ a descobrir, com escandalo dos outros pretensores, e aggravo delrei, por ser inimigo de todos os meõs, que não fossem fundados em justiça; o qual começou a querer atalhar estas maquinaçoens com prudencia, e sem escandalo, com alguns avisos por terceiras pessoas: mas o senhor dom Antonio, como estava determinado a hir com a empreza, por qualquer via que pudesse, por a confiança de os povos o amarem por extremo, e lhe darem todas as costas, e favor na pretensão do reino, por eleição, ou por legitima successão, ou pera com elle o defenderem, não deixava de continuar em seus desenhos. Elrei, como era inimigo de semelhantes pretengoens, com zelo de justiça mandou notificar ao senhor dom Antonio, logo dentro em tres dias, se sahisse vinte legoas fóra da cõrte, o qual, obedecendo ao mandado delrei, se partio pera o Crato: mas, por que no Crato estava mui afastado da cõrte, onde não podia tão facilmente saber do estado dos negocios, para

dar mais calor á sua causa, e pretençaõ, se foi pera Abrantes, por estar mais de vinte legoas de Lisboa, mas mui acomodado pera se comunicar na cõrte, por a continua carreira de barcos, que cada dia vaõ, e vem. O senhor dom Antonio, havendo antes deste tempo estado em Abrantes, de morada alguns dias, onde era mui bem quisto da gente da terra, assim da popular, como dos homens honrados, que saõ muitos, por a villa ser grande, e nobre, com esta nova vinda, e pretençaõs, começõ a ser mais amado, e o povo mais desejoso de seguir quaesquer alteraçõs em seu favor, como depois o mostraraõ: mas por Punhete estar pelo rio do Tejo abaixo legoa e meia, pareceo ao senhor dom Antonio hir-se pera este lugar, por ainda ficar mais perto da cõrte, e fóra dos limites, que lhe foraõ postos; o qual, estando alli, naõ deixava de ter avisos cada hora, do que passava na cõrte, e do estado dos negocios, que se tratavaõ ácerca da pretençaõ dos reinos, que era o negocio, que mais cuidado lhe dava; onde esteve até ellei o mandar chamar pera vir fazer o auto do juramento a Lisboa, ácerca das Cõrtes, como adiante se dirá.

*Como o senhor dom Antonio houve huma  
sentença , em que foi havido por filho  
legitimo do infante dom Luiz.*

*Capitulo XCVII.*

O ponto principal, em que o senhor dom Antonio se estribava, para effecto da successão dos reinos de Portugal, que pretendia, foi ser persuadido de alguns sediciosos ser elle filho de legitimo matrimonio do infante dom Luiz, seu pai, pera o qual, trazendo-lhe ditos e resoens, fundadas em imaginações coradas de justiça, facilmente se deixou entrar d'ellas, sem mais consideração, que honestasse o negocio, por que, como a condigão dos homens seja enganar-se com as cousas, que são instrumento de seus desejos, tendo-os o senhor dom Antonio muito grandes de ser rei, não engeitou estes, que lhe pareciaõ mais poderosos, e honestos: de maneira que persuadido, ou por vontade propria, ou por importunação de seus sequazes, como he mais de crêr, houve de consentir em se fallar nesta maneira de legitimidade; mas, por que elle, e os que o tinhaõ metido nisto, sabião, quanto este ponto havia de aggravar a elrei, e descobrir o seu animo aos outros pretendentes, e a toda a corte, com que muitos se haviaõ de escandalisar, e outros aborrecer de taes intentos, secretamente determinou fulminar huma sentença por huns autos judiciaes,

menos solemnes, do que o Direito pede em negocios de muito menos importancia. Com esta determinação, secretamente processou a causa diante de Manoel de Mello, clérigo da ordem de S. João, pelo senhor dom Antonio ser Prior do Crato, e professo da mesma ordem, o qual pronunciou a sentença seguinte: = Cristo nomine invocato. Vistos estes autos &c. Perante a commissão de minha jurdição, que me foi solemnemente cometida no capitulo provincial, ácerca dos negocios e das pessoas, que podem gozar dos privilegios da ordem de S. João, e como o senhor dom Antonio he huma dellas, e bem assim, vista a procuração de sua excellencia, que por mim foi recebida, prova dada, assim de testemunhas, como de outros documentos, mostrasse que o infante dom Luiz, sendo mancebo, e em idade florente, se namorara de Violante Gomes, donzella muito formosa, honesta, e de grande graça, e discrição; e por seus amores fazer muitos extremos publicos, de muitas invenções, muzicas, motes, e cantigas; e como se prova ser tão afeiçoado á dita Violante Gomes, que, forçado do amor, que lhe tinha, a recebeo por mulher, por d'outra maneira não poder conseguir o effeito de seus amores, por a muita resistencia, que achou da muita virtude, assim na dita donzella, como em sua mãe, e tanto que a recebeo por mulher, logo mandár-lhe chamar dona Violante; e assim, visto, como

se prova, que, depois do dito senhor Infante ser casado com a dita senhora dona Violante, lhe sahirem muitos casamentos, sem nunca querer aceitar nenhum delles, nem o reino de Inglaterra, que se lhe offercia com a Rainha Maria, antes dizia, que não podia casar, nem podia ter outro reino, mais, que huma cella, em que ao tal tempo estava; e bem assim visto, como se prova o dito senhor infante mandar tratar a dita senhora Violante, como sua mulher, depois que a recebo, com vestidos, e com joias, e assim no mosteiro lhe mandar tudo de sua casa, e fazer, o que ella mandasse, no alto, e no baixo, sem ter com ella conta, e assim mandar ao senhor dom Antonio, seu filho, lhe obedecesse, como filho, conforme a lei divina, e humana, e que nunca pôz os olhos em outra mulher, depois que conheceo, e recebo esta senhora; e outrosim, visto como se prova em seu testamento nomêar ao senhor dom Antonio por filho seu simplesmente, sem addição, nem acrécentar *natural*, e além disso o instituir por seu herdeiro de toda sua fazenda, o que, conforme a direito civil e canonico, bastava pera se provar, como de feito basta, pera ser havido por legitimo; quanto mais que se prova elrei e a rainha, que estão em gloria, confessarem, que o infante recebera a dita senhora dona Violante, e como seu filho legitimo tratarem o senhor dom Antonio, nas honras secretas, e publicas, e dizerem, que não era

necessario publicar, que era legitimo, pois havia de ser clérigo, e tambem se prova a dita senhora Rainha tratar a dita senhora Violante, no mosteiro de Almoester, onde a vio, de tal maneira, que logo pareceo, nas honras que lhe fez, que era mulher do infante, e assim o disseraõ logo as damas, que com ella foraõ, o que naõ fizera a dita senhora rainha, se ella senhora dona Violante naõ fõra mulher do infante, e fallando-lhe a camareira mor, dona Joana de Sá, sobre as ditas honras, respondeõ, que tudo merecia por ser mãi do senhor dom Antonio, e o mais, que ella camareira-mor sabia, que era ser mulher do infante, como as testemunhas declaraõ, e assim visto, como se prova a dita senhora rainha o confessar, e dizer, e o tratamento, que sempre fez ao senhor dom Antonio ser aventajado, do que fazia ao senhor dom Duarte; e outro sim, visto o regimento, que o dito senhor infante deo a sua excellencia, de como havia de escrever aos fidalgos, e senhores, e que ao senhor dom Duarte naõ puzesse no sobrescrito *meu senhor*, nem aos duques *beijo as mãos*, e assim, visto como elrei seu tio se prova lhe dar as armas de seu pai, sem labe de bastardia, o que tudo se naõ fizera, se legitimo naõ fõra; e visto, outro sim, como se trata perante mim nestes autos de legitimidade, no qual caso o Direito se contenta com muito menos prova, que tratando-se do casamento, ainda que seja em

prejuizo de terceiros; e como se prova as principaes testemunhas de vista não podem testemunhar, e estarem impedidas, por quem lho podia defender de feito, com o mais, que se pelos autos mostra, julgo e declaro, pela authoridade a mim comettida, o dito senhor dom Antonio ser filho legitimo do dito senhor infante, dom Luis, e da dita senhora dona Violante, nascido de legitimo matrimonio: e pague as custas. E manda se lhe passem do processo as sentenças que pedir. A vinte e tres de março de mil e quinhentos e setenta e nove annos = Frei Manoel de Mello, =

*Como os povos pediraõ a elrei dom Henrique se casasse. Capitulo XCIII.*

Como elrei dom Sebastião por divina permissão fosse morto em a batalha, antes de casar, nem ter filhos, e elrei dom Henrique, antes cardeal e arcebispo, lhe succedesse nos reinos, por titulo de herança, da qual por rezaõ da dinidade sacerdotal não se podia esperar, que casasse para deixar herdeiro no reino, lhe fez a camara de Lisboa huma falla, em que lhe pedio tratasse haver dispensaçãõ do summo pontifice para casar, a qual dispensaçãõ o papa concederia facilmente por a necessidade de herdeiro no reino, e quietaçãõ na republica, sem a qual se esperavaõ guerras entre cristãos, que seria notavel dano da igreja catolica,

Elrei dom Henrique, que em toda a mocidade deo singular exemplo de continencia, e era havido por virgem, quando em tal idade, carregado de annos, e consumido da enfermidade de ethiguidade, que se lhe acrescentou com o nojo da morte delrei seu sobrinho, ouvida a petição do povo, que casasse, por-lhe horror e espanto tal cometimento, o qual, se elle fôra manco, e muito bem disposto, pelo zelo da pureza, e castidade, com aspereza engeitara. Os povos, e todos os estados, entendendo, que não havia outro mêo pera evitar guerras tão prejudiciaes á republica, instavaõ cada dia mais na petição, e mettiaõ nisso Leão Henriques, da companhia de Jesu, seu confessor, e outros religiosos, e letrados, que por via de consciencia persuadissem a elrei, que era obrigado a casar. Elrei, a quem estas palavras eraõ hum grave tormento d'alma, não podia soffrer fallarem-lhe nisso, dando por desculpa sua idade, e má disposição: quando via, que lhe não recebiaõ escusa por a indecencia do estado sacerdotal, e os povos, não recebendo a elrei nenhuma desculpa, que fosse bastante para se igualar aos inconvenientes, que se seguiriaõ, se não houvesse herdeiro no reino, quasi forçado o obrigavaõ a mandar buscar a dispensação a Roma; pera o qual logo foi eleito dom Duarte Castello-Branco, camareiro moço, por embaixador, e por seu companheiro o doutor Ruy Fernandes de Castanheda, desem

bargador da casa da supplicação. Elrei, insistindo em a defensão, do a que o queriaõ obrigar, tornou a replicar aos povos, dizendo, que era temeridade obrigarem-no a casar em tempo, que estava morrendo, e casar seria causa de se lhe acelerar a morte, com indicios quasi certos, que não poderia haver filhos, com que o intento dos povos ficava frustrado, e a dignidade sacerdotal com macula de tal exemplo, e em tempo, que os hereges tomariaõ mais facil desculpa pera seus incestos matrimonios, com que tem maculado a igreja catolica; e posto que elle desejasse sacrificar-se pelo bem comum, e por evitar os males, que estavaõ ameaçando a republica, que o não obrigassem a fazer cousa, de que o dano estava certo, e o fructo mui duvidoso: o qual pedia estas cousas ao povo com tanta instancia, e zelo do servigo de Deos, que persuadio a todos, que sua opiniaõ era acertada, e Deos por outros meos mais suaves proveria ás necessidades presentes, ainda com augmentação da fé: com as quais palavras, e a experiencia mostrar, que elrei hia mui de pressa consumindo-se, e já não tinha vigor na saude, e se não sustentava já, senão em leite de mulheres, que continuo o estavaõ alimentando, desistiraõ entaõ os povos de suas peticoens, e cessou a hida dos embaixadores a Roma.

*Como elrei mandou citar os preten-  
sores do reino de Portugal. Ca-  
pitulo XCIX. A. M. E. N. D.*

Por que a principal cousa que os estados de Portugal pedião a elrei dom Henrique em sua vida (pera com sua morte não ficarem duvidas, que se haviaõ de determinar pela guerra) era pronunciasse na successão do reino, a quem pertencia, elrei, querendo dar principio a isso, o primeiro acto que fez foi mandar citar as partes, que o pretendião haver por direito de herança; pera o qual, estando dom Fernão da Silva por embaixador na corte do catolico rei de Castella, lhe foi mandado recado pera sua magestade ser citado pera a pretençaõ dos reinos. A senhora dona Catherina, mulher do duque de Bargaça, que estava em Villa Viçosa, foi citada por Francisco Serraõ, escrivaõ da fazenda, pera cuja pretençaõ o duque seu marido estava na corte. Ao senhor dom Antonio, que estava em Abrantes (por lhe elrei mandar que não entrasse na corte) foi citar Nuno Alvares Pereira escrivaõ da fazenda, cujo requerente era Diogo Botelho. Mas porque dom Manoel Felisberto, duque de Saboia e principe de Piemonte, tinha tambem pretençaõ no reino (pera que foi citado) mandou dom Carlos de Robur por seu embaixador, com prócuração de poder requerer sua justiça.

O príncipe de Parma, por via de seu filho Alberto Rainuneio, mandou o bispo de Parma por embaixador. Pera o mesmo effecto tambem elrei de França mandou o bispo de Cominges visitar elrei, e offerecer ao reino todo o seu poder para o defender de Castella, e quando vio que lhe não deferia a seus offercimentos, quiz tambem opporse á successão, fundado sobre a aução de elrei dom Affonso terceiro, conde de Bolonha, historia tão larga de contar, como despropositada para seu direito, mas arresouada pera seu intento, que era por qualquer via meter pé em Portugal, a quem tambem os povos de Portugal se oppozeraõ, dizendo que lhes pertencia a eleição. Mas porque isto corresse judicialmente, fez elrei procurador do reino o doutor Fernão de Pinx Marecos. Vindo pois cada hum com sua aução, diziaõ os tres estados por parte dos povos de Portugal, que todos os pretendentes deviaõ ser excluidos do direito que pretendiaõ, por elles estarem em posse de eleger rei, como de feito tinhaõ eileitos cinco sc.; elrei dom Affonso Henriques, primeiro rei de Portugal, no tempo de Henrique, quando Deos lhe deu a victoria de cinco reis mouros, e lhe mostrou as cinco chagas, que ficáraõ por armas dos reis de Portugal: a segunda eleição se fez em dom Affonso o terceiro, que, por elrei dom Sancho ser homem de pouco governo, cujos defeitos eraõ prejudiciais ao bem commum, o povo

o depois, e elegeo dom Affonso seu irmão, conde de Bolonha, com autoridade do summo pontifice: a terceira foi delrei dom João o primeiro, chamado de boa memoria, pelas insignes virtudes de que foi ornado, o qual era Mestre d'Aviz, filho bastardo delrei dom Pedro crú: o quarto foi elrei dom Manoel, avô dos pretendores, que por elrei dom João o segundo ficar sem herdeiro legitimo, foi elrei dom Manoel alevantado por rei: o quinto foi o mesmo rei dom Henrique, o qual, sabida a nova, como elrei dom Sebastião era morto na batalha, foi pelo povo de Lisboa alevantado rei. Com estes exemplos, corroborados com outras resens e direitos, se opunhaõ os povos em direito de eleger rei. A senhora dona Catherina pretendia ser preferida a todos por ser neta delrei dom Manoel, e filha do infante dom Duarte; a qual, posto que femea, representava seu pai por ser filho varão: Rainuncio, filho do principe de Parma contendia com a senhora dona Catherina, dizendo que elle era filho da senhora dona Maria, sua irmã mais velha, e que por elle ser varão, e sua mãe mais velha, a devia preferir. O senhor dom Antonio tambem se fundava em ser filho legitimo do infante dom Luiz, filho delrei dom Manoel, pera o que mostrava huma sentença de legitimidade, como atraz fica dito, e pretendia prová-lo mais. O principe de Piemonte mostrava tambem ser neto delrei dom Ma-

*Uma da 2007 2008 2009 2010 2011 2012 2013 2014 2015 2016 2017 2018 2019 2020 2021 2022 2023 2024 2025 2026 2027 2028 2029 2030 2031 2032 2033 2034 2035 2036 2037 2038 2039 2040 2041 2042 2043 2044 2045 2046 2047 2048 2049 2050 2051 2052 2053 2054 2055 2056 2057 2058 2059 2060 2061 2062 2063 2064 2065 2066 2067 2068 2069 2070 2071 2072 2073 2074 2075 2076 2077 2078 2079 2080 2081 2082 2083 2084 2085 2086 2087 2088 2089 2090 2091 2092 2093 2094 2095 2096 2097 2098 2099 2100*

noel, e filho da infante dona Brites, o qual por ser macho preferia a femeas no direito. Elrei de França tambem buscava em que fundasse sua acção, pedindo que o admittissem, pera que, se o fizessem, e dessem a sentença por outro, se queixar, que lhe roubarão a justiça, e se não o admittissem, ter o queixume, de que o não quizerão ouvir, pera com isto ter maior desculpa dos roubos, que França faz a Portugal. Estas acções postas, cada hum dos embaixadores substabelece~~u~~ avogados, que assistissem ás duvidas, e mais autos judiciaes; as quaes audiencias elrei fazia, e a que em nome delrei assistia o doutor, Paulo Affonso, desembargador do pago, com quem elrei despachava todos os negocios de importancia, por, alem de ser sacerdote, ser homem de muita autoridade, e prudencia, letras, e experiencia pera semelhantes negocios.

*Porque elrei de Castella não deferio á  
citação, que lhe foi feita. Capitulo C.*

VIP !  
Tanto que o catolico rei dom Philippe de Castella vio elrei dom Sebastiam morto, e que a elle, como neto delrei dom Manoel, mais velho, e barão, sobrinho delrei dom Henrique, pertenciaõ os reinos de Portugal por via hereditaria, conforme ao direito commum, e ao particular do reino de Portugal, porque em tudo procedesse com justifica-

ções de animo, e grandeza real, e exemplo de catolico príncipe (o qual a todas as pretensões queria antepôr o serviço de Deos, e bem da cristandade, com equidade da justiça, e muito mais com zelo de consciencia pura) mandou aos seus conselhos, e letrados, estudassem, se o direito canonico, ou civil, por via de herança o fazia successor dos reinos de Portugal, e lhes fazia lembrança, e rogava de tal maneira investigassem a justiça, e verdade, neste caso, que entendessem, que mais gosto levaria, e mais quieto ficaria, se o direito o relevasse de tal pretensão com segurança da consciencia, que tal lhe permittisse; porque elle se achava tão carregado com os muitos reinos, e estados, que possuia, que não sómente não desejava acrescentar alheos, mas pôder lançar das costas parte dos seus proprios: mas que, como neste negocio o obrigava a consciencia a não poder renunciar a justiça, se a tinha, por o prejuizo que nisso fazia a seus filhos, e mais successores, não podia deixar de inquirir a justiça, muito contra seu gosto. Mas, posto que todos os letrados de Espanha, em particular, e em geral, e juntas feitas nas universidades, mostrassem claro o direito, que sua magestade tinha na herança dos reinos de Portugal, não se quietou elle com isso, por lhe parecer, que como vassallos o querião comprazer com esta offerta: portanto, não somente mandou estudar o mesmo caso a outros estudos da

*Para com offerta mui. e cumprida!!!*

Itália, e Allemanha, mas ainda mandou consultar a muitos tetrados de Portugal, que concordáraõ com a commum opiniaõ de elle ser o legitimo herdeiro, e successor dos reinos de Portugal; porque, como elle era neto delrei dom Manoel, mais velho, filho de filha mais velha, que foi a imperatriz dona Izabel, excluia o principe de Piemonte, por ser neto mais moço, e filho de filha mais moça, e ao senhor dom Antonio por não ser legitimo; e porque era varaõ, que representava a pessoa delrei dom Manoel, seu avô, excluia a senhora dona Catherina, por ser femea, e a Rainuncio, filho da senhora dona Maria, princesa de Parma, que não representava mais, que a pessoa de sua mãi, posta em igual gráo com a senhora dona Catherina: e quanto ás pretençaens do povo querer eleger rei, que essa açãõ era mui fraca, sem fundamento em direito, nem em costume dos reinos da cristandade, nem ainda de mouros, turcos, e gentios; porque casos particulares, e causas, não fazem leis geraes, e que a todas suas resoens havia claras e manifestas respostas, com outras objecçoens mais fortes, por onde contra este ponto não havia, que disputar, mais que entender-se que algumas pessoas propunhaõ esta açãõ pera embarçar, e entreter, a resoluçaõ da verdade: e que a pretençaõ delrei de França era mui frivola, indigna de ser ouvida a cabo de trezentos annos, por onde o mesmo rei, dona

*nao era mui fraca, e a Rainuncio, filho da senhora dona Maria, princesa de Parma, que não representava mais, que a pessoa de sua mãi, posta em igual gráo com a senhora dona Catherina: e quanto ás pretençaens do povo querer eleger rei, que essa açãõ era mui fraca, sem fundamento em direito, nem em costume dos reinos da cristandade, nem ainda de mouros, turcos, e gentios; porque casos particulares, e causas, não fazem leis geraes, e que a todas suas resoens havia claras e manifestas respostas, com outras objecçoens mais fortes, por onde contra este ponto não havia, que disputar, mais que entender-se que algumas pessoas propunhaõ esta açãõ pera embarçar, e entreter, a resoluçaõ da verdade: e que a pretençaõ delrei de França era mui frivola, indigna de ser ouvida a cabo de trezentos annos, por onde o mesmo rei, dona*

Henrique, não admittio tal alicação, nem o embaixador fez nella fundamento, nem cabedal de gastar tempo; porque, pedindo elrei, dom Henrique, ao bispo embaixador, procuração delrei de França, nem a tinha, nem a mandou buscar; e, como o direito de sua magestade estivesse tão claro, e tão aprovado por tantos homens doutos, principalmente dos mais insignes de Portugal, não havia, pera que opporem questoens, nem juizo; pois elle, como rei absoluto, e senhor de tantos estados, conforme a direito e opiniaõ recebida dos juristas, e ainda de todos os teologos, não tinha superior na terra pera o julgar; que, como estava entendido, que elle tinha o direito da successaõ por legitima herança, não tinha necessidade de sentença, antes podia executala por paz, e por guerra, quando por outra via não podesse; pois elrei, dom Henrique, não podia ser seu juiz, senaõ o direito, que sua magestade tinha mui bem entendido, e, como isto assim fosse, não tinha obrigaçaõ de acodir á citaçaõ, nem esperar sentença; pois o direito lha tinha dado; por tanto, como sua magestade tivesse estes conselhos resolutos, nunca quiz acodir á citaçaõ, nem pôr alicação, como cousa duvidosa, que se havia de julgar, mas que já estava julgada: por tanto o requerimento do duque de Ossuna, e mais embaixadores, era pedir a elrei, dom Henrique declarasse por successor dos reinos de Portugal a elrei de

Castella, pois o era. Elrei dom Henrique, <sup>ad 110,</sup> que se via perplexo em estes requerimentos, de uma parte justos, de outra rigorosos, que se não podião determinar assim, sem escândalo dos outros pretendores, e alteraçoes dos povos, respondeo, que esse negocio era pesado, que primeiro o havia de cuidar mui bem, e ouvir as açoens das partes, que tinhaõ o mesmo requerimento, pera poder proceder com justiça, e conforme ao direito, e rezaõ.

*Como elrei de Castella buscou todos os  
mêos para excusar guerras com  
Portugal. Capitulo CI.*

Porque o catolico rei de Castella não faltasse em cousa alguma á obrigação de sua real magnificencia, ornada de todos os justos respeitos, buscou os mêos possiveis pera escusar guerras com Portugal, e pera que com paz e amizade os portuguezes lhe entregassem o reino, que elle tinha que era seu, por as rezoens acima ditas. E pera que isto se pudesse effectuar, com gosto seu e bem comum da republica e dos pretendores, deo largas comissoens ao duque de Ossuna e dom Cristovaõ de Moura, pera com partidos justos, honestos, e proveitosos, se preitearem com os portuguezes, que estavam em cortes, ajudando-se da virtude e santidade delrei dom Henrique, que desejava por paz e concordia compor as cousas,

pera bem dos reinos de Portugal; pera o qual tambem sua magestade mandou, que assistissem a estes negocios, e os ajudassem, o licenciado Rodrigo Vasques de Aire, o doutor Molina, e o licenciado Gradiola, todos do seu conselho, por serem homens muito doctos, e de mnita prudencia; porque, como elle era zeloso da justiça, e entendia, que sua magestade a tinha clara, folgaria de os Portuguezes virem a preitear-se nas cousas, que lhes fossem utiles. Os embaixadores, instando com grande diligencia, no que sua magestade lhes mandava, não perdiaõ ponto por suas pessoas, parentes e amigos, e tratar os negocios de concordia, pera o qual tratáraõ por mção de muitas pessoas contentar o senhor dom Antonio com mercês e honras, que sua magestade lhe fazia por desistir da pretençaõ, que se presumia não levaria ao cabo, de se querer mostrar filho legitimo, de legitimo matrimonio, do infante dom Luiz, alem de ser negocio de muita dilataçaõ, com demonstraçoens, que com atrevimentos queria escurecer a justiça delrei de Castella, e atalhar a execuçaõ della; pera o qual sua magestade escreveo á Camara de Lisboa, e a outras cidades, declarando-lhes sua tençaõ, que era por páz e amizade entrar, e tomar posse dos reinos de Portugal, por ter entendido, que eraõ seus por direito de herança; que lhes rogava não quizessem injustamente perturbar-lhe seu direito, e justiça, por

escusar vir o negocio a levar-se por armas, cousa, que elle muito sentiria, por o amor, que tinha aos portuguezes, e os parentescos, com que estavaõ liados com seus vassallos, e assim por elle ser filho da imperatriz portugueza, por a qual causa sempre fôra amigo dos portuguezes, como elles muito antes o haviaõ entendido, e visto por experiencia; porque os maiores privados, que tivera, foraõ portuguezes; que isto bastava pera entenderem d'elle lhe seria rei amigo, e benino, pera os tratar, como natural com muitas mercês, e honras, e que com elles se subjectarem á rezaõ o obrigariaõ muito mais a os favorecer, alem de sua natural inclinaçaõ ser mui magnificente em fazer mercês a seus vassallos, e elles por esse respeito, e antigo amor, que lhes tinha, o deviaõ mais esperar: e que quando por esta via se naõ effectuasse sua pretençaõ com justiça, protestava diante de Deos, á sua conta d'elles portuguezes fossem todos os males das guerras, que elles mesmos sollicitavaõ, e elle naõ poderia escusar: e fazendo o mesmo por mêm de seus embaixadores com os mais senhores, e fidalgos do reino, procurava mostrar-lhes claro sua justiça, e justificar com grandes offercimentos seus respeitos, mostrando em tudo claramente, quanto sua magestade sentia romper por armas com a naçaõ, e gente, que sempre amou de coração, e cujo rei em extremo desejava ser, pera mais se comuni-

car com mercês e honras. Os letrados portuguezes, que viaõ claramente a justiça de sua magestade, sem contradicção alguma logo se renderão, e os nobres, prelados, e prudentes, que enxergavaõ o zelo de suas justificaçoens, acompanhado de amor, e grandeza real, movidos por justiça e consciencia, tratáraõ a maior parte delles (que pesavaõ a importancia do negocio) subjeitar-se, e lançar-se de pretençoens mui dvidosas, principalmente por escusar guerras ao reino: de maneira que ainda em vida delrei dom Henrique, e depois de sua morte, teve sua magestade os principais votos dos letrados, e nobres, de Portugal, não aprovando, ou pera melhor dizer, aborrecendo as mais pretençoens, por menos justas: mas, por que elrei de Castella via alguma inquietação nos povos, e sentia o orgulho, que o senhor dom Antonio trazia, com intento da pretençaõ do reino, a quem o vulgo muito amava, temendo-se, do que depois se seguiu, e pera que com isso puzesse hum freio nos portuguezes, e estes se sometessem á rezaõ, em quanto seus embaixadores corriaõ em Portugal com concertos, mandou elle fazer gente de guerra por Espanha, Italia, e Allemanha, ajuntando armas e muniçoens pera formar exercito, como de feito fez, não parecendo a sua magestade, que os portuguezes chegassem a estado de esperarem guerras, mas cahindo nes honrosos e proveitosos partidos, que lhes

offerencia, não deixariaõ de os aceitar; por que taes eraõ elles pera o bem comum de todo o reino, e o particular de cada hum, que todo o homem de entendimento claro, e desapaixonado, julgava que, com aceitarem a sua magestade por rei, se recuperava o reino de seus infortunios passados, com representação de hum rei taõ conjuncto ao parentesco dos reis de Portugal, e amigo dos portuguezes, com que se temperaria a dor das perdas, que entãõ se sentiaõ. Desta maneira movidos muitos portuguezes por estes e outros respeitos, não sómente não esperavaõ ser rogados a se entregarem a Castella, antes o desejavaõ e se offerenciaõ a isso, com zelo de justiça, e do bem comum: quanto mais, que entendiaõ, que se o negocio se houvesse de averiguar por armas, estava elrei de Castella mui superior nas forças, e Portugal mui mingoadõ e quebrado pera poder resistir: tanto, que muitos homens prudentes (ainda em vida delrei dom Henrique) com zelo do bem comum, com clamores publicos diziaõ, que se evitassem todas as pretençoens, e fossem aconselhados todos os pretenses a desistirem dellas, e se preiteassem com sua magestade, que era, o que convinha ao bem comum do reino, e o contrario havia de resultar em geral dano delle, e dos pretendentes, alem dos portuguezes haverem de ficar rendidos por força, com que perderiaõ as mercês, e beninidade, que de presente sua magestade lhes offere-

cia, e virião a cair em sua desgraça, e indignação, com que merecessem ser rigorosamente castigados, ficando todo o povo em aborrecimento a elrei, pera não alcançar delle as honras, e mercês, que costumava fazer a seus vassallos.

*Como elrei mandou ajuntar cortes pera eleger governadores, que por sua morte ficassem com o governo, e juizes pera determinar a causa da successão. Capitulo CII. A snieira de maria.*

Depois que os povos de Portugal estiverão desenganados, que elrei dom Henrique não podia deixar filho herdeiro do reino, logo com muita instância lhe tornáráo a a pedir tratasse de declarar successor dos reinos em sua vida, pera que a cousa não ficasse indecisa por sua morte, que seria isso causa de muitas guerras e dissensoens, com que o reino se acabaria de assolar e perder. Elrei como era muito virtuoso, e desejava acertar em todas as cousas, vendo quaõ justa petição esta era, não duvidou meter-se em negocio taõ arduo, e de tantos pretendentes, ainda que os desgostos, que estes negocios promettiaõ, lhe haviaõ de acabar e abreviar muito a vida; pera o qual mandou elrei chamar a côrtes pera a cidade de Lisboa, onde foraõ juntos todos os tres estados, sc. ecclesiastico, da nobreza, e povos.

*11) Era o Rei, Henrique, muito virtuoso e muito As...*

Dando pois principio a estas côrtes, foi elrei aos paços da Ribeira, a as ajuntar, o primeiro dia de Abril de 1579, em o qual, na sala pera isso destinada, dom Affonso Castel-Branco fez o principio dellas, e do intento, a que eraõ juntos alli os estados; os quaes, continuando com seus actos, estavaõ repartidos de maneira, que os prelados se ajuntaraõ na Sé, os nobres no convento do Carmo, os povos no de S. Francisco. Com esta ordem continuando com as côrtes, a que elrei com recados e avisos assistia, pera que as cousas corressẽm como convinha ao estado dos negocios, ordenou, que puzessem em effeito, o a que eraõ chamados; mas, porque a nomeação dos governadores, que haviaõ de ficar em o governo do reino por morte delrei, havia de ser com madura consideração, pelas muitas partes, que se requeriaõ, pera os que tivessem o tal cargo, principalmente pera a determinação da successão, que haviaõ de julgar, hia elrei na eleição devagar, com muito conselho, e aviso, com o que os estados faziaõ: portanto lhes mandou elrei, dom Henrique, notificar, que nomeassem quinze fidalgos, pera elle dali escolher cinco governadores, dos quaes elrei escolheo os seguintes: dom Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa, dom João Mascarenhas, Francisco de Sá, dom João Tello, Diogo Lopes de Sousa, governador da Casa do Civil, os quaes foraõ approvados por elrei, e os estados, por serem ha-

mens de muita confiança nas consciencias, e justos respeitos, com muito zelo da justiça: mas, porque o povo andava desconsolado por não saber, quem o havia de governar depois da morte delrei, por que não houvesse com esta duvida algumas alteraçoes, pareceo a elrei em sua vida declarar os governadores, e mandar-lhes tomar juramento, como de feito tomárao; e porque o negocio da successão havia de ser determinado por sentença, pera que caso taõ importante fosse muito bem visto, e examinado, ordenou elrei, que nas mesmas côrtes fossem nomeados vinte e quatro letrados, homens dôctos, e de boas consciencias, dos quais se haviaõ de escolher onze pera juizes, que dessem a sentença: mas, porque nesta eleição dos juizes era necessario muito segredo, pera não serem sobornados, ou molestados, de taõ poderosas partes, e sobre causa de hums reinos taõ honrados, não quiz elrei, que se publicassem, antes fizeraõ tres pautas cerradas, e se mettêraõ em tres cofres, dos quais hum foi posto na Sé, outro no convento de Santo Eloiõ, e outro na camara da cidade de Lisboa, pera que ahi estivessem a muito bom recado, e pera dalli os tirarem, quando fosse necessario serem abertos, depois da morte delrei, como se fez; em os quaes cofres estavaõ metidos o regimento, e poderes, que ficavaõ aos governadores, e a nomeação dos juizes, e nunca mais se abri-raõ, nem tiveraõ effeito, por as guerras se

tratarem, antes que chegássem a estado de darem sentença, como abaixo se dirá.

*Como os Estados juráraõ de guardar os capitulos das cortes. Capitulo CIII.*

Porque o essencial das cortes, pera que os estados foraõ chamados, se resolvia em dous pontos, hum. que era em eleger governadores pera assistirem aos despachos do reino, e á sentença da successão d'elle; que era, o que mais importava, outro, que era tambem eleger juizes, que haviaõ de dar a sentença, como ellas foraõ acabadas, e se concluireã estas cousas, mandou elrei aos Estados, que jurassem guardar em tudo estes capitulos de obedecerem aos governadores, e á sentença, que se desse ácerca da successão; pera o qual acto todos juntos, se fez o juramento, e auto, na forma seguinte. — Ao primeiro dia do mez de Junho do anno do Nascimento de nosso Senhor Jesu Christo, de 1579 años, segunda feira, na cidade de Lisboa, nas casas, que foraõ de Martim Afonso de Sousa, junto ao mosteiro de S. Francisco, nas quaes ora está o muito alto, e poderoso rei, dom Henrique, nosso senhor, em presença de sua alteza, sendo presentes os tres Estados destes reinos, s.c. o Estado ecclesiastico, o Estado da nobreza, e o Estado dos povos, que por mandado de sua alteza se ajuntaraõ nesta cidade pera as cortes, pera que sua alteza os chamou, cujo

no 2xi  
xv. 022  
fdo

auto sua alteza nella fez o primeiro dia do mez de Abril deste dito anno, e sendo outrosi presentes as testemunhas adiante nomeadas, e eu, Miguel de Moura do conselho de sua alteza, o dito senhor me ordenou, que de sua parte propuzesse, e dissesse aos ditos Estados, que a causa, porque os mandou chamar a côrtes, como sua alteza lho já communicou, foi pera trátar da quietação, e assocego destes reinos, em caso que de sua alteza não ficassem descendentes, ou em sua vida não tomassem determinação na successão delles; e, porque o caso, e direito, da successão está posto em justiça, e as partes, que nella podem pretender direito, são já requeridas, e corre a causa por seus termos ordinarios, e juridicos, convinha, que, pera effeito da dita quietação e assocego, elles tres Estados, que presentes estavaõ, perante sua alteza, se unissem, e conformassem em huma mesma determinação, jurando solenemente cada hum delles o juramento seguinte, na forma nelle declarada, que me sua alteza mandou que lhe lesse. — Juramento — Muito alto, e poderoso, rei, dom Henrique, nosso senhor, juramos, e promettemos pelo juramento dos santos evangelhos, em que corporalmente pomos nossas mãos, em presença de vossa alteza, que não reconhecemos por rei, nem por principe destes reinos, e senhorios, de Portugal, nem obedecemos a pessoa alguma, como tal, se não áquella sómente, a que por justiça for de-

terminado, que pertence a successão delles, em caso que vossa alteza falleça sem descendentes, nem tomaremos voz, nem bando, por pessoa alguma, sob pena de quem o contrario fizer, ser havido por traidor, desleal, inimigo da republica, e do assocego della, e da sua propria patria, e, como tal, seja castigado no corpo, na honra, na fazenda, e nas mais penas, que os taes merecem: e assi juramos, e promettemos, pelo mesmo juramento, que se alguma ou algum dos pretendentes da dita successão, por força de armas ou por qualquer outro modo illicito, ou que traga alguma perturbação ou inquietação na republica, quizer ou intentar haver a dito successão, lhe não obedeceremos, antes lhe resisteremos com todas nossas forças e poder; e outrosi juramos e promettemos pelo mesmo juramento de em tudo e por tudo obedecermos aos governadores e defensores destes reinos, que por vossa alteza forem eleitos e declarados, daquelle numero delles, que por nossos Estados são nomeados nas pautas, que pera isso fizemos assinadas por nós: e tambem juramos pelo mesmo juramento de estar pela sentença, que os juizes que vossa alteza escolher, e declarar (dos letrados conteudos nas pautas por nós assinadas) derem no caso da successão, não a determinando vossa alteza em sua vida, e de comprirmos e fazermos inteiramente guardar e cumprir a dita sentença em tudo e por tudo. — Lido assi o dito ju-

ramento de verbo ad verbum, em voz alta e intelligivel, logo os ditos Estados fizeram o dito juramento, pondo suas mãos em hum livro missal, que estava aberto diante de sua alteza, com huma cruz em cima, no qual juramento se teve a ordem seguinte: jurou primeiro o Estado ecclesiastico; e o arcebispo de Lisboa dom Jorge de Almeida, em nome do dito Estado e dos prelados que presentes estavaõ, adiante assinados, disse por si e por todos as palavras do dito juramento, e pôz as mãos no dito missal, dizendo: « eu assi o juro »: depois jurou o Estado da Nobreza, e dom Diogo de Castro, hum dos procuradores da Nobreza, em nome do dito Estado, e dos Titulos e Nobres que presentes estavaõ, disse por si e por todos as palavras do dito juramento, e pôz as mãos no dito missal, e depois cada hum delles pôz tambem as mãos no dito missal, dizendo, « e eu assi o juro »: e depois jurou o Estado dos Povos, e Affonso de Albuquerque, hum dos dous Procuradores desta cidade de Lisboa, em nome do dito Estado, e dos outros Procuradores dos lugares destes reinos, que presentes estavaõ, adiante assinados, disse pela dita cidade e por todas, as palavras do dito juramento, e pôz as mãos no dito missal, dizendo: « nós assi o juramos ». Por todos os procuradores do reino não caberem bem todos juntamente na casa onde sua alteza estava, fizeram em sua pessoa o dito juramento, e vierão huns,

e depois de sahidos, entraraõ outros, e pelos que assim vinhaõ de novo tornou o dito Affonso de Albuquerque a fazer o dito juramento, dizendo todas as palavras delle em nome dos que assim eraõ presentes, e cada hum delles pôz as mãos no dito livro, dizendo: » e nós assi o juramos » conforme a o que fizeraõ os outros; e por este modo e ordem acabaraõ os ditos procuradores dos povos de fazer o dito juramento, e do qual juramento, feito na dita forma e pela dita maneira, mandou sua alteza fazer este assento e auto com esta sollemnidade, como em tal se requer; e pera a todo o tempo constar do dito juramento, e como assi se fez pelos ditos Estados, em presença de sua alteza, se tiraraõ deste assento e autos tres laudos autenticos, pera se lançarem na torre do tombo, e na camara desta cidade, e onde mais for necessario. Testemunhas que a isto foraõ presentes, o doctor Simão Gonçalves Preto, chanceller mór destes reinos, e os doctores Gaspar de Figueiredo, Paulo Affonso, Pero Barboza, e Jeronimo Pereira de Sá, desembargadores, e Gaspar Pereira, chanceller da casa da Supplicação, e o doctor Jorge Lopes, que serve de chanceller da Casa do Cível.

*Como a cidade de Lisboa, jurou os capitulos das cortes. Capitulo CIV.*

Como a cidade de Lisboa he a principal

do reino em nobresa e grandeza, e por ser metropoli dos reis de Portugal, houve elrei por bem que tambem os procuradores, vereadores, e misteres fizessem o mesmo juramento por si, pela ordem e estilo que fizeram os estados, o qual juramento Manoel Telles Barreto, hum dos vereadores, tomou e deferio em nome de todos, e de cada hum em particular, pelo mesmo modo, e dizendo: « eu assim o juro. »

*Como o duque de Bargaça tomou juramento.*

O duque de Bargaça, que estava na corte requerendo sua pretençaõ com muito calor, havendo mandado imprimir hum livro dos pareceres de alguns letrados, que entendiaõ o direito da successaõ vinha á senhora dona Catherina sua molhier, como pretensor que era, foi chamado ao juramento, que fez diante delrei na fórma seguinte.

*Juramento do duque de Bargaça.*

Muito <sup>baixo</sup> alto e muito <sup>trabalho</sup> poderoso rei dom Henrique meu senhor, eu dom João, duque de Bargaça; juro e prometto pelo juramento dos santos evangelhos, em que corporalmente ponho minhas mãos, em presença de vossa alteza, de em tudo e por tudo obedecer inteiramente aos governadores e defensores destes reinos e senhorios de Por-

tugal, eleitos e declarados por vossa alteza (dos nomeados pelos estados delles, nas pautas que para isso decaõ a vossa alteza), e isto em caso que vossa alteza não determine em sua vida a causa da successão dos ditos reinos, ou falleça sem descendentes; e outro sim juro e prometto pelo dito juramento, que por força, ou armas, ou qualquer outro modo illicito, ou que traga alguma inquietação ou perturbação na república, não procurarei, nem intentarei de haver para mim, nem para outrem o direito da successão e posse destes reinos, e fazendo o contrario, por mim, ou por outrem, sou contente, e me obrigo e aceito desde agora para entã, de incorrer em todas as penas, em que conforme a direito incorrent aquelles, que por força procuraõ de haver a posse de cousas em que pretendem algum direito; e tambem juro e prometto, pelo mesmo juramento, de estar pela sentença que vossa alteza, ou os juizes que vossa alteza escolher e declarar (dos nomeados nas ditas pautas) derem no caso da successão destes reinos, e de por minha parte cumprir e fazer cumprir, e guardar a dita sentença em tudo e por tudo inteiramente: e qual juramento assim, faço em meu nome, como vassallo que sou de vossa alteza, e tambem como marido e procurador da senhora dona Catherine, minha mulher, que he hum dos pretendentes da dita successão.

*Como o senhor dom Antonio fez o mesmo juramento, e logo fez protesto de não ser obrigado por elle. Capitulo CV.*

O senhor dom Antonio, que estava em Punhete depois que elrei o mandou sair da corte, foi por mandado delrei chamado viesse a jurar os capitulos das cortes, o qual no mesmo dia que chegou a Lisboa lhe mandou elrei fosse fazer o juramento, e vindo ao pago aos treze dias de Julho, o fez da mesma fórma, e com a mesma solemnidade que o duque de Bergança. O senhor dom Antonio, que entendia não poder conseguir seus intentos da protecção do reino por via da sentença dada por elrei e por os governadores que lhe haviaõ de succeder, ou por elles já terem entendido não ter justiça, ou por presumir que elles lhe eraõ suspeitos, e lhe tinhaõ odio, como cuidava que elrei lha tinha, determinou reclamar o dito juramento, pera o que logo no mesmo dia fez huma reclamação por escrito, assinada por elle, e a mandou intimar a Alexandre Fromentario (nuncio que entãõ era em Portugal, no qual cargo succedeo a elrei, que a tinha quando tomou o ceptro) por frei Miguel dos Anjos, prior do convento de nossa senhora da Graça, da ordem de santo Agostinho, em o qual referia ao nuncio como elrei seu senhor o obrigava a fazer aquelle juramento contra

sua vontade, e elle aceitára por medo d'elle, por ser seu vassallo; mas que o reclamava por elrei seu senhor lhe ser muito suspeito e ter grande odio, e o mesmo lhe tinhaõ os governadores que haviaõ de ser, e os juizes eleitos pera dar a sentença deviaõ contra elle ser sobornados, por onde não podia esperar que se lhe guardasse justiça; e que pera prova disto, elrei seu senhor lhe mostrava tanto odio, que no mesmo dia que elle chegára á corte de hum caminho taõ comprido pela força da calma, o mandára viesse tomar juramento, não o deixando descansar do trabalhoso caminho; e assim quando entrára no paço, e beijára a mão a sua alteza, elle lhe não fizera as honras e cortesias acostumadas e devidas, nem lhe mandára dar cadeira, nem ter com elle outro algum comprimento; e que quando o vira taõ severo em seu tratamento, não sómente não ousára queixar-se, mas nem reprimára ao que lhe mandava, que tomasse o juramento, cousa que elle fizera contra sua vontade, assim pelas rezoens acima ditas, como por elle não ser chamado ás cortes, antes sua alteza as celebrou tendo-o degradado da corte, e admitindo a ellas, e a andarem requerendo as suas pretençoens as outras partes adversas, que eram o duque de Borgança, e os embaixadores delrei Philippe de Castella, e os mais dos outros principes que tinhaõ a mesma pretenção, pelo que era em tudo manifestamente agravado

por elrei, que pretendia e mostrava impedir-lhe toda a sua justiça, e persegui-lo com rigor: por tanto pedia a sua senhoria illustrissima, que nestes reinos tinha as vezes do santo padre, aceitasse sua reclamação, e por escrito dêsse fé do dia e hora em que a aceitava, pera a todo o tempo lhe valer, e pera anular o dito juramento, e lhe não prejudicar ao direito que tinha na pretensão do reino, e na prova de sua legitimidade. O nuncio ouvida esta declaração, a aceitou, e por sua letra notou o tempo em que lhe fôra intimada.

*Como elrei mandou ao senhor dom Antonio e ao duque de Barchança se sahissem da corte. Capitulo CVI.*

Taõ alterado andava já o povo de Portugal, com as differentes opiniões que entre elle havia, a qual dos pretendores se havião de acostar, não faltando sollicitadores, que por todas as partes acrescentassem esta divisaõ, que já as cousas começavaõ a romper, quasi sem pejo de se publicarem; por que não sómente huns approvaõ o pretensor a quem eraõ mais afeiçoados, ou fosse por assim o entenderem, ou (como era mais certo) por assim o quere-rem, sem discurso de rezaõ, nem zelo de justiça, mas começavaõ a travar-se com palavras ameaçadoras de discordias, em que já as cousas se não podiaõ socegar, nem os

animos andar quietos; porque como o appetite de reinar he tão cego pera não vêr os mêos, e tão poderoso pera tentar os fins, que não sómente move com grande impeto aos que o pretendem, mas leva traz si todo o vulgo, mais cego, do que he o que os guia: por tanto, sabendo elrei dom Henrique como este appetite de reinar começava já a lançar altas raizes, pera produzir prejudicial fructo, ordenou de lhas arrancar, por que cessassem de crear ramos de tanto mal: assim mandou notificar ao dito senhor dom Antonio, que logo ao outro dia depois do juramento se fosse pera o Crato, e não ficasse em lugar nenhum menos de trinta legoas da côrte; e porque não parecesse que elrei queria favorecer ao duque, o mandou tambem que se sahisse da côrte, e deixassem seus procuradores e requerentes, que sollicitassem seus negocios. O duque de Bargaça, ainda que tinha sua casa em Villa Viçosa, foi-se a Arraiolos, lugar de que he senhor. O senhor dom Antonio tambem se sahio pondo seu intento em bir-se pera Thomar; mas, porque elrei a este tempo se hia consumindo da velhice e enfermidade tísica, que cada vez mais crecia, ajudada com os desgostos, que lhe davaõ os pretensores com seus requerimentos tão molestos, e em materia pera elle tão triste e pesada, e ficava nestes dias muito mal e quasi desconfiado da saude, o senhor dom Antonio, que sempre trazia os olhos pos-

toa na occasião de reinar, parecendo-lhe que se elrei morresse naquelles dias, lhe ficava a porta aberta pera qualquer novidade, pera que sabisse com seu intento, hia pelo caminho com muito vagar, fazendo as jornadas mais pequenas, e detendo-se em cada huma alguns dias (posto que elrei lhe mandasse, que dentro em oito dias estivesse no Crato) e esperando recado se elrei morria, segundo se presumia delle, pera fazer volta, e metter-se em Lisboa, e acclamar-se rei; mas como Deos ainda tinha alargado os limites da vida a elrei dom Henrique, houve por bem que convalescesse naquelles dias, e se achasse melhor. O senhor dom Antonio, hindo assim com passo lento, chegou a Thomar, onde se aposentou alguns dias, até dahi se hir pera Coimbra.

*Como elrei dom Henrique mandou notificar a elrei de Castella, e a seus embaixadores, que jurassem as côrtes. Capitulo CVII.*

Por que nas côrtes estava tomado assento nas principaes cousas tocantes á successão do reino, como atraz fica dito, por elrei de Castella ser hum dos pretendores, lhe foi notificado, que por seus embaixadores fizesse o juramento, que tinhaõ feito os outros opposcentes. Elrei de Castella, como tinha conselho averiguado de letrados os mais famosos, que havia em Castella, Ita-

lia e Allemanha, e em Portugal, que o direito dos reinos era seu, e como rei absoluto não tinha superior, que o julgasse, mas que elle podia executar a justiça, não quiz jurar os capitulos das côrtes, nem sujeitar-se a elles, por não pôr em duvidas a justiça, que entendia tinha clara, e a todos os requerimentos, que sobre este ponto lhe faziaõ, não deferia, por se conservar na posse de seu direito. Os seus embaixadores, posto que viaõ processar as auçoens dos pretendentes, nunca a cousa alguma contrariáraõ, senaõ, instando em os reinos serem delrei de Castella, protestavaõ pela posse delles, por paz e por guerra, não cessando porêem de usar de todos os mêos de paz com justificaçoens de partidos mui honestos pera o reino, concedidos mais por doaçãõ gratuita que obrigatoria, o que tudo faziaõ a fim de escusar guerras. Estava elrei de Castella taõ assentado em os reinos lhe virem por direito, que não tratando os seus embaixadores algum acto judicial, não se occupavaõ mais que na execuçaõ, por concertos e capitulaçoens, e seus capitaens em ajuntar gente, pera com maõ armada tomar posse com rigor de armas, quando os portuezes não quizessem aceitar as mercês que elrei por beninidade comettia, as quais foraõ tantas e por tanta maneira, que bem se enxergava o zelo do rei catolico desejar muito atalhar as guerras, que por outra via se não podiaõ escusar; porque não ficou

mêo que não tentasse, pera com paz compor as alteraçõens, que já começavaõ lançar raizes com escandalos e discordias.

*De huma sentença que elrei dom Henrique deo contra o Senhor dom Antonio.*  
*Capitulo CVIII.*

Por que elrei dom Henrique tinha entendida como entre todos os pretendores do reino nenhuns tinhaõ justiça que tivesse vigor, senão elrei de Castella e a senhora dona Catherina, por rezaõ de estarem em igual grão de parentesco, e em igual duvida da representaçãõ das pessoas, sendo sua magestade varaõ filho de femea, e a senhora dona Catherina femea filha de varaõ, ambos netos delrei dom Manoel, nunca se quiz nem se atrevo a inclinar a alguma das partes, assim por não escandalisar huns, como por não dar a entender o que sentia, antes da sentença; mas como elle era virtuoso e desejoso de evitar males que ameaçavaõ danos ao reino, não dizia mais senão que se preitassem, dando a entender que por justiça e força fazia elrei de Castella ventagem a todos pera haver o reino: mas por que elrei entendia quanto o senhor dom Antonio trazia o tento posto em haver o reino, e sollicitava por todas as vias, e já tinha havido huma sentença, que era filho legitimo do infante dom Luiz, e delles somente se temiaõ as discordias que po-

dião causar guerras, movido de grande zelo de justiça, determinou cortar-lhe seus intentos, e impossibilitalo em suas pretenções, pera o qual impetrou do papa Gregorio 13.º huma bulla de motu-proprio com comissão pera ser juiz na causa da legitimidade do senhor dom Antonio, e poder revogar a sentença que tinha alcançado secretamente, tendo-a por sobrepticia, e pera o poder castigar, por ser religioso da ordem de S. João, com perda das rendas, e as mais penas da pessoa que lhe parecesse; por virtude da qual breve, com os prelados e desembargadores nomeados, sc. dom Jorge de Almeida arcebispo de Lisboa, dom Jorge de Ataíde capellão-mór bispo de Vizeo, dom Antonio Pinheiro bispo de Miranda, o doutor Paulo Affonso, o doutor Pero Barboza, o doutor Jeronimo Pereira de Sá, e o doutor Heitor Pinto, deo a sentença seguinte =  
 Sentença contra o senhor dom Antonio =  
 Christi nomine invocato: vistos estes autos, e o breve de motu proprio do mui santo Padre Gregorio 13.º nosso senhor, ora na Igreja de Deos presidente, porque nos commetteo o conhecimento (?) da causa do pretensio matrimonio, ante o infante dom Luiz meu irmão, que Deos perdoe, e dona Violante, mãe de dom Antonio, meu sobrinho e filho do dito infante, e de sua legitimidade, por dizer que eraõ casados, e elle nacido de legitimo matrimonio, e a forma em que sua santidade nos manda que proceda-

mos na dita causa, que he summariamente, sem ordem, estrepito, nem figura de juizo, olhada somente a verdade do caso, et ex officio, e conforme ao dito breve, mandámos citar as partes, a que o negocio tocava e podia prejudicar, que foraõ as mesmas que saõ na causa da successão destes reinos, que tambem se trata perante nós, como rei delles, e mandámos notificar ao senhor dom Antonio que em certo tempo nomeasse testemunhas, e offercesse todos os documentos de que se esperava ajudar, ao que satisfizesse, e entre as testemunhas que nomeou, foraõ quatro que disseraõ de vista ao pretenso matrimonio; sc. Bastiaõ Braz, Luiz de Pina, Antonio Carlos, e Guiomar Gomes sua mulher, e assim offercidos por sua parte documentos e escrituras, que mandámos acostar aos autos; e foraõ perguntadas as ditas testemunhas, e outras muitas, que por sua parte foraõ apresentadas, pelo caso do pretenso matrimonio, e pelos artigos com que vêo, pera os provar, e sua legitimidade; e visto o grande numero delias, e seus ditos, e calidade da causa, e o que pelos ditos documentos e papeis constou, e fórma do breve, havemos por escusado e não necessario perguntarem-se mais testemunhas, e fazerem-se outras diligencias, que por parte do dito dom Antonio, e dona Catherina minha sobrinha, huma das partes adversas se requeriaõ, por sem ellas bastantemente constar da verdade:

e mandámos dar o nome das testemunhas ás partes; e vindo com contradictas por parte da dita dona Catherina, lhas não recebemos, por não serem de receber, e hou- vemos por escusado e desnecessario dar vista ás partes, pera rezoar em final, vistos os autos, calidade da causa, e fórma do breve: e tomando por assessores os prelados e letrados abaixo assinados, e de seu parecer e conselho, vistos e examinados com elles os autos destes processo, e como por todos elles se não prova o pretensio matrimonio antre o dito infante e a dita dona Violante, por palavras de presente e de futuro, nem por outra via alguma, por não haver mais que o testemunho da dita Guiomar Gomes irmã da dita Violante, que certifica de palavras de presente, e seu marido Antonio Carlos, posto que diga que o infante disse á dita dona Violante que promettia a Deos de não haver outra mulher, não diz que ella dicesse as mesmas palavras, nem outras algumas, e Luiz de Pina e Bastião Braz, testemunhas que foraõ presentes, abonados pelo dito dom Antonio, dizem que tal casamento não viraõ, nem taes palavras ouviraõ, antes se affirmaraõ serem sobornados pera que dissessem o que não sabiaõ, e posto que prometteraõ de o dizer, e deraõ disso escritos, sendo perguntados com juramento, disseraõ a verdade, e o que fica declarado, pelo que o testemunho da dita Guiomar Gomes, além de ser singular, e de pessoa tão

conjuncta e interessada, e muito suspeito de falsidade, e o mesmo o de seu marido Antonio Carlos, além de não concluirem seu dito, e encontrar-se hum com o outro em muitas cousas, e tudo o mais que se allega e prova em favor do pretenso matrimonio e legitimidade, em que não ha proporção alguma, e a chamada sentença, por parte do dito dom Antonio offerecida, de hum certo juiz da ordem de S. João, he manifestamente nulla, assi por ser dada por pessoa privada, e sem jurisdicção em tal caso, nem de comissão, nem poder que tivesse de quem lho podia dar, além de conter em si manifestos erros, tomando fundamento dos autos, que nelles não ha, e ser dada sem as partes a que tocava serem ouvidas, e sem legitimo contradictor, pendendo já a causa da successão destes reinos, cuja dependencia e incidente he a da legitimidade, e ser feito todo o processo, e publicada a sentença em termo de sete dias, pelo que fica entendido ser tudo nullo e inaquinado, e mostra-se pelo proprio e original testamento do infante, que foi visto declarar nelle, que o dito dom Antonio he seu filho natural, e como de tal o tratára em todas as partes do dito testamento e codicillo que nelle fallaõ, e na parte que assi o nomêa por filho natural não está riscado, o dito testemunho não he duvidoso, como se quer dizer; o que tudo visto, com o mais que dos autos consta, e as notorias rezões e urgen-

tíssimas presunções que ha, pera se não presumir o tal matrimonio de presente nem de futuro, nem nunca o haver, antes haver muito evidente presunção ser todo maqui-nado e falsidade, declaramos o dito dom Antonio meu sobrinho por não legitimo, antes illegitimo o sobredito pretensõ ma-trimonia e legitimidade, e conforme ao bre-ve lhe pomos perpetuo silencio; e por que tambem por sua santidade nos he cometti-do o castigo das testemunhas, que neste ca-so achassemos culpadas, visto o que por estes autos se mostra contra Antonio Car-los e sua mulher Guiomar Gomes, man-damos que sejam presos, e da prisã se livrem da culpa que contra elles ha: e quanto a dom Antonio meu sobrinho, fica a nós re-servado o poder de proceder contra elle, como fôr justiça, pelo modo que nos parecer, conforme ao dito breve.

*Como o Senhor dom Antonio houve outra  
breve do papa que avocasse a si os  
autos da sua legitimidade. Capitulo*

### CIX.

Como o senhor dom Antonio entendeu o zelo que elrei dom Henrique tinha de lhe atalhar seus intentos e o que pretendia ácer-ca da legitimidade, e de todo exclui-lo da successã do reino, com queixumes instan-tes se recorreo ao summo pontifice, dizen-do como elrei o queria excluir da successã

do reino; com odio que lhe tinha, elle e os do seu conselho, e pera de todo o inhabilitar houvera de sua santidade hum breve de motu proprio pera ser seu juiz na causa da legitimidade, sendo-lhe o senhor rei muito suspeito, assi pelo odio que lhe tinha por muitas causas, como neste caso mais particularmente em elle se affrontar de poder-se julgar, nem ainda presumir, o infante dom Luiz seu irmão haver sido casado com a mãe d'elle senhor dom Antonio, e com outros queixumes que os apaixonados custumaõ acumular ás suas petições pedia a sua santidade o favorecesse com justiça, ao menos em não cometter suas cousas a elrei, pois lhe era taõ suspeito; mas pera que sua justiça fosse tratada com desgano, e examinada sem prejuizo dos pretendores, com igualdade de todos, que sua santidade avocasse a si os autos, e os julgasse como lhe parecesse justiça, por que, não a tendo, elle ficasse sem escandalo, pois sabia sua santidade haver de julgar o caso conforme a justiça e verdade, e tendo-a, ficasse sem suspeita de falsidade, como sentia elrei o presumia d'elle. O summo pontifice inclinado a estes rogos, entendendo o breve de motu proprio, concedido a elrei, havendo sido mais largo do que sua tenção fôra conceder-lo, passou outro, em o qual mandava a elrei, como elle tinha entendido o breye, que lhe fôra concedido pera entender na causa legitimidade do senhor dom Antonio

Prior do Crato, fôra, por inadvertencia ou malicia dos notarios, com poderes mais largos do que elle concedêra; que pedia a sua alteza naõ usasse mais delle, que em preparar os autos e tirar testemunhas, e assim nesses termos lhos enviasse cerrados e sellados, pera que os julgasse, com final sentença no caso, esendo dada, fôsse nulla e de nenhum vigor, por quanto elle a reservava a seu tribunal, visto que o negocio era importante a causa taõ grave, entre pretendores taõ poderosos. Elrei, como entendeo que todas as justificaçoens do senhor dom Antonio tiravaõ a dilacões, e a naõ se tomar conclusaõ na successaõ, cada vez mais com zelo de justiça se indignava contra elle, e julgava todos seus desenhos por prejudiciaes á republica, e alheos de justiça, e quanto mais via estas negociacões injustas e fraudulentas, tanto mais procurava atalhas com justiça: quanto mais, que todos os homens prudentes, e que queriaõ paz, estranhavãõ muito ao senhor dom Antonio taes intentos, pois sabidamente eraõ tudo invençoens fundadas em cobiça de reinar, sem nenhuma apparencia de justiça, antes de escandalo. Além das rezoens, que elrei dom Henrique apontou na sentença, onde o julgou por naõ legitimo, serem verdadeiras e claramente provadas, havia outras, que o mais provaõ; porque, sendo o senhor dom Antonio tido por naõ legitimo, depois que naceo até o presente ( sendo de

idade de cincoenta annos) não tinha sua pretensão bom rosto de honestidade, em tal tempo, principalmente sendo elle em todo o tempo preferido do senhor dom Duarte, mais moço, e filho do infante mais moço, consentindo elle, sem nunca alegar causa de legitimidade: além disso era notorio em todo o reino de Portugal como o infante dom Luiz, seu pai, houve dispensação da santa sé apostolica para elle pôder ter beneficios ecclesiasticos, cujo impedimento era fundado sobre a falta de legitimidade do matrimonio, acrescentando a isto, que o infante seu pai não lhe deixou os bens que tinha da coroa, nem o condestabelado do reino, creando-o com muito amor, e como a quem desejava todo o bem; o qual, como era prudente e esclarecido em todas as virtudes cristas, com grande pureza de consciencia, não he de crer que quizesse prejudicar a seu filho, em o fazer de legitimo bastardo, antes se elle não fôra tão temente a Deos (de cuja santidade muitos religiosos tomavaõ exemplo) pudera ser; que pelo amor que lhe tinha; o fizera pelo contrario: quanto mais, inda que agora sua legitimidade constára pelas mais calificadas testemunhas que houvera no reino, sempre a prova ficava suspeita, e havida por machinada, e em todo o mundo se puderaõ alegar queixumes da parte dos pretendentes estrangeiros, como em Portugal se urdira huma falsidade, infame na honra, e injusta nas con-

ciencias, para lhes tirar seu dñeio, e que  
causava grande escandallo no mundo, e in-  
fama no reino, com que os quixoteses fi-  
cavaõ justificados diante de Deus e dos ho-  
mens, e os portuguezes com honra crecido,  
dando isto grandes occasiões de dissensões  
de guerras, não somente no reino, mas to-  
lha toda a cristandade, farras contada a  
outros muitos males temporaes e espiri-  
tuaes. os quais considerações fizeram em  
ta impressão no religioso peito de Frei  
Hieronymo, que, rompendo o amor natural  
que tinha a seu sobrinho, que estava em  
sua casa, puzo os olhos na consciencia e na bondade  
de Deus, e procurou com zelo de justiça at-  
tenuar os seus desenhos prejudiciaes ao ser-  
vicio de Deus e proveito do povo.

*Como Diogo Botelho foi intimer o leão  
a corte. Capítulo CX.*

Que que o senhor dom Antonio estava  
na Illha, sem poder vir á corte, por ellei  
se defendeu, tinha nella a Diogo Botelho,  
que com muito calor e diligencia se  
ocupava nos negocios, requerendo-os cor-  
remente. Este, sabendo que  
Diogo Botelho era em o sep-  
tante tanto em seu  
fazer por hon-  
ra e por proveito  
do senhor de  
que o povo

por injusto nos agravos que lhe fazia, e a  
 acender-se mais no amor do senhor dom  
 Antonio, e a inclinar-se á sua parte, sof-  
 frendo elrei isto com condicão e virtude,  
 reprimindo a cólera, pelo não castigar de po-  
 der absoluto, com que mais o povo se  
 escandalisasse, buscava occasião como o pu-  
 desse fazer com autoridade de justiça. Vin-  
 do pois o breve, que atraz fica dito, em  
 que se anulava em parte o primeiro, e de  
 todo se derogava a sentença, que elrei ti-  
 nha dado no caso da legitimidade, buscou  
 Diogo Botelho maneira como com hum  
 notario o intimasse a elrei, com mais li-  
 berdade do que convinha diante de hum rei  
 tão velho, e de tanta autoridade e virtude.  
 Elrei escandalisado da substancia do nego-  
 cio, e muito mais do modo que levou, e das  
 insolencias que fazião os parciais do se-  
 nhor dom Antonio, mandou logo prender  
 a Diogo Botelho na cova do Castello, aon-  
 de estive alguns dias. Alguns fidalgos velhos  
 vendo como elrei se escandalisava, pelo que fizera, e  
 a materia tinha fei-  
 to com desculpas de  
 dom Antonio lhe  
 procurador, e sem-  
 rigação que lhe  
 por tanto pedião  
 a prizaõ em sua  
 e a quem não fal-  
 tanto mais cons-

ciencias, pera lhes tirar seu direito, o que causára grande escandalo no mundo, e infamia no reino, com que os queixosos ficáraõ justificados diante de Deos e dos homens, e os portuguezes com pouco credito, dando isto grandes occasioens de dissençoens de guerras, naõ somente no reino, mas bo-liria toda a cristandade, dando entrada a outros muitos males temporaes e espiri-tuaes: as quais consideraçõens fizeraõ tanta impressaõ no religioso peito delrei dom Henrique, que, rompendo o amor natural que tinha a seu sobrinho, que criou em sua casa, pondo os olhos na consciencia e no bem commum, procurou com zelo de justiça atalhar todos os desenhos prejudiciaes ao ser-viço de Deos e proveito do povo.

*Como Diogo Botelho foi intimar o breve a elrei. Capitulo CX.*

Por que o senhor dom Antonio estava em Thomar, sem poder vir á corte, por elleõ lho defender, tinha nella' a Diogo Botelho, o qual com muito calor e diligencia solli-citava seus negocios, requerendo-os com gran-de instancia. Elrei, sabendo quanta parte Diogo Botelho era em o senhor dom Antonio prevalecer tanto em seus requerimentos, e inculca-los por honestos ao summo pontifi-ce, e fazer parecer ao povo que elle molestava o senhor dom Antonio contra justiça, com que o povo começava a clamar, e julga-lo

por injusto nos agravos que lhe fazia, e a acender-se mais no amor do senhor dom Antonio, e a inclinar-se á sua parte, soffrendo elrei isto com condição e virtude, reprimindo a cólera, pelo não castigar de poder absoluto, com que mais o povo se escandalisasse, buscava occasião como o pudesse fazer com autoridade de justiça. Vindo pois o breve, que atraz fica dito, em que se anulava em parte o primeiro, e de todo se derogava a sentença, que elrei tinha dado no caso da legitimidade, buscou Diogo Botelho maneira como com hum notario o intimasse a elrei, com mais liberdade do que convinha diante de hum rei tão velho, e de tanta autoridade e virtude. Elrei escandalizado da substancia do negocio, e muito mais do modo que levou, e das insolencias que fazião os parciais do senhor dom Antonio, mandou logo prender a Diogo Botelho na cova do Castello, aonde esteve tres dias. Alguns fidalgos velhos amigos de Diogo Botelho, vendo como elrei estava aggravado delle, pelo que fizera, e outras cousas, que nesta materia tinha feito, o tiráráo da cólera com desculpas de elle fazer o que o senhor dom Antonio lhe mandava, pois era seu procurador, e sempre o servira, além da obrigação que lhe tinha de amor e criação; por tanto pediao a sua alteza lhe mudasse a prizaõ em sua casa. Elrei, como era santo, e a quem não faltavaõ respeito justos, e que quanto mais cons-

tante era em castigar culpas, tanto mais brando era, com quaesquer desculpas e rezoens, a se inclinar á clemencia, mandou soltar a Diogo Botelho do castello, e estivesse prezo em sua casa: mas todavia, vendo elrei, que não podia prevalecer contra os requerimentos do senhor dom Antonio, sollicitados por Diogo Botelho, o que tudo era a fim de dilatar a sentença da pretensão, pera perturbação da justiça dos pretenses, e inquietação do reino, mandou a Diogo Botelho, que dentro em certos dias se sahisse da corte e de seus reinos, sob pena de caso maior; o qual, não podendo al fazer, como era homem virtuoso e primoroso, posto que sobejamente sollicito em negocios, com muita cortesia, sem queixume nem palavra desconcertada, se foi logo pera Castella, onde na arraia della esteve muitos dias em Valencia de Alcantara, pousado em o mosteiro de Mangaretes, de frades menores, até o senhor dom Antonio ser degradado fora do reino, e se ajuntou com elle, como logo diremos.

*Como elrei se foi pera Almeirim por caso da peste, que então havia em Lisboa.*

*Capitulo CXI.*

Parece que permittio Deos, pera mais merecimento do bemaventurado rei dom Henrique, subir elle á dignidade real em idade e tempo quando lidando com seus

cangados membros da velhice, já consumidos da enfermidade de tísica, se lhe acrescentassem outros maiores desgostos, que lhe agoniassem a alma; porque, não se sentindo nelle dia de saude, nem gosto, depois da nova do desbarate do exercito em Africa, e da morte delrei dom Sebastião, seu sobrinho, lhe recreceo outra magoa, de vêr que a ira do Senhor ainda não cessava com seu castigo, renovando-o com cruel peste, que deo na cidade de Lisboa, e dahi se foi ateando em todo o reino, e via seus vassallos afligidos, sem lhes poder valer. Os medicos e alguns fidalgos, que não punhão o tento mais que na saude corporal, com arrecêos do perigo, persuadiaõ e pediaõ a elrei se sahisse da cidade, pois a peste hia lavrando com morte de muitos, lembrando-lhe, alem do perigo a que sua vida estava posta, entãõ que ella era taõ necessaria e desejada, que não convinha á pessoa real estar em cidade onde a peste andava já descoberta, salpicando em todos os baírros. Elrei, antepondo o bem comum ao seu particular, não dava orelhas a estes clamores, posto que todos os dias pela manhã o guarda-mór da saude (que era o doutor Diogo Sallemma, vereador de Lisboa) lhe hia dar conta de quantas pessoas haviaõ sido mortas o dia atraz; e crescendo cada dia o numero dos mortos, não se sahia nenhuma pessoa da cidade, por verem que el-rei não fazia abalo: todavia co-

mo os do concelho viraõ o incendio hir em muito crescimento, pediraõ a elrei se sahisse da cidade pera outra parte. Affonso de Albuquerque, vereador que entaõ era da cidade, sabendo o que os do concelho tinhaõ assentado, e elrei se hia inclinando a seu parecer, se foi ao paço, e disse a elrei diante dos fidalgos do conselho e outros muitos, quaõ mal acertado seria desemparar sua alteza a cidade em tal tempo, porque como a successaõ do reino estava em termos de cada hum dos pretendores, cuidar que tinha justiça, mui facil seria alevantar-se cada hum com elle, se visse occasiaõ disposta, e naõ via nelle outra mais liberal a quem se quizesse aproveitar della, que sahir-se sua alteza de Lisboa, pois estava claro, que como elle se fosse, no mesmo dia se havia de despejar de todos os homens nobres e poderosos, e geralmente de toda a gente honrada, e ella ficaria com as portas abertas a quem quizesse apoderar-se della sem resistencia; e ainda se podia esperar entrar pela barra alguma frota de gente estrangeira ou cossaios, que a occupassem, e como Lisboa era cabeça do reino, e tinha em si muita riqueza, e todas as machinas de guerra, podia em tal tempo facilmente perder-se, e por ahi todo o reino; e quando isso naõ fosse, podia ser saqueada, com grande perda da republica temporal, e naõ menor do cluto divino, e das religioens: que fazia lembrança a sua alteza

como estas rezoens tinhaõ muita força em tempo de tantos pretendentes, e eraõ avisos que se naõ deviaõ desprezar, mas fazer muito caso delles; porque, como o appetite de reinar era cego pera naõ vêr justos respeitos, e muito perspicaz em enxergar quaesquer occasoens pera sahir com seu intento, naõ havia que confiar em engenhos inquietos, nem que culpar juizos acautelados; quanto mais que este, de a cidade ficar despejada da corte e dos moradores, estava incitando a quem a desejasse, ainda que estivesse mui descuidado. Elrei lançou tanto maõ destes avisos, que naõ quiz fazer abalo algum; com cuja presenca a cidade estava emparada e conservada em uniaõ e paz; e tal foi o arrecõ, que geralmente todos os homens tinhaõ do que acima fica dito, que, ainda estando elrei na cidade, naõ se davaõ por seguros, e provendo-se de armas e gente em suas casas, faziaõ reparos de portas fortes e dobradas com temor de haver algum alevantamento, e que a cidade fosse saqueada, e houvesse mais alguma gente desmandada, que chegasse a fazer alguns aggravos nas pessoas. Com estes temores andava a cidade chã de confusã, pondo os homens em cobro suas fazendas, e mandando elrei tambem de noite pôr gente de guarda na casa da India, nos almazens, alfandegas, e outras casas publicas, o que acrescentava os recõs em que a gente andava metida. Era vêr como

a peste cada dia hia em maior crescimento, com muitas mortes, por mais diligencias que se faziaõ em levarem os enfermos de toda a sorte á casa da saude, pera preservar a cidade, a qual estava ordenada fora, e lhe fechavam as portas por não haver communicação, e evitar a contagiaõ: todavia quando elrei vio que era já temeridade esperar mais rebates, com geral consentimento de todos, se foi aposentar em S. Bento de Enxobregas, por ainda dahi dar alento á gente não desemparrasse a cidade. Andando elrei com esta carga de antretimentos aos hombros, acrescentando-se-lhe tambem cada vez mais sua enfermidade (o qual sómente em leite de mulheres se conservava) obedeceo ao chamado da morte, que o tinha apressado em Almeirim; o qual dizia, como lá se visse se havia de achar bem; e quasi esquecido dos inconvenientes, que se seguiriaõ de sua hida, instava com muito desejo o levassem a Almeirim. Os do conselho vendo o estado em que elrei estava, e a efficacia de sua hida, não puderaõ al fazer, e logo se partiraõ pera Villa Franca, e dahi a Salvaterra, onde elrei esteve alguns dias, e dahi foi a Almeirim: mas como os governadores estavaõ nomeados, pera, como elrei morresse, succederem no governo, e continuarem com elle, se foraõ todos a Almeirim com elrei, e jutamente com elles os embaixadores dos pretendores, e o duque de Bargaça, que entãõ foi chamado.

*Como elrei mandou pelo-meirinho mór  
prender o senhor dom Antonio.  
Capitulo CXII.*

Com a hida delrei dom Henrique a Almeirim se mudou o senhor dom Antonio pera Coimbra, e se aposentou no convento de Santa Cruz, da ordem dos conegos regrantes; mas como o senhor dom Antonio era mui amado do povo, e principalmente dos estudantes desta universidade, por elle tambem ahi estudar e se crear, sendo moço, começou logo a haver alvoroço em todos, por huns, que tinhaõ cheiro de letras, quererem-lhe com ellas provar o direito da successão, outros, que as aborreciaõ, ameaçar com armas a quem lho quizesse impedir: de maneira, que ainda que o senhor dom Antonio naõ tivesse intento de fazer novidades, os estudantes, como homens mancebos, em quem o fervor da colera tinha mais vigor que a madureza do juizo, começáraõ a brayosear com palayras mais usadas em exercitos, que aprendidas em escolas. Elrei dom Henrique, que lhe diziaõ estas cousas, e outras mais já sabidas dos sobornos que o senhor dom Antonio sollicitava, e outras acrecentadas dos imigos, enfadado por estas informaçoes, e outras que cada dia lhe diziaõ, juntas com os desgostos já atraz travados, principalmente da intimação do braye, que lhe Diogo Botelho havia feito,

determinou mandar prender ao senhor dom Antonio, assim por castigo das inquietaçoens que tinha começado, como por atalhar as que se esperavaõ; pera o qual, dando recado a dom Duarte Castel-Branco meirinho mór do reino, mandou fosse prender ao senhor dom Antonio onde quer que o achasse. Partido o meirinho mór com alguns criados seus, e com Francisco Nunes de Paiva escriptaõ da camara delrei, se soube o caminho do meirinho mór, com que o senhor dom Antonio foi avisado; o qual sahindo-se de Coimbra pera Entre Douro e Minho, não achando o meirinho mór recado d'elle em Coimbra, se tornou á corte. Elrei, insistindo no seu proposito, tornou a mandar o meirinho mór o buscasse onde estivesse; e o senhor dom Antonio, sabendo isto, andava-se desviando secretamente donde o meirinho mór o pudesse encontrar. O meirinho mór, ainda que era muito amigo do senhor dom Antonio, fez todas as diligencias possiveis, conforme ao que elrei lhe mandava, por se mostrar em tudo obediente, e cumprir com a obrigaçãõ de seu cargo. Desta maneira discorrendo muitos dias, e muitas jornadas, entre Douro e Minho, se tornou á corte sem effecto algum: mas porque elrei temia que os estudantes da universidade de Coimbra fizessem algumas alteraçõens, que se podiaõ esperar de gente solta e mancebos, que poucas vezes enfreadõ suas paixõens com maduro juizo,

nem medem os respeitos pela rezaõ, quando os appetites os impellem a distrahimento, mandou a Martim Correa da Silva a Coimbra, pera com a presença de sua pessoa temperar quaesquer alteraçõens que se movessem, com poderes de poder castigar quaesquer cousas dignas de pena, e assim aquietar o povo; ao qual se teve tanto respeito, e elle mostrou tal comedimento em seus conselhos, que tudo se aplacou, sem haver pessoa que fallasse palavra, nem fizesse mais desenho que de rezaõ e justiça. O senhor dom Antonio, como sentio que elrei o mandava buscar segunda vez pera o prender, se vêo metter secretamente em Lisboa, deixando sua casa em o lugar de Escarrego, fingindo andar caçando em outros lugares circunvisinhos, até saber como o meirinho mór secundariamente era tornado á corte: entaõ naõ se dando por achado de o meirinho mór o ter buscado, se tornou a Coimbra, e aposentou em Santa Cruz, onde estava.

*Como elrei mandou citar por carta de Editos ao senhor dom Antonio, e da falla que dom Francisco Pereira lhe fez.*

*Capitulo CXIII.*

Quando elrei dom Henrique vio que a hida do meirinho mór naõ tivera effecto, e o senhor dom Antonio naõ fazia caso de seus mandados, mas cada vez mais solicitava

os povoa a seguirem sua voz, com manifesto aggravo da justiça dos pretensores, e grande semente de discordias e guerras, determinou usar de todo o poder real em atalhar-lhe os intentos, e pôr a republica em paz e quietação; pera o qual querendo proceder com todo o rigor de justiça, sem mostrar zelo de vingança, quiz que o negocio fosse ordenado por termos e actos judiciaes, até ser concluido com toda a severidade das leis, sem nenhuma temperança de clemencia, e estando em Almeirim, mandou fixar em as portas do paço huma carta de editos, pela qual citava e chamava a juizo o senhor dom Antonio em termo de tres dias, pera responder ás culpas fulminadas, contra as quaia queria proceder. O senhor dom Antonio, que não andava em publico, posto que logo teve aviso de seus amigos e criados, que trazia na corte, da carta fixada, e do theor della, nunca quiz deferir á citação, nem acudir ao chamado delrei, com temor de o mandar prender, e mais sabendo como nenhuma desculpa o havia de tirar do zelo de o sentencear. Dom Francisco Pereira, fidalgo velho e prudente, pelo amor que tinha ao senhor dom Antonio, e haver servido ao infante dom Luiz seu pai, pesando-lhe d'elle em todo o discurso atraz haver seguido errados conselhos, e de vez elrei taõ indignado contra elle, quiz pôr-se no mên, e fazer alguma reconciliação, que temperasse a colera delrei; e hindó a elrei lhe disse como

elle não hia a desculpar as cousas do senhor dom Antonio deante sua alteza, pois elle as tinha por mal feitas e dignas de castigo; e se o senhor dom Antonio lhe tivera obediencia como elle lhe tinha amor, elle o pudéra ter bem aconselhado como amigo e reprehendido como vello, o que cabia muito bem nelle pelas suas muitas cans, e o haver ajudado a criar menino; mas deixados seus erros, como de homem mal aconselhado, e mofo em não saber conhecer os amigos verdadeiros, lembrava a sua alteza, que era filho do infante dom Luiz seu irmão, cuja irmandade toda a vida fôra unida em particulares affeições, aventejadas dos outros irmãos; e inda que não houvera este tão chegado parentesco e amor antre ambos, as virtudes tão esclarecidas do infante dom Luiz eraõ merecedoras de por sua lembrança se perdoarem muitos erros a seu filho mal aconselhado; quanto mais, que sua alteza tinha esta obrigação por si mesmo, pois de moço sempre o criou em sua casa com sua doutrina, com zelo de lhe fazer todos os bens que pudesse, e agora, que podia muito, não estava bem a sua real pessoa querer converter em mal todo o zelo que havia tido de lhe fazer todo o bem; que pedia a sua alteza, deixado todo o rigor da justiça, com que queria castigar suas culpas, como rei, o convertesse em clemencia, em emendar seus erros como tio, que sempre o teve por filho, pois como branduras o podia adquirir a si pera sua emen-

da, e com rigores o exasperava em o chegar ao estado presente, absente da corte, em certa maneira homisiado, desfavorecido, e sobretudo perseguido, em tempo de tantos agoutes, que Portugal tinha recebido, sendo o maior delles estar orfaõ de principes, cousa que mais o lastimava; nem quizesse magoar novamente o povo portuguez, em taõ mal tratar huma só faisca da casa real, com cujo escandalo se lhe renovavaõ as dores, assim com a lembrança da morte de tantos principes, como pelo amor que tinha ao senhor dom Antonio.





## ASSIGNANTES.

A. 1.º

Ill.<sup>mos</sup> Snr.<sup>s</sup>

D. Anna Jorge de Oliveira Maia.	1
Anacleto José d'Oliveira.	1
Antonio José Rebello.	1
Antonio Luiz Nogueira e Freitas.	3
Antonio Manoel da Cruz Rebello.	1
Antonio Joaquim de Moraes Sarmento.	1
Antonio Soares Monteiro.	1
Antonio José de Azevedo.	1
Antonio José de Amorim.	1
Antonio Joaquim da Silva.	1
Antonio de Sousa Guerra.	1
Antonio Fernandes T....	1
Antonio Ferreira da Silva.	1
Alexandre Nogueira.	1
Antonio Pereira Sampaio.	1
Antonio José da Silva Róza.	1
Antonio Claudino Pimentel.	1
Antonio Julio dos Santos Pereira.	1
Agostinho José da Silva Guimaraes.	1
Antonio da Silva Monteiro.	1
Albino Alaõ Veiga.	1
A. C. P. Ferraz.	1
Antonio José Mendes.	1
Antonio Severino da Silva.	1
Antonio José F. Almeida.	1
A. F. T. B.	1
Antonio Bernardino de Vasconcellos.	1
Antonio José de Mesquita.	1

Antonio José Peixoto Vieira.	1
Antonio d'Almeida Coutinho e Lemos.	1
A. A. Padraõ.	1
A. F. R. Lavaredas.	1
Aires Antonio Teixeira de Agular.	1
A. M. Carneiro.	1
Antonio Joaquim Gomes de Oliveira	1
Antonio Fernandes Coelho.	1
Antonio Ribeiro dos Santos Dias.	1
Antonio Leite Ferreira.	1
Antonio Maria Diniz.	1
Antonio Theodoro Ferreira Taborda.	1
Antonio Esteves.	1
Antonio d'Araujo Ribeiro Giraldes:	1
Antonio Augusto da Motta Teixeira.	1
Antonio José da Silva.	1
Antonio Lino Liaõ de Vasconcellos.	1
Antonio Pereira de Azevedo.	1
Antonio Pinto da Silva Pereira.	1
Antonio Taveira de Carvalho.	1
Antonio Soares Mascarenhas.	1
Antonio Martins Villaça.	1
Antonio Teixeira de Abreu.	1
Antonio Alves Pereira e Silva.	1
Antonio Monteiro Soares.	1
Antonio Augusto da Fonseca.	1
Antonio de Moura da Silveira.	1
Antonio dos Santos.	1
Antonio Nogueira Pinto.	1
Antonio Luiz de Araujo.	1
Antonio Joaquim do Rocha Marques.	1
Antonio Pinto de Lacerda Vasconcellos.	1
Antonio de Sousa Vieira	1

Antonio Carneiro.	1
Antonio Pereira de Barbedo.	1
Antonio José de Oliveira e Couto.	1
Ant.º Carneiro d'Andrade e Vasconcellos.	1
Antonio Augusto da Silva.	1
Antonio Pinto Gonçalves.	1
Antonio Ferreira Sarmiento.	1
Antonio Rodrigues Sampaio.	2
Antonio José Teixeira.	1
Antonio Rodrigues Ledesma e Castro.	1
Antonio Lourenço Coelho.	2
Albino Raimundo de Sousa Pimentel.	1
Antonio Marques Nogueira Lima.	1
Antonio Leite de Faria.	1
Alexandre José de Viveiros	1
Antonio Rego	1
Antonio Mendes Diniz.	1
Antonio Sergio Negraõ.	1
Agostinho C. Borges de Sousa.	1
Alberto Moraes Pinto d'Almeida.	1
Antonio Emilio Correa de Sá.	1
Antonio Domingues Jacinto.	1
Antonio Maria Pinto.	1
Antonio Soares Aranha.	1
Antonio Marciano d'Azevedo.	1
Antonio Francisco de Lima.	1
Antonio José Teixeira.	1
Antonio José Monteiro Guimarães.	2
Antonio José Ferreira Silva.	1
A. O. Q.	1
Antonio Luiz d'Azevedo.	1
Antonio Ribeiro dos Santos Dias.	1
Antonio José d'Oliveira.	1

Antonio José de Castro Silva.	1
Antonio Gomes dos Santos.	1
Antonio José Gomes.	1
Antonio José Fernandes Dias.	1
Antonio José Gonçalves Guimarães.	1
Antonio Emigdio Ribeiro.	1
Antonio Joaquim dos Santos.	1
Antonio José Fajardo.	1
Antonio Joaquim d'Araujo.	1
Antonio d'Andrade.	1
Antonio José de Sousa Vianna.	1
Antonio Pereira de Faria.	1
Antonio Luiz da Silva.	1
Antonio José Barbosa de Meirelles.	1
Antonio Esteves da Costa.	1
Antonio Henriques Leal.	1
Antonio Pedroza Barreto.	1
Albino Francisco de Figueiredo.	1
Antonio Joaquim de Figueiredo e Silva.	1
Abrantes.	1
Antonio Fortunato da Silva.	1
Desembargador Ant.º Teixeira d'Aguilar.	1
Antonio Estanislau de Barros.	1
Antonio José Pereira Castro.	1
Alberto Teixeira Pinto.	1
Antonio Thomas Costa.	1
Antonio Maria Lobo.	1
Antonio José Dias Magalhães	26
Antonio Pinto Ribeiro.	1
Antonio José Teixeira da Mota.	1
Alexandre Teixeira Leonil.	1
Antonio da Cunha Coelho.	1
Antonio Marques Ramos.	1

Antonio de Lemos Barboza.	1
Antonio Demetrio Correa.	1
Antonio Maria Barker.	1
Antonio Vieira d'Araujo.	1
Antonio Luiz Pereira.	1
Antonio de Serpa Pinto.	1
Antonio Carlos Araujo Motta.	1
Antonio Narciso Alves de Britto.	1
Antonio Joaquim Gonçalves Carvalho.	1
Antonio José Pereira.	1
Antonio Teixeira de Britto.	1
Antonio José Gonçalves Duarte.	1
Antonio Vergolino Saraiva.	1
Antonio Joaquim José Ferreira.	1
Antonio Joaquim Teixeira.	1
Antonio Fernandes Leite.	1
Antonio José d'Azevedo Guimarães.	1
Antonio Maria de Magalhães.	1
Antonio Rodrigues de Sousa.	1
Antenio Macedo.	1
Antonio Pinto Cardozo Coutinho.	1
Antonio José de Sousa Pena.	1
Antonio Guedes de Carvalho.	1
Antonio d'Almeida Galafura Carvalhaes.	1
Anselmo José da Cruz.	1
Antonio Joaquim Duarte Campos.	1
Alberto Carlos Cerqueira de Faria.	1
Antonio Maria d'Albuquerque.	1
Antonio Pedro de Carvalho.	1
Antonio Justino Machado Moraes.	1
Antonio José Maria Campelo.	1
Antonio Candido Ferreira de Carvalho.	1
A. M. Gomes.	1

Antonio José da Silva Leão.	1
Antonio José da Silva Vieira.	1
B.	
Bernardo José Teixeira.	6
Bento Augusto de Moraes Sarmiento.	1
Bernardo Luiz Fernandes Alves.	1
Bernardo. A. A. Guimaraes.	1
Bernardo Pereira de Sousa.	1
Bernardo Joaquim Gonçalves.	1
Bartholomeo de S. José.	1
B. Oddy.	1
Bernardo José Ribeiro.	1
Bento Joaquim de Mesquita.	1
Bento Pinheiro Caldas Guimarães.	3
B. J. Gomes Faria.	1.
Bernardo Gonçalves Mamede.	1
Bento Luiz Ferreira Carmo.	3
Bernardo Joaquim da Cruz Teixeira.	1
Bartholomeo Correa.	1
Boaventura José da Costa.	1
Balthesar Jacinto Cabral.	1
Bernardino de Macedo.	1
Bernardo Rebello Ozorio.	1
Boaventura José Vaz.	1
Baraõ de Noronha.	1
Bernardo Antonio de Figueiredo.	1
C.	
Candido Augusto Pimentel.	1
Carlos Borromeu Pereira da Silva.	1
Camillo Aureliano da Silva.	1
Carlos Manoel Soyé.	1
C. M. da Silva Moraes.	1
Crispim Morato Roma.	1

Carlos Antonio da Silva Leitaõ.	1
Custodio José da Costa Mesquita.	1
Camillo da Silva Ferraz.	4
Carlos Vieira da Motta.	1
Caslos Frederico Pinto Soveral.	1
Christovaõ José Cardoso.	1
Caetano Antonio Barboza.	3
Custodio Teixeira Pinto Junior.	2
Custodio de Faria Pereira da Cruz.	1
Candido José Simplicio.	1
Caetano da Cunha Ozorio Carneiro.	1
Custodio José Lopes dos Santos.	1
Carlos da Silva Maya.	3
Conde de Lumiaries.	1
Caetano Francisco de Carvalho	1
D.	
Domingos Francisco dos Santos Lima.	1
Domingos Luiz Celestino.	2
D. A. Ramalho Varella.	1
Domingos Ribeiro de Faria.	1
Diogo da Silva C.	1
Dionisio Manoel Pinto.	1
Daniel Cesar da Silva Ferraz.	1
Domingos d'Almeida Ribeiro.	1
Diogo Almeida de Sá Vargas	1
Domingos José Rodrigues Braga.	1
David Pinto de Sousa Guimaraens.	1
Duarte Ferreira Pinto.	1
Domingos Ferreira Pinto.	1
Domingos da Soledade Sillos.	1
Domingos José Gonçalves Valença.	1
Diogo Barker.	1

E.

Elias Eloi Tavares . 1  
Euzebio de Freitas Rego. 1  
Estanisláo José Ribeiro. 1

F.

Fernando Carlos da Costa. 1  
Francisco Romano Gomes Meira. 1  
Francisco de Meirelles Pinto. 1  
Firmo Augusto Marecos. 1  
F. H. da Maya Junior. 1  
Francisco José da Costa. 1  
Francisco Maria Couceiro e Albuquerque. 1  
Francisco Antonio Verissimo. 1  
Francisco José d'Oliveira Queiroz. 1  
Francisco Ferreira Vidal. 2  
Francisco Antonio de Pinho. 1  
Francisco d'Almeida Lucas. 1  
Francisco José Soares. 1  
Francisco da Cunha. 1  
Francisco dos Santos. 1  
Francisco Ant.<sup>o</sup> d'Oliveira Guimarães. 1  
Francisco José de Sousa Nunes. 1  
Francisco José d'Azevedo 1  
Francisco de Paula Cardoso. 1  
Francisco de Paula Mello. 1  
Francisco José de Paiva Pereira. 1  
Francisco Vizeu Pinheiro. 1  
Francisco de Paula Pinto. 1  
Francisco Xavier Taborda Pinhatelli. 1  
Francisco Thomas da Silva Carvalho. 1  
Fernando Antonio Correa da Silva. 1  
Francisco Marques d'Oliveira. 1  
Francisco Luiz Correa. 1

Francisco Antonio Cordêiro.	1
Francisco Vieira Pinto.	1
Francisco Guedes de Carvalho.	1
Francisco Teixeira Dias.	1
Francisco Caetano da Silva.	1
Francisco Pinto Gonçalves Junior.	1
Francisco d'Assis Ledesma e Castro.	1
Frederico José de Novaes.	1
Francisco Vieira da Silva Barradas.	1
Francisco José Rodrigue d'Oliveira.	1
Francisco Brandaõ de Mello.	1
Francisco Leandro Mendes.	1
Francisco Mariano de Viveiros.	1
Francisco José Villaça Veiga.	1
Francisco de Paula Silva Pereira.	1
Francisco Antonio da Costa Guimarães.	1
Francisco dos Reis Mascaranhas.	1
Francisco Antonio Marques.	1
Francisco José da Silva.	1
Francisco Caetano Silva.	1
Figueiredo.	1
Francisco Ferreira da Cunha.	1
Francisco José Fernandes Dourado.	1
Francisco da Silva Oliveira.	1
Francisco Bernardo dos Santos.	1
Francisco Antonio Soares.	1
Francisco d'Assis e Sousa.	1
Francisco Rafael da Silveira Malhaõ.	1
Francisco de Sales Barboza.	1
Francisco Antonio M. Braga.	1
Francisco Gomes d'Oliveira.	1
Francisco José dos Santos Couto.	1
Francisco Antonio Peixoto	1

Francisco Manoel da Costa.	1
Filipe Antonio d'Oliveira.	1
Francisco Joaquim Ribeiro da Motta.	1
Francisco Antonio Vieira.	1
Francisco Xavier de Moraes Pinto.	1
Francisco Antonio Peixoto.	1
Francisco José d'Azevedo Coutinho.	1
Francisco de Paula Candido Garcez.	1
Francisco Ignació de Seixas.	1
Francisco de Mello Pinto.	1
Francisco Fernádes da Costa.	1

#### G.

Gabriel de Pinho.	1
Godinho.	1
Gervazio Leite Rebello da Gama	20
Gaspar Teixeira Falcaõ d'Andrade.	1
Gonçalo de Sousa Pinto.	1
Guilherme Francisco d'Almeida.	1
Genge A. Redpahl.	1
Gil Ribeiro d'Almeida.	1

#### H.

Henrique Daniel Wenk.	1
Henrique Duarte e Sousa Reis.	1
Henrique José Ferreira Lima.	1
Henrique Riesenbergl.	1
Henrique **	1
Hermano Estanislau Orlandi.	1

#### I.

Joaquim Pereira dos Santos Queiroz.	2
José Estevaõ Coelho.	1
Joaõ da Silvá Santos.	1
Joaõ Pedro Ribeiro.	1
José Antonio Gonçalves.	1

Jeronimo Emiliano H. Silva.	1
José Maria Placido.	1
Joaõ Antonio de Moraes.	1
José Pinto Ribeiro e Sousa.	1
Joaquim Monteiro de Carvalho.	1
Joaquim José Pereira.	1
Joaõ Carlos d'Oliveira Pimentel.	1
Jorge Authur Pimentel.	1
Julio Maximo Pimentel.	1
Justiniano Claudino d'Oliveira.	1
Joaquim Camello Sarmiento.	1
José Estanisláo de Barros.	1
José da Silva Monteiro.	1
José Marques das Neves Lobo.	1
Joaõ Bento da Costa.	1
José d'Oliveira e Sá.	1
Joaquim José Pereira.	1
J. R. C. J.	1
Joaõ dos Santos Mendes	1
Joaõ Manoel Cardozo Guimaraens	1
Joaõ Monteiro Correa Ribeiro.	1
José Antonio da Silva.	1
Joaõ Baptista C. Ferreira.	1
Joaõ Antonio de Freitas Pimenta.	1
Joaõ José d'Azevedo.	1
Joaõ Baptista Pinto.	1
José Bento Lopes dos Reis.	1
José Antonio Cardoso Pereira.	1
Jacintho da Silva Mengo.	1
J. E. A. Metrass.	1
J. L. Bayard	1
J. F. R. Schiappa de Azevedo	1
Joaõ d'Oliveira Guedes Travessa.	1

Joaquim José do Nascimento Lupi.	1
José Duarte Nunes.	1
José Fermino de Lourido.	1
Jorge Luiz Joubert.	1
José Maria de Lara Junior.	1
José Maria Pereira Baptita Less.	1
José Morato Roma.	1
José Pedro de Carvalho.	1
José Vicente da Silva.	1
José Caetano Rebello.	1
José Pedro de Barros Lima.	1
José Pereira de Macedo.	1
José Joaquim d'Azevedo Robalo.	1
José Joaquim da Cunha e Veiga.	1
Joaõ Ignacio de Sousa Pinto.	1
José Joaquim Ribeiro Cerqueira.	1
José Maria Soares Teixeira.	1
José de Mesquita Costa e Mello.	1
José Peixoto Sarmiento de Queiroz.	1
José Pinto de Gundar e Mota.	1
José Pinto de Mesquita e Lemos.	1
José Victorino Mendes.	1
Joaõ José d'Almeida Basto.	1
Joaõ Ferreira.	1
Joaõ Pinto de Almeida.	1
José Eleuterio Barboza.	1
Joaõ Nogueira Gandra.	1
José Carneiro da Silva.	1
Joaquim Maria da Cunha Lima.	1
José Pereira Guimarães.	1
José Gomes Monteiro.	1
Joaõ Clemente de Carvalho Sávedra.	12
Joaõ de Mello Almeida Caiado.	1

José Marcellino de Azevedo.	1
Joaõ Vieira de Mello.	2
Jeronimo Pinto Ribeiro.	1
Jeronimo José Soares Peixoto.	1
José Carlos de Serpa.	1
José Joaquim de Mello.	1
José Antonio Teixeira.	1
José Caetano Pinto.	1
Joaquim Pinto Peixoto.	1
J. Bernardino Guedes de Mattos.	1
Joaõ Pinto da Costa.	1
José Vieira P. B.	1
José Soares.	1
José de Azevedo Pinto.	1
José Joaquim.	1
José Ferreira Malheiro	1
José Pinto Gonçalves.	1
Jacinto José de Sá Lima.	1
José Antonio Pimentel.	1
José Manoel de Castro.	1
José Antonio Ramos.	1
Joaquim Freire de Macedo	1
José da Silva e Sousa.	1
José Alves Sousa.	1
Joaquim Gonçalves Dias Monteiro.	1
Joaõ dos Santos Fonseca.	1
Joaõ Antonio Sousa Doria.	1
José Thomaz Ferreira do Amaral.	1
José Militaõ Frasaõ Castelin.	1
Joaquim Maximo da Cunha.	1
Joaõ Duarte Lisboa Serra.	1
Joaõ Alberto de Vasconcellos.	1
José d'Araujo Coutinho Vieira.	1

Joaõ Marques dos Santos Rego.	1
Joaõ Nepomuceno da Cunha.	1
José Carlos Lobo.	1
José Barata da Silva.	1
Jose Maria de Sousa Rodrigues.	1
José Cardoso Villa-Nova.	1
José Roberto de Oliveira.	1
Joaõ de Sousa Braga.	2
Joaõ Ferreira Martins Ferro.	1
José Antonio de Sá.	1
Joaquim José Simoens.	1
Joaõ José de Sousa Ramos.	1
Joaõ Antonio de Freitas Guimarães.	1
José Antonio da Silva Torres.	1
Joaquim Alves dos Santos.	1
José Albino Dias.	1
Joaõ José Mendes.	1
J. J. da Silva Maia.	1
Joaquim José de Freitas.	1
José Brandaõ Pereira de Mello.	2
Ignacio Fernandes Coelho.	2
Joaquim José Baptista.	1
Joaõ Anselmo da Silva Soares.	1
José dos Santos Fera.	1
Joaõ Ignacio da Cruz.	1
José Joaquim Pimenta,	1
Jorge Mey.	1
José da Silva Oliveira.	1
José Martins Alves d'Oliveira.	1
José Monteiro Barboza Carneiro.	1
Joaquim Manoel Ferreira d'Oliveira.	1
Joaõ Ribeiro de Mesquita.	1
José Carneiro Giraldes de Vasconcellos	1

José Joaquim Rodrigues dos Santos.	1
Jacinto da Silva Pereira.	1
José Maria de Sousa Prado Mascaranhas	1
Joaquim José d'Oliveira Coelho.	1
José Fernandes da Cunha.	1
José Patricio d'Azevedo Silva.	1
José Duarte Moreira e Sousa.	1
José Coelho de Castro.	1
José Francisco Lima.	1
José Caetano.	1
José Pedro Barros Lima Junior.	1
Joaõ da Cunha Lobo.	1
José Antonio Mendes Guimarães.	1
J. O. B.	1
Joaquim Ferreira Cabral	2
José Maria Ribeiro Pereira.	1
José Antonio Vieira.	1
José d'Araujo Machado	1
José M. Pereira.	1
José Pedro Barros Lima.	1
José Simões de Paiva.	1
José de Lima Pereira.	1
José Antonio Simões.	1
Joaquim Simões de Carvalho.	1
José Antonio Ferreira.	1
Joaõ Evangelista Pinto.	1
Joaõ José de Sousa Magalhães.	1
José Joaquim Brochaõ.	1
Joaõ da Silva Neves.	1
José Pinheiro Caldas Guimarães.	1
José Francisco Fernandes.	1
Joaõ Victorino Pereira da Costa.	1
José Antonio da Silva Barboza.	1

Joaquim Vieira Galvão.	1
José Henriques.	1
J. L. França e Horta.	1
Joaquim Nicoláo Cordeiro.	1
Januario José da Silva.	1
José Ferreira de Mendonça.	1
José Teixeira d'Aguilar.	1
José Gonçalves Carqueija.	1
Joaquim Antonio Ignacio Junior.	1
José Joaquim de Mattos.	1
José Teixeira Pinto Basto.	2
José Ferreira Pinto Junior.	1
Joaquim Nogueira Gandra.	2
Jeronimo José de Faria	1
João Henriques Bormão.	1
José Rodrigues da Cruz Junior.	2
João Soares Pinço.	1
Januario ***	1
José Coelho de Moura.	1
José Victorino.	1
João Antonio Monteiro.	1
José Alvares dos Santos.	1
Joaquim Ferreira Lopes.	1
Joaquim dos Santos Silva.	1
J. H. F. de Carvalho.	1
J. A. Martins.	1
J. A. Moraes.	1
J. Mello e Freitas.	1
Jeronimo Pinto de Lacerda.	1
João José d'Almeida Penha.	1
José Maria Borges	1
José Maria Brandaõ.	1
José Joaquim de Mattos.	1



# INDICE.

	pag.
Cap. 1. — Da prosperidade dos Reinos de Portugal em tempo delrei Dom Joaõ, terceiro - - - - - cap.	1
Cap. 2. — Do Nascimento delrei D. Sebastiaõ. - - - - -	4
Cap. 3. — Da criaçaõ delrei D. Sebastiaõ e dos mestres que o ensinaraõ. - - - - -	10
Cap. 4. — Como depois da morte delrei D. Joaõ, a rainha governou os reinos de Portugal, a qual depois deixou o governo ao Cardeal. - - -	15
Cap. 5. — Dos ministros mais chegados, que elrei D. Sebastiaõ teve no tempo que governou seus reinos - -	19
Cap. 6. — Dos disfavores que elrei fazia a rainha, e ás mais pessoas, que estranhavaõ seus desejos da guerra	23
Cap. 7. — Como trataraõ de casar a elrei - - - - -	30
Cap. 8. — Como elrei mandou o Senhor D. Antonio a Tangere - - - - -	34
Cap. 9. — Como elrei passou a Africa	37
Cap. 10. — De como o cardeal ficou governando o reino, em quanto elrei	-

*Niche, e*  
*Sebastião*

	pag.
esteve em Africa - - - - -	41
Cap. 11. — De como elrei tornou a Tangere, e foi aconselhado se tornasse pera Portugal - - - - -	44
Cap. 12. — Como elrei dom Sebastião se tornou de Africa para Portugal -	47
Cap. 13. — Como o senhor dom Duarte se foi pera Evora aggravado d'elrei, onde morreo - - - - -	52
Cap. 14. — Como em Africa se levantáraõ os Xarifes, e que homens eraõ. - - - - -	56
Cap. 15. — De como os Xarifes tomaraõ o reino de Marrocos, e o rei de Fez os foi cercar. - - - - -	62
Cap. 16. — De como os irmãos Xarifes se desavieraõ, e da batalha que tiveraõ. - - - - -	66
Cap. 17. — Como o Xequê houve o reino de Marrocos, e o de Tremecem.	70
Cap. 18. — De como os turcos tomaraõ ao Xequê o Reino de Tremecem.	75
Cap. 19. — Como Boachum, senhor de Beles, foi metido de posse do reino de Fez, e o Xequê desappossado delle.	80
Cap. 20. — Como o Xarife velho rebellou, e o Xarife seu irmão o reduzio, e tornou a tomar o reino de Fez. - - - - -	84
Cap. 21. — De como o Xarife foi morto pelos Turcos. - - - - -	88
Cap. 22. — Como Abdalá foi levantado rei de Berberia por morte do Xa-	

- rife pai, e os turcos, que o havião morto, foraõ desbaratados. - - - - - 93
- Cap. 23. — Como o rei de Argel vêo sobre Fez, e o Xarife matou dous Irmãos, e Mulei-Maluco seu irmão fugio pera Argel. - - - - - 97
- Cap. 24. — Como Mulei-Maluco houve do Graõ Turco ajuda pera se metter de posse de Berberia nos reinos de seu pai. - - - - - 103
- Cap. 25. — Como o viso-rei de Argel vêo com o Maluco a o metter de posse de Berberia. - - - - - 107
- Cap. 26. — Como se deu batalha entre os do Xarife, e os do rei de Argel. - - - - - 113
- Cap. 27. — De como o Maluco fez viso-rei de Sus a seu Irmão Mulei-Hamet. - - - - - 118
- Cap. 28. — Como Mulei-Maluco, e o Xarife, se refizerão pera segunda batalha. - - - - - 122
- Cap. 29. — Da falla, que o Xarife fez a seus soldados, e da batalha, que houve entre elle, e o Maluco. - - - - 127
- Cap. 30. — Como Mulei-Hamet, irmão do Maluco, foi em alcance do Xarife até Marrocos, e o Xarife se foi á serra. - - - - - 132
- Cap. 31. — Como o Xarife entrou pelo reino de Sus, e Dara, e da resistencia, que achou. - - - - - 136
- Cap. 32. — Da batalha, que tiverão o

Xarife e Mulei-Hamet. - - - - -	139
Cap. 33. — Como o Xarife foi desbaratado em outra batalha por Mulei-Hamet. - - - - -	143
Cap. 34. — Como o Xarife entrou em Marrocos e saqueou a judearia, e dahi se foi ao Pinhaõ. - - - - -	145
Cap. 35. — Como elrei dom Sebastião mandou Pero de Alcaçova a Castella tratar da guerra, e do casamento com a filha delrei. - - - - -	149
Cap. 36. — Como elrei dom Sebastião foi a Castella, e se vio com elrei D. Philippe. - - - - -	153
Cap. 37. — De hum incendio, que houve em Lisboa, depois que el-rei foi pera Castella. - - - - -	156
Cap. 38. — Como elrei dom Sebastião chegou a Guadalupe, onde el-rei dom Philippe já o esperava. - - - - -	161
Cap. 39. — Como os reis de Portugal, e Castella, jantaraõ ambos juntos duas vezes, e pela mesma maneira outras duas vezes os fidalgos portuguezes e castelhanos. - - - - -	164
Cap. 40. — Como os reis de Portugal, e Castella, se resolveraõ na guerra de Africa, e no casamento. - - - - -	167
Cap. 41. — De como el-rei mandou Luis da Silva a Castella applicar a ajuda, que el-rei havia de dar pera a guerra. - - - - -	171
Cap. 42. — Como Cidabelcherim entre	

	pag.
gou Arzila a el-rei de Portugal. - -	175
Cap. 43. — Como o Xarife, do Pinaõ, pedio socorro a el-rei de Portugal, e se vêo a Ceita, e Tangere. -	178
Cap. 44. — De como el-rei dom Sebastiaõ se começou fazer prestes pera passar a Africa, ajuntando dinheiro. -	182
Cap. 45. — Como el-rei começou a juntar gente pera a jornada de Africa, e fez coroneis. - - - - -	185
Cap. 46. — Das causas porque era reprovada a passagem del-rei á Africa. -	191
Cap. 47. — Como el-rei por muitas vezes foi persuadido, que naõ passasse á Africa. - - - - -	194
Cap. 48. — Como Mulei-Maluco mandou pedir pazes a el-rei dom Sebastiaõ. - - - - -	198
Cap. 49. — Como el-rei assentou ir tomar Larache, e meter de posse o Xarife em seus reinos, e fez capitãõ mór do mar, dos navios de alto bordo, a dom Diogo de Sousa. - - - -	202
Cap. 50. — Como el-rei fez governadores pera ficarem no reino, e dom Francisco da Costa pera o Algarve	205
Cap. 51. — Como el-rei foi benzer a bandeira a Sé, e se embarcou na galé real. - - - - -	207
Cap. 52. — De humas palavras que o senhor dom Antonio teve com Cristovão de Tavora, e como o duque de Borgança adoeceo, e não foi com	

V<sup>r</sup> 213

	pag.
el-rei. - - - - -	211
Cap. 53. — Como el-rei partio de Lisboa pera Africa, e esteve alguns dias em Calés. - - - - -	215
Cap. 54. — Como el-rei chegou a Tangere, e foi visitado do Xarife e do Xeque seu filho - - - - -	218
Cap. 55. — Como Mulei-Maluco foi avisado da vinda del-rei dom Sebastião á Africa, e da gente que trouxe	222
Cap. 56. — Como el-rei partio de Tangere pera Arzila, e mandou Martin Correa da Silva com Mulei Xeque a Mazagão. - - - - -	226
Cap. 57. — Como el-rei tinha determinado cometter Larache por mar, e depois houve conselho comette-lo por terra. - - - - -	228
Cap. 58. — Como Larache está situado.	232
Cap. 59. — Como el-rei desembarcou em Arzila, e o exercito se alojou, e dos rebates, que houve - - - - -	233
Cap. 60. — Na fórma em que o arrabal começou de marchar pera Larache.	237
Cap. 61. — Como el-rei chegou ao rio Huadmachacim, e o Maluco ao rio Lucus. - - - - -	240
Cap. 62. — Como os exercitos se aparelharão pera o outro dia dar batalha.	244
Cap. 63. — Como os campos foram formados pera dar batalha. - - - - -	248
Cap. 64. — De uma falla que el-rei fez aos seus, antes da batalha. - -	250

- Cap. 65. — Da fallx que o Maluco fez aos seus. - - - - - 255
- Cap. 66. — Como se deu a batalha entre el-rei dom Sebastião e Mulei Maluco. - - - - - 260
- Cap. 67. — Prosegue a historia. - - - 270
- Cap. 68. — Como Luiz de Brito levantou o estendarte real. - - - - - 276
- Cap. 69. — Como Mulei-Maluco morreu da enfermidade, e o Xarife foi afogado no rio, e el-rei dom Sebastião foi achado morto. - - - - - 281
- Cap. 70. — Dos senhores e fidalgos que morrerão na batalha. - - - - - 286
- Cap. 71. — Como os mouros ficarão senhores do campo, e alevantarão por rei Mulei-Hamet irmão del-rei Maluco, e os corpos dos reis serão achados. - - - - - 292
- Cap. 72. — Como o Xarife, acabada a batalha, tratou de cercar Arzilla e Tangere, e mandou Belchior do Amaral a estes lugares. - - - - - 296
- Cap. 73. — Da pessoa del-rei dom Sebastião. - - - - - 300
- Cap. 74. — Das pessoas dos Xarifes Mulei-Maluco e Mulei-Hamet. - - 303
- Cap. 75. — Dos sinaes que houve do infeliz successo del-rei e do seu desbarate. - - - - - 308
- Cap. 76. — Como e porque vias vêo recado ao reino do desbarate do exercito. - - - - - 309

- Cap. 77. — Como o Xarife mandou degolar o Achahiac e o Dogali e outros alcaides. - - - - - 318
- Cap. 78. — Como o cardeal infante dom Henrique vêo de Alcobaca pera Lisboa, e como houve nova do desbarate del-rei dom Sebastião. - - 317
- Cap. 79. — Como o cardeal foi levantado por curador, governador, e successor dos reinos de Portugal. 321
- Cap. 80. — Como foraõ feitas as ceremonias funeraes del-rei dom Sebastião morto. - - - - - 325
- Cap. 81. — Como o cardeal foi levantado por rei de Portugal. - - - 327
- Cap. 82. — Como el-rei teve recado que o senhor dom Antonio prior do Crato sahira de cativeiro - - - - - 333
- Cap. 83. — Do modo do resgate do Senhor dom Antonio. - - - - - 336
- Cap. 84. — Dos religiosos da Trindade que el-rei dom Henrique mandou á Africa, pera obradores do resgate dos que foraõ cativos na batalha. - - - - - 339
- Cap. 85. — Como el-rei dom Henrique mandou a frei Roque que resgatasse o corpo del-rei. - - - - - 345
- Cap. 86. — Do que os padres da companhia fizeraõ em Berberia no resgate e consolaçaõ dos cativos. - - - 349
- Cap. 87. — Da morte do padre frei Thomé de Jesus, e do que fez em

- Berberia. - - - - - 353
- Cap. 88. — Como el-rei mandou a dom Rodrigo e a frei Roque resgatar os cativos. - - - - - 358
- Cap. 89. — Como el-rei dom Henrique mandou por embaixador ao Xarife dom Francisco da Costa. - - - 362
- Cap. 90. — Como el-rei dom Philippe de Castella mandou pedir ao Xarife o duque de Barcellos e outros senhores Portuguezes. - - - - - 367
- Cap. 91. — Do cativoiro que os Portuguezes passarão em Berberia 370
- V. Cap. 92. — Como em Fez e em Marrocos tinhaõ os cristãos missa e pregação, e outros mais officios divinos. - - - - - 373
- Como 93. — Como o padre Amador Rebello da companhia de Jesus foi a Argel resgatar cativos. - - - - - 377
- Cap. 94. — Como frei Dionisio e frei Mathens, padres da Trindade, forão ao resgate de Argel - - - - - 380
- Cap. 95. — Como el-rei de Castella mandou vizitar a el-rei dom Henrique pelo duque de Ossuna e outros homens, que mais mandou pera pretenção da successão. - - - - - 383
- Cap. 96. — Como el-rei dom Henrique mandou ao senhor dom Antonio que se sahisse da Corte. - - - - - 387
- Cap. 97. — Como o senhor dom Antonio houve huma sentença em que

- foi havido por filho legitimo do infante dom Luiz. - - - - - 390
- Cap. 98. — Como os povos pediraõ a el-rei dom Henrique se casasse. - 394
- Cap. 99. — Como el-rei mandou citar os pretendores do reino de Portugal. - - - - - 397
- Cap. 100. — Porque el-rei de Castella não deferio á citação que lhe foi feita. 400
- Cap. 101. — Como el-rei de Castella buscou todos os meios pera escusar guerras com Portugal. - - - - - 404
- Cap. 102. — Como el-rei mandou ajuntar cortes pera eleger governadores, que por sua morte ficassem com o governo, e juizes pera determinar a causa da successão - - - - 409
- Cap. 103. — Como os Estados juraraõ de guardar os capitulos das cortes. - 412
- Cap. 104. — Como a cidade de Lisboa jurou os capitulos das cortes. - 416
- Cap. 105. — Como o senhor dom Antonio fez o mesmo juramento, e logo fez protesto de não ser obrigado por elle. 419
- Cap. 106. — Como el-rei mandou ao senhor dom Antonio e ao duque de Bargaça se sahissem da corte. - - 421
- Cap. 107. — Como el-rei dom Henrique mandou notificar a el-rei de Castella, e a seus embaixadores, que jurassem as cortes. - - - - - 423
- Cap. 108. De huma sentença que el-rei dom Henrique deu contra o senhor

	pag.
dom Antonio. - - - - -	425
Cap. 109 — Como o senhor dom Antonio houve outro breve do papa que avocasse a si os autos da sua legiti- midade. - - - - -	430
Cap. 110 — Como Diogo Botelho foi intimar o breve a el-rei. - - - - -	434
Cap. 111. — Como el-rei se foi pera Almeirim por caso da peste que en- taõ havia em Lisboa. - - - - -	436
Cap. 112. — Como el-rei mandou pe- lo meirinho-mor prender o senhor dom Antonio. - - - - -	441
Cap. 113. — Como el-rei mandou ci- tar por carta de editos ao senhor dom Antonio, e da falla que dom Fran- cisco Pereira lhe fez. - - - - -	443

1. The first part of the document is a list of names and addresses, including 'John Doe, 123 Main St, New York, NY' and 'Jane Smith, 456 Elm St, New York, NY'. This list appears to be a directory or a set of records for a specific organization or project.

2. The second part of the document contains several paragraphs of text, which are mostly illegible due to the poor quality of the scan. However, it seems to be a report or a letter discussing various matters related to the individuals listed in the first part.

3. The third part of the document is a list of dates and times, possibly representing a schedule or a timeline of events. The entries are also mostly illegible.

4. The fourth part of the document is a list of names and addresses, similar to the first part, but with different individuals. This could be a separate directory or a list of contacts.

5. The fifth part of the document is a list of names and addresses, similar to the previous parts, but with different individuals. This could be another separate directory or a list of contacts.

Joaõ José d'Almeida Bastos:	1
José Vicente Ferreira Coelho:	1
Joaõ Marcos Dias.	1
José Fernandes d'Oliveira e Lima:	1
José Joaquim Penha Fortuna:	1
José Joaquim Marques:	1
José Maria Lopes Ribeiro:	1
José Joaquim d'Oliveira.	1
Joaquim Francisco de Miranda:	1
D. Joaõ d'Azevedo:	1
José Joaquim Gomes da Costa:	1
Joaõ Luiz Pipa.	1
José Cesar de Faria Vivas:	1
José Antonio d'Almeida Mattos:	1
Jeronimo Baptista Kolfio.	1
José Francisco Mancores.	1
José Francisco da Costa Guimarães:	1
José Joaquim da Motta.	1
Joaõ Nepomuceno de Carvalhosa:	1
José Antonio da Costa.	1
Joaquim Marques Rollini.	1
Dr. José Diogo da Fonseca Pereira:	1
Joaõ Leal Moreira:	1
Joaõ Baptista Ribeiro.	1
José de Macedo Araujo.	1
José Baptista Pereira Galvaõ:	1
Joaõ José Rodrigues.	1
José Vicente da Silva.	1
José Christovaõ da Cunha Lima:	1
Jeronimo Luiz da Rocha.	1
Jeronimo Rodrigues de Figueiredo.	1
José Daniel Henriques de Sequeira.	1
José Thomaz Pereira da Rocha.	1

osé Antonio de Moraes.	1
oaõ de Lemos da Cruz.	1
osé Joaquim Candido.	1
oaõ Bernardo Guedes.	1
uliaõ Sarmiento de Vasconcellos.	1
oaõ Baptista d'Almeida Garret.	7
oaõ da Rocha Pinto.	1
osé Liberato-Freire de Carvalho.	1
osé Caetano de Campos.	1
osé da Costa Sousa Pinto Bastos.	1.863 1
. P. Soares Luna.	1
osé Maria de Andrade.	1
osé Estevão Coelho de Magalhães.	1
. M. Rojaõ.	1
osé Joaquim Silva Pereira.	1
osé Lopes Monteiro.	1
osé Victorino Freire Cardoso.	1
oaõ Alberto Pereira d'Azevedo.	1
oaõ Lopes de Moraes.	1
Joaquim Antonio de Mello.	1
João da Rocha Pinto.	1
José Joaquim Gomes de Castro.	1
José Silvestre d'Andrade.	1
Joaquim José Falcaõ.	1
José Maria Barcellos.	1
José Custodio da Costa Louraça.	1
João Carlos Mouraõ.	1
Januario Antonio Correa.	1
José Pereira dos Santos.	1
José C. de La-Figaniere.	1
Ignacio José de Sá.	1
José Maria Gregorio Codina.	1
João Marcello Ferreira da Costa.	1

Luciano S  
 Luiz Mar  
 Luiz Diog  
 Luiz da C  
 Luiz Gon  
 Luiz de M  
 Luiz Pint  
 Luiz Pint  
 Luiz Cleo  
 Luiz Ven  
 Luiz Brat  
 Eino Ant  
 E. O. C.  
 Luiz Ant  
 Luiz José  
 Luiz de M  
 Luiz Ant  
 Luiz Cyp  
 Luiz Ant  
 Luiz José  
 Luiz Ant  
 Luiz Ant  
 Luiz de M  
 Luiz Est  
 Lucas M  
 Luiz Gu  
 L. Teixe  
 Luiz Ma  
 Lourenço  
 M. J. F  
 Manoel

## L.

o Simoens de Carvalho.	50
Manoel da Fonseca.	I
Diogo Leite.	I
Cunha Barreto.	I
Conçalves da Cunha Barreto.	I
Macedo da Cunha Couto.	I
Antônio de Mesquita e Lemos.	I
Antônio Tavares.	I
Almeida de Sequeira.	I
Francisco Carneiro Vasconcellos.	I
Francisco de Mello.	I
Antônio Sousa Plato.	I
Antônio G. Lima.	I
José Ferreira Paes.	I
Miranda Lemos	I
Antônio da Silva.	I
Francisco Coelho Magalhães.	I
Antônio Peixoto.	I
José Gomes Porto.	I
Antônio da Silva Azevedo.	I
Antônio Lopes Guimarães.	I
Moraes e Carvalho Junior.	I
Teves da Costa.	I
Maria de Magalhães.	I
Luiz de Carvalho e Sousa.	I
Almeida.	I
Almeida Restier.	I
João Germack Possolo.	I
M.	
Fernandes Thomaz.	I
Antônio Loureiro de Mesquita.	I

Manoel Maria da Rocha Colmieiro.	1
Manoel Luiz d'Abreu.	1
Manoel José Mendes Leite.	1
Manoel Rodrigues Simoens.	1
Manoel Joaquim Cardozo de Menezes.	1
Miguel Camadeiry,	1
Manoel d'Almeida Guedes.	1
Manoel de Carvalho.	1
Manoel Joaquim Moreira.	1
M. F. Neves.	1
Manoel José Vieira.	1
Manoel José da Silva Freitas.	1
Manoel Claudio Vidal.	1
M. R. Franco.	1
Manoel Ferreira Basto Junior.	1
Manoel Joaquim de Magalhães Lima.	1
Matheus Antonio d'Almeida.	1
Manoel José Barreiros.	1
Manoel Tavares Pinto Fragoso.	1
Manoel Marques Ribeiro.	1
Manoel Joaquim Teixeira da Cunha.	1
D. Maria do Carmo.	1
Manoel Pereira.	1
D. Manoel de Santa Ignez.	1
M. F. de Seabra da Motta.	1
Miguel Pereira da Silva Cunha.	1
Mariano da Costa Pinto Saraiva.	1
Manoel Antonio d'Azevedo.	1
Manoel S. Thomaz.	1
Manoel Mendes Ferreira.	1
Manoel José Rodrigues Cardozo.	1
Manoel Soares.	1
M. Vianna.	1

Manoel de Castro Pereira,	2
Manoel José Pizarro.	1
Miguel José Fernandes Braga.	1
Manoel Jorge Ribeiro.	1
Manoel Gomes Costa.	1
Manoel Joaquim Pereira da Silva.	1
Manoel Alves da Silva Menezes.	1
Manoel José Soares.	1
Manoel Antonio de Soveral.	1
Manoel Moreira da Silva.	1
Manoel Pereira Guimarães e Silva.	1
Manoel Lopes d'Oliveira.	1
Manoel Rodrigues da Rocha	1
Manoel Antonio Guerreiro Lima.	1
Manoel Rodrigues Cruz Guimarães.	1
Manoel Gomes dos Santos Lima.	1
Manoel José Vieira.	1
Manoel Joaquim Simões de Carvalho.	1
Manoel José Dos Guimarães.	1
Manoel José F.	1
Manoel José Ferreira Guimarães.	1
Manoel Francisco das Neves.	1
Manoel Antonio d'Azevedo.	1
Manoel Gomes Pereira.	1
M. P. de L. Tavares.	1
Manoel Alvares dos Santos Pessoa	1
Manoel Dias da Couto.	1
Manoel Francisco Marques	1
Manoel Agostinho Franco.	1
Matheos Simões da Costa.	1
Manoel José de Queiroz	1
Manoel Joaquim da Silva.	1
Manoel d'Almeida Neves.	1

Manoel J. Leite.	I
Miguel Joaquim Gomes Cardoso	I
Manoel José d'Amorim Vianna.	I
Manoel Rodrigues d'Abreu.	I
Manoel José Rodrigues Lima.	I
Manoel José d'Amorim.	I
D. Maria Philippina d'Azevedo.	I
Marcellino José Roque de Sousa.	I
Manoel José do Couto Guimarães.	I
Manoel José Dias Junior.	I
D. Maria Barbara Prupre.	I
Manoel Villela de Sousa.	I
M. S. Raivoso.	I
Miguel José Martins Dantas.	I
N.	
Nuno Gomes da Fonseca.	I
Narciso Machado d'Andrade.	I
Narciso José d'Oliveira.	I
Nicoláo Coquet Pinto Queiros.	I
Nicoláo João Franzini.	I
P.	
D. Pedro de Sousa Botelho.	I
Pinto de Vasconcellos.	I
Pedro da Silva Tavares.	I
Pedro Leite Pereira de Mello.	I
Pedro Teixeira de Mello.	I
Pedro Leopoldo Duarte Bragança.	I
Pedro da Silva Ferraz.	I
Paulo Soares Duarte.	I
Pedro Pinto de Sousa.	I
Plácido Antonio de Abreu.	I
O. Pistolla.	I
P. J. M. Junior.	2

Pedro José Marques Junior.	1
Paulo Antonio Pereira da Costa.	1
Pedro Manoel d'Araujo.	1
Pedro Suer.	1
Pina Cabral.	1
P.e Paulino.	1
Paulo Midosi.	1

### R.

Rodrigo José de Lima Felner.	1
Rodrigo de Castro.	1
Rodrigo de Moreira Coutinho.	1
Rodrigo da Assumpção.	1
Raimundo Braule Peres de Lima.	1
Raimundo Pinto Tameira.	1
D. Rita Emilia Monteiro.	1
R. J. Fernandes Thomaz.	1
Rodrigo da Fonseca Magalhães.	1

### S.

Salles.	1
Sebastião Maria de Nobrega.	1
Serafim José Ferreira.	1
Senor Brisco.	1
Sebastião José Ferreira.	1
Simaão José da Luz.	1

### T.

Thomaz Bouden.	1
Thomaz Ignacio de Moraes Sarmiento.	1
Thomaz Carlos Leopoldino.	1
Thomaz Ignacio de Meirelles Guerra.	1
D. Thereza d'Azevedo Ferrão.	1
Thomaz José Pinto da Silva.	1
Theodoro Allen.	1
Thomé José de Barros.	1

Theotônio José Maria Queiros. 1  
 Thomaz Borges Pinto. 1  
 T. S. Nogueira Godolphio. 1

V.

Victorino Joaquim da Fonseca. 1  
 Vicente de Oliveira Xavier. 1  
 Vicente Eugenio Rodrigues. 1  
 O Vigario de Macieira. 6  
 Victorino Correia de Vasconcellos. 1  
 Venancio Bernardino de Ochoa. 1  
 Visconde de Ervedosa. 1  
 Victorino Teixeira Lopes. 1  
 Vicente José Portella. 8  
 Visconde de Semodaens. 1  
 Vital Antonio d'Andrade. 1  
 Visconde de Fonte Arcada. 1  
 Valentim Marcelino dos Santos. 1

X.

Xavier Francisco C. S. Mello. 1

24  
 35  
*J. C. Santos*  
*Arquibispo*  
*Arcebispo*  
*Arcebispo*







